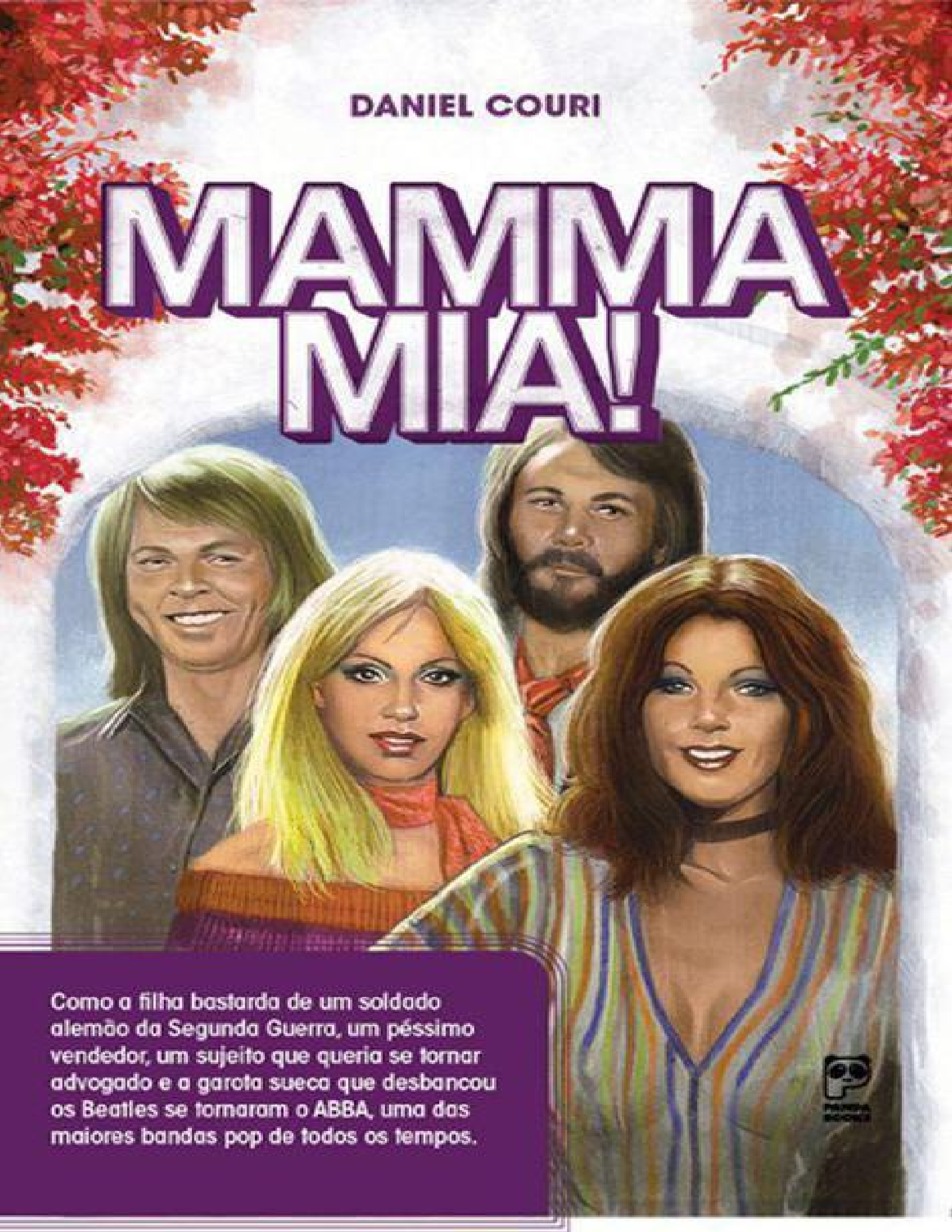
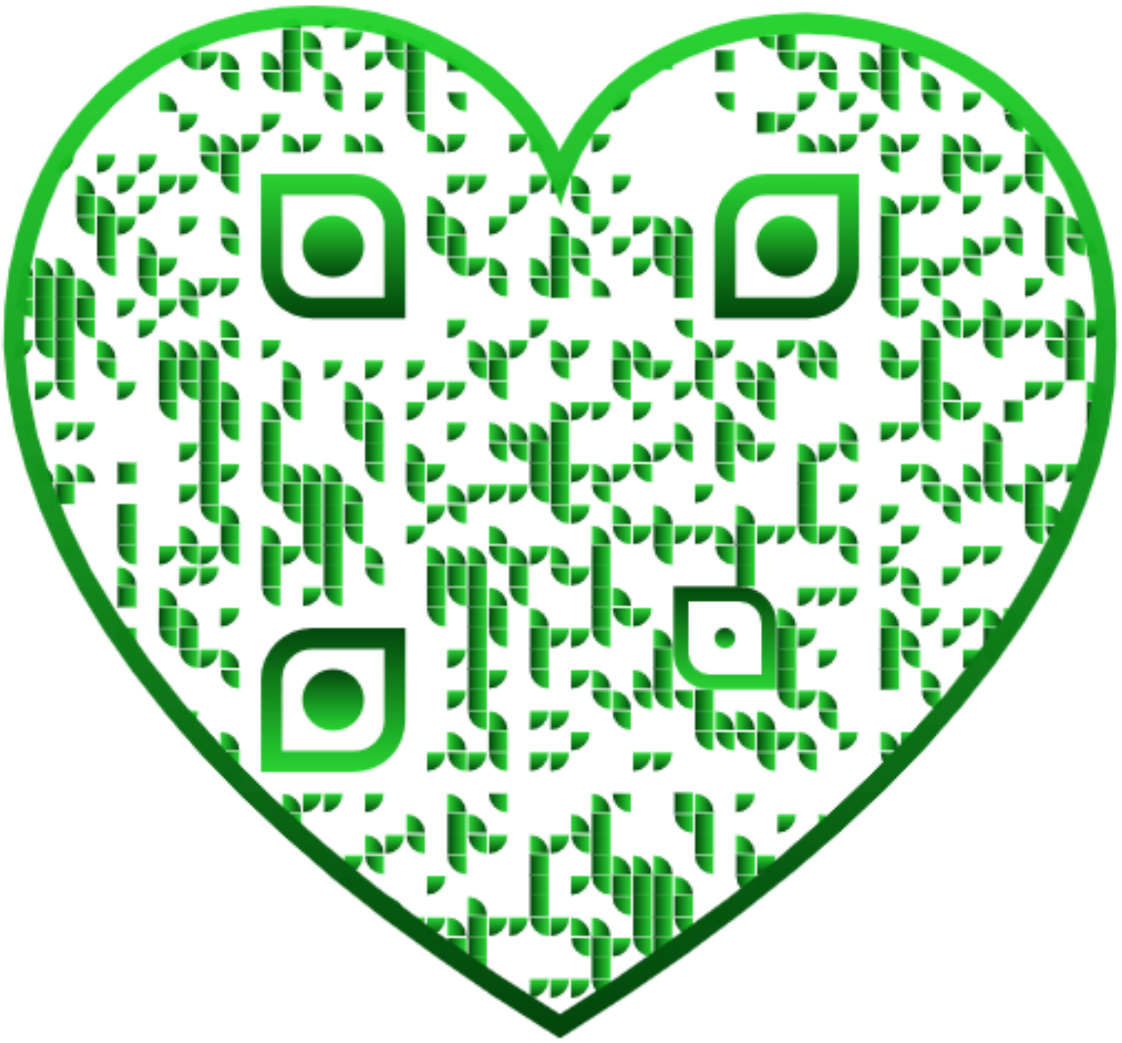
DANIEL COURI

MAMMA MIA!



Como a filha bastarda de um soldado alemão da Segunda Guerra, um péssimo vendedor, um sujeito que queria se tornar advogado e a garota sueca que desbancou os Beatles se tornaram o ABBA, uma das maiores bandas pop de todos os tempos.



Encontre mais livros como este no e-Livros

e-Livros.xyz

e-Livros.site

e-Livros.website

Sumário

.. 1 .. - Mamma mia!
.. 2 .. - Suécia, o berço do ABBA
.. 3 .. - Início dos anos 1970: A vida não é um cabaré
.. 4 .. - Novas tentativas
.. 5 .. - A + B + B + A
.. 6 .. - A derrota que trouxe a vitória
.. 7 .. - Mandando um S.O.S.
.. 8 .. - Turbulências
.. 9 .. - 1976
.. 10 .. - ABBAmania na Austrália
.. 11 .. - A chegada do sucesso
.. 12 .. - “We want ABBA!”
.. 13 .. - O homem que veio de longe
.. 14 .. - Vida de marionete
.. 15 .. - A febre da disco music
.. 16 .. - Uniões e separações
.. 17 .. - Voando alto
.. 18 .. - Bem-vindos aos anos 1980
.. 19 .. - Simples visitantes?
.. 20 .. - Novos caminhos
.. 21 .. - O ABBA volta às paradas
.. 22 .. - ABBAWorld e Rock and Roll Hall of Fame
.. 23 .. - A moda segundo o ABBA
.. 24 .. - Money, money, money
.. 25 .. - Precursores da MTV
.. 26 .. - No Brasil

.. 27 .. - Depois do ABBA
Apêndice
Discografia selecionada
Referências bibliográficas
Caderno de fotos
O autor

Para meus queridos pais,
Kilza e Silvério.

Para Sandro Bier, pelo
inestimável pontapé inicial.

Agradecimentos

Este livro não teria sido possível sem a atenção, o apoio, o desprendimento e a ajuda de:

Adauto Lacerda, Carl Magnus Palm, Carlos Nunes, Carlos Nezu, Claudio Botelho, Claudio Milan, Fabian Chacur, Felipe Brito Gouveia, Helga van de Kar, Ian Cole, José Venâncio de Resende, Klaus Will, Leônio Rodrigues da Costa, Lex Corbach, Manoel Décio Estigarribia, Minna Mikkola, Priscila Fernandes Costa, Regina Grafunder, Rodrigo Faour, Ron Steens, Roxanne Dickson, Ruth Helena Bandeira de Miranda, Sandro Bier, Sylvio Caramaschi, Thomas Johansson, Torkel Hellberg e Trent Nickson.

Obrigado também a todos que participam de comunidades sobre o ABBA na internet e que colaboraram de alguma forma com informações, sugestões e material.

Muitíssimo obrigado a todos vocês que cederam gentilmente as fotos de seu acervo pessoal para enriquecer este livro:

Bonnie Rietveld (Holanda), Edit Tóth (Hungria), Frank Seidenspinner (Alemanha), Regina Grafunder (Alemanha), Ron Steens (Aruba).

E por último, não poderia deixar de agradecer a Agnetha, Benny, Björn e Frida, pela inspiração e pelos inúmeros momentos de felicidade proporcionados por suas canções.

Introdução

Mamma mia!, aqui vou eu de novo

A letra da canção que dá título ao livro já diz tudo. Quando, cinco anos atrás, escrevi a biografia do ABBA – a primeira e única em português –, pensei que tivesse esgotado o assunto. Enganei-me. O fenômeno ABBA tem crescido cada vez mais, graças ao estrondoso sucesso do musical inglês *Mamma mia!*, em cartaz em Londres desde 1999, e na Broadway desde 2001. O que nasceu como um tributo com prazo de validade acabou se tornando um dos mais lucrativos e bem recebidos espetáculos musicais do *showbiz*.

Mamma mia! tornou-se uma marca, uma franquia de sucesso. A peça rodou mais de trinta países – entre eles o Brasil. Críticos chegam a apontá-la como o "musical número 1 do mundo". Desde sua *première* londrina, já foi vista por mais de 42 milhões de pessoas, arrecadando 2 bilhões de dólares em mais de 240 cidades de dezenas de países. Em 2008, ganhou as telas de cinema, em filme estrelado por Meryl Streep.

No Brasil, o ABBA é conhecido desde 1976. Era o auge do sucesso da canção *Fernando*. Entretanto, até o final dos anos 1970, fãs brasileiros sofriam para encontrar informações sobre a banda: tudo o que chegava por aqui, além dos LPs, eram informações precárias em revistas. A partir da década de 1980, a imprensa passou a dedicar mais espaço ao grupo – mesmo com o fim do ABBA, a legião de fãs continuou sedenta por informações.

Nosso país jamais recebeu shows do grupo. De acordo com o jornalista sueco Carl Magnus Palm, autor de inúmeros livros sobre o ABBA, eles "chegaram a falar de uma turnê na América do Sul, que provavelmente aconteceria no primeiro semestre de 1980, mas isso nunca aconteceu. Também não foi divulgado se o Brasil estava incluído e nem quais países seriam visitados".

Vinda da distante e fria Suécia, a banda dominou paradas de sucesso ao redor do mundo entre 1973 e 1983. Nesses dez anos, firmou-se como uma das maiores da música pop mundial, com mais de 370 milhões de discos vendidos. A popularidade de suas canções sobreviveu ao fim do grupo. O maior evento musical de 1992 e 1993 foi o renascimento do ABBA, com o álbum "ABBA Gold – Greatest hits", que rapidamente alcançou o topo das paradas britânicas e

até hoje continua sendo a maior propaganda do quarteto. O ABBA ainda figura em qualquer lista dos dez mais do pop rock, ao lado de Beatles, Rolling Stones, Elvis Presley e queen.

Ninguém sabe a fórmula mágica do fenômeno. A verdade é que o grupo criou um estilo próprio, com músicas envolventes e harmoniosas, cujos maiores exemplos são os hits *Dancing queen*, *Fernando*, *Chiquitita*, *The winner takes it all* e *Knowing me, knowing you.* Canções simples, acima de tudo. Com refrões envolventes, inteligentes e atraentes, que facilmente se tornavam familiares. Com o *glamour* das duas mulheres. Com a alta qualidade dos videoclipes. Esses ingredientes resultaram em nove compactos e nove álbuns em primeiro lugar nas paradas – mais que qualquer outro artista, exceto os Beatles.

Ícone dos anos 1970, o ABBA conseguiu a façanha de voltar ao topo, e de forma definitiva, a partir da década de 1990 – isso sem que eles tenham tido a menor intenção de se juntar novamente como grupo musical. "O resumo da cafonice dos anos 1970", como dizem alguns críticos, foi execrado nos anos 1980. Mas voltou ao topo com os 28 milhões de cópias vendidas do "ABBA Gold" e o sucesso do musical *Mamma mia!*. Entre os fãs assumidos, famosos como Bono Vox, Madonna, Elvis Costello, Pete Townshend, Chris Isaak e Kurt Cobain (morto em 1994).

A história do ABBA é tão fascinante e curiosa quanto a de outras bandas mundialmente conhecidas. Mas sua saga não tem escândalos envolvendo drogas, falcatruas, brigas internas ou crimes. Mesmo assim, não faltam elementos interessantes: paternidade na adolescência, nascimento de uma criança "ilegítima" à sombra da Segunda Guerra, luta para vencer as barreiras geográficas e culturais de um país fechado como a Suécia, recorde de vendas de discos, histeria dos fãs, negócios desastrosos, reaparecimento de um pai dado como morto, paixões repentinas, casamentos aparentemente perfeitos, divórcios dolorosos, fama e riqueza.

Em meio a essas histórias, há, evidentemente, o aspecto musical. Isso fez do ABBA o segundo maior exportador da Suécia – superado apenas pela indústria automobilística Volvo – e um grupo venerado por fãs do mundo todo.

Este livro foi inteiramente escrito em português para o público brasileiro, não se limitando apenas à história do ABBA, mas também desvendando a obscuridade da cultura sueca. Afinal, vamos entender o mais popular produto cultural contemporâneo daquele país: o ABBA.

.. 1 ..

Mamma mia!

“Imaginei um pequeno show em um teatro menor, com capacidade para oitocentas pessoas, ou mil, algo assim”, lembra Björn, sobre o início do musical *Mamma mia!*. “Ainda procurávamos por teatros pequenos quando Cameron Mackintosh, que sabia o que estávamos fazendo, telefonou. E, na verdade, todos nós fomos ao Prince Edward. Mark Thompson, o desenhista, Phyllida Lloyd, a diretora, Judy e eu, só para termos uma ideia. Mark ficou tão empolgado que disse: ‘Sim, eu posso fazê-lo. Posso dar intimidade a ele’. Todos nós nos apaixonamos. Foi assim que aconteceu, assim fomos parar no Prince Edward, cuja capacidade, eu acho, é de 1.650 pessoas. O que eu faço é aparecer em algumas noites de estreia aqui e ali, e em algumas pré-estreias. É muito bom. Mas, é claro, a parte da seleção final do elenco é muito divertida.”

Teatro menor? Oitocentas pessoas? Björn certamente não fazia ideia do retumbante êxito que estava por vir. Tanto quem viveu o apogeu do ABBA, três décadas atrás, como quem se tornou fã recentemente sabe que o musical *Mamma mia!* é o maior sucesso da fase pós-ABBA. Composto de 22 canções do grupo, o espetáculo foi produzido pela inglesa Judy Craymer e conta a história de Sophie, que mora com a mãe em uma pequena ilha de veraneio na Grécia. A jovem precisa descobrir, às vésperas de seu casamento, quem é seu verdadeiro pai. Os “suspeitos” são três namorados que a mãe tivera vinte anos antes. Para isso, Sophie traz para a ilha os três homens e arma planos e artimanhas para saber qual deles entrará com ela na igreja.

Toda a história é contada por meio das músicas do ABBA, que juntas formam a trama da peça. Catherine Johnson é a autora do roteiro, e Phyllida Lloyd, a diretora. A equipe, além do elenco, conta ainda com Anthony Van Laast (coreógrafo), Mark Thompson (*designer* de produção), Howard Harrison (*designer* de iluminação), Bobby Aitken e Andrew Bruce (som) e Martin Koch (supervisor musical e diretor dos arranjos). O espetáculo estreou em Londres, no Prince Edward Theatre, em 6 de abril de 1999, exatamente 25 anos depois da vitória do ABBA no festival Eurovision Song Contest. Ganhou o mundo, e nunca mais parou.

Björn não foi o único que se surpreendeu com o alcance do projeto. Na verdade, por mais

que a equipe de produção e criação estivesse otimista, ninguém imaginou que o musical fosse ganhar proporções mundiais. As “dínamos” (como são chamadas as três amigas da peça) – vividas por Judy Craymer, Catherine Johnson e Phyllida Lloyd – se tornaram o primeiro trio feminino a conseguir tamanha fama com uma produção teatral.

A vida de Judy, aliás, mudou com o musical. Em 1982, aos 23 anos, ela estava trabalhando em Londres com Tim Rice no espetáculo *Chess*. Foi quando conheceu Benny e Björn, do ABBA, na época compondo as músicas de *Chess*. Embora não fosse exatamente uma fã do grupo – Led Zeppelin, T. Rex e punk eram mais a sua praia –, ela lançou o palpite de que as canções do ABBA dariam certo em um musical. O único problema era convencer Benny e Björn – sempre muito restritivos – a permitirem que suas canções fossem utilizadas.

“Se eu não os tivesse conhecido e construído aquela relação com eles, minha ideia nunca teria sido levada a sério”, acredita Judy. Ela já tinha a espinha dorsal da trama: duas gerações de pessoas, uma festa, um casamento. Mas precisava de alguém que juntasse tudo e escrevesse uma peça com esses elementos. Aí é que entra Catherine Johnson.

“Eu estava trabalhando com um diretor e escritor chamado Terry Johnson e perguntei se ele estaria interessado em escrever a peça”, relembra Judy. “A resposta foi ‘não’. Hoje ele se arrepende amargamente.” Ela prossegue: “Mas ele me sugeriu Catherine e então nós duas tivemos um longo encontro, em que conversamos e comemos sanduíches feito loucas. Quando estávamos de saída, ela perguntou: ‘Você pensou em uma mãe e uma filha?’, e eu respondi: ‘Oh, fantástico!’. Nós nos sentamos novamente e comemos mais sanduíches!”.

Isso aconteceu em 1997. Até aquele momento, o plano era conseguir a autorização de Björn e Benny para a utilização das músicas. “Nunca havíamos nos encontrado quando ela me ligou”, conta Catherine. “Ela tinha aquele tipo de voz bem baixa e rouca. Pensei que tivesse uns noventa anos e fosse uma daquelas damas do teatro afetadas, cheias de penduricalhos, e provavelmente meio amalucada.”

No final das contas, Catherine se rendeu: “Tínhamos a mesma idade, ela era muito divertida e animada, e em algum momento da conversa houve um ‘clique’. Senti que podíamos ser muito amigas mesmo que não nos tornássemos colegas de trabalho”. Elas acabaram se tornando colegas de trabalho perfeitas.

Tanto Catherine como Judy concordaram que a história deveria se passar em um cenário idílico – uma ilha –, embora Catherine nunca tivesse conhecido a Grécia, nem qualquer outra ilha de outro país. “Essa foi a parte engraçada”, lembra Catherine. “Nunca havia ido à Grécia, então quando comecei a escrever o roteiro tinha em mente que o cenário precisava ser algum lugar mágico, afastado, e não urbano, mas eu não sabia onde seria. Por isso, eu só escrevia ‘a

ilha' e sempre nos referíamos ao cenário como 'a ilha' nas primeiras versões do texto. Aí Phyllida [Lloyd, a diretora] teve a ideia e disse que tinha de ser a Grécia."

Quando foi apresentada a Benny e Björn, Phyllida estava em ótima fase. Como diretora teatral de Verdi no Royal Opera House e Shakespeare no National Theatre, colecionava críticas positivas. Na opinião dos ex-ABBA, era o nome ideal para o trabalho.

Depois de escrita a história, Catherine e Judy foram até a casa de Björn, próxima a Henley, no sudeste de Londres, e entregaram o texto a ele. A resposta foi "sim". Nascia o trio das "dínamos".

"Nossa ideia não era fazer Tchekhov, mas usamos elementos shakespearianos", explica Judy. "Os três pais, as identidades confundidas… E tem durado tanto assim porque você não precisa ser um fã do ABBA. O musical venceu os céticos e as pessoas que não se veem como fãs do ABBA. Elas se divertem com a história e gostam de ser levadas para uma engraçada aventura nas ilhas gregas", explica Judy.

"Até aquela data, minha carreira de escritora tinha sido no teatro e um pouco também na televisão", recorda-se Catherine. "Eu nem era conhecida como autora de peças teatrais. Hesitava em dar um nome ao que eu fazia porque, na verdade, eu não sabia bem o que era. Era uma espécie de drama contemporâneo e questões ligadas a essa área. Acho que a alegria de *Mamma mia!* era tão fora da tendência normal que me fez gargalhar quando tomei conhecimento dela."

Apesar de a comédia romântica ser toda costurada com base em canções do ABBA, seu enredo, vale frisar, não tem nada a ver com a história pessoal do grupo. "Quando tive a ideia de criar um musical com as canções do ABBA, sentia que a música era muito teatral, como se já tivessem escrito um musical", explica Judy.

Todas as noites, 18 mil pessoas assistem a *Mamma mia!* ao redor do mundo, inclusive na Broadway. Atualmente, há mais de dez produções diferentes em cartaz. Desde a estreia, em 1999, mais de 24 milhões de pessoas já viram o espetáculo e a peça já rendeu até hoje mais de 2 bilhões de dólares. "Acho que o mundo estava pronto para algo mais leve, engraçado e mais alegre para toda a família", diz Björn a respeito do sucesso do musical. "Porque nos anos 1980 os musicais eram muito tristes e melancólicos. Era hora de uma comédia. Acho que isso é parte do segredo. Mas há também as músicas, o lindo libreto escrito por Catherine Johnson, tudo isso combinado. As letras conduzem a história. Isso é essencial. Veem-se filmes antigos sobre musicais da Broadway, em que a história em si para por três minutos, e isso é muito irritante. O que essas músicas fizeram é difícil dizer, mas a explicação de Catherine é que elas são pequenas histórias por si sós, e é por isso que podem ser usadas em um musical dessa maneira.

Elas vão de A a Z, de certa maneira. Por si sós.”

A revista americana *Entertainment Weekly*, de 2 de novembro de 2001, publicou: “*Mamma mia!* é a irresistível *ópera pop* estrelando 22 canções do ABBA, que poderia bem ser o musical mais arrebatador e deslumbrante a estrear na Broadway desde *A chorus line*. Sucesso absoluto em Londres, nos últimos dois anos, com superproduções em cartaz em Toronto, Boston e Melbourne, *Mamma mia!* já gerou reservas de ingressos antecipados que chegam a 27 milhões de dólares, o que sugere que deve haver mais fãs do ABBA por aí do que se podia imaginar”.

DO PALCO PARA AS TELONAS

Em 2008, após quase uma década de sucesso no teatro, o musical ganhou sua versão para o cinema. As mesmas Judy, Catherine e Phyllida assumiram a transposição da peça para a telona. “Sentimos que foi muito importante preservar as três porque elas mantiveram a chama da montagem teatral”, explica Gary Goetzman, um dos produtores. “Achamos que daria um grande filme se pudéssemos capturar o tom do que fizemos ao vivo no palco.” Benny confirma: “Eu sei e sinto que as canções são boas, mas sem esse jeito inteligente e humorístico com que foram reunidas, e essas três garotas, isso não teria acontecido”.

O longa, assim como a peça, conta a história de Donna, no cinema vivida por Meryl Streep. Ela é a mãe que nunca soube a real identidade do pai de sua filha Sophie (Amanda Seyfried). A situação muda quando a garota resolve se casar e convida três homens, ex-namorados de sua mãe, com a certeza de que um deles é seu pai: Bill (o ator sueco Stellan Skarsgård), Harry (Colin Firth, de *O discurso do rei*) e Sam (o ex-007 Pierce Brosnan). Enquanto Donna se confronta com seu passado, a filha nutre a esperança de descobrir finalmente qual dos três irá conduzi-la ao altar no dia de seu casamento.

Pierce Brosnan conta: “Toca o telefone certa noite e dizem: ‘Querem você para o ABBA, com Meryl Streep’. Meu pai tinha falecido naquela semana e o nome dele era Bill Carmichael. Fui ver o espetáculo na noite seguinte. Sentei no teatro e me dei conta de que não sabia quem eu interpretaria. Esse cara aparece em cena e diz: ‘Meu nome é Carmichael, Sam Carmichael’. Pensei: só pode ser esse personagem. Foi assim que fiz Sam Carmichael”.

O restante do elenco conta ainda com as presenças de Julie Walters (indicada ao Oscar em 1983 por *O despertar de Rita*, e em 2001 por *Billy Elliot*) e Christine Baranski, respectivamente nos impagáveis papéis de Rosie e Tanya, amigas de Donna.

“Sempre dizíamos que a música era a estrela do espetáculo, mas agora, com o filme, tivemos de dar o braço a torcer com um elenco tão incrível”, orgulha-se Judy Craymer. O

produtor Gary Goetzman concorda: “Todos os nossos atores se doaram ao máximo. A energia entre eles e Benny foi simplesmente fantástica. E, no estúdio, deram conta do recado. Não houve dublês de canto, todos cantam suas canções”.

“Por meses só escutei ABBA, dia após dia, no carro, o tempo todo”, conta Pierce Brosnan. “Aprendi tudo o mais rápido possível para pôr na minha voz, porque não se trata apenas de aprender notas”, explica Christine Baranski. “Tem a ver com encaixá-las confortavelmente em sua voz e a voz é como um músculo. Você não sai e começa a dançar uma grande dança sem ensaiar. É o mesmo com o canto.”

O diretor musical Martin Lowe reconhece: “Acho que o que foi ótimo para a parte musical foi que todos apoiaram Benny em seu desejo de que os atores deveriam cantar suas próprias canções. Por ter trabalhado na montagem teatral, eu sei o que se exige dos atores para conseguirem passar por isso. É preciso transmitir com certa bravata e habilidade, porque só passar por isso não é suficiente”. O coreógrafo Anthony Van Laast também relata sua experiência: “De todos os espetáculos que coreografei, *Mamma mia!* talvez tenha sido o mais difícil. Não parece ser um show amplamente coreografado, mas, de fato, cada parte do que parece ser improvisado, livre, com movimentos espontâneos, foi na verdade muito pensado, desenvolvido e conduz a história”.

Meryl Streep recorda-se muito bem de quando viu *Mamma mia!* pela primeira vez. Era outubro de 2001, um mês depois do atentado terrorista que derrubou as Torres Gêmeas em Nova York. Ela estava em Manhattan com a missão de organizar um passeio para alguns amigos da filha mais nova, Louisa. Acabaram na Broadway. “Todos estavam espiritualmente muito desmotivados depois do 11 de setembro. Pensei: ‘O que é que farei com essas crianças?’. Então, peguei o grupo, todo ele de crianças de dez anos, para ir ver uma matinê de *Mamma mia!* ”, conta a atriz. “Entramos e lá nos sentamos. Elas, meio cabisbaixas. ‘Amuadas’ é a palavra – elas estavam tristes o tempo todo, sabe!? A primeira parte era bem falante e aí *Dancing queen* começou. Durante o restante do espetáculo as crianças ficaram dançando em seus assentos, tão felizes e entusiasmadas! Saímos todos como se flutuássemos. Pensei: ‘Que presente para Nova York neste momento’.” Meryl não perdeu tempo: enviou um bilhete de agradecimento ao elenco.

O recadinho chegou até Judy e Phyllida que, na época, o engavetaram. Talvez, no fundo, elas já vislumbrassem um futuro para *Mamma mia!* no cinema. Elas sabiam que Meryl havia cantado com charme e desenvoltura, ainda que muito brevemente, em *Lembranças de Hollywood* (1990) e *A última noite* (2006). Ou seja: dava para imaginar que Meryl pudesse viver Donna, exatamente o que acabou acontecendo. Benny afirmou que Meryl é “um

milagre". Durante a produção do filme, a atriz foi a Estocolmo para gravar a canção *The winner takes it all* e conseguiu "de primeira".

"Não é segredo para ninguém que sempre tive vontade de participar de um musical", contou Meryl durante uma rodada de entrevistas promocionais realizada em junho de 2008, em Atenas. "Mas fico rindo à toa de como parecia destinada a estar neste filme, pois eu ouvia e cantava ABBA o tempo todo. Cheguei a dar um berro quando meu empresário, falando de propostas de trabalho, mencionou um musical com músicas do ABBA."

Benny esteve em Nova York para conhecer Meryl quando ela foi contratada. "Ele sentou-se ao piano, no porão do Lincoln Center", lembra ela. "Tínhamos conseguido uma sala emprestada." E passaram todas as canções e todas as tonalidades nas quais ela gostaria de cantar. "Ficamos exultantes depois daquele dia porque ambos soubemos que era perfeitamente possível que a coisa funcionasse", diz.

Quando adolescente, Meryl chegou a fazer aulas de canto durante dois anos – cogitava tornar-se cantora de ópera. Mas então percebeu que não gostava de ópera, tinha vontade mesmo era de ser outra coisa. "Eu queria ser uma *cheerleader* [animadora de torcida]", revela. "Mas sempre adorei cantar, não há nada de que eu mais goste." Do início das gravações, o que mais se lembra é do frio na barriga. "Benny e Björn estavam muito nervosos no primeiro dia, pensando: 'Ah, meu Deus, essa atriz americana vai estragar todas as canções'", diverte-se.

No entanto, as críticas ao redor do mundo foram bastante generosas. Na reportagem de capa do "Segundo caderno" do jornal *O Globo*, de 3 de julho de 2008, o repórter Fernando Duarte escreveu: "Por mais que ver os protagonistas masculinos em seu esforço para entoar as canções seja hilário no melhor sentido, o filme pertence a Meryl Streep. Perambulando por cenários paradisíacos da ilha grega de Kalokairi, ela empresta ainda mais emoção a músicas já naturalmente carregadas, como *Dancing queen* e *The winner takes it all* ".

Um dos pontos fortes do musical é a maneira como Catherine quebrou as barreiras entre o palco e o público, tornando a plateia parte do espetáculo. Ela também teve isso em mente quando começou a trabalhar na versão para o cinema. "Fiquei preocupada, pensando que a coisa fosse ficar meio sem graça", admite. "Mas o que aconteceu é que, como no cinema há mais espaço para a parte emocional, podemos desenvolver melhor os personagens, com mais tempo. Isso fez com que pudéssemos trazer o subtexto à tona. Como resultado, o público passou a se interessar em saber quem eram aquelas pessoas e o que aconteceria a elas."

O roteiro (tanto da peça como do filme) foi livremente inspirado em uma comédia americana de 1968, o filme *Noites de amor, dias de confusão*. Dirigido por Melvin Frank, tinha como protagonista a atriz italiana Gina Lollobrigida, chamada nos anos 1950 de "a

mulher mais bela do mundo". O longa conta a história de uma mãe solteira que, todos os meses, recebe pensão de três ex-oficiais do exército americano. Todos eles acreditam ser pais de sua filha, nascida vinte anos antes.

A personagem de Gina, aos 16 anos, morava em uma vila italiana por onde passavam os soldados americanos durante a Segunda Guerra Mundial. Após um breve romance com três militares diferentes, ela fica grávida, escreve aos três, sem saber qual deles é o pai da criança, e passa a receber cheques deles para sua filha, sem que nunca mais tenham se visto. Em confraternização e agradecimento por sobreviverem à guerra, os ex-soldados retornam à vila após vinte anos e a jovem senhora se vê obrigada a encarar os três homens.

Com cenas gravadas na Grécia – como os números de dança de *Does your mother know*, *Lay all your love on me* e *The winner takes it all* – e no estúdio em Londres, *Mamma mia!* tem um belo cenário. "Achávamos que tudo seria feito na Grécia", revela o produtor executivo Mark Huffam. "Mas quando foram analisadas as condições do clima e também o fato de termos vários números grandes de dança, decidimos construir o *set* da taverna em estúdio."

O estúdio em questão é o maior da Europa, o Albert R. Broccoli 007 Stage, que faz parte do complexo do Pinewood Studios, em Buckinghamshire. O nome do estúdio é uma homenagem ao lendário produtor dos filmes *007*, Albert R. "Cubby" Broccoli. *Mamma mia!* foi o primeiro filme a ser rodado no estúdio após *Casino Royale* (2006). Um incêndio o fechara por quase dois anos.

Designer de produção, Maria Djurkovic também faz parte da equipe original da peça. "No palco, há muito mais fantasia. No filme temos de criar um mundo totalmente verdadeiro, incrível.", comenta. "Toda a vegetação é real. As oliveiras são naturais e regadas diariamente, e luzes de cultivo especial são ligadas à noite para manter as árvores vivas."

O ator hollywoodiano Tom Hanks e sua esposa Rita Wilson foram dois dos produtores executivos da versão cinematográfica, ao lado de Judy Craymer, Mark Huffam, Gary Goetzman e dos próprios Björn e Benny. "Quando estava para acontecer, eu disse: 'Está bem, faremos o filme. Mas quero ser responsável por como ficará o áudio no final de tudo'", recorda-se Benny. "Então, liguei para os caras da banda que tocavam conosco quando gravamos originalmente para o ABBA. Achei que levaria tempo, tipo três semanas para gravar tudo. Levou, sei lá, cinco dias. Porque todos se lembravam e eu me lembrava das minhas coisas. É impressionante como ainda estavam nos dedos." Eles não tocavam essas músicas havia décadas.

Havia o receio, por parte dos envolvidos no filme, quanto às reações de Benny e Björn, sempre tão restritivos com versões de suas composições. Surpreendentemente, não houve

problemas. “Benny e Björn foram muito legais, considerando que estavam entregando suas músicas não para cantores, mas sim para atores”, reconhece Christine Baranski, uma das coadjuvantes. “É bem surreal ouvir todas essas pessoas cantando as palavras que você escreveu há tanto tempo”, comenta Björn.

Em relação à montagem teatral, algumas diferenças são bastante nítidas. As músicas *Under attack*, *One of us* e *Knowing me, knowing you* foram excluídas do roteiro do filme. *The name of the game* foi filmada, mas descartada da versão final. No DVD, a canção aparece nos extras. *Thank you for the music* faz parte da narrativa da história apenas na versão teatral, mas foi usada nos créditos finais do filme. Já *When all is said and done* aparece no filme com mudanças na letra, cantada por Pierce Brosnan, mas não integra a versão teatral.

“Nunca tinha feito nada cantado nem musicalmente tão complexo na vida”, admite Pierce. “Primeiro, só emitia sons. Então, fui para Londres e treinei no estúdio com Benny e Björn. Minha família fez questão que eu soubesse quanto eles estavam preocupados com o fato de o pai ter de cantar. E eu cantei, e muito.” Mesmo assim, ele afirma: “Acho que nunca fiquei tão nervoso com um trabalho. Mas sou um ator, e o desafio de encarar projetos diferentes do habitual é o que faço. Claro que não é fácil fazer o primeiro musical neste ponto da carreira, mas até em certos momentos mais complicados, como quando tive de vestir um daqueles *collants* escandalosos que os integrantes do ABBA usavam nos anos 1970, repetia para mim mesmo que iria trabalhar com Meryl para me animar”.

Meryl chamou as filmagens de “sua segunda infância”, tamanha foi a diversão de cantar, dançar, pular e rodopiar. Para a atriz, o momento mais gostoso das gravações foi *Money, money, money*. “Aquele iate é de Benny. Na verdade, ele o havia alugado para a família passear pela ilha enquanto filmávamos. Assim ele podia ficar de olho em como estávamos nos saindo com as músicas, nos acompanhando enquanto filmávamos as cenas”, conta ela. “Precisávamos de uma cena de fantasia: o que Donna sonharia como algo grandioso? Para mim, seria o iate de Benny, e ele nos deixou filmar a sequência lá. Nossa, que sonho foi aquele! Incrível!”

Quem assistiu à peça e ao filme notou que todas as canções apresentadas no filme foram mais ou menos reorquestradas e adaptadas, por isso os arranjos da montagem teatral são ligeiramente diferentes. No entanto, o clima otimista e alegre da peça permaneceu no cinema. “Para conseguir trazer a essência de *Mamma mia!* para a tela, precisávamos da equipe original. Trabalhar com Martin Lowe, o diretor musical, foi absolutamente fantástico!”, diz a diretora Phyllida Lloyd.

“É tradição em musicais para o cinema fazer uma pré-gravação e dublar. Pelo fato de

termos atores tão fabulosos nesse filme – e alguns estavam muito entusiasmados por terem a oportunidade de fazer ao vivo –, deixamos livre essa decisão", revela o produtor Mark Huffam. "Meryl cantou ao vivo o tempo todo. Mesmo, por exemplo, na beira de um penhasco em *The winner takes it all*. Houve uma ventania enorme e dificilmente salvaríamos muito da trilha gravada ao vivo, mas ela cantou em todas as tomadas. Ela queria que o público sentisse essa energia. Houve momentos em que usamos a gravação ao vivo. Não vou revelar quais foram, mas tem muita mistura no filme", conta Phyllida.

Julie Walters diz ter ficado petrificada em sua cena final, cantando *Take a chance on me.* "Nunca tinha ficado tão aterrorizada daquele jeito antes", assume. "Estar ali no meio de Pierce, Stellan, Meryl... Foi aí que decidi fazer como se estivesse totalmente bêbada e pensei, vou parecer bem rude."

Em dezembro de 2008, *Mamma mia!* havia se tornado o filme mais lucrativo de todos os tempos na Inglaterra, deixando para trás *Titanic* (1997), de James Cameron, antigo detentor do recorde. Em 2009, no entanto, Cameron recuperou o primeiro posto, com *Avatar*.

A crítica brasileira se mostrou receptiva: "Temas como o amor na meia-idade e a relação entre mãe e filha permeiam a narrativa embalada pelos sucessos do ABBA [...]. Depois de soltar a voz em *A última noite*, Meryl parece ter tomado gosto não só por cantar, mas por papéis mais leves e bem-humorados [...]. Em nenhum deles, porém, está tão jovial quanto no tipo hiponga que faz aqui [...]. Ninguém do elenco se mostra preocupado em entregar uma performance musical digna de prêmio. Além do ritmo contagiante das melodias, o que torna *Mamma mia!* irresistível é justamente esse clima descontraído entre os veteranos" (revista *Set*, agosto de 2008).

Para elenco e equipe, participar do filme foi, acima de tudo, uma diversão. "Todos já dançaram músicas do ABBA, todos adoram as músicas deles", diz Pierce Brosnan. "O filme todo tem certa magia e acho que a sensação do musical passou para o filme." Além disso, continua o ator, "quer maior curtição do que poder viajar e passar uns dias com Meryl Streep em uma ilha grega, cantando as músicas do ABBA?". Meryl concorda: "Essas músicas são contagiantes, elas têm refrões incríveis. O filme tem a ver com seus sonhos, suas esperanças, sua felicidade".

"A diversão não parava nunca, mas era cansativo também porque a coisa toda exigia muito, fisicamente falando", continua Meryl. "E, como todos sabem, uma mulher da minha idade não costuma fazer esse tipo de coisa. Foi fantástico, tivemos noção de que éramos capazes de fazer muitas coisas!"

.. 2 ..

Suécia, o berço do ABBA

O ABBA é formado pela loira Agnetha Fältskog, o ex-cabeludo Björn Ulvaeus, o barbado Benny Andersson e a morena Anni-Frid Lyngstad (mais conhecida como Frida).

Antes da criação do grupo, os quatro já eram artistas, mas só foram se conhecer no final da década de 1960. Björn encontrou Benny e se tornaram parceiros. Benny conheceu Frida; Björn, Agnetha. O embrião do ABBA estava pronto.

No início dos anos 1970, tiveram algum sucesso no Japão sob o nome Benny & Björn. Nos Estados Unidos, borbulharam na lista da "Billboard Hot 100" como Björn & Benny & Svenska Flicka (Svenska Flicka em sueco quer dizer "garotas suecas"). Em 1973, eles ainda eram chamados de Björn, Benny, Agnetha & Annifrid. Foi aí que Stikkan "Stig" Anderson, sacando que o grupo precisava de um nome menor e mais forte, pegou as iniciais dos integrantes e resolveu o problema: ABBA. Stig era o empresário do grupo, publicitário e algumas vezes também compositor.

Certa vez, durante uma entrevista, um repórter perguntou a Stig:

"Quando você escreve canções, está realmente olhando o mercado mundial?"

"Sim", respondeu ele. "Nós vemos a Suécia como um dos países do mundo. Não damos mais atenção à Suécia do que a outro país. Nós nos importamos, sim, com a Inglaterra, a Alemanha, a França e o Japão, porque são mercados muito maiores. Acho que a coisa mais importante que conseguimos no mercado da música pop foi que fizemos os americanos e os ingleses entenderem que a música pop, o artista pop, pode vir de qualquer parte do mundo. Por 15 anos ouvi meus caros colegas mundo afora dizendo: 'Por que nada vem da Suécia, a obscura Suécia?'; e eu respondia: 'Bem, quando encontrarmos o talento certo, chegaremos lá'. Eles disseram: 'Então prove'. Aí eu tive de provar!"

Tudo começou em Estocolmo, capital da Suécia. Chamada de Veneza do Norte e de Cidade da Água, Estocolmo é um arquipélago de 24 mil ilhas, das quais 14 delas formam o centro da cidade. Lá Stig Anderson criou sua própria gravadora – a Polar Music – e contratou Björn e Benny como produtores. Depois de um primeiro álbum juntos, "Lycka" (1970),

compuseram *People need love* e *Ring ring*, ajudados por Agnetha e Frida nos vocais. Mas isso só aconteceu quando o ABBA estava prestes a nascer.

BJÖRN ULVAEUS, QUE QUASE SE TORNOU ADVOGADO

Chama-se Hisingen a ilha na costa Oeste da Suécia onde nasceu, em 25 de abril de 1945, Björn Kristian Ulvaeus. Seu pai, Gunnar Ulvaeus, era proprietário de um estaleiro ao norte de Gotemburgo, cidade próxima de Hisingen. “O estaleiro foi invadido quando eu tinha seis anos”, relembra Björn. “Meu pai tinha um irmão que possuía uma fábrica de papel em Västervik, a trezentos quilômetros ao sul de Estocolmo, na costa do mar Báltico. Então, nós nos mudamos para lá e ele deu emprego ao meu pai.”

Västervik fica na região sudeste da Suécia, na província de Småland. Mesmo sendo pequena, com população em torno de 20 mil habitantes, a cidade produziu muitos talentos, como a cantora de jazz Alice Babs (que trabalhou com Duke Ellington nos anos 1960 e 1970), e Stephan Edberg, que no começo da década de 1990 ocupou o posto de maior jogador de tênis do mundo.

Dois anos mais velho que sua irmã Eva, Björn interessou-se pela música desde cedo. Ele vibrava quando ouvia Elvis Presley no rádio. Era fã das produtivas canções pop americanas tipo *Tutti frutti*, de Little Richard, e guardava seu dinheiro para comprar compactos e EPs. A exemplo de um primo mais velho, Joen Ulfsäter, aprendeu a tocar violão.

Gunnar e a mulher, Aina, apoiaram o filho no gosto musical. Deram-lhe um violão quando ele tinha 12 anos. Björn juntou-se ao primo, então, e formaram uma dupla. “Nós éramos fiéis às nossas raízes”, explica ele. Seus heróis eram os membros de um grupo inglês conhecido como Vipers Skiffle Group (o *skiffle* é uma espécie de rock ‘n’ roll primitivista, tocado com o auxílio de instrumentos popularizados pelo jazz do início do século. No final dos anos 1950, a Inglaterra foi varrida por uma febre de *skiffle*, encabeçada pelo cantor Lonnie Donegan). “Nós não entendíamos o que eles falavam. Apenas escrevíamos o som das palavras, tentando nos parecer com eles. Meu primo tocava corneta também e eu tocava banjo, então nós também tínhamos uma banda de jazz.”

Na escola, incentivado por um professor de artes que curtia música folk, Björn integrou o grupo West Bay Singers (West Bay é Västervik em inglês, literalmente, “baía ocidental”). Em 1963, os integrantes do conjunto decidiram alugar um velho Volvo e rodar por outros países europeus. De volta à Suécia, inscreveram-se – empurrados pela mãe de Björn – em um concurso de novos talentos. Ironia das ironias, entre os concorrentes estava Anni-Frid Lyngstad...

Em setembro daquele ano, Bengt Bernhag viu no jornal *Expressen* um pequeno anúncio sobre o tal concurso. Entre os candidatos, o West Bay Singers – além de Björn, Johan Karlberg, Tony Roth e Hansi Schwarz. Interessou-se e pediu para que eles enviassem uma fita com o trabalho para a sua gravadora.

Bengt era sócio de Stig Anderson na gravadora Polar Music. Ambos atuavam como empresários e compositores e estavam bastante envolvidos com o mercado fonográfico sueco. Stig chegara a ter uma breve carreira de cantor na década de 1950 e naquele momento se dedicava exclusivamente à composição de músicas e à descoberta de novos talentos musicais na Suécia. O que pouca gente sabe é que a canção que os West Bay Singers gravaram na fita para enviar a Bengt e Stig era um clássico do cancioneiro brasileiro, *Ave Maria no morro*, composta por Herivelto Martins em 1942. Sobre a interpretação? "Estou certo de que soava bem convincente", garante Björn.

Eles caíram no gosto dos sócios da Polar. Stig passou a empresariar a carreira dos West Bay Singers. Em Estocolmo, eles se transformaram nos Hootenanny Singers, um grupo que transitava entre o folk e o pop, e chegou a fazer algum sucesso nas paradas americanas. "Nunca me esquecerei de como ficamos felizes na Polar, naquela época", afirma Stig. "Eles eram um achado!"

E o concurso? Bem, o grupo chegou até as finais, em janeiro de 1964, e apresentou *Ave Maria no morro.* A música brasileira foi lançada no primeiro EP do conjunto, com mais três canções.

Mas no meio disso tudo os Beatles começavam a estourar. Björn queria, então, cada vez mais se livrar do folk e mergulhar de vez no pop. Em 1966, o grupo chegou a gravar músicas como *Baby those are rules*. Björn teve também alguns hits solo, como *Raring* em seu compacto de estreia, de 1968, versão sueca do sucesso *Honey*, de Bobby Goldsboro.

Mas não era por meio da música que ele pretendia ganhar a vida. "O que meus pais escolheram para mim – e no que, de certa forma, eu estava trabalhando para me tornar um dia – era engenheiro civil", frisa. Para ele, o Hootenanny Singers era um passatempo, algo temporário. "Estávamos em turnê por toda a Suécia. Mas pensei que seria apenas por dois anos, se chegasse a tanto", admite. A banda começou a degringolar e Björn cogitou se formar advogado. Só que um encontro mudou todos os seus planos.

BENNY ANDERSSON, O PÉSSIMO VENDEDOR

A família de Göran Bror Benny Andersson adorava música. "Meu pai tocava acordeom, assim como o meu avô, só por divertimento. Eles me ensinaram a tocar quando eu tinha seis

anos. Quando fiz dez, me compraram um piano. Eu nunca estudei piano, de verdade", conta.

Ele nasceu em 16 de dezembro de 1946, no distrito de Vasastan, parte central de Estocolmo. Seu pai, Gösta Andersson, foi um dos engenheiros civis que participaram, nos anos 1950, da construção de Vällingby, uma moderna área residencial planejada na periferia da capital sueca, até hoje muito visitada por profissionais de engenharia e arquitetura. Quando Benny estava com dois anos, seu pai e sua mãe, Laila, tiveram a filha Eva-Lis.

Por influência do pai, Benny passou a infância entre pranchetas, casas e prédios. "Quando concluí meus estudos, aos 16 anos, comecei a trabalhar em um daqueles projetos. Suponho que pretendia aprender como me tornar um engenheiro por conta própria... No entanto, eu não gostava nem um pouco daquilo", revela.

Benny se lembra do exato momento em que descobriu que a música se tornaria mais que uma diversão para ele. "Havia um desses lugares aonde os jovens iam à noite. Eles tinham diferentes atividades e dança nas quartas e nos sábados. Quando a banda fez um intervalo, aproveitei a ocasião, pulei no palco e toquei uma musiquinha animada no piano. Alguém que estava começando a formar uma banda me ouviu e perguntou se eu queria tocar o piano, que toquei por três ou quatro noites. Eu devia estar com uns 14 anos", conta.

Ainda adolescente, Benny se juntou com uma jovem cantora, Christina Gronvall, e teve com ela dois filhos: Peter, nascido em 20 de agosto de 1963, e Helene, nascida em 25 de junho de 1965. Os dois jamais chegaram a se casar.

Quando os Beatles visitaram a Suécia, em 1963, mais de cem grupos pop se formaram no prazo de apenas duas semanas. Dentre os grandes nomes da primeira música pop sueca destacaram-se os Mascots, os Tages, os Shanes, os Hep Stars e Ola & The Janglers (que pela primeira vez levou o nome da Suécia para as paradas americanas, em maio de 1969). Para Benny, entretanto, não havia tempo para montar uma banda. "Eu precisava me manter", diz ele, que passou três semanas tentando vender máquinas de lavar roupa de porta em porta, sem conseguir concluir nenhum negócio. Então voltou para a escola, para completar o nono ano. "Eu era três ou quatro anos mais velho que todos os outros. Mas minha professora me ajudou", recorda-se.

Benny estava estudando para seu primeiro exame desde a sua volta, quando recebeu um telefonema pedindo-lhe para se juntar a um grupo que já tinha gravado um compacto. Ele mais que depressa disse "sim" ao Hep Stars, popular conjunto sueco. Era outubro de 1964. Svenne Hedlund, líder da banda, já tinha ouvido o jovem músico e gostado dele. Após a saída do tecladista Hans Östlund, Benny foi, portanto, o primeiro nome lembrado para substituí-lo. Além de Svenne Hedlund, também faziam parte do grupo Janne Frisk, Christer Pettersson

(morto em 2006) e Lelle Hegland. “Eu tentei estudar e estar com eles ao mesmo tempo”, conta. “Não deu certo porque eles estavam com o pé na estrada.” Nessa época, o grupo embarcara em uma turnê, após uma fantástica aparição na TV. Pelos três anos seguintes eles se tornaram as maiores estrelas do rock sueco, emplacando vários sucessos – muitos deles escritos por Benny.

Logo que Benny se juntou a eles, o Hep Stars (chamados pela imprensa de Beatles Suecos), gravou três canções em um dia. *Cadillac* foi para o topo das paradas nas rádios suecas, *Farmer John* chegou ao segundo, e *A tribute to Buddy Holly* alcançou a quarta posição. Nenhuma das três tinha sido escrita por um componente do Hep Stars. Então Benny ouviu uma canção que ele pensou que ficaria boa se pudesse dar uma mudada. “Foi como comecei a compor”, declara ele.

O resultado foi *No response*, lançada como compacto do Hep Stars em dezembro de 1965. “Eu não sabia nada de inglês naquela época. Todas as canções que escrevia eram canções de dicionário. É por isso que elas não são muito boas”, admite. “A segunda foi chamada de *Sunny girl*. Essa sim, foi um grande sucesso e fiquei muito contente com ela. Aí senti que tinha habilidade para escrever canções.”

Hep Stars e Hootenanny Singers tiveram seu auge praticamente ao mesmo tempo, em 1965. Ambos viviam em longas turnês pelo país e, no verão de 1966, foi casual e inevitável o encontro dos integrantes dos dois grupos. Os ônibus das duas bandas estavam na mesma estrada, na mesma hora. “Eles disseram ‘Hep Stars’ do ônibus deles e nós dissemos ‘Hootenanny’ no nosso e aí paramos e dissemos ‘olá’”, relembra Björn. O Hootenanny Singers faria uma festa de despedida para Björn e dois outros membros que prestariam o serviço militar. O Hep Stars foi convidado para a festa e os grupos se juntaram mais tarde naquela noite, depois de tocarem em seus respectivos horários.

“Eles vieram para Västervik no meio da noite e fizemos uma farra”, continua Björn. Aquela foi a primeira vez que ele e Benny se sentaram e conversaram um com o outro. “Ele era um cara legal”, diz Benny do seu futuro parceiro de composições e amigo. “Tocamos um pouco de violão e cantamos canções antigas do Kingston Trio [popular banda de música folk americana]. Dissemos que talvez devêssemos fazer algo juntos algum dia. Em breve estaríamos na cidade natal dele e nos encontraríamos de novo.”

Benny levou seu órgão Hammond e amplificadores para o porão da casa dos pais de Björn. “Éramos tão barulhentos que meu pai desceu e disse: ‘Vocês me desculpem. Gosto do que estão fazendo, mas não podem ficar aqui’. E aí ele nos deu a chave do seu escritório”, conta Björn. Trabalhando até tarde da noite, a primeira canção Benny & Björn foi escrita.

Não havia dúvida sobre qual grupo gravaria *Isn’t it easy to say*, a primeira criação da

jovem dupla. “Aquele era o tipo de música que o Hep Stars gravaria, pois o nosso grupo era mais folk, o que eu odiava, porque os Beatles tinham começado e eu queria voltar para o pop”, diz Björn.

“A situação mudou um pouco depois que comecei a escrever canções para o grupo”, acredita Benny. “Porque passei a ter uma visão mais forte do que eu realmente queria, quando gravamos sucessos como *Cadillac* e *Farmer John*. Depois disso eu quis escrever algo mais, e é aí que está a manha da coisa – ver o que você fez na música anterior e tentar recriar outro sucesso sem ‘copiar’ a canção anterior.”

O grupo de Benny começou a faturar alto. Mas, jovens e inexperientes, os integrantes torraram todo o dinheiro recebido com as turnês, sem sequer cogitar que teriam de pagar o imposto de renda. Mas a conta veio: cerca de 150 mil dólares. Eles tiveram de trabalhar duro para sanar a dívida – e, ao mesmo tempo, abortar projetos mais ousados, como o da gravação de um filme do grupo, *Habari-Safari*, que envolveu até uma viagem à África por duas semanas.

Benny deixou a banda em 1969. Björn pôde finalmente se dedicar ao pop: com a separação do Hep Stars e o gradual desaparecimento do Hootenanny Singers, a futura dupla masculina do ABBA deu início a uma prolífica parceria musical, que resultaria na composição de vários clássicos. Benny e Björn conheceram então as duas mulheres que teriam papéis muito importantes em suas vidas.

ANNI-FRID “FRIDA” LYNGSTAD, A FILHA DA GUERRA

Frida é, dos componentes do ABBA, a que tem a história mais peculiar.

A cidade de Narvik, importante porto marítimo na parte Norte da Noruega, foi cenário de uma dramática sequência de acontecimentos durante a invasão alemã na Segunda Guerra Mundial, em 1940. Além de mais importante porto exportador de minério de ferro para a Suécia, Narvik era também alvo-chave para os alemães.

Por dois meses, a cidade foi palco de uma acirrada batalha do exército alemão contra os exércitos francês, polonês e norueguês, sem esquecer a marinha britânica. No final de maio, as forças aliadas finalmente obrigaram os alemães a deixar Narvik. Menos de duas semanas depois, a situação se agravou, pois, com a saída das tropas aliadas, o exército norueguês não conseguiria resistir aos ataques dos alemães. A cidade foi forçada a se render e permaneceu ocupada pelos alemães até o fim da guerra, em maio de 1945.

As batalhas sangrentas também afetaram as cidades menores e comunidades ao longo de toda a costa norueguesa, incluindo Ballangen, no sudoeste de Narvik. Era uma pequena cidade

com menos de 4 mil habitantes, em sua maioria donos de sítios ou empregados da companhia de mineração Bjørkåsen Gruver, principal indústria daquela área. No vilarejo de Bjørkåsen, distrito de Ballangen, vivia a família Lyngstad, onde nasceu Synni Lyngstad, a caçula de outros três irmãos. Assim como o restante da população, os Lyngstad aprenderam a lidar com os horrores da guerra no cotidiano.

Em 1943 o sargento alemão Alfred Haase chegou a Ballangen, enviado para treinar jovens recrutas e vigiar a defesa daquela região da costa norueguesa. Obviamente, os noruegueses não estavam nada contentes com os alemães governando seu país. Também não é necessário dizer que esses ocupantes alemães – e seus brutais métodos – eram repudiados e temidos pela população local. Compreensivelmente, qualquer norueguês visto conversando com um alemão seria imediatamente considerado traidor.

As circunstâncias acabaram misturando, no mesmo vilarejo, homens e mulheres de diferentes países, estranhos entre si. Credos e culturas foram forçados a conviver juntos, à sombra da guerra. Mas não se pode dizer que todos os alemães eram nazistas por prazer. Alguns realmente lamentavam o mal que estavam fazendo aos noruegueses. Alfred Haase era um deles.

A jovem norueguesa Synni Lyngstad e o jovem alemão Alfred Haase se conheceram. Soldado oficial da marinha alemã, Alfred já era casado em seu país, mas o afastamento de seu povo e a convivência com aquela nova realidade fizeram com que se encantasse por Synni. A jovem, com apenas 19 anos, o via como um moço forçado a abandonar sua terra e seus entes queridos para assumir uma missão que ele abominava. Rapidamente os dois se apaixonaram, para tristeza de Synni. Era claro que aquela relação jamais seria aprovada. Os dois começaram a ter um caso. Synni nada sabia da vida pessoal de Alfred na Alemanha.

Começaram a se ver no que imaginavam ser “encontros clandestinos”, mas todos da pequena cidade sabiam sobre os dois e comentavam a respeito de Synni e seu amante alemão. Familiares de Synni tentaram alertá-la, aconselhando-a a se afastar daquele homem. “Ele pode ser amável e gentil, mas é um alemão. A guerra chegará ao fim em breve, mas ninguém aqui esquecerá esse episódio”, alertavam-lhe seus parentes, em vão. Infelizmente estavam certos. No fim da guerra, Alfred voltou para a Alemanha, prometendo a Synni que retornaria em breve para a Noruega a fim de se casarem. O que ele não sabia é que Synni já estava grávida.

Em 15 de novembro de 1945 – poucos meses depois do fim da guerra – nasceu Anni-Frid Synni Lyngstad, fruto da última noite de amor de Alfred e Synni. A população local chamava de *tyskerunge* os bebês noruegueses nascidos de pais alemães, e a recém-nascida Anni-Frid não poderia escapar de se tornar também uma *tyskerunge* (que quer dizer, de forma bem

pejorativa, “criança alemã” ou “filha de alemão”).

Synni Lyngstad passou a esperar a volta de seu amor proibido. Sua mãe, Arntine, acompanhou durante esse tempo a lenta decadência da filha, sempre mergulhada em angústia e tristeza e ainda carregando o ódio acumulado sobre ela pela população local. A família, humilde, tinha de trabalhar arduamente para se manter. Assim Synni foi forçada a continuar sua vida de maneira solitária, desprezada por todos e criando um bebê.

Passados dois anos, a solidão e a depressão eram tão grandes que Synni não resistiu e morreu, aos 21 anos, amargurada e infeliz. Uma vez que Alfred fora dado como morto ao voltar para seu país natal, a avó de Frida assumiu a responsabilidade de criar a neta. Ela sabia que se Frida crescesse em Narvik, teria uma vida miserável sob o rótulo de *tyskerunge*. Precisavam ir para uma cidade onde não fossem conhecidas e onde Frida pudesse viver decentemente.

Nos primeiros anos, elas se mudavam de um lugar para outro. A avó Arntine ganhava o suficiente para manter a neta e a si própria, trabalhando como costureira. Finalmente estabeleceram-se no vilarejo de Torshälla, na Suécia, local em que Frida iniciou uma nova infância e cresceu como cidadã sueca; foi também onde aprendeu as canções tradicionais de sua avó, a quem chamava de “Mama”.

Frida começou a cantar incentivada pela avó. Primeiro ela cantava em público, para outras crianças. “Fiz minha primeira aparição no palco quando tinha só 11 anos. Ouvia rádio e comprava discos. Uma das minhas preferidas era *Blue moon*. Gostava também de Elvis Presley e Tommy Steele. Essas foram minhas primeiras influências musicais”, recorda-se. Depois, aos 13 anos, já cantava profissionalmente com sua banda em um restaurante de Eskilstuna, cidadezinha próxima a Estocolmo, para onde Frida e a avó haviam se mudado. Entretanto, ela mentia sua idade – e dizia que tinha 16 anos!

“Ela era sempre tão doce comigo, e me apoiava em tudo que eu queria fazer”, diz Frida sobre a avó. “Foi a Mama quem me encorajou a cantar, e foi ela quem me ajudou a descobrir que eu podia e gostava de cantar.” Apesar disso, Frida era uma adolescente solitária. Ela diz que era bom viver com a avó, mas, devido à diferença de idade, se tornava difícil manter uma relação mais aberta, falar sobre seus problemas.

Aos 15 anos Frida formou sua primeira banda – Anni-Frid Four –, cantando em bares e casas noturnas de Eskilstuna, onde era a grande atração. “Foram anos muito divertidos”, relembra. “Nós éramos pagos, mas eu cantava por prazer, porque gostava daquilo de verdade. A banda era sempre muito alegre e tranquila.” Nessa época ela se apaixonou por Ragnar Fredriksson, o baixista e líder do conjunto (função que dividia com a de vendedor de tapetes).

Casaram-se. Quando Frida tinha apenas 17 anos, nascia o primeiro filho do casal, Hans, em 26 de janeiro de 1963. Quatro anos mais tarde, em 25 de fevereiro de 1967, nasceria a menina Lise-Lotte.

Em 1967, a gravadora EMI da Suécia, juntamente com a organização Barnens Dag, de assistência às crianças, organizou o concurso musical Nya Ansikten (Novos Rostos). No dia 3 de setembro, a finalíssima da competição ocorreu em Estocolmo. Secretamente, os organizadores do concurso combinaram com a televisão sueca que o vencedor ou vencedora receberia uma surpresa: apareceria ao vivo naquela mesma noite no show especial que se seguiria, aproveitando para comemorar a mudança de mão no tráfego sueco – naquele mesmo dia, o país aboliu o modo britânico de dirigir do lado esquerdo.

A vencedora do concurso foi a jovem Anni-Frid Lyngstad, de 21 anos, que escolhera apresentar *En ledig dag* (Um dia de descanso), canção que já era sucesso nas rádios suecas na voz de outro artista. Depois da vitória de Frida, o organizador fez a pergunta crucial: “O que você vai fazer agora?”. Frida, contente, respondeu: “Vou para casa dormir”. Ao que o organizador retrucou: “Ah, não, você não vai, não. Lá fora há um carro que a levará para aparecer em um programa de televisão ao vivo”. Assim, surpreendida pela inusitada notícia, a jovem campeã do concurso foi levada para o popular programa de TV *Hylands hörna*. Frida estava radiante.

Em 11 de setembro de 1967, Anni-Frid gravou os dois lados de seu primeiro compacto, *En ledig dag* e *Peter, kom tillbåka*. Depois disso, vieram outros. Seu repertório tinha jazz e bossa nova.

Frida divorciou-se de Ragnar, assinou um contrato com a EMI-Suécia e se mudou para Estocolmo, longe da família. Lá trabalhou com artistas suecos de sucesso, como Charlie Norman, Lasse Lönndahl e Lasse Berghagen. Em uma turnê de sete meses com Charlie Norman, Frida encontrou Benny em um restaurante em Malmö, ao Sul do país. “Ele estava junto com Björn, para escreverem as canções para o Festival de Música Sueca. Não aconteceu nada de extraordinário”, relembra ela. “Tivemos uma festinha em um quarto de hotel. A próxima vez que o encontrei foi em Estocolmo.”

Frida e Björn eram membros do júri de um programa de rádio, *Midnight hour*, decidindo se os novos discos fariam sucesso ou não no quadro *Flip eller flop* (Sucesso ou fracasso) e Benny era o diretor dos jurados. Em pouco tempo Benny e Frida sentiram-se romanticamente envolvidos, estabelecendo uma parceria não somente amorosa como também profissional, pois ele produziu o próximo (o sétimo) compacto dela, com *Peter Pan*, em setembro de 1969. A partir daí Benny passou a ser responsável pelo restante dos discos de Frida para a EMI. “Eu

tinha acabado de me divorciar de Ragnar e estava terrivelmente só", diz ela. "Benny apareceu no momento certo." Ele conclui: "De certa forma, talvez tenha sido melhor que um casamento formal. Foi mais honesto e aberto e nós não ficamos juntos por um pedaço de papel, mas sim pelo nosso amor."

Na história do ABBA (que ainda estava por vir), a música *Peter Pan* é particularmente interessante, pois foi escrita por Benny juntamente com Björn, e assim se tornou o primeiro disco a trazer junto os talentos de três dos futuros membros do ABBA. Benny também toca piano nessa gravação.

"Naquele tempo, eu estava influenciada pelo jazz. Com a banda eu cantava velhas baladas de jazz e músicas de Glenn Miller, e ouvia muitos discos de jazz para aprender a técnica. Só depois de conhecer Benny é que comecei a ouvir outros tipos de música também", conta Frida. "Provavelmente eu era mais influenciada por cantoras como Ella Fitzgerald e Peggy Lee. De fato, eu conhecia os Beatles e os Beach Boys, grupos como esses, mas eles eram conjuntos e eu tinha ambições de cantora solo. Benny foi muito importante quando veio modificar minha ideia musical em relação às linhas contemporâneas."

Em 1970, depois de três anos e oito compactos lançados pela EMI, mas sem grande impacto, Anni-Frid e o namorado Benny começaram a trabalhar no primeiro LP da cantora, lançado em 1971 e intitulado "Frida".

AGNETHA FÄLTSKOG, A GAROTA QUE DESBANCOU OS BEATLES

Agneta Åse Fältskog, a caçula do ABBA, nasceu em Jönköping no dia 5 de abril de 1950. (O "h" de Agnetha foi adicionado mais tarde, mas seu nome nunca foi oficialmente registrado desse modo.)

Situada no sul da Suécia, Jönköping ficou conhecida por sua indústria de palitos de fósforo, da segunda metade do século XIX até a década de 1970. Ainda hoje é considerada um importante centro de logística da Suécia. Várias matrizes de empresas famosas situam-se lá, como a Ikea (rede de lojas de mobiliário e artigos para casa, com filiais em dezenas de países), a Electrolux e a Husqvarna (fabricante de ferramentas agrícolas e, antigamente, motocicletas). A Universidade de Jönköping é famosa por seu ensino superior. O apelido da cidade é Jerusalém da Suécia, por causa da grande quantidade de igrejas cristãs independentes e seus seguidores.

O pai de Agnetha, Ingvar Fältskog, organizava produções artísticas locais e estava certo de que a filha deveria receber um suporte artístico e teatral. Quando Agnetha tinha cinco anos, apareceu pela primeira vez no palco, em uma pequena comemoração de Natal para pessoas

idosas, organizada pelo próprio pai. A experiência não foi exatamente fascinante para a pequena Agnetha, já que na metade da apresentação, enquanto cantava *Billy boy*, o elástico de sua calça se soltou, deixando-a literalmente sem as calças! Mas o pequeno (e hilário) incidente não a impediu de continuar sua formação artística. Até porque a própria Agnetha não se recorda do episódio – mas, segundo ela, sua mãe Birgit fazia questão de sempre lembrá-la dele. Aos seis anos de idade, Agnetha começou a estudar piano.

O lar dos Fältskog era caloroso, alegre e protetor. Quando criança, Agnetha não via com bons olhos eventuais visitantes, e a presença deles a levava a ter ataques de raiva. “Eu gritava bem alto quando tínhamos visita. Não sossegava enquanto não iam embora. Aí então eu dava ‘tchau’ da janela, radiante de felicidade”, conta Agnetha. Ela também confessa que sentiu muito ciúme quando sua irmã Mona nasceu, mas a diferença de cinco anos entre as duas não atrapalhou a relação, pelo contrário. Tornaram-se muito amigas.

Agnetha era fã da cantora americana Connie Francis (que cantava, entre outros hits da época, *Stupid cupid*) e sonhava com suas músicas enquanto brincava de cantora na frente do espelho, usando a escova de cabelo como microfone. Aos 13 anos, Agnetha começou a cantar com duas amigas, Lena Johansson e Elisabeth Strub. O grupo era chamado The Cambers e se apresentava em Jönköping. Depois dessa experiência, Agnetha decidiu deixar a escola para se dedicar à carreira de cantora. Estudava música, escrevia suas próprias canções e, aos 15 anos, além de trabalhar como telefonista em uma firma de carros, estava cantando com um conjunto de baile de Jönköping, liderado por Bernt Enghardt. Isso fez com que ela fosse vista por um famoso caçador de talentos, Little Gerhard (Karl Gerhard Lundkvist, rei do rock sueco), que se impressionou muito com sua voz.

Depois de terminar com o namorado Björn Lilja, aos 17 anos, ela despejou seu coração em uma canção chamada *Jag var så kär* (Eu estava tão apaixonada), que pouco depois se tornou seu primeiro hit na Suécia. Duas coisas impressionaram Little Gerhard: a música de Agnetha e sua voz. Imediatamente Gerhard a chamou para Estocolmo para gravar a canção. Agnetha ficou com o pé atrás: Gerhard não estava interessado na banda e consequentemente não seria incluída no disco.

Mesmo assim, em outubro de 1967 Agnetha e seu pai embarcaram em um trem para Estocolmo. Estavam a caminho do Phillip Recording Studio. Pela primeira vez em sua vida, a tímida e apreensiva Agnetha mal acreditava no que estava lhe acontecendo. Ao descer as escadas do estúdio e ouvir os músicos ensaiando sua música, ela foi tomada por um sentimento de imensa satisfação e emoção. Ouvir aquelas mesmas notas musicais que ela havia tirado de seu piano e a canção que tinha escrito sendo tocadas por músicos de verdade, do estúdio,

tornaram seu sonho de alguma forma já real.

Em poucas semanas Agnetha assinou um contrato com a CBS-Cupol e, no início de 1968, *Jag var så kär* foi para o topo da parada sueca. “Eu ainda falava (e cantava) como uma garotinha do interior”, relembra Agnetha. “Entretanto, a canção ficou em primeiro lugar, eu me lembro, seguida dos Beatles.” O primeiro álbum de Agnetha lançado pela Cupol foi “Agnetha Fältskog”. Ela ainda participava de turnês locais e estava envolvida em uma campanha para ajudar a ensinar crianças do jardim de infância a escovarem os dentes. Para isso, Agnetha escreveu uma canção especial, *Borsta Tandtrollen bort*, que ela cantou nas escolas de sua cidade natal. A música não foi um lançamento comercial, mas algumas cópias foram produzidas e distribuídas para crianças.

O sucesso continuou naquele período, final dos anos 1960. Foi nessa época que ela começou a namorar o alemão Dieter Zimmerman, que se tornou seu produtor e compositor. Os dois chegaram a ficar noivos. Os discos de Agnetha começavam a chegar às paradas alemãs (*Sonny boy* fez sucesso por lá) e Dieter disse que ela poderia ir muito mais longe. Mas, ao se encontrar com os produtores musicais alemães, Agnetha não gostou da escolha do material feita por eles (“horrível”, segundo ela) e se recusou a ir adiante com sua carreira internacional, de ímpeto tão curto quanto seu romance com Dieter.

Em 1969, uma das canções de Agnetha, *Zigenarvän*, que significa “Amigo cigano”, causou polêmica e falatório na Suécia, por causa da (então) recente discussão sobre esse povo que ocorria por lá. Mas ela afirma não ter culpa alguma nessa conexão entre o tema da música e o debate. “Fui severamente criticada”, diz Agnetha. “Entretanto, eu compus só a melodia. O responsável pela letra foi Bengt Haslum e, sendo jovem e ingênua, nunca pensei que fosse causar um estardalhaço tão grande.”

No ano seguinte, outra de suas canções de sucesso, *Om tårar vore guld* (Se lágrimas fossem ouro), provocou acusações do líder de uma banda dinamarquesa, que alegou que Agnetha havia roubado a melodia da canção escrita por ele, apresentada durante uma turnê pela Suécia. Tentou processá-la por plágio, mas seu caso perdeu totalmente a força quando foi descoberto que a tal turnê ocorrera em 1950, ano do nascimento de Agnetha! Está certo que ela pode ter sido o que se chama de criança prodígio, mas roubar uma composição antes de completar um ano de idade já seria demais... Agnetha defende-se: “Fui acusada de plágio. Per Hviid disse que em 1950 – o ano em que nasci! – ele havia apresentado essa canção com sua orquestra. Mas não foi nem mesmo a canção inteira, só uma parte da melodia estava no arranjo. A música dele nem sequer existe em nenhum disco! Eu mesma escrevi a letra e a melodia, sem copiar de ninguém”.

Agnetha já era uma estrela bem conhecida em seu país quando apareceu em um programa de televisão em 1969, *Räkna de lyckliga stunderna blott* (Conte apenas os momentos felizes), tributo ao compositor sueco Jules Sylvain, que também tinha Björn como convidado. Daí em diante o amor nasceu. Björn se lembra de seu primeiro contato com Agnetha: “Eu costumava apreciá-la a distância. Fomos educados em partes diferentes da Suécia, mas tínhamos algo muito importante em comum: nossa música. Ambos começamos a cantar muito jovens, então, naquela época, estávamos nos tornando bem conhecidos. Eu ouvia tudo sobre ela, a via na TV, ouvia seus discos e admirava tudo a seu respeito. Embora eu não soubesse, ela também me admirava. Chamaram-me para participar de um programa que seria filmado em uma pequena cidade. Chegando lá, fui apresentado à outra atuante do programa – Agnetha! Senti como se já a conhecesse. Ela sentiu o mesmo a meu respeito. Deu-me um amável e afetuoso sorriso e começou a conversar comigo. Apaixonei-me! Então ficamos sabendo que a filmagem seria adiada e que teríamos de ficar mais dois dias. Aqueles dias nos deram a oportunidade de ficarmos juntos, nos conhecermos. Estávamos completamente apaixonados e sabíamos desde então que queríamos passar o resto de nossas vidas juntos”.

.. 3 ..

Início dos anos 1970: A vida não é um cabaré

Em 1970 Benny e Björn cantavam juntos – tendo, inclusive, formalizado a sua própria companhia de música, a Union Songs, em parceria com Stig Anderson. Ambos já eram casados, respectivamente, com Frida e Agnetha. As garotas seguiam suas carreiras solo normalmente. Naquele ano, a dupla Benny & Björn gravou um compacto de *She's my kind of girl*, que mais tarde fez grande sucesso no Japão, vendendo meio milhão de cópias em 1972.

Formar um quarteto não passava pela cabeça de ninguém.

Até que uma casualidade aconteceu. No fim do ano, Benny e Björn tinham uma série de shows em Gotemburgo. Em determinada noite, nem Agnetha nem Frida estavam trabalhando e decidiram, meio que por brincadeira, fazer uma apresentação como quarteto sob o nome de Festfolk (algo como "Festeiros").

"A primeira coisa que fizemos juntos foi tão grotesca", admite Björn. "Foi o pior período da minha vida profissional. Naquela época, a única coisa a fazer era se tornar um artista de cabaré. Todo mundo dizia que você devia tocar em restaurantes, onde as pessoas estavam sentadas e você tinha de entretê-las e cantar canções engraçadas. Nós tocávamos em cidades diferentes, nesse esquema, em que Benny e eu tentávamos atuar como dois garotos com suas bonequinhas. Era terrível. Eu me lembro de uma noite em Gotemburgo... Havia só três pessoas sentadas lá. Pensei: 'É o fim'."

Improvisada, a performance do quarteto foi um desastre total. Nenhum dos quatro estava muito interessado nas canções que apresentavam e o pequeno público notou. Perceberam, assim, que a experiência tinha sido um fracasso e rapidamente viraram essa página de suas vidas.

Björn e Benny, com a Union Songs, chegaram a gravar um álbum, "Lycka" (Felicidade, em sueco), que apesar de não ter feito fama, incluía a canção *Hej gamle man*. Foi a primeira gravação a apresentar Björn, Benny, Agnetha e Frida. "Nós a incluímos na nossa atuação e ela foi muito bem recebida", diz Björn. "Dissemos para nós mesmos: 'É isso que devemos fazer. Aquela outra tolice está fora. Nós devemos produzir nosso próprio material'. Pouco depois

disso, tentamos nosso primeiro compacto em inglês porque Benny e eu ainda queríamos fazer música pop, como estivemos fazendo antes desse tétrico período de cabaré.” Stig ajudara na composição da faixa título *Lycka* – uma de suas primeiras colaborações à dupla de cantores-compositores.

A intenção era que Björn e Benny compusessem as músicas e Stig fornecesse as letras. O trio se deu bem. “A colaboração estava funcionando perfeitamente”, conta Björn. “Benny e eu elaborávamos nossas ideias e as colocávamos em fita, só então é que Stig se envolvia. Ele sempre tinha algo bom para acrescentar. Nós três realmente nunca tínhamos discussões. Claro que tivemos algumas divergências sobre as composições, mas brigas não, nunca.” E acrescenta: “Na nossa profissão, você não pode ter nenhuma discussão, isso é perturbador e paralisante. Você não pode criar algo bom com alguém com quem não se dá bem”. O trio foi um sucesso por causa do vínculo de amizade entre eles.

Stig, com sua visão comercial, sugeriu fornecer todas as canções com letras em inglês a partir dali. “Quando se escreve em sueco, só se vende discos na Suécia”, explica. “Mas o show business é um negócio internacional e o inglês é o idioma da música pop.”

Em 1971, Frida lançou seu primeiro LP, cujo título foi apenas “Frida”. Em seguida, gravou o compacto de *Min egen stad* (Minha própria cidade), que se tornaria seu primeiro grande hit na Suécia. Björn, Benny e Agnetha foram os vocalistas de apoio e Benny ainda tocou seu teclado. *Min egen stad* foi a versão sueca de uma música dos Hep Stars, *It’s nice to be back*, escrita originalmente por Peter Himmelstrand. A nova canção de Frida fez tanto sucesso que foi incluída nas edições seguintes de seu álbum “Frida”. Agnetha lançou seu quarto LP, “När en vacker tanke blir en sång”.

Naquele verão, Agnetha, Benny e Björn viajavam pela Suécia para concertos em parques públicos. Antes de uma apresentação em um desses parques, Björn e Agnetha encontraram uma antiga igreja em estilo gótico. Estavam discutindo o casamento havia vários meses, e essa era a igreja com a qual tinham sonhado. O único problema que encontraram foi que o pastor lhes perguntou o que faziam. Responderam que eram artistas. O pastor entendeu ateístas (!) e se recusou a casá-los. O mal-entendido foi desfeito e, em 6 de julho de 1971, Björn e Agnetha se casaram no vilarejo de Verum, Sul da Suécia, em pleno verão sueco. Na Suécia, o sonho de qualquer garota é casar-se no verão e Agnetha tornou-se a noiva mais linda que o país já tinha visto. Benny tocou órgão no casamento. Além da *Marcha nupcial*, executou também *Wedding* (Casamento), coescrita com Svenne Hedlund, do Hep Stars.

Björn disse: “Agnetha é individualista e teimosa, exatamente como eu”. Ambos ressaltaram como era bom estar em um relacionamento com alguém que compartilhava tantas

características em comum e até trabalhava no mesmo meio. Mas ficou claro, até nas primeiras entrevistas, que aquela não seria jamais uma relação suave, pois as mesmas razões que os unia também desgastavam o relacionamento sempre muito intenso.

Infelizmente, a data do casamento foi marcada também por um triste acontecimento. Após o evento, chegaram notícias de Estocolmo. O parceiro de Stig, Bengt Berghagen – o homem que junto com Stig descobrira Björn anos antes – havia se suicidado. Bengt, que obviamente tinha sido convidado para a cerimônia, estava doente havia algum tempo e raramente se aventurava a sair. A depressão causada por seu estado crítico o levou ao suicídio.

Contrastando com a extroversão e a assertividade de Stig, Bengt era discreto, reservado e não gostava de fazer alarde sobre suas conquistas profissionais. Com a relação de amizade e trabalho amadurecida entre os dois, a dupla se tornou uma boa combinação. Bengt e Stig haviam se conhecido na mesma época em que Stig conhecera Gudrun, a mulher com quem se casaria em 1951.

Bengt tinha apenas 43 anos quando morreu. Stig recebera um telefonema na noite do casamento de Björn e Agnetha, avisando da morte do sócio, mas decidiu só contar a Björn e Agnetha no dia seguinte, para não estragar a grande festa preparada para depois da cerimônia religiosa. Quando os noivos souberam do acontecido, no dia seguinte, ficaram extremamente chateados.

Fora esse triste fato, foi um feliz casamento. A cerimônia atraiu multidões de curiosos, jornalistas, fotógrafos, fãs e nomes da indústria fonográfica sueca. Agnetha chegou a se ferir levemente quando um cavalo da polícia pisou em seu pé. Antes de voltar às turnês, o casal aproveitou uma curta lua de mel.

Por sugestão de Björn, Agnetha viveu uma experiência teatral. Encarnou Maria Madalena na montagem sueca do famosíssimo musical *Jesus Cristo superstar*, da consagrada dupla Tim Rice e Andrew Lloyd Webber (os mesmos autores de *Evita*). Agnetha gravou uma canção desse musical, *Vart skall min kärlek fora?*, versão sueca de *I don't know how to love him*.

AMOR NA ESTRADA

"Foi uma grande coincidência. Benny e eu conhecemos as garotas ao mesmo tempo, nos apaixonamos por elas, nos casamos. Por acaso, elas eram cantoras", diz Björn.

Benny conheceu Frida depois de um show no fim dos anos 1960. Na estrada, como é rotina para músicos. Ele foi ao bar do hotel onde estava passando a noite e pediu um drinque. Uma bela e elegante moça estava sentada junto à janela. Benny a reconheceu, mas não sabia de onde. Perguntou ao garçom quem era e ouviu: "Seu nome é Anni-Frid Lyngstad. Ela é uma

boa cantora".

Alguns instantes depois, Benny tomou coragem e sentou-se à mesa dela. "Na verdade, nada de especial aconteceu. Não houve faíscas voando, nada. Bebemos algo juntos, conversamos e dissemos até logo", recorda-se Frida. "Eu não esperava que nos encontrássemos novamente", admite Benny. Mas eles se encontrariam outra vez em um estúdio de rádio, onde eram convidados de um programa. Após a gravação, Benny convidou Frida para um jantar. Ela aceitou e naquela noite ambos tiveram a chance de conversar bastante. Sem que se dessem conta, eles já tinham criado a ligação. O resto pode ser facilmente deduzido.

Frida e Benny passaram a viver juntos em 1º de abril de 1970, no distrito de Vasastan, em Estocolmo. "Ficamos noivos em agosto de 1969", explica ele. "Esta foi uma decisão importante para nós." Eles noivaram em um restaurante muito conhecido chamado Hamburger Bors, onde Frida estava se apresentando naquele dia, juntamente com o pianista Charlie Norman.

Frida enfrentou a impiedosa reação da imprensa ao ficar noiva de Benny. Manchetes como "cantora deixa a família para brincar com rapazes" recheavam os jornais. "Você não pode lutar contra a fofoca que aparece nos jornais", explicou Frida. "Por isso é tão importante ter uma pessoa forte ao seu lado, que a auxilie durante uma repercussão como essa, e Benny estava lá por mim. Serei eternamente grata a ele por isso."

Por um tempo Frida pensou mesmo em trazer seus filhos para o apartamento, mas se não havia espaço nem para um piano, imagine para duas crianças. "Então, tomei a decisão de deixá-los permanentemente com o pai", afirma. Pouco depois o casal mudou-se para uma romântica casa do século XVIII em Estocolmo. "Agora nós temos muito mais espaço e posso ter meus filhos vindo me visitar aqui", explicou Frida na época.

Com a morte de Bengt, Stig chamou Björn para ser produtor na Polar Music. Björn disse que só iria se Benny também pudesse ir com ele. Stig disse que isso só seria possível se Björn aceitasse dividir seu salário com Benny. Björn aceitou, de imediato. "Foi um tremendo gesto de generosidade da parte de Björn", afirma Benny, que nunca se esqueceu da lealdade do amigo. Para a felicidade de Stig, a dupla se tornaria poucos anos depois o maior sucesso da Polar Music e tornaria a gravadora conhecida no mundo todo.

Em retrospecto, a morte trágica de Bengt Bernhag acabou abrindo caminho para uma colaboração mais intensa entre Björn, Benny e Stig. O empresário deu à dupla todos os tipos de oportunidade para a produção de outros artistas na Polar Music. Acima disso, Björn tornou-se uma espécie de caçador de talentos. Ele e Benny produziam outros artistas da Polar e assim conheceram um técnico muito talentoso no estúdio Metronome, em Estocolmo: Michael

Tretow. Um rapaz muito jovem, que mais tarde inventaria o som do ABBA. Ele sempre ouvia as fitas que eram enviadas pelos novos talentos e incentivava os jovens. “Eu conhecia Björn muito bem”, explica Stig. “Mas quando lhe contei sobre meus planos, era como se eu estivesse conversando com meu reflexo no espelho. Björn estava repleto de ideias e ofereceu sugestões que eu nem sequer havia pensado.”

Sinais de que poderia haver uma melhora na carreira solo de Frida apareceram no verão de 1971, quando ela foi contratada para trabalhar no espetáculo musical *Mina favoriter* (Minhas favoritas), em Estocolmo. Montado por um dos mais populares autores de teatro de revista sueco, Kar de Mumma, o show era sucesso garantido. *Mina favoriter* estreou em 22 de outubro de 1971 e ficou em cartaz por sete meses.

.. 4 ..

Novas tentativas

Os casais decidiram novamente tentar se apresentar em quarteto no fim de 1971, quase um ano depois do fiasco Festfolk. Desta vez, deu certo. Mas havia um problema que impedia maiores experiências com a formação ampliada: a companhia de discos com a qual Agnetha mantinha contrato exclusivo (CBS-Cupol) não permitia que ela lançasse nada junto com Björn pela Polar Music – o que atrasou a viabilização de *Så här börjar kärlek* em compacto gravado pelos dois.

Em determinada noite, enquanto trabalhavam no estúdio da Polar, Michael Tretow pediu a Björn e Benny para deixarem as garotas fazerem alguns *backing vocals* em suas gravações. Stig lembra muito bem: “As garotas só vieram para ajudar seus maridos. Não havia ali nenhum motivo oculto”. Frida e Agnetha cantaram suas partes e deixaram a mixagem para os rapazes. Michael tocou a fita para Stig. Ele quase desmaiou de admiração. Björn e Benny foram chamados. “Não posso creditar esse disco a Björn & Benny”, disse Stig. “As garotas é que fizeram o trabalho de gravação. Elas devem ser creditadas no rótulo também.”

Benny e Björn ficaram surpresos e não compartilharam, logo de início, da opinião de Stig. Alguns anos depois Björn revelou: “Benny havia deixado os Hep Stars e eu gostaria de dizer adeus aos Hootenanny Singers também, porque queríamos nos apresentar como Benny & Björn. Quando as fitas foram tocadas e Stig disse que todos os quatro nomes deveriam estar no título, gritei que isso era impossível”. E ainda: “Você não pode chamar um grupo de Björn, Benny, Agnetha e Anni-Frid, fica muito longo. As pessoas não têm tempo para isso”.

“Lancem esse disco, deixem o público se familiarizar com vocês, e não como um show no palco, mas como artistas que gravam. Deixem que o público tenha a palavra para dizer se há futuro para vocês como quarteto”, rebateu Stig. Björn explica: “Era uma situação estranha. As garotas estavam em torno de nós constantemente. Nós quatro saíamos juntos, fazíamos muitas coisas juntos, e não ocorreu a Benny ou a mim pedir-lhes para se juntarem à nossa formação. Por outro lado, isso é bastante compreensível, já que tanto Agnetha como Frida tinham suas próprias carreiras e eram bem-sucedidas. Elas na verdade não precisavam de nós”.

“Então escrevemos *People need love* e pensamos: ‘Vamos fazer isso – nós quatro’”, diz Björn. “Eu tinha uma noção razoavelmente boa de inglês. Não como agora, mas muito boa. Embora as canções naquela época não tivessem de significar nada para mim, além de soar bem.” Com *People need love* na berlinda, os quatro artistas fizeram uma descoberta. “Nós percebemos que as garotas eram as melhores cantoras para o grupo”, completa.

Foram então convidados para competir em 1972 no Festival da Canção do Japão. Agnetha e Frida se juntaram a eles para cantarem *Santa Rosa*. “É uma canção ruim”, diz Benny, com franqueza. “Ela foi originalmente chamada de *Grandpa’s banjo*. Não gosto dela. É uma das que nós não deveríamos ter gravado.”

No começo de 1972, Björn, Agnetha, Benny e Frida se mudaram para Vallentuna, parte norte de Estocolmo. A ideia tinha sido de Agnetha e Björn, que decidiram fazer do local sua nova vizinhança. Benny e Frida gostaram. A casa tinha mais espaço para as crianças dos casais brincarem à vontade. “Eles terão seus próprios quartos e poderão nos visitar com mais frequência. Poderão brincar fora de casa sem que morramos de preocupação com carros”, disse Frida na época.

Benny e Frida queriam passar mais tempo com seus respectivos filhos. Ele diz: “Quando deixei minha família, tinha só 19 anos – pai de dois filhos e integrando o Hep Stars, que estava fazendo sucesso, o que abria um mundo de coisas novas para mim. Não quero justificar minhas ações, minha única defesa é o fato de eu ser muito jovem na época... Sou grato à mãe dos meus filhos, por ela ter feito tudo para que eles pudessem estar comigo sempre que possível”.

Frida também lutava contra o modo com que as pessoas poderiam passar a encará-la, depois de ter deixado seu marido e filhos em Eskilstuna. “O que mais me magoa é o falatório calunioso de que não sou uma boa mãe”, frisa. “Que abandonei meus filhos para viver uma vida de artista, sob os holofotes, uma vida louca regada a champanhe e caviar. Que eu não me importo com o que aconteça com eles, que só penso em mim mesma. Nunca deixo de me surpreender e me entristecer com a facilidade das pessoas em julgar sob circunstâncias a respeito das quais não sabem nada.”

Agnetha se lembra daqueles primeiros dias em Vallentuna com carinho: “Nós nos víamos muito. Os rapazes continuaram compondo e visitávamos as casas uns dos outros, cantando e tocando juntos... Tínhamos a mesma profissão e nosso interesse em comum pela música criou um laço entre nós... Frida e eu, juntas, saíamos muito em Vallentuna”.

A primeira gravidez de Agnetha aconteceu em uma época em que ela e Frida estavam mais próximas que nunca. Quando uma discutia com o marido, ia correndo para a casa da outra, em busca de conselhos e apoio. Agnetha sentia-se confortada pela experiência de Frida

como mãe. Há algum tempo ela vinha tentando ter um filho, mas a gravidez nunca ia adiante. Aliás, esse foi um dos motivos que levaram ao primeiro abalo de seu casamento com Björn. Ela sempre quisera ter um filho, desde pequena. Björn e ela chegaram a cogitar a possibilidade de adotar uma criança, já que Agnetha não conseguia engravidar. Mas decidiram esperar mais um pouco e cuidar de suas respectivas carreiras. Para felicidade de Agnetha, sua gravidez finalmente vingou em 1972, mas ela passou os nove meses extremamente apreensiva.

Dramas pessoais à parte, depois que *People need love* e *He is your brother* andaram pelas paradas suecas em 1972, Björn, Benny e o (às vezes) parceiro de composições da dupla, Stig Anderson, foram convidados a apresentar uma canção para a preliminar sueca do Eurovision Song Contest de 1973.

Foi nessa época que os dois casais do ABBA e Stig compraram propriedades na ilha de Viggsö. Björn e Benny utilizavam a pequena cabana da ilha para compor suas canções. A primeira sessão de composições em Viggsö ocorreu no final de 1972. A dupla tinha recebido um convite para escrever uma entrada para o Melodifestivalen (festival de música da TV sueca). *Ring ring* foi escrita com piano e guitarra no pequeno chalé da ilha. As três famílias aproveitaram ao máximo a beleza e a quietude do lugar, para onde iam sempre nos intervalos de trabalho. A pequena cabana e a propriedade onde Benny e Björn costumavam se refugiar para compor as canções do ABBA foram postas à venda por 7 milhões de coroas suecas no segundo semestre de 2010.

A década de 1970 foi palco de uma movimentada cena alternativa, de revisões e ampliações, e principalmente do desejo de mudar o mundo. O negócio era pregar a compreensão, a harmonia e a igualdade entre as raças. As músicas com mensagens de esperança estavam em alta. Mais que uma moda, eram quase uma obrigação. Apesar de o ABBA nunca ter se envolvido com movimentos políticos nem campanhas pró ou contra isso ou aquilo, as primeiras letras das canções do grupo tiveram essa influência. A letra de *People need love* é clara. Lá estão as palavras *hope* (esperança), *loving* (amar), *fellow* (camarada), *man* (cara) e *harmony* (harmonia), só para citar alguns exemplos bem típicos da época. Leves críticas sociais eram tema recorrente das primeiras composições de Benny. Era também um tema apreciado por compositores de *schlager* como Stig. O compacto de *People need love* foi lançado na Suécia em junho de 1972, com *Merry-go-round* no lado B. Foi a primeira música em que as vozes das garotas eram a característica principal da canção, em vez de simples apoio.

As *schlagers* são baladas folclóricas que permeiam a música sueca como uma subcorrente. Com o tempo, atingiram até as bandas country e os muito comuns *folk parks* do

período pós-guerra. Ao longo dos anos, a música sueca coloriu-se com a música mundial, tendo influências da canção parisiense, da balada britânica, do tango argentino, da *rebetika* grega e até do samba brasileiro. Tanto Cornelis Vreeswijk (1937-1987), um dos mais famosos cantores suecos, como Olle Adolphson (1934-2004) trabalharam com o espírito jocoso das baladas folclóricas e produziram uma música mais cosmopolita. Cornelis popularizou nos anos 1970 a MPB na Suécia, com *Quem te viu, quem te vê*, que Chico Buarque havia composto e gravado em 1966. A versão sueca de Cornelis é muito conhecida por lá até hoje.

.. 5 ..

A + B + B + A

Enquanto Agnetha se preocupava com sua gravidez, a carreira de Frida, que continuava apagada, deu uma leve guinada com o lançamento do compacto de *Min egen stad*.

Mas o Eurovision Song Contest de 1973 se aproximava e o trabalho não podia parar. O festival, mundialmente conhecido e exibido de forma ininterrupta havia cinco décadas, foi chamado de “monumento à bobagem” por um ministro da Cultura francês. Mas seu colega norueguês, Ase Kleveland, era tão entusiasta do evento que chegou até a cantar nele e bancar o apresentador.

O festival começou na segunda metade dos anos 1950, quando a Europa ressurgia das cinzas no período pós-Segunda Guerra e a televisão se expandia. A ideia era que, juntando os minguados recursos da época, programas poderiam ser feitos para ser compartilhados em todo o continente, reduzindo custos e criando um clima de harmonia. A primeira edição, de 1956, foi sediada na Suíça.

A preliminar do festival de 1973 havia causado certa preocupação ao ABBA, já que Agnetha estava no fim da gravidez e o bebê podia nascer a qualquer momento. Por um lado isso ajudaria, pois teria repercussão na mídia. Mas e se Agnetha desse à luz no dia da apresentação? Tomando as devidas precauções, Frida treinou todas as partes solo do vocal feminino da canção, caso sua parceira não pudesse estar presente ao show.

Agnetha conseguiu se apresentar e tudo correu bem. A audiência de Estocolmo foi à loucura com *Ring ring*. O júri oficial, porém, selecionou para o prêmio a dupla Goran Fristorp e Clabbe Af Geijerstam, deixando o quarteto sueco apenas na terceira colocação. Depois do rebuliço do público, descontente com a escolha, as regras do concurso foram alteradas: a partir do ano seguinte, a seleção passou a ocorrer por eleição popular. Apesar do resultado, o festival entrou para a história de Benny, Björn, Agnetha e Frida. Nascia o ABBA.

Ring ring foi lançada em sueco e rapidamente alçou o posto de número 1 do país. O sucesso chegou à Noruega, à Dinamarca e à Finlândia. Stig também fez com que a canção tivesse uma versão em inglês – com a colaboração na letra dos veteranos americanos Neil

Sedaka (de *Stupid cupid*) e Phil Cody –, que se tornou hit nas paradas da Austrália, da Holanda, da Bélgica e da África do Sul.

Entrar no mercado inglês foi mais complicado. Três companhias recusaram Stig até que a Epic, selo da CBS, topasse lançar o compacto. Mas lá *Ring ring* não emplacou nas rádios.

Ring ring foi a primeira música do ABBA – que ainda não se chamava ABBA – a ser lançada no Brasil. A RCA trouxe o compacto com *Ring ring* e *Rock 'n' roll band* em 1973. É um dos compactos mais raros do grupo lançados no Brasil, pelo fato de ter sido a única vez que o lado B (*Rock 'n' roll band*) apareceu em um lançamento brasileiro.

Em 23 de fevereiro de 1973, a filha de Agnetha e Björn, Elin Linda Ulvaeus, nasceu. "O nascimento de Linda foi um marco na minha vida", relata Agnetha. "Todo o sucesso que nós estávamos alcançando com o ABBA era insignificante diante das minhas experiências com Linda. Eu estava extremamente orgulhosa. Nunca me tornarei uma grande mãe quando se tratar de limpeza e coisas desse tipo, mas quero viver para Linda, farei qualquer coisa por ela."

Depois de *Ring ring*, os quatro lançaram um novo compacto de *Love isn't easy*, e novamente não havia ABBA no título, e sim Björn, Benny, Agnetha e Anni-Frid. "Acredito que eu tinha provado estar no caminho certo com os quatro", afirma Stig. "Eu mantive a minha promessa. Mas esses quatro nomes estavam começando a se tornar um problema. Muito tempo já havia se passado e isso tinha de ser corrigido." Quando Stig falava ou escrevia sobre os quatro na Polar Music, sempre falava e escrevia A-B-B-A. As iniciais dos quatro.

Nessa época, a mídia também se cansou de se referir ao grupo através de seus longos e incômodos nomes. Foi então que alguém pensou em reduzi-los para as iniciais dos nomes dos membros. Ao que tudo indica, quem teve a feliz ideia de dar um nome mais simples ao conjunto foi Stig, por meio de pesquisas com a imprensa. É claro, ele poderia ter chamado o quarteto de BABA ou BAAB. Ou até mesmo FAAB, se tivesse usado a forma reduzida do nome de Anni-Frid. Mas o *feeling* de Stig falou mais alto e ele acertou em cheio ao batizar o quarteto de ABBA, um nome mais sonoro, curto, impactante e facilmente memorizável.

Em fevereiro de 1973, o jornal de Gotemburgo *Göteborgs Tidningen* lançou um concurso para achar um nome para Agnetha, Benny, Björn e Anni-Frid. "Queremos um bom nome, um que possa funcionar em escala internacional: um nome que soe correto no maior número de idiomas possível", disse o grupo. No fim de março saiu o resultado. Centenas e centenas de cartas tinham sido enviadas. O grupo gostou de três sugestões: Alibabba, Friends & Neighbours e Baba. Mas nenhuma decisão final foi tomada. Curiosamente, o nome ABBA não apareceu na competição. Mas a sugestão de Stig acabou prevalecendo: ABBA.

Houve só um probleminha. "Foi um pouco confuso porque havia na Suécia uma fábrica

de peixe enlatado que se chamava ABBA", explica Agnetha. "Quando decidimos nos chamar de A-B-B-A, tivemos de pedir permissão a eles. A fábrica disse: 'OK, contanto que vocês não nos envergonhem com o que vão fazer'. Acho que fizemos um bom trabalho", sorri.

Com o Eurovision de 1974 se aproximando, o grupo decidiu competir uma vez mais pelo direito de representar a Suécia. "É preciso entender uma coisa sobre o Eurovision Song Contest", ressalta Björn. "Naquela época, aquele era o único meio de alcançar as fronteiras além da Suécia. Porque não havia como alguém na Inglaterra ou na América ouvir qualquer coisa vinda desse país tão fechado e desconhecido. Você podia enviar suas fitas já sabendo que eles as jogariam fora imediatamente. Então, a única chance era entrar no Eurovision."

.. 6 ..

A derrota que trouxe a vitória

Benny e Björn estavam muito confiantes de que, desta vez, ganhariam o festival. “Nós tínhamos de escolher entre duas canções: *Hasta mañana* e *Waterloo*”, conta Björn. “*Hasta mañana* era a canção mais típica do Eurovision, porém nós acabamos ficando com *Waterloo* por ser uma música mais divertida de apresentar.”

Classificados na preliminar, arrumaram suas malas para a final do festival, em Brighton, famosa cidade litorânea inglesa conhecida como a “cúpula do prazer”. Os integrantes do ABBA tinham lá suas superstições. Agnetha havia ganho de um fã um burrinho de pelúcia e, embora o brinquedo fosse muito grande, ela insistiu em carregá-lo até a Inglaterra. Frida também fez questão de usar um chapéu grande o tempo todo – menos na cama, como certos comediantes sugeriram –, e Björn mandou fazer uma guitarra especial, em forma de estrela, que funcionava não apenas como talismã, mas também dava um toque extra ao visual na apresentação do grupo.

Stig, responsável pela escolha do título da canção que entraria no festival, sabia que o nome tinha de ser claro, facilmente pronunciado e entendido pelas pessoas que não falavam inglês. Cogitou *Honey pie*, mas por alguma razão o nome não lhe pareceu adequado e, depois de pensar mais, apareceu com o título *Waterloo*.

Além da parte musical, cabia a Stig os cuidados com os efeitos visuais também. “Você só tem três minutos”, explica Stig. “Nesses três minutos isso tem de acontecer. A música tem de funcionar. O grupo tem de ser bom. A apresentação tem de ser impecável. Em três minutos, você tem de impressionar milhões e milhões de telespectadores. Não é uma tarefa fácil.”

Brighton estava fechada para quem não tivesse nada a ver com o concurso. Policiais atentos mantinham estreita vigilância sobre as pessoas. Havia segurança especial e rigorosa para membros de grupos de Israel, Grécia e Irlanda. O medo de um ataque terrorista de membros do IRA permeou o festival. “Você não podia mover um músculo sem que um agente de segurança verificasse o seu passaporte ou o revistasse”, lembra Frida. “Era lamentável. Especialmente em Brighton, uma cidade tão encantadora, romântica e tranquila.”

A noite de 6 de abril de 1974 reservou uma vitória esmagadora ao ABBA. O quarteto, enfim, tinha o primeiro lugar no Eurovision Song Contest. “No palco, eu não pensava em mais nada a não ser nos 500 milhões de telespectadores”, afirma Björn. “Os mais estranhos pensamentos passam pela sua cabeça. Você sente como se algo terrível estivesse para acontecer... esquecer a letra ou tropeçar. Olhamos uns para os outros e naquele momento decidi que nunca mais iria me apresentar sozinho. Durante a competição, na final e naquele momento, amei Agnetha, Frida e Benny. Sentimos que precisávamos uns dos outros e que estávamos nos dando apoio também. Esse foi o melhor momento da minha carreira no ABBA, a união, o apoio, a ajuda. Quando as primeiras notas foram tocadas, sentimos por intuição: isso é bom, não foi em vão. Depois de ‘My, my, at Waterloo Napoleon did surrender’, o nervosismo tinha desaparecido também. Cantamos e tocamos como nunca fizemos antes. O maestro, com seus trajes de Napoleão, virou-se um pouco e piscou para mim, e esse foi o último empurrão que precisávamos para dar tudo o que tínhamos.”

Mas é importante lembrar que não é à toa que há quem chame o Eurovision de “bobagem”. Tradicionalmente, este não é um prêmio que dê fama e reconhecimento a seus ganhadores. O show atinge hoje 300 milhões de telespectadores em toda a Europa, mas o programa é encarado apenas como diversão – pouco levado a sério. Afinal, para impressionar público e júri, as canções em geral têm melodias superficiais e letras bobinhas. O fato de envolver tantos países – daquela edição participaram 17 –, com tantas línguas diferentes, também permite mais “la-la-lás” que o aceitável. “Eu não esperava que fôssemos ganhar”, completa Frida. “Você nunca acha que vai vencer uma competição, pelo menos não uma como aquela.”

“Nós tínhamos muito mais medo da concorrente holandesa”, diz Björn sobre *I see a star*, de Mouth & MacNeal, o terceiro e último finalista. “Achávamos que aquela canção era verdadeiramente perigosa.” E prossegue: “Eu acreditava que os juízes seriam mais inclinados pela Holanda que pela Suécia. Achei que eles eram os melhores! Aconteceu outro momento maravilhoso, quando Mouth & MacNeal vieram até nós e nos parabenizaram espontaneamente. Eles achavam que a melhor música e o melhor grupo haviam vencido. Foi muito generoso da parte deles”.

A canção do ABBA comparava um romance com a derrota de Napoleão na famosa batalha histórica de Waterloo, e encantou o júri internacional e os 500 milhões de telespectadores, especialmente porque o grupo estava acompanhado de uma orquestra cujo maestro, Sven-Olof Waldoff, usava o instantaneamente reconhecível chapéu de Napoleão. O ABBA tornava-se o primeiro representante da Suécia a ganhar o Eurovision.

Foi de Stig a sacada de que o maestro se fantasiasse de Napoleão. O apelo foi grande, já que, com trajes sóbrios, os maestros geralmente parecem todos iguais. Já o quarteto foi vestido com roupas brilhantes de seda, bordadas, coloridas e escandalosas.

A lembrança mais forte que Björn tem do evento foi a de estar acima de seu peso na época. “Quando fomos de ônibus para o Dome Theatre, em Brighton, não pude me sentar na minha cadeira. Tive de ficar metade em pé porque minhas calças eram apertadas demais.” E ele nunca esquecerá o que lhe aconteceu quando *Waterloo* ficou em primeiro. “Quando você ganha, eles pedem para os compositores subirem ao palco”, diz Björn. “Havia um homem que ficava em frente à escada, encarregado de olhar essas coisas. Benny e Stig subiram ao palco, mas aí ele me barrou. Eu estava com roupa de show e ele achou que eu não tinha entendido que era somente para os compositores.” Quando conseguiu subir e viu toda aquela multidão, ele se tocou de que seu mundo havia mudado.

Um futuro brilhante começava a surgir para os quatro. Subitamente tiveram todo o tipo de trabalho promocional para completar o evento. Em poucas semanas *Waterloo* atingiu o número 1 em seis países. “Foi pura euforia, porque podíamos ver o mundo a nossos pés”, conta Björn. Assim que o ABBA se tornou o queridinho da mídia, houve um turbilhão de atividades nas 24 horas seguintes. “Já tínhamos visto o que acontecera aos demais vencedores dos Eurovision anteriores”, explica Björn. “Mas vivenciar aquilo... ser levado para Londres em um Rolls-Royce, diretamente para o *Top of the pops* [popular programa musical da TV inglesa], era um sonho que se realizava. Aparecemos no mesmo lugar em que os Beatles tinham aparecido.”

“Na minha vida inteira nunca vi tantos fotógrafos juntos”, lembra Frida. “Nós conseguimos da noite para o dia o que estávamos trabalhando para conseguir havia mais de um ano, para que os outros países percebessem que nós existíamos, uma banda da Suécia escrevendo canções em inglês e tentando fazer música pop”, completa Benny.

Representante do país anfitrião, Olivia Newton-John apareceu nos jornais britânicos do dia seguinte ao festival jurando jamais participar novamente de um Eurovision. Os tabloides não perdoaram: afirmavam que ela havia ido embora em lágrimas após a derrota para os suecos. “Não, eu não saí correndo e com certeza não estava em prantos”, desmentiu Olivia. “Na verdade, não gostei da música que cantei e o ABBA mereceu ganhar. A única parte verdadeira dessa história é que não participarei mais do festival. Só saí normalmente e fui para casa, foi tudo o que aconteceu.”

Na comemoração dos cinquenta anos do Eurovision, em 2005, *Waterloo* foi eleita a melhor canção da história do concurso pelo público europeu e pelos organizadores do evento. O segundo lugar ficou com o italiano Domenico Modugno por *Nel blu, di pinto di blu* (mais

conhecida como *Volare*), de 1958. As três outras canções selecionadas como melhores de todo o festival, por ordem de colocação, foram: *Hold me now*, de Johnny Logan (Irlanda, 1987), *My number one*, de Helena Paparizou (Grécia, 2005), e *Save your kisses for me*, do grupo Brotherhood of Man (Inglaterra, 1976), que copiava descaradamente o ABBA em tudo (formação, canções, visual, estilo etc.).

Em retrospecto, o ABBA é o exemplo de banda de sucesso que veio da obscuridade diretamente para o mundo da fama, graças a uma vitória no Eurovision. Aliás, um exemplo único, com a má fama que o programa tem. Muitos outros, antes e depois, tiveram seu momento de auge e desapareceram rapidamente. Até mesmo quando *Waterloo* ficou no topo das paradas inglesas, alguns profetizaram que o ABBA teria o mesmo destino dos anteriores: o limbo do esquecimento. “As pessoas já tinham decidido que este seria o maravilhoso sucesso único do Eurovision”, diz Björn. “No fundo nós sabíamos – e ninguém mais – que havíamos chegado para ficar. Sabíamos o potencial que tínhamos como cantores e compositores.”

A maior parte do álbum “Waterloo” foi gravada com apenas cinco músicos, além das garotas: Benny nos vários tipos de teclado, Björn na guitarra acústica, Janne Schaffer na guitarra elétrica, Rutger Gunnarsson no baixo, e Ola Brunkert na bateria. Essa mesma equipe permaneceu fiel ao ABBA durante praticamente toda a carreira do grupo.

Houve outro sucesso imediato que pegou o grupo de surpresa. *Waterloo*, lançada pela Atlantic Records nos Estados Unidos, chegou ocupar o sexto lugar na lista Top 10 da *Billboard* – um privilégio, já que a revista é considerada a bíblia americana da música.

O país nem sequer tinha notado os lançamentos pré-Eurovision do conjunto, pelo selo da Playboy, de Hugh Hefner (o dono da revista homônima). “Nós tínhamos sido avisados de que a América era diferente do restante do mundo em se tratando da sua estrutura de mídia”, diz Björn. “Os grupos que faziam sucesso nos Estados Unidos passavam a maior parte do tempo lá. Eles faziam turnês e iam para todas as estações de rádio, enquanto na Europa você só tinha de aparecer em um programinha de TV de cada país.” Mas encarar uma turnê americana estava fora de cogitação. “Agnetha e eu tínhamos uma filhinha e não queríamos deixá-la largada. Não estávamos preparados para uma viagem tão demorada e grande. *Waterloo* era sem dúvida um enorme sucesso, mas nós éramos um grupo anônimo para os americanos. Tentamos nos mostrar nos programas do Merv Griffin e da Dinah Shore, coisas desse tipo.”

Dinah foi uma estrela da música e do cinema americano dos anos 1940 e 1950, e na década de 1970 tinha seu próprio *talk show* na TV, *Dinah!*, um dos primeiros programas do gênero. Merv Griffin era uma espécie de Silvio Santos dos Estados Unidos. Empresário, cantor e apresentador, tanto seu *talk show* como outros programas que ele criava, como o *Wheel of*

fortune (Roda da fortuna) eram muito populares entre os americanos.

No dia 17 de maio de 1974 saiu oficialmente o LP “Waterloo”, primeiro álbum do ABBA a ser lançado na Grã-Bretanha e na América. Esse disco marca a última vez que o grupo gravou e produziu canções em sueco e em inglês simultaneamente, como *Waterloo* e *Honey honey*, por exemplo. Como Benny disse alguns anos depois: “Por que deveríamos nos preocupar em ainda gravar as canções em sueco? Todo mundo compra nossos discos em inglês, mesmo na Suécia.”.

.. 7 ..

Mandando um *S.O.S.*

No domingo, dia 7 de novembro de 1974, o quarteto embarcou em sua primeira grande turnê, que teve início no Falkonerteater, Copenhague, capital da Dinamarca. Nos 13 dias que se seguiram, visitaram a Alemanha, a Áustria e a Suíça. Um desastre atrás do outro. “Fazer uma turnê daquele tamanho era uma experiência fascinante, claro, porque era algo totalmente inédito para um artista ou grupo da Suécia. Mas ainda era cedo demais para o ABBA se aventurar assim”, diz Hansi Schwarz, ex-membro do Hootenanny Singers. “Eles se apressaram em cair na estrada. Tanto em Munique como em Hamburgo me lembro de ter distribuído ingressos de graça para tentar encher os locais um pouco mais.”

O fracasso foi tamanho que o grupo retornou à Suécia, em 1o de dezembro, aliviado, com uma semana de folga para curtir a família e descansar. No dia 8, os quatro deveriam voltar à Inglaterra para cumprir uma agenda de cinco shows. Mas então se deram conta de que a viagem não valeria a pena: o custo para levar o equipamento seria caríssimo e, considerando que eles não tinham conquistado ainda os fãs ingleses, tudo caminhava para mais um fracasso de público; a venda de ingressos não pagaria o show.

O momento era ruim. O ABBA não ganhava dinheiro. Pelo contrário: colecionava dívidas.

A volta por cima viria em 1975. Em janeiro, o grupo começou a se apresentar na Suécia e na Noruega. Ali, perto de casa, o sucesso era retumbante. Os ingressos para todos os shows esgotavam. Essa turnê voltou a deixar os cofres em dia. Estava provado que eles já tinham conquistado a Escandinávia. Faltava ganhar o resto do mundo.

PARA O MUNDO

O terceiro álbum gravado pelo quarteto, antes conhecido como “Björn, Benny, Agnetha & Frida”, foi simplesmente intitulado “ABBA”. As gravações haviam começado no final de agosto de 1974, com as primeiras sessões voltadas para *So long*, *Man in the middle* e *S.O.S.* O

disco continha 11 canções e o lançamento foi marcado para maio do ano seguinte. “ABBA” foi gravado no Glenstudio e no Metronome Studio, em Estocolmo.

Durante esse tempo, Agnetha também gravou e lançou seu sexto álbum solo em sueco, “Elva kvinnor i ett hus” (Onze mulheres em uma casa), cujas canções tinham sido coescritas por ela e por Bosse Carlgren, exceto *S.O.S.*, composta por Björn. Carlgren era um prolífico compositor sueco já familiarizado com o *showbiz* local. O disco trazia ainda a versão sueca de *S.O.*S., composta por Benny, Stig e Björn – ela aparecia no disco por exigência da gravadora de Agnetha, a Cupol.

“Foi uma grande alegria eu ter visado uma coisa e depois tê-la realizado por mim mesma”, disse Agnetha na época do lançamento de “Elva kvinnor i ett hus”. “Quando houver a dissolução do ABBA, quem sabe, eu até possa me imaginar produzindo outros artistas... Mas creio que o ABBA ainda continue indefinidamente, enquanto Björn e Benny continuarem a compor.”

Nesse mesmo período, Frida também estava trabalhando em um álbum solo, intitulado “Frida ensam” (Frida sozinha), com Benny como produtor. Porém, o LP de Frida seria lançado só no início de 1976, pouco após o de Agnetha. Uma faixa desse álbum, *Fernando*, tinha sido composta por Björn e Benny. O disco de Frida trazia em sua maioria versões suecas de canções recentemente consagradas, dentre elas o sucesso de David Bowie de 1972, *Life on mars?*, regravado por Frida como *Liv på mars?* e *Vill du låna en man* (versão de *The most beautiful girl*, de Charlie Rich), além de hits anteriores como *Wouldn’t it be nice*, dos Beach Boys, regravada por Frida como *Skulle de’ va’ skönt*.

O álbum tornou-se um grande sucesso na Suécia, vendendo mais de 100 mil cópias. Mas, na esteira do êxito, veio o temor: Frida iria deixar o ABBA agora? Os convites para apresentações solo vieram, mas Stig pôs fim a tudo explicando: “Frida queria realizar um sonho antigo, ela conseguiu. Ótimo para ela e para todos que compraram o álbum, mas Frida não se apresentará por conta própria em programas de televisão ou em shows. Ela é muito importante para o grupo”.

“No início fiquei desapontada com o veto de Stig, mas depois entendi. Ele quer nos impedir de crescer separadamente, para evitar que o público fique confuso com o que está acontecendo com o ABBA”, confessou a artista na época. Um dos quesitos do contrato do grupo com Stig é que ele podia impedir certas mudanças em suas carreiras sempre que sentisse que pudessem prejudicar o grupo.

Tanto *S.O.S.* (no álbum de Agnetha) como *Fernando* (no álbum de Frida) foram estratégias de marketing bem planejadas. *S.O.S.* estava fazendo tremendo sucesso com o

ABBA, assim como *Fernando* começaria a fazer pouco depois do lançamento de “Frida ensam”. Ambas as canções serviram como carro-chefe para os álbuns solo das garotas.

As sessões de gravação do LP “ABBA” seguiram regularmente até março de 1975, quando os toques finais foram feitos para a conclusão de *Mamma mia* e *Bang-a-boomerang*, e o álbum já estava praticamente pronto para o lançamento, que aconteceu em 7 de junho de 1975.

Na Austrália, por exemplo, as vendas iniciais de “ABBA” foram lentas, mas após uma apresentação do videoclipe *Mamma mia*, no popular programa de TV *Countdown*, as demandas da RCA aumentaram consideravelmente (*Mamma mia* estaria no próximo compacto do ABBA). Foi aí que o grupo levantou voo para a fama. A canção foi direto para a primeira posição das paradas australianas, puxando o compacto anterior, que trazia *I do, I do, I do, I do, I do*, para o Top 10. O lançamento de *S.O.S.* em compacto consolidou o crescimento e a popularidade do ABBA, que a partir daí iniciaria uma escalada que o tornou o mais famoso e popular grupo na Austrália ao longo de 1976 e 1977.

Por outro lado, na Inglaterra o fracasso persistia. Uma versão remixada de *Ring ring* foi lançada e conseguiu um decepcionante número 32 nas paradas. Seu próximo compacto, com *So long*, nem sequer entrou no *ranking*. Para piorar, a canção *I do, I do, I do, I do, I do* também fracassou, ficando em 38o lugar. Curiosamente, essa música fez muito sucesso em outros países. “Essa canção é tão ruim que chega a doer”, afirmavam os críticos britânicos.

Nesse momento teve início um dos mais inacreditáveis êxitos da história da música pop. A canção *S.O.S.* foi a primeira dos 18 compactos consecutivos do grupo que entrariam para o Top 10 inglês, entre setembro de 1975 e janeiro de 1982. Somente Rolling Stones, Elvis Presley, Beatles, Cliff Richard e Madonna apareceram tanto entre os “dez mais”. “Se um disco nosso se torna sucesso na Inglaterra, sabemos que é porque fizemos um bom trabalho. O público inglês é o mais crítico do mundo, em termos de rock, e você tem de estar constantemente se superando”, afirma Björn. Nos Estados Unidos, a música entrou para o Top 20.

Enquanto isso, na Suécia, o ABBA continuava o maioral. Nunca antes um álbum tinha atraído encomendas adiantadas de 150 mil cópias. A cada vinte pessoas no país, uma tinha comprado o disco. Uma extraordinária estatística.

“*Waterloo* foi uma coisa, mas aí aquilo realmente começou a acontecer com *S.O.S.* e *Mamma mia*, e nós nos recuperamos daquela queda que tivemos na Inglaterra e voltamos com nossa vingança”, comenta Björn, que se lembra da enxurrada de correspondência vinda de todos os cantos do mundo com a notícia desse compacto indo para o número 1 aqui, daquele

compacto indo para o número 1 ali. “Nós tínhamos nos tornado verdadeiramente internacionais.”

O compacto de *Mamma mia*, que veio em seguida ao de *S.O.S.*, foi definitivo para a consolidação do sucesso na Austrália. Os australianos estavam apaixonados pelo ABBA. Com ambos os LPs “Waterloo” e “ABBA” vendendo o bastante para entrarem na lista de sucessos, o grupo estava a ponto de explodir, e foi exatamente o que aconteceu.

.. 8 ..

Turbulências

Na metade dos anos 1970, o ABBA conseguiu outra façanha: sua música conseguiu penetrar a Cortina de Ferro – a política de isolamento estabelecida pela União Soviética após a Segunda Guerra Mundial nos países da Europa Oriental. O pop do ABBA era o principal símbolo ocidental a que os jovens da Alemanha Oriental tinham acesso.

O carisma internacional era tanto que, quando um político polonês visitou a Suécia, os jornais da Polônia – que integrava a Cortina de Ferro – mencionavam que se tratava do país do ABBA, dando inclusive o endereço do fã-clube do conjunto.

Na contramão desse alcance global, o ABBA começava a ser criticado impiedosamente pelos seus compatriotas. Nessa época, a Suécia viveu uma onda chamada de Movimento de Música Anticomercial, de ambiciosas manifestações políticas, que pregava a necessidade de letras progressistas e melodia folclórica. “Nos anos 1970, a indústria musical sueca era mais ou menos dividida em duas partes: ‘de entretenimento’ e ‘progressiva’. O ABBA era o representante mais famoso da primeira, lógico. A corrente progressiva, na Suécia, era formada pelos manifestantes de esquerda. Havia ainda uma divisão entre os discos ‘comerciais’ do ABBA (‘produzidos’ para serem ‘vendidos’) e a música ‘não comercial’, que no clima cultural daquela época se tornou sinônimo de ‘bom’ e ‘ruim’, respectivamente”, contextualiza o sueco Carl Magnus Palm, biógrafo oficial do grupo.

O fato de o ABBA vender muitos discos era encarado como uma espécie de traição por parte dos suecos. “Fomos muito criticados”, lamenta Frida. “Especialmente aqui na Suécia nos anos 1970, onde havia um movimento esquerdista com muita influência na indústria musical. Fomos severamente criticados por vender muitos discos, fazer muito dinheiro e tudo o mais. Temos uma espécie de sentimento de amor e ódio pela mídia sueca.”

O movimento era capitaneado pela banda Hoola Bandoola, cujo legado foi subsequentemente alimentado pelos líderes do conjunto, Mikael Wiehe e Björn Afzelius. O maior expoente dessa fase, no entanto, foi Ulf Lundell, espécie de Bob Dylan sueco. Com o passar dos anos, o rebelde em Lundell moderou-se e o cantor chegou a gravar um dueto com

Agnetha, *Snön faller och vi med den* (A neve cai e nós também), em 1978. Sua música *Öppna landskap* (Paisagens abertas), de 1986, quase se transformou em um hino nacional no país.

Os esquerdistas do movimento taxavam o ABBA de superficial e capitalista e diziam que sua música era alienante. Sobre esse repúdio que o ABBA passou a sofrer na Suécia naquela época, Michael Tretow, engenheiro de som do grupo, conta: "Ficaram bravos com o ABBA por ganhar dinheiro, usando aquelas roupas escandalosas. O rádio, por exemplo, recusou-se a tocar os discos do ABBA. Tudo bem conosco, porque as pessoas adoravam os discos do ABBA e a única maneira de ouvi-los era comprando-os. Deu muito certo". A situação chegou a tal ponto que alguns dos músicos da banda do ABBA – principalmente o guitarrista Janne Schaffer e o saxofonista Ulf Andersson – foram impedidos de fazer reserva para apresentações ao vivo em determinados locais por causa de sua ligação com o conjunto.

"Não fazia sentido revidar", comenta Frida. "Era melhor nos concentrarmos no que fazíamos... gravar música." Björn se defendeu, na época: "Não é fácil ser tão popular como somos em vários países ao mesmo tempo. Realmente não entendo essas críticas. Tudo bem, podem dizer que produzimos música sem uma mensagem real. Podem dizer que nossas letras são, de alguma forma, superficiais. Mas não somos mensageiros de nada. Nossa mensagem mais importante é trazer alguma alegria para um mundo já tão cheio de sofrimento. Isso nós fazemos muito bem. Nossos fãs são pessoas alegres. Alguém nos escreveu uma vez: 'Sempre que me sinto pra baixo, toco seus discos e me sinto feliz de novo'. Uma carta assim significa muito para mim. Transmite calor humano e nos incentiva a continuar seguindo a direção que escolhemos".

"As pessoas não toleram o fato de estarmos ganhando muito dinheiro", declarou Agnetha na ocasião. "Mas parece que elas se esquecem de que temos de pagar 80% de impostos. Mesmo assim, o que há de errado em ganhar dinheiro? Isso é bom, não é? E como Björn já disse, as pessoas se esquecem de que temos de trabalhar muito para nos mantermos onde estamos. Durante anos, só comprávamos sanduíches porque não tínhamos dinheiro para mais. Às vezes não tínhamos nem para os sanduíches."

Havia outro argumento no mínimo curioso utilizado por detratores naquele tempo. O auge era o rock, então se o grupo não queria se alinhar às melodias folclóricas e letras progressistas, mais absurdo ainda era ser pop. O ABBA tinha casais cheios de boas maneiras e usava roupas coloridas e alegres, totalmente contrário ao estereótipo do rock: jeans desbotados, uso de drogas e rebeldia. "Era a época do punk rock e o ABBA deveria ser decapitado", afirmou Bono Vox, vocalista do U2, em 1999. "Eu provavelmente seguraria o machado. Eles não faziam música de rapaz, e sim de moça. Isso já bastava para que ignorássemos o que acabou sendo um

dos maiores grupos pop de todos os tempos. Mas a música do ABBA tem uma alegria pura, e é isso que o torna tão extraordinário.” O ABBA não parecia suficientemente real. Não à toa, Benny desabafou em 1980: “Não somos julgados pelo que fazemos, e sim pelo que representamos”.

Para Benny, a principal razão para todas as críticas que o ABBA estava recebendo era simples: “Ciúme, só pode ser isso. As pessoas são solidárias a você enquanto as coisas não vão muito bem. Mas, assim que você começa a fazer sucesso, ficam enciumadas e começam a criar todo tipo de histórias esquisitas sobre você”.

FENÔMENO

Contra os críticos, os integrantes do ABBA se apegaram ao sucesso comercial do conjunto. Afinal, era um grupo que, no curto espaço de dois anos e meio, tinha vendido mais discos do que qualquer outro desde os Beatles. Era um grupo que havia colocado cinco discos em primeiro lugar em um ano nas paradas inglesas – o país do pop na Europa. Era um grupo que fez com que a indústria fonográfica estatal da Polônia comunista gastasse seu orçamento inteiro com seus discos, sem conseguir suprir a demanda. Era um grupo que recebeu 3,5 milhões de encomendas de ingressos para dois shows no gigantesco Royal Albert Hall de Londres.

Mas por que o ABBA agradava tanta gente de países tão diferentes? Hoje, nem mesmo os membros do conjunto são capazes de especular. Björn arrisca: “Outros grupos tinham bons cantores, boas músicas, boa produção, mas, levando em consideração a bagagem que Benny e eu já tínhamos como compositores, talvez tivéssemos um domínio maior. Porque havia a influência da América Latina, da Alemanha, da Itália, da Inglaterra, dos Estados Unidos, tudo isso. Acho que éramos um pouco exóticos em cada território e bem aceitáveis, por assim dizer. Também nos apoiávamos no que achávamos ser as melodias de impacto. Mas realmente não sei a resposta. Ninguém sabe, eu acho”.

A resposta pode ser os talentos de Björn e Benny para escrever canções dinâmicas e facilmente memorizáveis. Ou as vozes sedutoras e intensas de Agnetha e Frida. “Nosso segredo – se é que nós temos um – é ser completamente impiedosos com o material que compomos. Se Stig, Björn ou eu não gostamos de algum aspecto de determinada canção que criamos, jogamos fora imediatamente”, afirmou Benny certa vez.

“O ABBA é visto como uma lenda viva na Suécia”, define o biógrafo Palm. “O grupo sempre teve um público cativo enorme em seu país natal. A diferença era o clima cultural de determinadas partes da mídia. Se você queria ser *cool* e ter o gosto musical certo, não podia

gostar do ABBA naquela época. Hoje em dia, no entanto, pouquíssimas pessoas pensam assim. A mudança, da forma como eu vejo, se deve ao fato de que as pessoas atualmente estão menos neuróticas com suas preferências musicais: elas gostam do que gostam e pronto. O ABBA não simboliza mais o comercialismo crasso que simbolizava nos anos 1970. Hoje ele representa sua música, nada mais, nada menos."

.. 9 ..

1976

Em setembro de 1975 o ABBA fez uma extensa turnê promocional pelos Estados Unidos. A viagem estava marcada para duas semanas antes, mas Agnetha não queria deixar sua filha por um longo período. Linda acompanhou os pais à América. No fim de 1975, após o lançamento do álbum solo de Agnetha, “Elva kvinnor i ett hus”, seu contrato com a CBS-Cupol Records finalmente terminou. A Polar Music não precisaria mais pagar nenhuma porcentagem à CBS-Cupol para usar Agnetha.

Uma coletânea intitulada “The best of ABBA” foi lançada exclusivamente na Austrália, em novembro, e vendeu mais de 850 mil cópias. Isso em um país de somente 14 milhões de habitantes. A ABBAmania na Austrália estava acontecendo.

No fim do ano, entretanto, um susto: Agnetha teve problemas de garganta. Descobriu que era amigdalite e precisou remover as amígdalas. “Eu estava muito preocupada com isso e em um estado desses a gente trabalha mal. Eu tinha uma narcose local e pude acompanhar todo o tratamento”, recorda-se. O problema de saúde fez com que ela decidisse parar de fumar – o que só conseguiria definitivamente oito anos depois.

“Mais tarde me arrependi de ter ido adiante com a operação. Sentia-me horrível e mal podia falar, muito menos cantar. Seriam necessárias algumas semanas antes que eu pudesse proferir algumas palavras. Fiquei realmente com medo de ter perdido a minha voz”, lembra ela. “Cuidadosamente comecei a falar de novo e, após algumas semanas, chegou a hora do teste final: cantar”. Para tranquilidade geral, Agnetha foi levada ao estúdio e cantou como um pássaro. Sua voz estava melhor que nunca.

O ano de 1976 trouxe um sucesso substancial para o ABBA na Inglaterra. *Mamma mia* bateu *Bohemian rhapsody*, do Queen, e o quarteto foi convidado a apresentar a música no *Top of the pops*. O popular programa da televisão inglesa utilizava sua própria orquestra. Benny e Björn não gostaram muito da ideia e trouxeram três de seus músicos auxiliares da Suécia. Mas não ficaram contentes com o resultado final.

Isso fez com que eles pensassem em uma alternativa para divulgar suas músicas na TV: o

ABBA está assim entre os pioneiros do videoclipe − passou a gravar suas canções em vídeo e enviá-las para várias partes do mundo. Como efeito colateral – que eles acharam ótimo –, essa prática eliminava a necessidade de muitas viagens ao exterior. Eles ganhavam mais tempo para trabalhar em estúdio.

Em março de 1976, o ABBA lançou o compacto “Fernando” e, durante aquele mês, fez uma turnê promocional na Austrália. Em menos de um ano estaria de volta àquele país para uma grande série de apresentações. O grupo foi muito bem recebido lá e fez um show para a televisão que teve audiência maior que a chegada do homem à Lua, em 1969.

Com duração de 4 minutos e 15 segundos, *Fernando* era a canção mais longa do ABBA gravada até então, e os críticos comentaram sobre o amadurecimento da música e o progresso do quarteto desde seus primeiros hits, que seguiam uma linha mais pop rock.

Nessa visita à Austrália de 1976, o grupo apresentou o novo compacto “Fernando” no especial de televisão de 45 minutos *The best of ABBA* (conhecido como *ABBA in Australia*). *Fernando* também foi cantada no famoso programa australiano do horário nobre, *Don Lane show*, e o videoclipe foi mostrado pela primeira vez quando o grupo foi entrevistado para o programa *A current affair*.

Naquele ano foi lançado o álbum “ABBA – Greatest hits”, uma coletânea que incluía canções pouco conhecidas e sucessos recentes. “Greatest hits” ficou mais tempo nas paradas inglesas que qualquer outro disco do ABBA – o inacreditável período de 130 semanas (dois anos e meio), sendo que em 11 dessas semanas ocupou o primeiro lugar – e vendeu mais de 3 milhões de cópias. Parecia que 1976 começava a tomar a forma do que seriam os sonhos de Stig em relação ao ABBA dominando o mundo da música pop.

Até aquele momento, simplesmente 13 gravações de sucesso do grupo alcançaram o Top 5 britânico. Os maiores daqueles 13 sucessos permanecem instantaneamente reconhecíveis, especialmente *Dancing queen*, faixa do álbum “Arrival”, que o ABBA apresentou na recepção da festa de comemoração do casamento do rei da Suécia, Carl Gustaf XVI, com Silvia Sommerlath.

Nascida em Heidelberg, na Alemanha, Silvia é filha do empresário alemão Walther Sommerlath e da brasileira Alice Soares de Toledo. Entre 1947 e 1957 (dos 4 aos 14 anos de Silvia), a família Sommerlath morou no Brasil, em São Paulo. Após esse tempo, voltou então para a Alemanha, onde Silvia e Carl se conheceram durante as Olimpíadas de 1972, em Munique. Carl se tornaria rei da Suécia em 1973. Silvia trabalhava como intérprete e era a chefe das recepcionistas da COI (Comissão Olímpica Internacional). Foi em um dos intervalos das competições que os dois se conheceram.

O dia 18 de junho de 1976 certamente foi muito especial para Silvia e Carl. Mas a data do casamento deles também foi incrivelmente marcante para o ABBA.

Uma festa de gala foi oferecida aos recém-casados, na qual artistas de toda a Suécia se apresentaram para a nova rainha. O ABBA foi o único grupo pop convidado a participar. Cantaram vestidos a caráter, com roupas típicas dos habitantes da corte dos séculos anteriores. No entanto, por mais que o nome *Dancing queen* signifique "rainha dançante", a música não tinha sido escrita para o evento. Seu lançamento já estava previsto seis meses antes.

A música foi divulgada em algumas partes do mundo muito antes de ser apresentada na festa de casamento real, e também antes de seu lançamento em compacto. No fim de janeiro de 1976, o ABBA gravou um especial de televisão na Alemanha para o popular programa *Musikladen*, em que *Dancing queen* foi uma das músicas apresentadas. Em março, na visita à Austrália, o grupo gravou uma segunda performance da canção, incluída no *ABBA in Australia*. A primeira apresentação pública foi, de fato, no dia 18 de junho. O videoclipe original foi filmado em julho na Alexandra Disco, uma famosa discoteca de Estocolmo na época.

Dancing queen não é apenas o maior e mais conhecido sucesso do ABBA, mas um clássico pop atemporal. Ao ser lançada oficialmente, em 16 de agosto, pulou direto para as paradas inglesas e em duas semanas já era a número 1 – ficando nessa posição por um mês e meio. Somente no mês de lançamento o compacto vendeu meio milhão de cópias. Em maio de 1977, o hit também alcançava o topo nos Estados Unidos.

A canção é a amostra perfeita do trabalho do grupo: perfeccionismo no estúdio, com uma embalagem instrumental e vocal cristalinas, som pluridimensional, harmonia excelente e mensagem simples e direta. Esta receita do ABBA se mostraria infalível, encantando tanto os casais apaixonados como os baladeiros das discotecas.

.. 10 ..

ABBAmania na Austrália

A conquista da Austrália começou com “Mamma mia”, compacto que fez do ABBA um grupo endeusado por lá nos anos 1970. Chegaram a manter cinco compactos simultaneamente no topo das paradas australianas.

“The best of ABBA” foi a primeira coletânea da banda lançada na Oceania, em novembro de 1975. O álbum entrou na lista dos mais vendidos já nos dois primeiros meses de venda, e não tardou a liderar o *ranking*, permanecendo durante setenta semanas no Top 40. Com mais de 1,5 milhão de cópias, o disco acabou entrando para o suplemento australiano do *Guinness book* como o mais vendido de toda a história na Austrália.

“Permita-me aproveitar esta oportunidade para dizer que, como representante oficial da Suécia, estou satisfeito e feliz com o enorme sucesso do ABBA aqui”, escreveu o embaixador Per Lind na Embaixada Real da Suécia em Canberra, Austrália. “A excelente propaganda que o ABBA faz para nosso país facilita muito nossos esforços na ampliação de interesses e da reputação da Suécia.”

Tal carta, remetida ao escritório da Polar em dezembro de 1976, foi um grande presente de Natal para Stig. Ele encheu-se de orgulho. Estava havia muito tempo incomodado com a falta de reconhecimento oficial do enorme sucesso internacional do ABBA como representante da Suécia, e por toda a renda de exportação que a venda de seus discos e direitos autorais gerava. “Se fôssemos ingleses, já teríamos sido honrados pela rainha há muito tempo”, ele costumava destacar. De fato, declarações oficiais de apoio ao conjunto não aconteciam. Em parte porque o estilo da banda era repudiado pelos intelectuais suecos, pelos roqueiros idealistas e pelos rebeldes dos anos 1970.

Por outro lado, o grupo caía na simpatia das gerações mais velhas justamente pela imagem bonita e limpa. A figura dos dois casais simbolizava os valores saudáveis da família. “Para os adultos, é um prazer poder curtir um grupo que seus filhos gostam, um grupo sem apelações desagradáveis como as do pop star Alice Cooper matando galinhas”, escreveu certa vez um repórter australiano. “Com o ABBA, os adultos podem se sentir seguros porque seus

jovens estão apreciando dois belos casais.”

E era mesmo um momento de consolidação da imagem e da marca. *Dancing queen* estava no primeiro compacto a apresentar o famoso logotipo do ABBA – com o segundo B virado ao contrário, oficialmente registrado em 1o de julho de 1976. “Tínhamos uma série de pessoas trabalhando conosco”, explicou Stig na década de 1990. “Porque era preciso, por exemplo, alguém que entendesse de *layout* quando lançávamos um novo álbum; era preciso alguém que pudesse vesti-los, por assim dizer. Não era só compor as músicas e gravá-las. Havia tantas outras coisas a mais. Por isso tínhamos uma grande ‘família’ em volta do ABBA.”

Rune Söderqvist, diretor de arte do ABBA e responsável pela concepção do logotipo e dos álbuns, diz: “Começamos trabalhando o logotipo. Eu conhecia o fotógrafo, discutimos sobre o assunto e eu disse que o grupo precisava de um logotipo, já que estava se tornando tão grande ao redor do mundo. Fiz o primeiro logotipo para o álbum ‘Arrival’. Apresentamos a ideia de um helicóptero, mas o disco ainda não tinha título. Foi bem fácil imaginar que o helicóptero poderia representar uma espécie de ‘chegada’, qualquer que fosse seu tipo. O grupo tinha uma música sem título, que acabou recebendo o mesmo do álbum, *Arrival* ”.

Fernando ficou em primeiro lugar no Top 40 australiano por 15 semanas, entre março e julho de 1976 (um recorde inigualável no país) e ainda permaneceu nas paradas australianas por 33 semanas no total. Até dezembro de 1976, o compacto já havia vendido 376 mil cópias – manteve o recorde de mais vendido no país até 1997, quando foi quebrado por *Candle in the wind’ 97*, tributo de Elton John à princesa Diana após a morte dela.

A inacreditável popularidade do ABBA na Austrália fez com que um imenso número de produtos fosse lançado exclusivamente para o mercado australiano. Tudo mesmo: broches, roupas, sapatos, objetos de uso pessoal e de decoração, pôsteres, revistas, discos promocionais, outdoors, artigos de conveniência... A sede dos australianos parecia não ter fim: desencadeou um fenômeno que ficou conhecido como ABBAmania durante aquele período.

A obsessão dos fãs era tanta que até os comerciais em que apareciam os integrantes do grupo mereciam citações nos jornais locais – com informações sobre o horário em que iriam ao ar nas TVs. Entre 1976 e 1977, cinco vídeos publicitários diferentes com eles foram exibidos pelas emissoras australianas. Além disso, com anúncios em jornais e revistas, propagandas nas rádios, pôsteres, mostruários, cadernos e cartões-postais, a campanha do ABBA ganhou o troféu de ouro no 4o Concurso Internacional Matsushita de Propaganda, em maio de 1977, vencendo concorrentes de quarenta países.

Os fãs australianos deixaram marcas inesquecíveis nas vidas dos quatro integrantes do ABBA.

A chegada do sucesso

Em novembro de 1976, “Arrival” foi lançado com enorme sucesso − foi o primeiro do grupo a faturar o disco de ouro nos Estados Unidos. Antes, o ABBA havia anunciado uma turnê mundial que começaria em 1977. Eles viajariam para a Inglaterra, Estados Unidos e Polônia. Stig negociara com cada país da Europa Oriental uma condição: o ABBA não seria pago com nenhuma moeda local − que desvalorizava rápido −, mas sim com dólares. Os únicos lugares em que o grupo se recusou a vender álbuns foram Vietnã, Coreia do Norte e China. Nessa época, o ABBA começava a estourar também no Brasil, com *Fernando*, *Dancing queen*, *Honey honey* e *S.O.S.*

Quando “Arrival” finalmente lotou as lojas inglesas, já era um recorde: o maior número de encomendas adiantadas da indústria fonográfica do país, com 300 mil cópias, 30% a mais do que o recordista anterior − o álbum “Horizon” dos Carpenters, de 1975. Como diz o próprio nome, o disco foi a grande chegada, a consolidação do conjunto.

O *Record Mirror* chamou “Arrival” de “o melhor do ABBA até agora”, enquanto outro crítico era da opinião de que o LP havia “elevado a música do grupo a novos recordes de sofisticação comercial”. O *New Musical Express*, por outro lado, não poupou suas críticas: chamou *Money, money, money* de “lixo evidente”. Outro jornal afirmou que *Dum dum diddle* possuía “a letra mais brega de todos os tempos”.

Mas uma das maiores conquistas do ABBA veio de fato em meados de 1977, quando *Dancing queen* chegou ao primeiro lugar nos Estados Unidos. “Estávamos todos juntos no escritório naquele dia e, de repente, ouvimos um grito: ‘O ABBA ficou em primeiro lugar esta semana nos Estados Unidos!’”, relembra Agnetha. “Aquele foi um grande momento. Comemoramos com uma garrafa de champanhe.”

Frida não ficou surpresa com a canção que os americanos alçaram ao primeiro lugar. “Minha favorita é *Dancing queen* e pronto. Eu adoro essa música. Já a amava desde o primeiro momento, quando Benny trouxe para casa só a trilha instrumental, sem nenhum vocal. Não me lembro se a letra estava pronta. Eles passaram o dia todo no estúdio e gravaram a parte

melódica, os instrumentos. Era tão bonita que comecei a chorar. Quero dizer que, mesmo sem nenhuma voz gravada, a música era sensacional."

O ano de 1977 começava com uma terrível notícia: o ABBA teria sofrido um acidente de avião e Frida era a única sobrevivente. Mas a tragédia não passava de boato e o corre-corre do quarteto foi para contatar todos os representantes nas companhias de discos a fim de tranquilizá-los. Temendo acidentes aéreos, aliás, Agnetha e Björn evitavam viajar no mesmo voo. Não queriam, de forma alguma, deixar a pequena Linda órfã de pai e mãe.

Depois desse, digamos, incidente informativo, o ABBA reuniu um grupo de 14 músicos para a turnê que se iniciava. No total, trinta toneladas de equipamento elétrico seriam usadas nos shows, que teriam uma caixa amplificadora de 20 mil watts. A responsabilidade era grande.

Em fevereiro, *Knowing me, knowing you* tinha sido lançada na Inglaterra, tornando-se o quatro hit do grupo a ir para o primeiro lugar nas paradas inglesas em 15 meses. No primeiro grande show no país, o grupo lotou o Royal Albert Hall em Londres. Cinco apresentações haviam sido marcadas, mas a procura foi tão grande que tiveram de fazer um show extra. A turnê, que incluiria ainda as principais cidades europeias e, é claro, a Austrália, foi um tremendo sucesso – fãs se recordam da emoção que havia quando o grupo entrava no palco ao som de um helicóptero.

O principal lamento dessa época foi de Agnetha. Ela e o marido planejavam ter outro filho, mas a vontade tinha de esperar um pouco, para não atrapalhar os planos do grupo. "Não queremos que o bebê interfira no progresso do ABBA", disse. Decidiram que ela engravidaria após a Páscoa, quando a turnê já teria se encerrado e o quarteto se dedicaria à produção do próximo álbum, no estúdio.

EMBRIÃO DE MUSICAL

A turnê de 1977 viu nascer o embrião de um musical. Durante as apresentações ao vivo, o público pôde ouvir o novo material especialmente escrito por Benny e Björn para *The girl with the golden hair* (A garota com cabelo dourado). "Escrevemos esse minimusical para ser encaixado dentro do show. Duas garotas interpretando dois lados diferentes de uma mesma mulher", explica Benny. Bastante teatral, o minimusical fechava os shows com chave de ouro.

A canção mais significativa e popular desse projeto (que nunca foi concluído) foi *Thank you for the music*, que só chegou a ser lançada como compacto em 1983, quando o grupo já tinha efetivamente se separado. É frequentemente considerada um hino de despedida do grupo à sua vasta carreira internacional.

Boas notícias dos Estados Unidos não paravam de chegar. Por lá, o ABBA já acumulava três discos de ouro: “Arrival”, “Greatest hits” e o compacto de *Dancing queen.* O sucesso fez com que eles considerassem a hipótese de fazer um filme. Até porque, se tudo ocorresse como planejado, o grupo não faria turnê em 1978, já que Agnetha estaria ocupada com o novo bebê. Para cobrir a lacuna, cogitou-se um documentário que mostrasse shows do grupo. O minimusical faria parte do projeto.

O filme já começava a ser rodado na Inglaterra quando surgiu outra ideia: por que não transformar um simples documentário em uma comédia – com toques de ficção – sobre o ABBA?

.. 12 ..

“We want ABBA!”

Lasse Hallström, que também dirigiu os videoclipes do ABBA, foi escolhido para trabalhar no projeto, que acabou se tornando *ABBA – The movie*. Anos depois, Hallström se tornaria diretor de filmes como *Minha vida de cachorro, Regras da vida* e *Chocolate*, entre outros.

Grande parte das cenas de show do filme foi rodada na Austrália, durante a primeira metade de março de 1977. Sydney, principal cidade australiana, foi escolhida para a etapa final da turnê. Chovia torrencialmente e o grupo pensou muito se o show deveria seguir em frente ou não. “Esperamos muito tempo até que a chuva diminuísse”, lembra Agnetha. “Com tantos equipamentos elétricos em volta, guitarras, microfones, tomadas etc., uma apresentação seria muito arriscada.”

Como o público compareceu em peso – mais de 20 mil pessoas –, o quarteto decidiu não decepcioná-los com um cancelamento. “Uma coisa que pude perceber na Austrália foi que não faz diferença se há 5 mil ou 50 mil pessoas na multidão: eu ficava igualmente estressada e nervosa. Parece que quanto maior é seu sucesso, maiores são as expectativas e a impaciência do público, enquanto ao mesmo tempo você exige cada vez mais de você”, comenta Agnetha. Frida acabou escorregando e caindo no meio de uma performance. Nada grave, somente ferimentos leves. Os ingressos se esgotaram em todos os shows que ainda restavam em Melbourne, Adelaide e Perth. Um show adicional foi incluído na agenda.

O FILME

Essa empolgação dos australianos pelo ABBA ficou bem registrada no cinema. *ABBA − The movie* é o documentário da excursão do grupo pela Austrália naquele ano, com subtrama fictícia. Ashley, DJ de uma rádio local, recebe de seu chefe a difícil tarefa de entrevistar o ABBA, as estrelas suecas do pop rock caramelado. Em sua cabeça, era uma missão tão complicada quanto entrevistar os Beatles em seu auge.

As filmagens aconteceram na Austrália entre 3 e 10 de março de 1977, e mais quatro semanas em Estocolmo, em junho. A música contagiante, o contato com o público, numerosos gritos de “We want ABBA!” (Nós queremos o ABBA!) e *flashes* do cotidiano do grupo foram muito bem mostrados na produção. “Sim, a turnê australiana foi a coisa mais incrível de todas as que vivenciei com o ABBA”, recorda Agnetha. “Havia febre, havia histeria, havia aplausos, havia multidões obcecadas.”

Em uma hora e meia de filme, são muitas as investidas de Ashley, que nunca conseguia se aproximar do quarteto e corria feito louco de uma cidade para outra. Para o papel foi escalado o ator de TV australiano Robert Hughes. A direção e o roteiro são assinados por Lasse Hallström e os produtores foram Stig e o australiano Reg Grundy, responsável pela série de TV australiana *Neighbours*.

“Lasse não contou ao ABBA que eu era um ator representando um papel, então só conversei com eles no fim da turnê, em Perth”, recorda-se Robert Hughes. “Em Sydney, quando houve toda aquela chuva, tínhamos uma sequência em que o ABBA ia para os bastidores do show e eu tentava conseguir uma entrevista com eles. Os guarda-costas pensaram que eu era um repórter de verdade e literalmente me jogaram para fora. Lasse usou tudo isso no filme. Se tivesse contado aos guarda-costas, eles não teriam sido naturais. Então, todas as reações deles quando estou na Opera House de Sydney e em um dos shows, também em Sydney, são autênticas, totalmente naturais.”

Na pele de seu personagem, Hughes vivenciou de perto a histeria dos fãs australianos. “Deve ter sido muito desgastante para o ABBA na Austrália, porque eles tinham de ficar restritos aos quartos de hotel, por causa das multidões de fãs enlouquecidos”, comenta. “Há uma sequência em que saímos do [hotel] Old Melbourne, e havia barreiras com seguranças por toda parte. Hordas de crianças em bicicletas tentavam acompanhar o carro em que estávamos, e aquilo estava acontecendo no país todo. Foi interessante eu poder observar aquele fenômeno de dentro porque, quando eu era criança, aquilo acontecia com os Beatles e eu era um dos fãs do lado de fora, então foi fascinante.”

The movie foi um delicioso exercício de ingenuidade e criatividade despretensiosa que deu certo, graças ao talento de Lasse Hallström e do restante da equipe. Não havia nada escrito, somente a ideia básica. Houve muita improvisação. Além de Robert Hughes, que vivia o DJ, outros dois atores tiveram pequenos papéis, servindo como elementos de humor e continuidade: Tom Oliver, que representava um guarda-costas do ABBA, e Bruce Barry, que viveu o chefe de Ashley na rádio.

Sobre a famosa ilha particular do ABBA, Viggsö, que aparece no filme (com a casinha

amarela), Hughes é só deslumbramento. “Era fabulosa. É um grande arquipélago e outros suecos têm casas por ali, costumam passar o verão lá”, conta. Foi também nesse famoso chalé que Benny e Björn compuseram uma série de sucessos como *Fernando, Dancing queen* e *Thank you for the music*. O ABBA foi filmado em Viggsö para o especial de TV *ABBA Dabba Doo*, além de *ABBA − The movie*.

No ano seguinte, ao ser lançado com imensa aclamação dos fãs do ABBA do mundo todo, o filme acompanharia um disco intitulado “ABBA − The album”. A ideia era o filme promover o álbum e o álbum promover o filme.

.. 13 ..

O homem que veio de longe

Em outubro de 1977, o compacto com *The name of the game* e *I wonder* (*Departure*) foi lançado. Estas eram as duas primeiras faixas que estariam contidas no novo LP, “The album”. Duas semanas após o lançamento de *The name of the game*, a canção empurrou para o segundo lugar a *Yes sir, I can boogie*, da dupla Baccara, e ocupou o primeiro lugar nas paradas britânicas, permanecendo lá durante novembro inteiro. No final de 1977, *ABBA − The movie* estava praticamente pronto.

Em uma época de tantos movimentos paralelos, o ABBA mantinha-se firme em seu estilo pessoal de gravar, cantar e se apresentar. “O fato de estar na Suécia foi a razão de seu sucesso. Não que a música fosse escandinava. Foi o fato de poder atuar no seu ritmo, e brilhantemente, e não se preocupar em manter o passo com o último modismo em Nova York ou o último movimento”, explica o compositor inglês Tim Rice. “Assim, o grupo pôde se concentrar totalmente e escrever a melhor música possível. No final das contas, sempre, o artista sobrevive a modas e modismos graças à qualidade das músicas.”

O efeito colateral do sucesso era que o cotidiano dos quatro tornava-se cada vez mais caótico, tamanha a quantidade de compromissos em suas agendas. Em meio a tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo, veio à tona a biografia de Frida.

Jornais e revistas descobriram e publicaram detalhes de sua infância: a história do soldado alemão que aparentemente abandonara sua mãe grávida e que morrera em um naufrágio quando seu navio voltava para a Alemanha.

Uma fã do ABBA, Andrea Buchinger, ficou intrigada. Ela havia lido a reportagem na revista alemã *Bravo* e reconheceu o nome Alfred Haase: era o mesmo de um tio seu que, coincidência ou não, havia lutado parte da guerra na Noruega. Imediatamente ela entrou em contato com seu primo Peter (filho de Haase) e contou-lhe sua descoberta. Peter, por sua vez, perguntou ao pai se ele tinha conhecido alguém com o nome de Synni Lyngstad. Não havia como negar. Rapidamente ficou claro que Alfred Haase era de fato o pai de Frida, e que a história do naufrágio não passara de um mal-entendido.

Alfred havia escrito para a mãe de Frida depois da guerra, mas não tomara conhecimento da gravidez. Também não soube de sua morte, e muito menos que a garota tinha sido criada na Suécia pela avó. Devido à confusão no pós-guerra, as cartas jamais chegaram ao seu destino.

O pai − que já era casado antes mesmo de servir na guerra − seguiu a vida com mulher e filhos em Karlsruhe, na Alemanha Ocidental. Quando descobriu que Frida era sua filha, entrou em contato com a Polar Music e marcou um encontro com ela. Foi comovente e melancólico. Alfred não falava sueco. Frida sabia pouco de alemão. Os sentimentos eram conflitantes, mas ambos ficaram felizes. “Ele foi simpático, mas trinta anos da minha vida se passaram e ele é um estranho para mim”, resumiu ela. “Quando você passa a vida pensando ser órfã, começa a sonhar com seus pais. Você tenta imaginar como eles teriam sido. Tenho algumas fotografias de minha mãe, mas na verdade não me refiro a elas. Sobre o meu pai eu só sabia que ele era um soldado alemão que morreu afogado quando seu navio foi torpedeado perto da Dinamarca. Agora que conheci Alfred Haase, e sei que só ele pode ser meu pai, eu não poderia estar mais feliz. Porque eu não poderia ter desejado um pai melhor!”

Benny apoiou a companheira durante todo o processo. “Ela não acreditava nisso. Não acreditava que seu pai ainda estivesse vivo na Alemanha. Ela não queria ver ou ouvir, nem mesmo falar sobre ele!”, conta. “Liguei para Alfred Haase e lhe fiz perguntas que somente ele poderia responder se realmente fosse o pai dela. Sobre a mãe de Frida, a pequena cabana onde viveu por alguns meses, e sobre a aldeia de Balangen... Ele sabia sobre tudo, muito mais do que lhe perguntei. Então, tivemos certeza e Frida ficou completamente confusa por alguns dias. Nós conversamos por noites a fio e pouco a pouco ela se acalmou.”

Para Alfred, a novidade também foi um tanto estranha. “Uma filha de 32 anos! Imagine isso. Eu nunca soube dessa garota especial na Noruega. Minha Synni, que nunca respondeu às minhas cartas quando voltei para a Alemanha, deu à luz minha filha!”, afirmou. “A primeira coisa que pensei quando percebi que isso era verdade foi: ‘Como a vida pode ser cruel’. Porque a mãe de Anni-Frid, Synni, deve ter sido extremamente infeliz. E estava solitária quando morreu.”

A revista alemã publicou, depois do encontro, uma carta de Alfred relatando seu primeiro encontro com a filha. “Primeiro, vocês devem imaginar que a casa em que Anni-Frid e Benny estão vivendo é como um castelo”, dizia ele, na carta. “Quando cheguei ali pela primeira vez, na sexta-feira, dia 9 de setembro, na parte inferior da escada maravilhosa, com um buquê de rosas vermelhas na mão, e vi minha ‘nova’ filha famosa de pé no topo da escada, pensei que estava sonhando. Nós nos aproximamos um do outro e nos abraçamos. Naqueles primeiros momentos nós dois não dissemos uma palavra. Apenas sabíamos e sentíamos que não havia

nenhuma dúvida sobre nossa consanguinidade. Nunca me esquecerei daquele momento em que nos olhamos nos olhos pela primeira vez. Depois disso, percebi que ela tinha a testa alta assim como a de sua mãe, e também muita semelhança nos olhos."

E o relato prossegue: "Afinal, Frida lentamente disse, em alemão desajeitado: 'Boa-noite... bem-vindo'. Então, entramos na casa, junto com Benny e a tia de Anni-Frid, que haviam me buscado no aeroporto. A simpatia e a hospitalidade que me ofereceram nos três dias que se seguiram foram uma experiência única na vida. Anni-Frid e Benny me disseram que eu deveria me sentir em casa com eles, e isso não foi apenas uma expressão. Eu pude escolher meu próprio quarto, onde eu queria ficar. Mas evidentemente estava tudo bem comigo. Anni-Frid preparava nossas refeições e me mimava. A princípio sua tia traduzia tudo o que eles diziam entre si. Benny também fala alemão muito bem. A cada dia que passava, Anni-Frid entendia alemão um pouco melhor. Ela me perguntou se eu me incomodava com o fato de ela ficar me olhando, porque a coisa toda ainda era como um conto de fadas para ela. Eu disse: 'Claro que não, é o mesmo para mim'".

Nessa época, Agnetha estava no fim da gravidez. Em 4 de dezembro ela deu à luz sua segunda criança, Peter Christian, em um hospital de Estocolmo. Quatro dias depois do nascimento, os fotógrafos já estavam ansiosos por fotos. No mesmo dia em que as imagens de Agnetha e Björn com o bebê foram publicadas no jornal inglês *The Daily Express*, outra notícia do ABBA era publicada: o grupo tinha alcançado os Beatles em recorde de vendas ao redor do mundo e estava no topo das paradas de vendas em nada menos que 32 países diferentes.

Foi nesse contexto que o quarteto decidiu que, no próximo ano, a meta seria consolidar seu progresso nos Estados Unidos, o alvo mais difícil.

.. 14 ..

Vida de marionete

Ajudado por um time de especialistas, Stig começou a investir o dinheiro do grupo em novos negócios: de galerias de arte a prédios. A imprensa gostava muito de ressaltar a fortuna que o quarteto gerava e rapidamente o mundo tomou conhecimento de que o ABBA era agora, teoricamente, o maior exportador da Suécia depois da Volvo.

O quarteto entrou em 1978 disposto a puxar o freio de mão. “Precisamos realmente de um descanso este ano. Há um limite para o que podemos fazer em uma turnê, e acho que nos darmos o direito de um descanso e de mais contato com a vida familiar seria uma maravilha”, afirmou Agnetha.

Em entrevista para o *Record Mirror*, em 1977, Björn abriu o jogo. “Nós não gostamos muito [das turnês], de certa forma é chato – o tempo todo confinados em quartos de hotel”, revelou. “É bom estar no palco e cantar, mas não consigo entender como alguns grupos fazem turnês de oito, nove, até dez meses – isso me mataria.” Esse pensamento era compartilhado pelos outros integrantes. “Para ser sincera, não gosto de me apresentar fora da Suécia e tenho uma razão muito boa para isso: não consigo ficar longe dos meus filhos por muito tempo”, desabafou Agnetha. “Eles ainda são muito novos e quero estar junto deles nesse período de suas vidas. Sempre temos de viajar para outro país a trabalho e não consigo escapar disso. Estou sempre chorando no quarto do hotel toda vez que penso em meus filhos. Sou uma mãe do tipo coruja.”

Para amenizar a saudade de casa, Agnetha e Björn cometiam o mesmo pecado: comiam mais do que deviam. Eles se enchiam de guloseimas e comidas diversas, e somente quando voltavam para seu país é que se davam conta de que haviam engordado. Comer, para eles, era apenas uma reação por estarem longe de casa. “Frida e Benny podem comer de tudo, o que eles quiserem. Batata frita com maionese e outras comidas gordurosas desse tipo. Mas não engordam de jeito nenhum. Isso não é justo”, protestou Agnetha, de forma bem-humorada. Décadas depois, ela se lembra bem daqueles dias loucos. “Ninguém que já tenha enfrentado um público histérico, fervoroso, gritando, poderia evitar sentir calafrios. É uma linha tênue

entre festa e ameaça. A situação pode virar em segundos", diz.

Mas esse estilo pretensamente *low profile* e bastante família também era uma sacada de marketing, conforme revelou Stig à revista holandesa *Muziek Parade* em 1978. "Quando fizemos nossa turnê na Inglaterra, o pessoal do mundo da música achou que éramos doidos porque não participamos de nenhum programa de TV nem fizemos comerciais para divulgar os shows. Fizemos isso de propósito", afirmou. "É que essa estratégia de 'estarmos fazendo diferente dos outros' tem funcionado muito bem. Foi comprovado. A turnê foi um sucesso enorme. Muitos artistas se deixam ser usados pela televisão. Tem de ser o contrário. O artista é que tem de usar a televisão. Ela é um monstro que consome a criatividade. Um artista tem de durar mais que duas ou três aparições na TV, que podem ou não ser bem dirigidas. Muitos artistas dissimulam isso. Eles podem se dar ao luxo de escolher o que querem. Por exemplo, decidimos aparecer na televisão inglesa duas vezes por ano no máximo. Duas vezes no *Top of the pops* é mais que suficiente. Fora isso, não se pode esquecer do perigo da superexposição. O artista precisa tomar cuidado para não aparecer demais na TV. As pessoas tendem a se encher."

"THE ALBUM"

"ABBA − The album" foi oficialmente lançado em 13 de janeiro de 1978. O novo álbum trouxe vários hits. Entre eles, *The name of the game, Take a chance on me* e *Eagle*. Na época, outro disco fazia grande sucesso: era a estreia de Kate Bush, com seu aclamado LP "The kick inside", que trazia como carro-chefe *Wuthering heights*, música que marcou época. Kate seria convidada do ABBA no especial de TV que o grupo gravaria no ano seguinte. Curiosamente, *Wuthering heights* explodiu no mundo todo, menos nos Estados Unidos. Mais uma prova de que nem sempre artistas de língua inglesa têm a garantia de conseguir estourar no mercado americano.

O quarteto esteve no Festival de Cannes, na França, para a abertura de *ABBA − The movie*. Em 16 de fevereiro de 1978, a pré-estreia internacional de *The movie* foi vista no West End de Londres, no Warner Cinema, com a presença do conjunto. "Agora que vi o filme pela primeira vez, vejo que estava certa. Fiquei muito contente com o resultado. Gostei, de verdade mesmo, das cenas com as crianças. Ter seus próprios filhos torna essas cenas ainda mais divertidas", disse Agnetha na entrevista coletiva. Durante a visita à Inglaterra, o grupo recebeu, das mãos da princesa Margaret, o troféu Carl Allen Songwriting Award pela segunda vez consecutiva. Os quatro dias que passaram em solo inglês ainda tiveram várias entrevistas para TV e rádio − inclusive para a Radio One da BBC.

Mas nem tudo foi positivo. “As pessoas se esquecem de que esse é de fato um comercial de noventa minutos do ABBA... O carisma arrebatador do ABBA é astutamente empurrado ao público”, afirmou o jornal *Sunday People*. “Tudo funciona bem com o ABBA, exceto o filme que fizeram. É terrível”, escreveu o *The Guardian*. “*The movie* cai em praticamente todas as armadilhas possíveis em que bandas de rock caem ao tentar lançar sua imagem nas telas de cinema”, analisou o *Sounds*, especializado em música. “Esse épico totalmente estragado é chocantemente ruim, oferecendo ao fã do ABBA um enredo embaraçosamente fraco para contrabalançar a preponderância da música do ABBA”, engrossou o *New Musical Express*.

Apesar de muito criticado, *ABBA − The movie* foi o sétimo filme mais lucrativo do ano. Um ano que teve sucessos como *Guerra nas estrelas*, *Grease − Nos tempos da brilhantina*, *Os embalos de sábado à noite*, *Noivo neurótico, noiva nervosa* e *A garota do adeus*. No Brasil, *ABBA − The movie* só foi exibido em 1979, com o título *ABBA − O grande show*.

Enquanto Stig planejava uma turnê promocional do ABBA nos Estados Unidos, a ótima notícia: no dia 10 de março de 1978, o “The album” faturava o disco de ouro por lá. A turnê americana ocorreria nesse clima, em maio. Stig, os Scotti Brothers e a Atlantic Records – companhia de discos representante do ABBA na América – bolaram uma gigante e espetacular campanha promocional, que custou 1 milhão de dólares ao ABBA. Tudo estava previsto: propagandas, *talk shows*, entrevistas de rádio e até mesmo um imenso outdoor na Sunset Strip, em Los Angeles, privilégio somente dos maiores – e mais ricos – astros e estrelas. Vale lembrar que, nessa época, a renda anual da banda ultrapassava os 16 milhões de dólares.

Em Estocolmo era finalizada a reforma dos estúdios da Polar Music. Na festa de abertura oficial, em 18 de maio de 1978, Benny declarou, orgulhoso: “É mesmo o lugar mais fantástico, o estúdio mais moderno do mundo. Dispõe de vários recursos que você não acha em nenhum outro estúdio de nenhuma outra parte do mundo”.

Mas o ABBA não era o único que utilizava o espaço. O Led Zeppelin gravou lá o disco “In through the out door”, em 1979, além de Tony Banks e Mike Rutherford (membros do Genesis), que gravaram álbuns solo lá também. Outros grupos de peso da época também foram a Estocolmo usar o Polar Studios para suas gravações, tais como Roxy Music, Earth Wind & Fire, Ramones, Pretenders, Rolling Stones e até os Backstreet Boys. O estúdio foi fechado em 2004, após 26 anos de atividade.

CASAMENTO E DIVÓRCIO

Embora não tenha sido um desastre total, a intensa campanha promocional realizada nos Estados Unidos não trouxe os resultados vislumbrados. Ficou claro para eles: se realmente

queriam “fazer a América”, era preciso investir ali mais tempo e dinheiro.

Ao mesmo tempo, isso conflitava com os interesses pessoais de Agnetha que, com dois filhos pequenos, se recusava a passar longos períodos longe de casa. “É um grande problema pôr os pés na estrada para as turnês e eu não tenho intenção de deixar meus filhos nas mãos dos outros”, afirmou ela. “A família tem de vir em primeiro lugar. Nos primeiros meses de escola, minha filhinha Linda precisará mais de mim. Estou tão entusiasmada quanto os outros para embarcar nas turnês, mas fico um pouco triste quando me lembro dos meus filhos em casa.”

Esse ponto de vista forte criava um burburinho sobre o bom relacionamento do casal e, consequentemente, do grupo. Björn dificilmente concordava com a mulher. Tal discussão voltou à tona em maio, quando eles planejavam nova excursão aos Estados Unidos no segundo semestre.

Em 6 de outubro daquele ano, Frida e Benny, que estiveram vivendo juntos por vários anos, finalmente se casaram em Lindigö, Estocolmo. A comemoração foi mantida em segredo, para tristeza da imprensa. As únicas testemunhas foram o vigário e Bitte, a mulher que tomava conta da residência do casal. Foi a maneira que encontraram de manter o casamento reservado, pois não queriam fãs se aglomerando. No dia seguinte, convidaram 25 amigos para uma festa em sua vila. Entre eles, Agnetha e Björn, Stig e família, Eva-Lis, irmã de Benny, os filhos de Benny e os de Frida, assim como os colegas de trabalho Michael Tretow, Thomas Johansson, Claes af Geijerstam e Görel Hanser.

Pela primeira vez o ABBA era composto de dois casais literalmente casados. Infelizmente essa doce sintonia amorosa duraria menos de três meses. No fim daquele mesmo ano Agnetha e Björn decidiriam se separar. Instantaneamente começaram a correr na imprensa boatos a respeito da possível ruptura do grupo.

A febre da disco music

O ABBA mais uma vez fez os críticos torcerem o nariz. Em uma turnê no Japão, em agosto de 1978, o quarteto lançou o compacto de *Summer night city*. Era o auge da disco music e a canção do conjunto não fugiria à tendência, odiada pelos roqueiros e pelos "músicos sérios", menosprezada pelos críticos musicais – e adorada pelo grande público. No vídeo promocional, o cenário era Estocolmo de dia e de noite.

Era o tempo áureo de nomes como Fleetwood Mac, Frank Zappa, Sly and The Family Stone, Bob Marley, Marvin Gaye, Elton John, Stevie Wonder, Diana Ross, Rod Stewart e Pink Floyd. A discoteca que embalava os mais despreocupados viveu seu auge na esteira do filme *Os embalos de sábado à noite* (1977), de John Badham. O longa transformou John Travolta em ídolo mundial. Para os fãs da discoteca, a música tinha um só objetivo: fazer dançar. Os principais representantes do segmento são Village People, Donna Summer, Gloria Gaynor, Chic, Boney M. e Bee Gees.

"Os anos 1970 foram os anos da discoteca, e o ABBA sabia mesclar o ritmo disco com canções de qualidade", acredita Anders Philipson, do fã-clube sueco. "Suas melodias eram fáceis de lembrar e tornaram-se rapidamente populares." Na contracorrente, estava o punk rock, violento e rebelde, nascido da visão negativa da juventude proletária inglesa.

Enquanto na Inglaterra o movimento punk, das roupas de couro preto e dos cabelos quase raspados contestava, com violência, os valores da sociedade do país, nos Estados Unidos pop virou sinônimo de disco music. Feita para as pistas de dança das discotecas, a disco celebrava o amor e a alegria, utilizando-se da eletrônica com maior intensidade e por vezes até tornando-se ousada.

Essa música dançante começou a aparecer nas paradas de sucesso por volta de 1974, quando grupos como Shirley and Co. e The Hues Corporation emplacaram os sucessos *Shame, shame, shame* e *Rock the boat*, respectivamente. Por essa época, a voz quente de Barry White já era conhecida das paradas de R&B, mas seu balanço acabou identificado com a nova onda, como os clássicos *You're my first, my last, my everything* e *Can't get enough of your love*.

“A discomania seguiu o caminho das tendências sociais mais dominantes do século XX, envolvendo todas as facetas dos meios de comunicação e mercados extensos. Nos Estados Unidos, a discomania é um produto, além de ser um instrumento de vendas. Os homens de negócios, de costa a costa, agarram a oportunidade de participar do sucesso, investindo em discotecas, filmes, discos, aparelhagens de som, iluminação e efeitos especiais, firmas de consultoria e desenho, consórcios de gravações de discoteca para discotecários, escolas de dança, roupas de discoteca e muitos outros setores”, explica *O guia oficial da discoteca*, publicado pela Record em 1978.

Aqui no Brasil, o gênero também marcou presença. Uma das telenovelas de maior sucesso de todos os tempos, *Dancin’ days*, de Gilberto Braga, que foi ao ar em 1978. O maior expoente da disco music nacional foram as Frenéticas, justamente as que cantavam o tema de abertura da novela. “Dançou-se muito durante a década. Provavelmente mais do que em qualquer outra, com exceção de 1920. A discoteca, um dos muitos lançamentos gays dos anos 1960 que se converteram em sucesso geral, assim como o uso de macacões esportivos nas ruas, virou um dos símbolos supremos do período, o templo onde se cultivou o narcisismo mais delirante, onde o corpo ganhou suas maiores homenagens”, afirmou a revista *Manchete*, na série sobre a década de 1970 publicada em 12 de janeiro de 1980.

Até alguns músicos considerados “sérios” mergulharam no gênero. Casos de David Bowie e seu “Station to station”, de 1976 (com *Golden years*), Rod Stewart e seu álbum de 1978, “Blondes have more fun”, com o hit *Da ya think I’m sexy?* (inspirado em Jorge Benjor!), e até o Blondie com “Parallel lines” (que originou seu maior sucesso, *Heart of glass*), também de 1978.

A revista *Seleções de Reader’s Digest*, de novembro de 1979, trouxe uma extensa reportagem sobre a febre das discotecas, condensada da revista americana *Newsweek* de 2 de abril de 1979:

“Tudo começou com o estrondoso sucesso do filme com John Travolta *Os embalos de sábado à noite*, e o sucesso de venda ainda mais significativo do álbum dos Bee Gees com a trilha sonora do filme. Mas isso não fez mais que dar força ao fenômeno que deu origem a uma indústria de vários bilhões de dólares. [...] O engraçado é que ninguém ficou mais surpreso com essa febre que os próprios diretores das gravadoras mais importantes. Até há pouco eles consideravam o ritmo *discothèque* um capricho passageiro − como a música para dançar executada por alguns cantores negros, com pouco interesse para o grosso do público branco de música popular comum. Mas, de repente, os gráficos foram peremptórios: das cem músicas de maior sucesso em 1978, vinte eram de som discoteca, assim como as ganhadoras de oito dos

concursos Grammy do mesmo ano. Conhecidas estrelas da música pop, tais como os Beach Boys, Dolly Parton, The Kinks, Paul McCartney e Cher, passaram então para a disco music. É Rick Stevens, vice-presidente da Polydor, quem afirma: 'Estamos passando por uma das mais incríveis mudanças de gosto na história da música popular'."

A FAMA QUE FICOU

Summer night city do ABBA não só foi a primeira música do grupo a ser gravada no Polar Music Studios, como também foi o primeiro lançamento do que pode ser chamado de fase disco do ABBA, que culminaria com o lançamento do álbum "Voulez-vous" em meados de 1979. Embora a fase disco do ABBA não tenha durado mais que um ano, nos Estados Unidos o quarteto ainda é considerado um grupo disco.

Os críticos observaram a grande influência dos Bee Gees no som de *Summer night city* – influência, aliás, admitida pelos próprios Björn e Benny. Mas a decisão de entrar na modinha disco não era um consenso desde o princípio. "Devo admitir que fui um pouco relutante quanto a fazermos disco music simplesmente porque todo mundo estava fazendo", comenta Benny. "Meu raciocínio era: 'não seria mais divertido fazer algo que ninguém mais esteja fazendo?'. Embora seja importante saber o que os outros estão fazendo, isso não quer dizer que tenhamos de seguir necessariamente a mesma tendência."

Björn encarava de outra forma. "Éramos influenciados por tudo que ouvíamos, tudo que nos rodeava, como os Bee Gees, Donna Summer, Chic e quem mais estivesse nas paradas de sucesso. Havia muita disco music boa na época", afirma. "Não se deve menosprezar esse tipo de música, definitivamente. Se levarmos em conta que várias boas canções vieram da era disco, não há motivo para desmerecê-la."

Para o lado B do compacto de *Summer night city*, o ABBA usou uma canção que havia gravado em 1975, *Medley: Pick a bale of cotton − On top of old smokey − Midnight special*. Curiosamente, esta é a única música gravada pelo grupo que não foi escrita por eles mesmos. Na verdade, a faixa fora incluída no álbum alemão *Stars in Zeichen eines guten Sterns* (ou *Die Deutsche Krebshilfe*), lançado em 1975 para uma campanha beneficente. O ABBA resolveu gravá-la porque, na época em que havia sido convidado para participar do álbum, não havia nenhum outro material disponível que pudesse ser doado. O grupo achou que seria divertido cantar algumas canções não compostas por eles. As três faixas do *Medley* são canções folclóricas americanas.

Summer night city foi para o Top 20 na Austrália, Top 10 na Inglaterra e grande parte da Europa, e chegou ao primeiro lugar na Suécia e na Bélgica, além de entrar para o Top 40 no

Japão e no Canadá. Em Londres, foi anunciado que o grupo participaria de um show beneficente da Unicef nos Estados Unidos, que decretaria 1979 como o Ano Internacional da Criança.

.. 16 ..

Uniões e separações

Após oito anos de casamento, Agnetha e Björn começaram 1979 com um processo de divórcio – menos de três meses após o casamento oficial de Benny e Frida.

A decisão foi tomada na véspera do Natal de 1978. Agnetha achava que o relacionamento tinha se tornado um peso. Os dois concordaram: não havia mais nada a fazer. Após a ceia, Björn permaneceu na casa e Agnetha se mudou com as crianças para outro endereço nas proximidades.

Apesar de os fãs terem sido pegos de surpresa, porque o casal mantinha os atritos em segredo, o relacionamento de Agnetha e Björn já andava na corda bamba havia um bom tempo – tentaram até terapia.

Björn não ficou sozinho por muito tempo. Uma semana após a separação, foi à festa de *Réveillon* na casa de Benny e Frida. Lá se encantou com Lena Källersjö, que trabalhava com publicidade e já conhecia o quarteto socialmente. Naquela noite, após longos papos, ambos perceberam que tinham muito em comum. A química estava ali e os dois se tornaram um casal rapidamente. Pouco depois, Lena se mudou para a casa de Björn. “Assim que Agnetha foi embora, eu sabia que queria me apaixonar de novo. Sabia que não seria capaz de permanecer solteiro”, revela Björn.

Apesar de o casal ter se separado em 25 de dezembro de 1978, o fato só se tornou público em meados de janeiro de 1979, quando os jornais suecos publicaram as primeiras notícias. “Era muito estranho trabalharmos juntos depois do divórcio, mas ambos queríamos ser amigos, então não havia razão para que aquilo não acontecesse”, explica Björn.

Talvez a dificuldade da imprensa em compreender a separação de Agnetha e Björn resida no fato de que ambos foram muito civilizados ao não expor seus problemas íntimos para a imprensa e nem mesmo para os amigos próximos. Este é, na maioria dos casos, um comportamento pouco usual.

A Suécia tem o maior índice de divórcios da Europa: um em cada seis casamentos é desfeito. Um dos motivos dessa instabilidade familiar é certamente o liberalismo da legislação

local. Basta o consentimento mútuo para conseguir o divórcio. A igreja luterana, estatal, não condena a separação e ainda permite novos casamentos.

"Agnetha do ABBA: 'Nem um segundo filho foi capaz de salvar nosso casamento'", dizia a manchete da edição de março de 1979 da revista holandesa *Story*. A reportagem, de tom especulativo, procurava destrinchar as razões da separação. "Obviamente não achávamos que outro filho ou filha seria capaz de resolver nossos problemas da noite para o dia", explicou Björn. "Foi algo mais do tipo 'você se lembra de como foi bom quando Linda nasceu, que época gostosa'. Tínhamos esperança de reviver aquela experiência feliz novamente, por isso tomamos a decisão de ter um segundo filho."

"Quando nos casamos em 1971, éramos extremamente românticos e loucamente apaixonados", contou Björn. "Mas isso passou logo. O sucesso do ABBA nos manteve juntos por vários anos depois, mas, bem, por mais que soe estranho, até mesmo o sucesso pode cair na rotina."

"O rompimento já estava previsto havia algum tempo. Nós apenas nos separamos, é só isso", comentou Agnetha. "Quando você fala sobre tudo e ainda assim não consegue continuar com o outro, então é um sinal de que não resta realmente nada entre os dois. Acho que poderíamos nos separar se fôssemos cantores ou não, e teríamos tomado a mesma decisão, se isso tivesse influência no ABBA."

"Björn e eu tomamos a decisão juntos, e as coisas ficaram muito melhores. Sim, passei por um período de infelicidade", afirmou ela a um jornal sueco. "Björn e eu decidimos que juntos consultaríamos um psicólogo. Queríamos uma pessoa de fora nos observando, caso aquilo fosse alguma coisa em nosso relacionamento que não estivéssemos enxergando. Isso não nos ajudou a permanecer juntos, mas nos ajudou. Disseram-nos que a decisão que havíamos tomado, de não continuarmos mais juntos, era boa. Não foi fácil, mas agora me sinto muito forte. Nossa decisão foi boa porque nós dois concordamos. Se seu parceiro conhece outra pessoa e sai de casa por causa disso, é uma coisa. É triste. Estou em uma nova fase agora e é muito excitante. Eu me sinto muito melhor agora, muito. Björn ainda é um bom amigo. Você não pode viver com alguém por oito anos, ter dois filhos e ainda não reter nenhum sentimento. Tudo que posso dizer é que a música não tem nada a ver com o nosso divórcio."

"Agnetha e eu estamos cientes do bem-estar de nossos filhos, e sempre seremos bons amigos. Cada um de nós comprou uma casa a cinco minutos de distância uma da outra, porque nossos filhos são de extrema importância para nós", frisou Björn. "É essencial que eles cresçam vendo a mãe e o pai na hora que bem quiserem. Seria desesperador viver a centenas de quilômetros de distância deles. Agnetha e eu não encontramos problema em trabalhar juntos

agora. Antes de nos divorciarmos, apesar dos nossos esforços, estávamos nos distanciando cada vez mais e nossos problemas só aumentavam. Mas não desistimos do casamento fácil ou rapidamente. Levamos dois anos antes que concordássemos em pôr um fim nele. Sem tensões, mas é claro, houve muito choro. Acabei percebendo que Agnetha e eu somos pessoas completamente diferentes. Estávamos acabando com nossas vidas e com a das pessoas ao nosso redor. Quando optamos pela separação, aliviou muito a tensão no grupo. A separação tinha de ser feita. Foi o caso do rompimento de dois egocêntricos."

Com o fim do casamento de Agnetha e Björn, houve rumores de que o ABBA também terminaria. Mas Stig deu uma chacoalhada no grupo: eles estavam à beira de se tornar tão grandes quanto os Beatles e não podiam parar. Os quatro concordaram que pelo menos mais uma turnê seria necessária.

Mas embora o primeiro casal divorciado do ABBA não demonstrasse, o sofrimento estava ali, encoberto pelos compromissos e pelo sucesso. "Quando Björn e eu nos separamos, sempre dissemos à mídia que era um divórcio feliz, o que, obviamente, era fachada", admitiu Agnetha vinte anos depois. "Todos nós sabemos que não existe tal coisa como um divórcio feliz. Eles são dolorosos, especialmente quando se tem filhos. Ainda por cima, aconteceu sob os olhos ávidos da mídia."

CONTRASTES E FOFOCAS

É preciso entender que a formação do ABBA não foi uma união entre quatro pessoas totalmente compatíveis. Não fosse o fato de Benny e Björn serem os compositores, parece pouco provável que Agnetha e Frida se juntassem para cantar. As duas eram muito diferentes. "Somos dois casais muito diferentes. Só um exemplo: Björn e eu somos o que você poderia chamar de 'pessoas do dia'. Não gostamos muito de sair à noite, ficar até tarde na rua. Por outro lado, Benny e Frida adoram dormir tarde, depois de passar quase a noite toda em festas...", escreveu Agnetha no folheto com o programa da turnê australiana e europeia de 1977. Em outro trecho, o folheto dizia: "Ela pode parecer extremamente frágil e delicada − mas não se engane. Ela também é temperamental, decidida e mãe zelosa de duas crianças: esta é Agnetha Fältskog".

Toda vez que o grupo tirava um tempinho para descansar, fofocas proliferavam na mídia. A imprensa mais sensacionalista publicava notas sobre rompimentos, brigas, traições, desentendimentos internos e escândalos. "Nós somos humanos, discutimos como a maioria das pessoas normais, e isso vale para as garotas também", rebate Björn. "Mas se as nossas semanas de descanso tivessem tomado as proporções que a imprensa sugere, seria simplesmente

impossível continuarmos trabalhando juntos.” O que as garotas admitem é que havia, sim, certa competição no palco. No entanto, elas insistem que ficaram muito chateadas com os boatos sobre brigas que surgiram nessa época.

Mas a vida tinha de continuar. Em 1979, cinco hits do ABBA alcançaram o topo do sucesso. O primeiro deles, *Chiquitita*, se tornou símbolo de uma ação de caridade. Uma versão especialmente gravada dessa canção foi incluída no álbum “The music for Unicef concert”, lançado em uma glamorosa festa de gala apresentada pelos Bee Gees, em janeiro de 1979, na Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova York. Com patrocínio oficial do McDonald’s e da Polaroid, cada artista que se apresentou no evento doou os direitos autorais de uma canção para o órgão da Organização das Nações Unidas (ONU). Além de *Chiquitita*, participaram da ação músicas famosas como *Too much heaven*, dos Bee Gees, *Do ya think I’m sexy?*, de Rod Stewart, e *September*, do Earth, entre outras.

“Eu teria preferido algo mais contemporâneo para apresentarmos”, admite Björn. “Foi bem estranho, mas sentimos que aquela era a melhor música inédita que tínhamos para apresentar até então e por isso a escolhemos, mesmo que possivelmente não tenha sido a melhor escolha”, completa Benny.

O evento aconteceu porque a ONU havia estabelecido que 1979 seria o Ano Internacional da Criança. Assim a Unicef − órgão da entidade responsável pelo amparo e o bem-estar da criança no mundo − promoveu esse show beneficente. Acredita-se que a maior parte da renda obtida na ocasião tenha provindo de *Chiquitita*, que sozinha conseguiu arrecadar quase 2 milhões de dólares.

No Brasil, o compacto de *Chiquitita* vendeu 700 mil cópias, enquanto o LP “Voulez-vous” – do qual a canção fez parte – vendeu 1,5 milhão de cópias, permanecendo até hoje como o segundo álbum do ABBA de maior sucesso por aqui – o recorde histórico no Brasil é “ABBA Gold”, com 1,8 milhão de cópias vendidas.

Passado o evento, o ABBA gravou em Leysin, famosa estação de inverno da Suíça, o programa especial para a TV *ABBA in Switzerland*, que também incluía Boney M. e os convidados especiais Ted Gardestad, Kate Bush e Roxy Music (da dupla Bryan Ferry e Brian Eno). Em seguida, Agnetha e Frida voltaram para Estocolmo, enquanto Benny e Björn foram tirar férias em Nassau, nas Bahamas. Aproveitaram o descanso para escrever mais algumas canções para o novo álbum do ABBA. Na volta para casa, pararam em Miami para gravar a parte instrumental de uma nova canção, *Voulez-vous*. Quando chegaram a Estocolmo, foram direto para o estúdio, com as duas garotas. O próximo LP do grupo, “Voulez-vous”, seria lançado em 4 de maio de 1979.

O disco revelou outra faceta do grupo. Trazia uma seleção muito mais pessoal, com várias das letras das canções falando sobre os encontros e desencontros amorosos pelos quais os membros do conjunto estavam passando. Com temas mais maduros, três das canções tinham duração maior. Todo o material original do ABBA, ao longo de sua carreira, foi escrito e produzido por Benny e Björn. Entretanto, Stig ocasionalmente dava uma mãozinha na composição. De "Voulez-vous" em diante, Stig se dedicaria exclusivamente aos negócios do ABBA, e Benny e Björn assumiriam a composição das músicas sem a sua colaboração.

Ainda no mês de maio, o ABBA foi a Madri gravar apresentações em diversos programas de TV que seriam exibidos na América Latina. Participaram de *Aplauso* e *300 millones*, programas que foram ao ar via satélite na Argentina, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Chile, Equador, El Salvador, Espanha, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela, e ainda emissoras de língua espanhola da Califórnia, de Connecticut, Flórida, Nova Jersey, Nova York e Texas.

Chiquitita mostrava a ligação do quarteto com a língua espanhola. Para aumentar esse contato, em 1980 eles gravariam um disco todo cantado nesse idioma, "Gracias por la musica". O disco trazia versões de alguns dos seus maiores sucessos, como *Fernando, Chiquitita*, *Conociéndome, conociéndote* (*Knowing me, knowing you*) e *Reina danzante* (*Dancing queen*), entre outros.

Na sequência, o ABBA lançava *Does your mother know*, que se tornou um de seus hits mais irresistíveis. Ao contrário da fórmula seguida nos outros sucessos do grupo, dessa vez os vocais eram liderados por Björn, em vez de Agnetha e/ou Frida.

Ainda nesse período, Frida aceitou um convite para participar de um filme sueco, *Gå på vattnet om du kan* (Caminhe sobre a água se puder), do diretor Stig Björkman. O filme teve locações na Espanha. Ironicamente, em vista dos traumas que começavam a afligir o ABBA naquela época, ela fez o papel de Anna, uma dona de casa entediada que vive problemas em sua vida amorosa. "Embora seja um papel pequeno, senti que podia me trazer coisas boas", disse ela na época. "Estou me divertindo com isso, mas não tenho a menor intenção de abandonar minha carreira de cantora."

Com o crescente sucesso nos Estados Unidos, nessa época o grupo chegou a cogitar seriamente se mudar da Suécia. "Tivemos uma longa conversa sobre a possibilidade de nos mudarmos para Nova York", lembra-se Benny alguns anos depois. "Mas nós quatro concordamos em ficar. Achamos a Suécia o melhor país do mundo. Por exemplo, fomos mais longe do que qualquer outra nação no que diz respeito à igualdade entre homens e mulheres. Os impostos são altos, de fato, mas o dinheiro volta para as pessoas."

.. 17 ..

Voando alto

A turnê seguinte aconteceu em setembro de 1979, no Canadá e nos Estados Unidos. O ABBA lançava, então, o último compacto da fase disco, com *Gimme! Gimme! Gimme!* (*A man after midnight*).

A equipe de músicos do ABBA novamente se juntou ao quarteto para os shows. Entre eles estava o jovem cantor sueco Tomas Ledin fazendo sua estreia no time do quarteto. Tomas se tornaria, a partir de então, amigo e colaborador dos quatro integrantes do ABBA. "Benny me perguntou se eu gostaria de me juntar a eles na turnê mundial do ABBA", conta Tomas. "Algumas pessoas me aconselharam a não aceitar. Mas aceitei e participei da turnê, indo para a América do Norte, a Europa e o Japão. Que experiência fantástica! E eles ainda me deixaram tocar minha própria canção, *Not bad at all.* Aquilo foi muito generoso da parte deles. A canção se tornou a mais tocada da rádio de Luxemburgo."

Alguns músicos acompanharam o ABBA durante toda a carreira, tanto nas gravações em estúdio como nos shows das turnês. Lasse Wellander foi o principal guitarrista da banda. Começou com o quarteto em 1974 e ficou até o final. O baterista Ola Brunkert participou da gravação do primeiro compacto do grupo, com *People need love*, e nunca mais abandonou o ABBA. Participou de todos os álbuns e de todas as turnês. Assim como Ola, o baixista Rutger Gunnarsson também tocou em todos os álbuns. O baterista Per Lindvall entrou para o time do ABBA já na reta final do grupo, em 1980 – ele tinha 21 anos e gravou o álbum "Super trouper". O inglês Mike Watson, o único não sueco da equipe, foi um dos baixistas da banda durante quase toda a carreira do grupo. O guitarrista Janne Schaffer também colaborou por vários anos. O outro baterista, Roger Palm, começou a trabalhar com a equipe do ABBA ainda em 1972, antes da formação oficial do grupo. Participou da gravação de vários hits.

Durante grande parte da turnê, Agnetha fechou-se em si mesma. Enquanto os outros integrantes da banda saíam para festas e passeios, ela permanecia em seu quarto de hotel e ligava para os filhos todos os dias. Era o que lhe dava ânimo. Sentiu-se bem mais satisfeita quando Linda se juntou à turnê em Los Angeles. Foi lá que todos os filhos dos integrantes do

ABBA se encontraram para um belo dia que passariam com os pais na Disneylândia. Björn compensava sua solidão não apenas com a presença de Linda, mas também com Lena, que tinha vindo ficar com ele nos Estados Unidos. Junto com Agnetha e Linda, Björn e Lena também foram ao parque – uma boa sacada de marketing para mostrar que tudo ia às mil maravilhas na convivência pós-divórcio.

O que, aliás, não era bem verdade. Para Agnetha, que ainda precisava encontrar equilíbrio em sua nova condição de mulher separada, a turnê era nada menos que uma invasão indesejada em sua rotina. Tudo o que ela queria era estar em casa com seus filhos e se concentrar em construir uma nova vida. Em vez disso, se viu forçada a embarcar no cotidiano surreal e geralmente conturbado das turnês. Suas lembranças da turnê de 1979 não foram exatamente um mar de rosas. "Foi importante e bem-sucedida, eu sei, mas para mim foi horrível", desabafa. "Só queria voltar para casa, casa, casa. Mas não tinha escolha. Björn e eu concordamos em fazer essa turnê juntos, apesar do divórcio, então tivemos de formar um novo tipo de relação um com o outro para trabalhar de uma nova maneira. Era uma situação estranha para nós quatro − um suplício. Eu não tinha ninguém com quem conversar. Sofria sozinha. O tempo todo meu peito doía de saudade das crianças e de casa."

Após a apresentação no Anaheim Convention Center, houve uma longa entrevista coletiva. Agnetha saiu mais cedo para que pudesse passar mais tempo com a filha. No Aladdin Hotel, em Las Vegas, a plateia foi surpreendida quando Linda se juntou ao coral das crianças para cantar *I have a dream*.

Agnetha lutava contra seus próprios fantasmas. Estando sempre distante em alguma parte do mundo, constantemente com saudades de casa, tudo se tornava uma experiência angustiante. A despedida de seus filhos, antes de ela embarcar para o Canadá, havia sido terrível. Ver outras crianças brincando na piscina do hotel, durante a turnê, deixava-a ainda mais saudosa e triste. "Não sei como consegui", disse ela muitos anos depois. "Os outros estavam em uma fase diferente e se saíram melhor. Não tinham crianças em casa cujos pais haviam acabado de passar por um divórcio. Era eu que tinha de viver com um constante peso na consciência. Ninguém entendia quão doloroso era aquilo. Ainda é difícil falar sobre isso."

A imagem saudável e bem-comportada do ABBA deixou os americanos surpresos. O clima de paz era perpetuado também fora dos palcos. Como sempre, a equipe da turnê era totalmente *clean*: nada de escândalos, nada de quebra-quebra em quartos de hotel, nada de drogas, no máximo uma piadinha aqui ou uma brincadeirinha ali. Em uma das cidades por onde a turnê passou, a Atlantic Records providenciou uma festa com *strippers*, imaginando − como fizeram com o Led Zeppelin − que artistas apreciavam esse tipo de diversão. O ABBA

não se interessou. Em vez disso, os quatro fecharam-se em seus quartos de hotel para uma comemoração particular. “A imprensa ficou um pouco espantada por não darmos grandes festas loucas”, lembra Agnetha. “Em contrapartida, podíamos ser vistos fazendo caminhadas ou exercícios, normalmente.”

A verdade é que sempre houve um clima de desconforto em relação aos shows do ABBA. “Era como se quisessem oferecer ao público um entretenimento familiar inofensivo e, ao mesmo tempo, um show de rock bem agitado − uma equação impossível”, como explica Carl Magnus Palm na biografia do grupo, *Bright lights, dark shadows*. Nenhum dos membros do ABBA se sentia muito à vontade no palco, o que acrescenta um curioso ponto de vista sobre os shows. “Não acho que o ABBA era bom o bastante ao vivo”, concluiu Agnetha anos depois do fim da banda. “Talvez meu olhar sobre nossas apresentações seja muito crítico. Elas não eram bem coreografadas. Trabalhávamos basicamente com a espontaneidade e o sentimento.” Mas ela também reconhece que a falta de habilidade do ABBA nesse sentido funcionava a favor do grupo. “Sem dúvida, tinha seu charme, se apresentar nos palcos de forma tão pouco planejada”, afirma. “Muitas coisas aconteciam espontaneamente e dá para ver claramente nos shows filmados se estávamos em um dia ruim ou bom.”

Em 3 de outubro, após um show no Radio City Music Hall de Nova York, Agnetha alugou um jatinho particular que tinha pertencido ao excêntrico milionário Howard Hughes. O grupo iria a Boston, próxima parada da turnê, e aquela era a vez de Agnetha viajar separada do grupo – já que, por razões de segurança, ela e o ex-marido nunca seguiam no mesmo voo. Pouco tempo depois de levantar voo, um susto: o jato enfrentou uma forte tempestade que tinha surgido de repente do norte de Nova York. O mau tempo tomou proporções maiores e causou muitos estragos na região. Um tornado obstruiu as vias aéreas e o piloto decidiu voltar para Nova York. Os tripulantes ficaram com os nervos em frangalhos. Sem conseguir pousar, o piloto decidiu voar em círculos. Para piorar, o combustível estava acabando. A aeronave acabou fazendo um pouso de emergência na cidadezinha de Manchester, em New Hampshire.

Para Agnetha, que sofria de medo crônico de voar − até mesmo nas melhores situações −, a experiência da tempestade foi um tenebroso e traumático pesadelo. “Quando estávamos quase descendo, de repente, eles levantaram voo de novo”, lembra ela. “Nossas vidas corriam perigo mortal − foi o que senti −, com raios nas asas e sem poder enxergar nada dentro. Tudo estava escuro e o avião balançava horrivelmente. Pedi a Deus para que não me deixasse morrer.”

O administrador da turnê, Bosse Norling, também no jatinho, lembrou de como todos ali pensaram que seria o fim. “Agnetha estava histérica e eu não a culpo. Como se não bastasse o

tempo horrível e o avião sacudindo, as luzes aéreas se apagaram e os pilotos passaram maus bocados para conseguir pousar o avião.” Graças à habilidade do piloto, o pouso ocorreu com segurança e ninguém saiu ferido. Agnetha desceu do jatinho e entrou direto no carro que a levaria para o local do show.

O tempo ruim não havia causado em Boston consequências tão desastrosas como tinha sido o caso do estado de Connecticut, mas as rodovias da cidade estavam ainda inundadas e o tráfego ficou engarrafado por horas. Os outros membros do ABBA, que tinham ido para Boston em voo regular, também encontraram problemas por causa do mau tempo e o show do grupo acabou atrasando uma hora e meia.

Agnetha estava em péssimo estado, mas nenhum dos 5 mil espectadores notou que havia algo errado com a loira do ABBA naquela noite. A reação veio depois: no dia seguinte, o grupo deveria voar para Washington, e Agnetha nem sequer cogitou entrar no jatinho – optou por um voo regular. Quando ela chegou ao hotel, o impacto do trauma do dia anterior tomou conta dela. Agnetha se trancou no quarto e se recusou a sair dali ou deixar entrar quem quer que fosse. “Fui procurar o Stig e contei a ele que talvez não houvesse show”, lembra Norling. “Agnetha ainda estava em estado de choque e não deixava ninguém entrar em seu quarto. Ele virou uma fera... e tentou entrar. Mas ela se recusou a abrir a porta.”

As horas passavam e ninguém sabia se o grupo apresentaria ou não o show. Além disso, havia também o problema do dinheiro: para que Stig cancelasse a apresentação, ele precisaria de um atestado médico provando que Agnetha estava realmente doente. Finalmente ela deixou o médico, e somente ele, entrar no quarto. Quando saiu, explicou que ela estava com febre, sua temperatura chegava a quarenta graus, vomitando e com diarreia. Um vírus − em combinação com o trauma − tinha causado uma forte gripe. No dia seguinte, o ABBA voou para Montreal para mais um show. “Eu queria me apresentar de qualquer maneira, embora minhas pernas não estivessem firmes”, ela se lembra. “Eles foram lá para me ver e isso me ajudou a seguir em frente. Quando 12 mil pessoas em Montreal se levantam, acenam e aplaudem, uma onda de energia atinge você. Você então ganha força e é recompensada por todo o trabalho difícil, e isso é fantástico.”

Em 26 de outubro, o grupo lançou sua segunda coletânea, “Greatest hits vol. 2”. Os shows, que incluíam os sucessos já conhecidos e as novas músicas, contavam também com uma composição de Agnetha, que ela cantava enquanto tocava piano: *I’m still alive* (Ainda estou viva). Ficou claro para os fãs que essa canção era uma espécie de desabafo da artista, que tinha acabado de sair de um divórcio. Infelizmente a música foi somente apresentada nos shows e nunca chegou a ser oficialmente lançada. Outra canção inédita foi composta

especialmente para a turnê de 1979, *The way old friends do*, gravada ao vivo em Londres, na Wembley Arena. A música seria incluída no próximo álbum do grupo. Mais uma vez ficava claro para os fãs que as emoções e os sentimentos dos integrantes do ABBA começavam a aparecer nas letras de suas músicas.

Agnetha estava muito mais contente quando o ABBA se apresentou na Wembley Arena, por seis noites seguidas. O motivo: ela pôde estar com seus filhos durante toda a semana. A atmosfera foi marcada pela paz e pela harmonia, sem o estresse da etapa americana da turnê, e tudo correu particularmente bem. A imprensa britânica estava espantadíssima com a atitude tranquila de Björn e Agnetha em relação ao divórcio. Mais surpresa ainda ficou quando o ex-casal foi visto em um restaurante com Lena.

Depois de mais de quarenta shows em dez países, o grupo retornou a Estocolmo. Agnetha parecia felicíssima por estar de volta à sua casa, junto dos filhos Linda e Christian. Boatos de que ela estava deixando o ABBA foram espalhados, mas não era isso o que Agnetha queria. Seu desejo era apenas estar com a família e não fazer mais nenhuma turnê. Ainda queria continuar no ABBA, sim, e gravar mais discos. Então pediu um tempo de descanso do grupo para o segundo semestre de 1980, porque nesse período a filha estaria entrando na escola.

Björn e Benny pareciam incertos quanto ao tempo que o ABBA sobreviveria sem que circunstâncias inesperadas abalassem a estabilidade do grupo, que havia permanecido intocável por sete anos. “Eu não tenho ideia de quanto tempo ainda continuaremos”, disse Benny na época. “Não arriscaria tentar adivinhar. É uma questão de vontade e de potencial, de querer fazer algo. Mas gosto muito do que faço, de verdade. Sem trabalho, a vida não teria sentido − é a maior parte da minha vida.” Björn expressou sentimentos parecidos: “Não sei quanto tempo ainda vamos seguir em frente, mas já não fazemos mais grandes planos...”.

Uma coletânea dos sucessos suecos de Agnetha foi lançada ainda em 1979, “Tio år med Agnetha” (Dez anos com Agnetha). Em dezembro, o compacto com *I have a dream* e *Take a chance on me* (*Live*) chegou às lojas. Era o último lançamento do ABBA nos anos 1970 e trazia na contracapa um pequeno texto que fechava com chave de ouro o período: “Novembro de 1979 será sempre cheio de lembranças carinhosas de nossa turnê inglesa. Lançar esse compacto nos dá a oportunidade de agradecer aos milhares de vocês que fizeram de nossa visita algo memorável. Em 1979, o Ano Internacional da Criança, *I have a dream* teve um significado especial para nós e nos possibilitou cantar com corais de escolas britânicas a cada noite. Junto com nossa música *Take a chance on me*, gravada ao vivo em Wembley, esperamos que este seja o suvenir ideal da nossa temporada na Inglaterra”.

Mais de 150 milhões de discos do ABBA passaram pelas lojas ao redor do mundo durante

os anos 1970, que agora chegara ao final. Durante aqueles dez anos, o ABBA havia pulado da obscuridade para o estrelato mundial.

.. 18 ..

Bem-vindos aos anos 1980

O nascimento da nova década coincidia com a morte de um sonho. Não uma morte repentina, dessas de infarto ou acidente grave. Uma morte lenta, após longa agonia e muita ajuda de aparelhos para respirar.

Em março de 1980, o ABBA viajou para o Japão e permaneceu lá por três semanas para fazer 11 shows. As apresentações foram exatamente as mesmas esquematizadas para a turnê de 1979, exceto por uma canção: o ABBA cantou *I have a dream* em japonês, para delírio da plateia.

Nessa época, o relacionamento do grupo ia de mal a pior. A ficha parece ter caído após o divórcio de Björn e Agnetha. “Após a separação, fiquei muito triste”, lembra ela. “Passei por uma depressão terrível e dolorosa, ficava petrificada com a ideia de estar só, pois desde a nossa juventude Björn sempre tomou conta de tudo e então, de repente, tive de aprender a me virar sozinha.”

Mas nem tudo estava terminado. O canto do cisne era Benny e Björn dando duro para compor as canções do próximo álbum do grupo, “Super trouper”, que foi lançado no final daquele ano, em 31 de outubro. “Está ficando cada vez mais difícil achar material novo para compor, coisas originais”, explicou Benny na época. “Precisamos de inspirações de fora. Como no inverno passado, quando fomos para as Bahamas e a Flórida passar duas semanas. Não só para fugir da nossa gélida Suécia, coberta de neve, mas para ouvir outras músicas também.”

Enquanto os dois ralavam no novo álbum, Agnetha e Frida gravaram as letras de “Gracias por la musica”, disco com os grandes sucessos do quarteto cantados em espanhol. Buddy e Mary McCluskey, cuja tradução de *Chiquitita* em espanhol fora um sucesso no ano anterior, cuidaram da tradução das outras músicas. “Trabalho na Argentina para a RCA, a companhia musical responsável pelos discos do ABBA nesse território”, explicou Buddy. “Minha esposa Mary e eu escrevemos a tradução espanhola de *Chiquitita* e as garotas regravaram os vocais. Foi o maior sucesso e aí comecei a ajudá-las com o sotaque.” Buddy e Mary eram também os

responsáveis por escrever as versões em espanhol das músicas do rei Roberto Carlos. Foi o próprio Buddy quem sugeriu à RCA que encomendasse um álbum do ABBA com letras em espanhol. Isso alavancaria as vendas na América do Sul e aproximaria o quarteto do público latino.

Buddy ainda tentou arranjar uma apresentação ao vivo do ABBA em Buenos Aires, após a turnê americana, em setembro do ano anterior. A resposta, entretanto, tinha a ver com o momento delicado por que passava o grupo: a partir de 1980, o ABBA decidiu não mais fazer turnês. Nem o pedido do técnico da Seleção Argentina de Futebol, César Luis Menotti, serviu para convencê-los a mudar de ideia.

O projeto de gravar em espanhol tinha um objetivo claro: conquistar a América Latina, um dos poucos redutos que eles ainda não dominavam. Ao contrário de Agnetha e Frida, entretanto, Björn e Benny não pareciam muito empolgados com o disco.

Chiquitita foi a primeira canção que o ABBA regravou em espanhol e teve o mesmo êxito imediato que recebeu em inglês. As ótimas colocações nas paradas renderam fama na Argentina, Chile, Colômbia, Equador, El Salvador, Panamá, Peru e Venezuela. O indiscutível sucesso possibilitou ao conjunto gravar outras canções em espanhol nos anos seguintes.

Em paralelo, "Super trouper" conseguiu superar todos os índices de vendas do grupo. É claro que o disco instantaneamente subiu ao topo das paradas, um sucesso ecoado na canção título, que também estourou na Alemanha e na Holanda, assim como em vários outros países. O disco incluía *The winner takes it all*, que falava sobre o fim de um romance – o que espelhava a situação emocional que afetava cada um dos membros do grupo. Era uma música que veio do coração e todos que a ouviram sentiram isso.

Nessa época, Agnetha estava saindo com Dick Håkansson, seu novo namorado. Charmoso e atraente, Dick, de 34 anos, era diretor da fabricante de roupas femininas Dots Design. Os dois haviam se conhecido poucos meses antes, por meio de Benny e Frida. Mas o namorico durou poucos meses.

Na França, a cantora Mireille Mathieu gravou uma versão de *The winner takes it all*, auxiliada por Benny e Björn e intitulada *Bravo tu as gagné* (Bravo, você venceu). Frida também gravou *backing vocals* para a versão francesa. No Brasil, vários grupos conseguiram sucesso com uma versão em português, coisa que a paraguaia Perla já vinha fazendo desde *Fernando*, em meados dos anos 1970. Mas nenhuma das versões brasileiras teve qualquer participação do ABBA.

AMEAÇA

Os integrantes do ABBA ficaram assustados no fim daquele ano. Quando eles cultivavam inúmeros planos de fazer especiais natalinos para a TV, um bilhete foi deixado nos escritórios da Polar Music ameaçando a segurança de todos os filhos dos quatro músicos. “Quem quer que esteja mandando esses bilhetes disse que, se continuarmos fazendo turnês, irá ferir nossos filhos”, revelou Agnetha à imprensa.

Aconselhado pela polícia, o ABBA, a contragosto, cancelou todas as viagens. O *Show express*, programa da televisão alemã, enviou uma equipe especial a Estocolmo para garantir a segurança de todos os membros do grupo, enquanto o programa era gravado lá mesmo.

Se Agnetha já se mostrava relutante em sair da Suécia, agora havia um forte motivo. “Ela resolveu não viajar mais ao final da turnê americana”, diz Björn. “Depois disso, acho que acabou indo ao Japão porque já tinha sido planejado antes da turnê americana. Mas aquele foi o final. A razão não foi essa, porém. Eu também teria parado de viajar com prazer. Não. A razão foi o clima no estúdio, definitivamente. A motivação. Quando eu era jovem, achava divertido estar no palco e podia fazer maratonas de 24 horas no estúdio de gravação também, mas hoje em dia já não acho tão divertido assim. Não sinto necessidade. Agora prefiro compor. É isso que me fascina mais que qualquer coisa.”

Em 5 de janeiro de 1981, Björn casou-se com Lena. A cerimônia, discreta, foi realizada em Estocolmo. Em 25 de janeiro Stig comemoraria seu 50º aniversário. Foi planejada uma festa para mais de trezentos convidados e o ABBA apresentou uma canção, escrita especialmente para a ocasião, *Hovas vittne*, lançada em compacto com edição limitada – apenas duzentas cópias.

No dia 10 de fevereiro era a vez de Benny e Frida anunciarem seu divórcio. Repetindo o discurso do outro casal, deixaram claro que de forma alguma aquilo interferiria na participação deles no ABBA. “A decisão foi tomada depois de muitas considerações e nos melhores termos. Estamos cientes de que haverá muita especulação na mídia, mas teremos de aceitá-la. Nossa vida particular é unicamente da nossa conta e ninguém tem nada a ver com isso. Esse passo não afeta a integração do ABBA de forma alguma, pois é de natureza estritamente privada. Não temos mais nada a declarar”, informou o casal. Mas a notícia foi tão surpreendente quanto chocante. Pouco tempo antes, Frida tinha sido perguntada em uma entrevista se era difícil morar e trabalhar com Benny. “Como sempre trabalhei e vivi com ele desde o princípio, por quase 13 anos, seria muito estranho se não trabalhássemos e não morássemos juntos”, respondeu ela.

Entretanto, a realidade era outra. Benny havia se apaixonado pela produtora de TV Mona Nörklit, que conhecera em 1980 na festa de aniversário de uma amiga em comum. Foi paixão à

primeira vista. (Mona é irmã de Lillebel Ankarcrona, que na época era esposa de Rune, o diretor de arte do ABBA.)

A relação entre Benny e Frida já vinha minguando nos últimos anos. Assim como Agnetha e Björn, eles também haviam tentado salvar o casamento com terapia, sem sucesso. A interação dos dois estava muito ligada à carreira que ambos tinham, e quando o brilho do ABBA como grupo diminuiu gradativamente, o fervor do relacionamento deles também desapareceu. “Não sei exatamente o que deu errado”, refletiu Frida mais tarde. “Talvez tenha sido o estresse de trabalhar juntos, morar juntos, nunca tendo tempo para nossa vida própria. Nunca fomos capazes de sentar como dois indivíduos e decidir o que queríamos de nossas vidas. Foi uma mistura de tudo... O ABBA ocupou um espaço grande de nossas vidas.”

Rapidamente Benny começou vida nova com Mona, em março de 1981. Em novembro, casaram-se. Para Frida, entretanto, o término da relação foi bem complicado. Apesar de ter demonstrado força nas declarações à imprensa, ela, que sempre fora menos autoconfiante que Benny, estava devastada por dentro. A confiança que Frida desenvolvera tinha desmoronado ao seu redor, com sua vida virada de cabeça para baixo. “Não é um problema tão grande assim”, analisou Benny décadas mais tarde. “Você se divorcia, sua ex-mulher se casa de novo, tem filhos, você também. Mas todos podemos nos reunir. Não é como se nunca mais nos víssemos. Não é assim que funciona na Suécia.”

Anders Eljas, responsável pela parte de orquestração das músicas, acredita que as separações não atrapalhavam a carreira do ABBA. “Não dava para perceber no palco. Eu não notei, e estava lá com eles. Se eu, que estava no palco com eles, não notei, como alguém na plateia notaria?”, afirma. “É pura verdade que eles nunca brigaram no estúdio, choraram, gritaram ou jogaram objetos uns nos outros. Foi tudo muito civilizado. Nunca tivemos brigas no estúdio”, confirma o engenheiro de som Michael Tretow.

Mas é claro que, com o tempo, o efeito dos divórcios atrapalharia o entrosamento do ABBA. Logo após a separação de Benny e Frida, os quatro apareceram juntos no *talk show* do apresentador americano Dick Cavett, em programa especial gravado na Suécia. Naquele momento, ficava claro para eles que o sonho de se tornar grande nos Estados Unidos teria de ser esquecido. A vida pessoal do quarteto estava individualizada demais.

Essas tensões particulares começavam a comprometer o sucesso das canções. Apesar de os fãs acreditarem que um grupo que sobrevivera a um divórcio seria capaz de sobreviver a outro, a estabilidade do quarteto não era mais a mesma. Uma nova turnê, então, estava fora de cogitação.

Em 30 de novembro de 1981, nesse contexto turbulento, era lançado “The visitors”, o

oitavo e último disco oficial da banda. Uma despedida – embora ainda não consciente – com o último grande sucesso, *One of us*. As canções do LP eram muito mais profundas e complexas. “Nós nos divertimos muito enquanto estamos gravando, Björn, Michael Tretow, nosso engenheiro de som, e eu”, afirma Benny. “Durante todo o período em que estivemos no estúdio, 80% do tempo passamos rindo. É realmente fantástico ir para o estúdio quando você sabe que tem boas canções e que alguma coisa boa vai sair dali. Esse é o tipo de vida que eu desejaria para todo mundo. O que nós fazemos provavelmente aparece nos resultados. Há sempre a chance de aparecermos com algo que ninguém jamais ouviu. É o sentimento de estar próximo disso que traz a satisfação. Mas não sei do que gosto mais − compor as canções ou gravar e produzir o disco. Tudo isso está muito ligado. Estamos sempre dizendo: ‘Bem, talvez não devêssemos gravar mais nenhum outro disco’, mas ‘Super trouper’ é o nosso maior álbum desses oito anos de trabalho. Isso dá alguma inspiração para você continuar. Acho que seria totalmente patético seguir em frente sem nenhum motivo, mesmo que nossos discos continuem vendendo mais e mais.”

Björn, por outro lado, não acha que tudo foi tão perfeito assim. “Depois dos divórcios estava ficando mais difícil dizer: ‘Por favor, faça aquilo de novo’, sem ouvir: ‘Não’ ou ‘Não quero!’”, conta. Trabalhar em estúdio havia se tornado uma faca de dois gumes. Por um lado, as separações tinham aliviado vários conflitos indesejados e o profissionalismo e a paixão pela música tornou possível a eles prosseguir quase como antes. Mas os divórcios e as ambições divergentes dentro do grupo haviam tirado a razão de o ABBA existir como grupo.

.. 19 ..

Simples visitantes?

“The visitors” trouxe a público uma imagem triste do ABBA. Os sorrisos, antes tão comuns, deram lugar a olhares de cansaço e expressões de melancolia. Foi um LP infrutífero e, pela primeira vez em um álbum do grupo, Frida e Agnetha não cantaram juntas em uníssono nos versos das músicas. “As letras tinham de repente se tornado mais reais para mim”, analisa Björn. “Eu pude ‘ouvir’ o que elas estavam cantando, enquanto antigamente aquilo não importava muito. Ter duas vozes cantando aquele tipo de letra seria totalmente antinatural.”

Nessa época, cada um dos componentes do grupo já pensava em projetos futuros – todos eles fora do ABBA. “Inspiramo-nos nos Beatles ao tentar dar um passo à frente, ao gravarmos um novo álbum. Nós nos desenvolvemos tanto do ponto de vista da letra como da melodia. Amadurecer significou nos tornarmos um pouco mais sérios do que havíamos sido antes. Mas conscientemente”, comenta Björn. “As pessoas dizem que quando olham para a capa do álbum, a foto na capa de ‘The visitors’, que foi o último álbum, muita gente diz: ‘Ah, esse é o fim’. Apesar de nós mesmos não sabermos isso na época.”

Nos dez primeiros dias de 1982 houve duas novas adições na “família ABBA”: em 3 de janeiro de 1982 nasceu Emma, o primeiro bebê de Björn e Lena. Exatamente uma semana depois, em 10 de janeiro, Benny e Mona também tiveram seu primeiro filho, Ludwig.

Ainda no começo de fevereiro foi lançada *Head over heels* no segundo compacto extraído do álbum “The visitors”. Esse compacto tornou-se o de menor sucesso na carreira do ABBA desde 1975, e não entrou nem no Top 20 britânico. “Foi somente no final que a energia acabou. Aconteceu alguma coisa que todos nós percebemos. Podíamos sentir que alguma coisa estava errada”, reconhece Björn. “Quando você passa por uma separação, como todos nós havíamos passado na época, isso cria certa atmosfera no trabalho. Algo que era tão fundamental para a alegria nas nossas canções e esteve sempre presente havia desaparecido”, completa Frida. “Mesmo quando a música em si era mais lenta, sempre havia alegria em algum lugar. Mas em ‘The visitors’ acredito que estávamos todos meio cansados uns dos outros. Havíamos passado por tanta coisa juntos que já não havia mais alegria. A gravação se tornou

nada mais que rotina. Havíamos nos distanciado e começamos a seguir em direções diferentes, e a unidade que tinha sido sempre parte de nossas gravações tinha sumido. Não sei − talvez tenha havido certa tristeza ou amargura que pontuou a gravação daquele álbum."

No segundo semestre houve talvez uma última e desesperada tentativa de continuar o grupo: planos para um novo LP. Em outubro foi lançado um compacto que não era ligado a nenhum álbum regular de estúdio, e que mostrava de novo outra fase com a canção *The day before you came*, incluída um mês depois na coletânea do grupo, "The Singles − The first ten years". "A música não tinha sido nem mesmo escrita quando estávamos no estúdio", revela Benny. "Então começamos do zero no estúdio, com a canção. Eu gosto muito dessa música e também da letra. Quase não há trilha instrumental. Queríamos que Agnetha fosse bem comum, deixando de lado suas habilidades de cantora, para conseguir representar uma mulher simples de subúrbio que não percebeu quão mundana era a sua vida até aparecer um homem. Acho que aquilo foi um erro porque, se você quer representar um papel em uma canção, não precisa necessariamente deixar de lado sua habilidade como cantor ou cantora." Ainda assim, a canção é outra de suas favoritas. "Ela contém muito sentimento. Gostaria de gravá-la novamente algum dia", comenta.

O vídeo usado para promover a canção não era do estilo que o público estava acostumado a ver. Agnetha aparecia sozinha em 90% do clipe. Pela primeira vez em muitos anos, Lasse Hallström não foi o diretor – função assumida por Kjell Sundvall e Kjel-Åke Andersson, indicados por Lena, a nova esposa de Björn.

"Eles estavam se distanciando das músicas pop de três minutos e se dirigindo para algo diferente", explica Thomas Johansson, produtor de eventos do grupo. "Acho que Björn indicou isso muito bem. Conversamos sobre isso. Como compositor de pop, há um determinado período em que você tem os olhos, os ouvidos e as mentes dos jovens. Nós tivemos essa fase, mas não deveríamos forçar mais nada adiante, porque no final daria errado."

Com *The day before you came* e seu lado B, *Cassandra*, a última safra de canções a serem gravadas pelo ABBA incluía *Under attack* e *You owe me one*, lançadas no último compacto original do quarteto. O vídeo de *Under attack* mostrava o novo lado do ABBA e também foi dirigido por Kjell Sundvall e Kjel-Åke Andersson. Frida gravou em 1982 (ainda envolvida com o ABBA) o álbum solo "Something's going on", produzido por Phil Collins, assim como Agnetha gravaria em 1983 "Wrap your arms around me", produzido por Mike Chapman (ex-produtor do Blondie).

Tomas Ledin, vocalista de apoio dos shows do ABBA – e marido de Marie, filha de Stig –, contribuiu com a música *I've got something* para o álbum solo de Frida. No mesmo ano,

gravou com Agnetha a canção *Never again*, que fez bastante sucesso na Europa e ficou em primeiro lugar na Escandinávia. O dueto foi, provavelmente, ápice da carreira de Tomas, que nunca chegou a deslanchar de verdade fora da Escandinávia.

O FIM

"Profissionalmente você pode prosseguir mais um pouco, mas, emocionalmente, depois de certo tempo, é difícil continuar", afirma Frida. "Parece não haver mais motivação. Pelo menos com Agnetha e comigo era assim."

Durante o verão, Frida viajou pelos Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Dinamarca, Alemanha, Holanda, França e Espanha para promover seu álbum solo, enquanto Agnetha lançava em compacto *Never again,* o dueto com Tomas Ledin.

Então, o quarteto constatou o óbvio: não havia motivação para completar mais um disco. Assim, o nono álbum do ABBA, "Opus 10", morreu antes mesmo de existir. Eles chegaram a uma solução prática: lançariam um LP duplo com seus compactos mais famosos, acrescentando nele duas novas gravações. Em Estocolmo, no momento em que deram os retoques finais em *The day before you came,* o grupo saiu do estúdio da Polar Music deixando o centro de sua criatividade musical pela última vez. Embora eles não soubessem na época, nunca retornariam ali como um quarteto.

Em outubro de 1982, os planos para o lançamento dos novos compactos e do álbum duplo foram elaborados e ficaram prontos para serem colocados em movimento. Em 18 de outubro, saiu o compacto com *The day before you came* e *Cassandra*. Em 5 de novembro, o ABBA apresentou a coletânea das canções de seus dez anos de carreira, "The singles − The first ten years". Foi feita uma festa de lançamento do álbum para o grupo no Belfry Club, em Belgravia, um dos bairros mais chiques de Londres (os imóveis de Belgravia estão entre os mais caros do mundo).

Em 19 de novembro o ABBA fez a sua última apresentação na televisão sueca, no programa *Nöjesmaskinen* (A máquina da diversão), apresentado por Sven Mellander e Stina Dabrowski. Ironicamente, essa entrevista final foi uma das mais descontraídas que eles deram na TV. Se antes a maioria dos entrevistadores havia se preocupado com quanto dinheiro o ABBA estava ganhando e a natureza comercial de sua música, empurrando os membros para uma posição defensiva, dessa vez os assuntos foram focados amplamente na sua carreira e nos seus sentimentos em geral. Como resultado, os integrantes do ABBA apareceram mais relaxados do que o normal, mostrando também que eles tinham senso de humor sobre si mesmos.

Frida, por exemplo, divertiu-se ao se lembrar de um episódio engraçado da turnê do ABBA de 1977 na Austrália. “Fizemos um minimusical que durava cerca de vinte minutos durante o show. Agnetha e eu usávamos diversas roupas e perucas loiras. É óbvio que nós tínhamos uma pressa terrível na hora de trocá-las. Quando colocamos as perucas, temos de pressionar os cabelos para baixo e colocar uma meia-calça neles. Depois você tem de prender a peruca com os grampos para ficar segura na sua cabeça. Mas tínhamos tanta pressa que eu não consegui prendê-la... Então tivemos um número agitado em que dançamos e balançamos a cabeça e... minha peruca caiu no chão! Não deve ter sido divertido para o público me ver sem cabelo e com a meia na cabeça. Então tentei colocar a peruca na cabeça mas, na pressa, eu a coloquei de trás para a frente!”, relatou ela às gargalhadas.

A apresentadora Stina Dabrowski pegou carona nos risos e perguntou: “Qual foi a pergunta mais idiota que já fizeram a vocês?”. Benny respondeu prontamente: “Bem, foi no Midem (Exposição Internacional de Gravações, Publicações Musicais e Vídeos Musicais), em Cannes, há alguns anos. Fizeram duas perguntas tolas, uma após a outra. A primeira foi: ‘Você gosta de música, sim ou não?’ [risos]. A segunda foi: ‘Como se faz um hit?’ [risos]”.

“Eu comecei a rir e tive de sair da sala”, completou Frida.

“Você ficou irritada”, revelou Benny.

“Sim, fiquei irritada também”, admitiu Frida.

Em outro trecho da entrevista, a apresentadora disse: “Nós ainda somos diferentes, homens e mulheres. Após um divórcio as mulheres levam sete anos para se casar de novo e o homem, apenas um”.

Björn: “Isso será verdade?”.

Frida: “Eu acho que os rapazes têm medo de ficar sozinhos”.

Benny: “Eu acho que não há bons rapazes o suficiente”.

Agnetha: “Eu concordo, os rapazes têm medo de viver sozinhos”.

Björn: “Eu fiquei solteiro apenas por uma semana... Que semana horrível!”.

O ABBA também cantou *Thank you for the music* e *Under attack* na ocasião.

Juntamente com o lançamento de “The singles”, o grupo iniciou uma série de atividades promocionais começando por uma visita de três dias ao Reino Unido, onde recebeu a imprensa. De lá eles foram direto para a Alemanha Ocidental e gravaram sua apresentação no programa de TV *Show express*.

Em 11 de dezembro de 1982, o grupo apareceu no *The late, late breakfast show*, programa de televisão inglês apresentado por Noel Edmonds e exibido pela BBC. Foi transmitido via satélite, ao vivo, de um estúdio de Estocolmo. Na época ninguém sabia que

aquela seria a última aparição pública do grupo. Se fosse uma despedida oficial, certamente a ocasião teria sido muito mais caprichada.

Também marcada por certa descontração, mas não como no *Nöjesmaskinen*, a entrevista teve momentos divertidos, como quando Noel Edmonds perguntou a Benny: “Em que ponto você decidiu deixar crescer sua barba?”.

Björn: “Quando ele descobriu como o seu rosto era redondo [risos]”.

Noel Edmonds: “Parece engraçado olhar para trás em coisas assim... Não muito tempo, mas alguns anos atrás”.

Benny: “Bem, um pouco... Há 15 anos deixei a barba crescer. Björn está certo. É por isso que eu a mantenho”.

Nessa época, Björn e Benny estavam querendo pôr em prática o sonho antigo de escrever um musical. As conversas recentes com o compositor Tim Rice haviam sido muito promissoras e os três estavam empenhados em realizá-lo.

.. 20 ..

Novos caminhos

O ABBA nunca terminou oficialmente. Os integrantes apenas decretaram um “descanso”. Tanto que fãs acalentavam a esperança de que um dia eles interrompessem seus trabalhos individuais e voltassem a ser o ABBA.

“Simplesmente estávamos começando a nos distanciar da corrente da música pop da qual tínhamos feito parte até aquele momento, mesmo que alguns possam dizer que tenhamos estado sempre ultrapassados”, explica Björn. “Você não obtém sucesso na escala em que obtivemos se não estiver fazendo algo certo. Porém só se faz parte dessa corrente dominante, dessa força notável, misteriosa, que é tão difícil de definir, por um número limitado de anos. Acho que os Bee Gees da fase disco music são um bom exemplo disso – por uns dois anos eles fizeram tudo absolutamente certo e, de repente, do nada, no começo dos anos 1980, ninguém queria saber deles. Pessoas como Paul McCartney ou Elton John ainda podem fazer mais sucesso, isso porque são grandes artistas, atemporais – não são mais parte ‘do que está na moda’.”

Em agosto de 1982, a Philips iniciou, em Hanover, na Alemanha, a primeira produção dos *compact discs*, os hoje tão comuns CDs. Uma verdadeira revolução no mercado mundial da época. O primeiro CD lançado no mercado foi “The visitors”.

Em 1983, Agnetha declarou a um jornal sueco que o grupo tinha se dissolvido. “Estávamos cansados do ABBA e de tudo que tinha a ver com o grupo. Havia chegado a hora de nos separarmos”, ela disse.

Nesse mesmo ano os Correios suecos lançaram uma coleção de selos chamada “Musik i Sverige” (Música para a Suécia), com temas de diferentes estilos musicais de artistas suecos: música clássica, jazz, música regional, ópera e música pop. O ABBA estava nessa última categoria. A coleção foi comercializada de 1º de outubro a 31 de dezembro de 1983 e o selo do ABBA foi feito a partir de uma foto tirada pelo fotógrafo oficial do grupo, Anders Hanser, na turnê mundial de 1979.

No final do ano foi lançado o compacto de *Thank you for the music* (espécie de abre-alas

da coletânea homônima lançada naquele ano), seguindo o grande sucesso que fora “The singles” no Natal anterior. O lado B trazia *Our last summer*.

Aos poucos, os outros também passaram a admitir o encerramento definitivo do ABBA. “Ah, sim, você conhece essas coisas”, comenta Frida. “Esse tempo foi pessoalmente muito triste, porque eu tinha terminado com o Benny... Nós ainda continuamos porque queríamos terminar o álbum “The visitors”... Nunca mencionamos isso, mas havia certo clima entre nós quatro.”

“O ABBA como grupo começou muito naturalmente. Também terminou de maneira muito natural, porque nós sempre dissemos que faríamos aquilo juntos enquanto fosse divertido, e, quando não fosse mais, teríamos de acabar”, acrescenta Agnetha. “Foi o que fizemos. Tivemos grandes momentos e todos estamos muito contentes e orgulhosos do que alcançamos, mas tudo tem um fim.”

Stig explica de outra forma. “Benny e Björn estavam cansados. Tinham feito a mesma coisa durante dez anos, escrever e gravar as músicas para o ABBA. Então, disseram a mim: ‘Agora nós gostaríamos de entrar no mercado dos musicais’, e isso eu entendi, pois você não pode ser um compositor sem querer alçar novos voos. Foi por isso – além do fato de estarem divorciados – que o grupo chegou ao fim”, conta.

O que nunca ficou muito claro para os fãs do ABBA é que Agnetha e Frida eram essencialmente colegas de trabalho, parceiras no canto, mas nunca foram propriamente amigas. É claro que se admiravam, dividiam o palco, trabalhavam juntas, foram boas vizinhas, mas eram duas mulheres completamente diferentes, em vários aspectos. Fora do ABBA não tinham uma relação de profunda amizade e convivência, ao contrário de Benny e Björn, que já eram grandes amigos bem antes e continuam trabalhando juntos até hoje. Se não fosse pelos respectivos noivos, talvez Agnetha e Frida nunca tivessem se conhecido. Não compartilhavam os mesmos gostos, vinham de situações bem diferentes, seus registros não eram os mesmos.

A imprensa sempre tentava apimentar essa questão. Uma reportagem da revista holandesa *Hitkrant*, de março de 1979, trazia o título “Anni-Frid não é ciumenta”. O repórter perguntou: “O que você acha do fato de Agnetha ser sempre a que recebe mais atenção?”, ao que Frida, sorrindo cordialmente, respondeu: “Bem, não fico enciumada. Veja bem, Agnetha é nada menos que o símbolo da Suécia: loira, jovem e bonita”. O repórter retrucou: “Dessas três coisas, você só não é loira”. Frida sorriu lisonjeada. Vinte anos depois, ela falou novamente sobre ao assunto ao ser questionada por outro jornalista: “Agnetha é soprano e eu, meio-soprano. Com a união das duas vozes, o alcance é naturalmente muito maior do que seria com apenas uma voz. Benny e Björn já tinham uma ideia de quem seria a solista em determinada

música. Às vezes eu ficava com certo ciúme quando escolhiam Agnetha, devo admitir". Agnetha complementa: "O aspecto interessante no som do ABBA veio das nossas diferenças. Procurávamos tirar o máximo proveito de nossas vozes".

Apesar de boatos, Agnetha e Frida nunca se agrediram ou foram inimigas. A disputa que existia entre elas era natural para duas companheiras de trabalho. "Se duas mulheres estão à frente de uma banda, é claro que haverá competição", diz Frida. "Mas foi bom porque o público competia por nós também. Acho que por isso nós nos dedicávamos ao máximo. Lutávamos pelo público e isso dava um toque extra nos shows. Frida frequentemente tinha uma imagem mais intensa que a minha, tanto cantando como dançando. Aquilo não me empolgava tanto como empolga outras pessoas", completa Agnetha.

Frida e Agnetha embarcaram em carreiras solo e ambas obtiveram relativo sucesso. Com o fim da banda, cada membro trilhou a carreira solo com algum êxito, mas jamais igual ao do ABBA. Suas carreiras eram suficientes para manter seus nomes nas manchetes das revistas especializadas e criar expectativas e boatos acerca da volta do grupo.

Como compositores, Benny e Björn eram mais capazes de prolongar seu sucesso profissional, pois poderiam partir para novas parcerias, produzir outros artistas, e assim por diante. O mais notável feito da dupla durante a segunda metade da década de 1980 foi *Chess*, o musical que escreveram com o famoso compositor inglês Tim Rice. Baseados no real confronto entre um americano e um russo, mestres no jogo de xadrez, o musical incluía vários sucessos internacionais e conseguiu enorme vendagem do disco, lançado no final de 1984.

A trama tinha sido inspirada no campeonato mundial de xadrez entre o americano Bobby Fischer e seu oponente russo, Boris Spassky, que acontecera na Islândia em 1972. Com a Guerra Fria no auge, essa disputa teve um viés inevitavelmente político. No musical, o campeão russo se apaixona por uma mulher do mundo ocidental.

Dois grandes hits surgiram dessa experiência. O primeiro, *One night in Bangkok*, cantado por Murray Head, atingiu o Top 3 nos Estados Unidos, o Top 10 na Inglaterra, e fez grande sucesso em outros países. O segundo, *I know him so well*, dueto de Elaine Paige e Barbara Dickson, liderou as paradas por um mês inteiro na Inglaterra, no princípio de 1985. *Chess* pôde ser visto em Londres no Prince Edward Teathre, onde permaneceu durante alguns anos em cartaz.

Em 1985, Benny, Björn e Frida anunciaram, em Londres, que gravariam um novo álbum do ABBA – especulou-se que seria o aguardado "Opus 10". Agnetha jamais se manifestou. "Opus 10" é um suposto álbum que sempre causou burburinhos entre os fãs. O quarteto, entretanto, nunca afirmou ter um trabalho, ainda que em andamento, sob este título. Nos anos

1990, o próprio Björn esclareceu: a notícia não passava de um erro de interpretação de uma reportagem publicada pelo jornal sueco *Expressen*, em junho de 1981.

Para alegria dos admiradores do ABBA, em janeiro de 1986 o grupo voltou a se encontrar pela primeira vez após muitos anos. Eles gravaram um especial para a TV sueca sobre Stig, cantando *Tivedshambo*, uma canção escrita por ele nos anos 1940. No mesmo ano foi lançado o primeiro disco ao vivo do grupo, "ABBA live", uma coletânea das grandes performances do quarteto gravadas em turnês ao longo da carreira.

Agnetha fez sua última gravação em 1987 e declarou dois anos depois que não continuaria sua carreira solo. Só voltou a gravar um CD em 2004. Casou-se no final de 1990 com o cirurgião sueco Tomas Sonnenfeld e divorciou-se dois anos mais tarde. Benny e Björn continuam até hoje com as mesmas mulheres do segundo casamento. Após abandonar sua carreira solo, Frida se casou com o príncipe alemão Ruzzo Reuss, em 1992. Ruzzo morreu em 1999.

Na segunda metade dos anos 1980, Stig decidiu vender a Polar Music – cujo maior acervo era o catálogo do ABBA – à Polygram, uma das seis maiores empresas fonográficas do mundo.

.. 21 ..

O ABBA volta às paradas

O fenômeno ABBA inspirou jovens músicos suecos que, nos anos 1980, queriam vencer e vender não somente em seu país, mas também conquistar o mundo. Não faltaram exemplos bem-sucedidos. Em 1986, o grupo de heavy metal Europe conquistou o número 1 mundial com *The final countdown*, música executada até hoje em eventos esportivos. Em seguida veio a dupla Roxette, que viveu seu auge de 1989 a 1992, com quatro primeiros lugares nas paradas norte-americanas – feito até hoje não igualado por nenhum artista sueco. Entre 1993 e 1994 foi a vez do Ace of Base, com os hits *All that she wants* e *The sign* no terceiro compacto mais vendido de todos os tempos, com 19 milhões de cópias.

Quando o ABBA venceu o Eurovision Song Contest em Brighton, na Inglaterra, em 1974, a música pop sueca ainda era considerada uma exótica forasteira. Naquela época, ninguém poderia sequer sonhar que três décadas mais tarde haveria uma casa noturna em Brighton com o nome de Sweden Made Me (A Suécia me fez), que toca música sueca.

Em um artigo sobre a música sueca no jornal *The Guardian*, de setembro de 2006, o fundador da boate, Rob Sinden, explicou por que resolveu abri-la. “Mais por causa do som desses discos do que pela língua em si”, afirmou. “É música caseira, feita no quarto. Existe toda essa coisa do ‘faça você mesmo’. Mas feito com orgulho, com satisfação verdadeira, que atrai os fãs ingleses de música indie.” Não é o único exemplo. Em Londres existe a Tack! Tack! Tack! e em Glasgow há outra, chamada Sounds of Sweden (Sons da Suécia).

Na década de 1990, a música sueca tornou-se tão internacionalizada que muitos nem mais se preocupavam em refletir sobre suas origens. Não somente é difícil crer que artistas como The Cardigans sejam suecos, mas muitos compositores e produtores suecos haviam, também, começado a trabalhar com estrangeiros. Por meio do produtor Max Martin (Martin Sandberg) e seus colegas, mais sucessos foram gravados em Estocolmo no final dos anos 1990 que em qualquer outra cidade do mundo.

Enquanto a cena sueca do “faça você mesmo” – com artistas gravando em casa – cresceu, Estocolmo ficou famosa no século XXI por ser reconhecidamente uma fábrica de sucessos

dançantes da música pop, altamente tecnológica, similar ao que foi Detroit nos anos 1960. De repente a Suécia se tornou o terceiro mais importante produtor de música popular, logo depois dos Estados Unidos e da Inglaterra. O ABBA certamente abriu caminho para isso. Sucessos globais de Britney Spears, Backstreet Boys, N'Sync, Madonna e muitos outros foram escritos e gravados na Suécia, embora a maioria dos consumidores de música pop ignore esse fato.

Hoje, a música sueca está tão espalhada pelo mundo quanto os móveis da Ikea ou as roupas da H&M. Desde que a comunidade MySpace, da internet, revolucionou a cena musical, o reduzido tamanho da Suécia e sua localização geográfica deixaram de ser vistos como desvantagem. Todos se tornaram vizinhos.

Durante seus anos de sucesso, o ABBA mantinha contrato com diferentes selos ao redor do mundo, em vez de ter um só acordo com uma companhia mundial. Esta opção tinha na época mais vantagens que desvantagens, já que a Polar Music, sem dúvida, lucraria muito mais com pagamentos adiantados e a disputa entre as outras companhias (Atlantic, parte da WEA, nos Estados Unidos; Epic, aliada à CBS, na Inglaterra; RCA, na América Latina e Austrália, e rivais em outras partes do mundo). Todas tentavam fazer os lançamentos do ABBA tão famosos quanto possível, na esperança de que quando fossem renovar o contrato com Stig, ele permitisse que lançassem os discos do ABBA em partes do mundo fora de seu controle.

Dessa forma, as coisas funcionaram nos primeiros dez anos de demanda internacional do grupo. Mas, no final dos anos 1980, quando a Polygram ofereceu a Stig elevada quantia pela Polar Music (e, consequentemente, pelo catálogo do ABBA), ele acabou aceitando a proposta. As gravações do quarteto passaram a ser propriedade da Polygram/Universal Music a partir de 1º de janeiro de 1990.

HOMENAGENS

Em 1989 Stig criou o Polar Music Prize, conhecido informalmente como Prêmio Nobel da Música. O prêmio é uma homenagem aos músicos que se destacam em suas produções, exaltando a paz e a união entre os povos. O valor do prêmio é de 1 milhão de coroas suecas (aproximadamente 150 mil dólares) e os laureados são escolhidos anualmente pela Academia Real Sueca de Música. Alguns dos premiados ao longo dos anos foram B. B. King, Gilberto Gil, Bob Dylan, Stevie Wonder, Elton John, Björk, Bruce Springsteen e Ray Charles.

Frida passou a dirigir uma Fundação Ambiental. Rumores de que gravaria um álbum surgiram em 1994, mas ela confessou estar em dúvida sobre tal empreendimento. O disco só sairia em 1996.

Assim, nos anos 1990, o gradual processo de distanciamento do ABBA continuou, cada

um seguindo seu próprio caminho. Benny e Björn eram exceção e seguiam compondo juntos. Em 1992, uma grande surpresa: Frida se juntou à dupla Roxette no palco, durante turnê da dupla em Zurique. Cantou *Money, money, money* e deixou o público enlouquecido. Era a faísca de um grande *revival*.

Em meados de 1992 todos os álbuns originais do ABBA foram relançados pela Polygram, e pela primeira vez "Ring ring" e "ABBA live" encontraram-se disponíveis no mercado mundial.

Nessa época, fazia sucesso o EP do Erasure, "ABBA-esque". Formado por Vince Clarke e Andy Bell, e considerado um dos grupos pop de maior sucesso da Inglaterra, o Erasure já havia acumulado sucessos anteriores, incluindo três álbuns número 1 nas paradas consecutivamente – "The innocents" (1988), "Wild!" (1989) e "Chorus" (1991) –, mas ainda não havia conseguido alçar um compacto ao primeiro lugar nas paradas até "ABBA-esque", a homenagem ao grupo que embalara a adolescência da dupla. O EP tinha quatro clássicos do ABBA – *Lay all your love on me, S.O.S., Take a chance on me* e *Voulez-vous*.

Um grupo ainda mais famoso reconhecera a importância do ABBA em sua adolescência: os irlandeses do U2, que passaram a cantar um dos maiores sucessos do ABBA, *Dancing queen*, nos shows de sua turnê mundial de 1992. Quando o U2 esteve em Estocolmo, Benny e Björn subiram ao palco para se juntar ao quarteto irlandês e tocar o grande hit composto por eles quase duas décadas antes. A apresentação deixou a plateia boquiaberta, afinal, quando é que podiam imaginar que veriam duas lendas do pop juntas, longe dos palcos por tantos anos? O show foi emocionante e terminou com Bono Vox fazendo uma reverência a Benny e Björn. "Não somos dignos", disse Bono, de joelhos, agradecendo à dupla.

Na carona desse sucesso, a Polygram se preparava para lançar "ABBA gold". Quando a famigerada coletânea ficou em primeiro lugar nas paradas mundiais (em 14 países diferentes), tornou-se óbvio que o ABBA – longe de ser esquecido – era novamente um dos grupos mais famosos e populares do mundo.

Até julho de 1994, as vendas do CD chegaram a 7 milhões de cópias ao redor do globo e atualmente esse número chega a 10 milhões. O álbum recolocou o ABBA no topo das paradas dez anos após sua separação.

Na Austrália, o grupo Björn Again (que literalmente *incorporava* os quatro suecos), se tornou febre. Foi lá também que filmes como *O casamento de Muriel* e *Priscilla, a rainha do deserto* foram produzidos – ambos com trilha sonora embalada por sucessos do ABBA.

"*Priscilla* foi somene o gatilho", diz o diretor do filme, o australiano Stephan Elliot. "Já estava para acontecer. Para o público gay eles começaram de novo, e lentamente para os outros

públicos. É que os gays foram os primeiros a assumir e ter orgulho.” Ele também comenta a relação de amor dos membros do ABBA com a Austrália. “Foi o primeiro país onde deslancharam e tiveram hits. Quando o país se deu conta, foi como se os tivessem adotado como próprios. Tínhamos tanto orgulho por eles serem nossos, nosso símbolo nacional dos anos 1970, porque ninguém mais os queria antes de nós.”

Benny e Björn passaram a maior parte da primeira metade da década de 1990 escrevendo um segundo musical, *Os emigrantes*, que se tornaria finalmente *Kristina från Duvemåla*, estreado na Suécia em 1996. Em 17 de fevereiro de 1997, Benny ganhou o Grammy sueco de Melhor Compositor de 1996 e, junto com Björn, outro Grammy na categoria Álbum do Ano (por *Kristina från Duvemåla*).

Frida também gravou em 1996 um novo disco, lançado na Escandinávia, após um longo sumiço: “Djupa andetag”, cantado em sueco. A gravação do CD foi praticamente mantida em sigilo. Com o lançamento, boatos de uma possível reunião do ABBA começaram a surgir pela enésima vez. “Eu não penso em nós quatro juntos, não nos vemos desde os últimos 11 anos!”, declarou Björn a Ernie Sigley em entrevista que foi ao ar em 10 de fevereiro de 2007 na rádio 3AW, de Melbourne, Austrália.

Ernie: “Então o ABBA nunca apareceria novamente em um palco, com vocês reunidos, não é?”.

Björn: “Não, não, não, sem possibilidade!”.

Ernie: “Deve ser fantástico para você e Benny terem escrito algumas das canções mais populares da história, você com certeza deve estar muito orgulhoso disso”.

Björn: “Sim, estou, estou muito orgulhoso e especialmente contente com o fato de estarmos ainda... ainda vivos como naquele tempo, e também, ah, com o fato de os discos ainda venderem bastante, é maravilhoso e para mim é muito surpreendente. Pensei que quando nos separamos em... 1981 [1982] fosse terminar ali. Não tínhamos ideia de que nossas canções e tudo o mais continuariam tão vivos como estão”.

Ernie: “Humm... Bem, eu sei que muitos jovens aqui da Austrália, de 18, 19 anos, saem para comprar discos do ABBA, eles adoram vocês”.

Björn: “É, isso é maravilhoso...”.

Ernie: “Acho que muita gente ainda o reconheceria! Afinal, é aquele negócio, o ABBA foi tão grande quanto os Beatles, vocês eram tão famosos que não podiam sair nem ir a parte alguma, então deviam ter uma vida muito solitária, não?”.

Björn: “Sim, sair para as turnês era realmente muito chato, era mesmo, quero dizer que é difícil para as pessoas entenderem isso, mas na verdade elas só veem o lado glamoroso disso,

você sabe, as pessoas alegres, sorridentes e tudo aquilo, mas, longe dos palcos, após as duas horas de show, o resto era completamente chato e é por isso que fazíamos tão poucas turnês. [...] Ficávamos o tempo todo trancados nos hotéis".

Em outra entrevista, que foi ao ar no dia 29 de abril de 1997, o apresentador Petteri Vaananen perguntou a Björn: "Quando você vê uma fotografia sua da época do Eurovision Song Contest e depois se olha no espelho hoje, nota alguma marca que aquela inacreditável fama tenha deixado em sua personalidade?".

"Você se torna humilde confrontado com o tremendo amor que as pessoas passam a sentir por você", responde Björn. "Você sente que lhe foi dada a chance de viver esse amor e ser parte dele. Gratidão e humildade, foi isso que adquiri, mais do que qualquer coisa."

Björn modestamente atribui a atenção que o ABBA voltou a receber nos anos 1990 à nostalgia dos anos 1970. Mas há eternidade na música da banda que ultrapasse décadas. Com grupos como U2 e artistas como Madonna assumindo sua paixão pelo ABBA ficou muito mais aceitável nos anos 1990 tornar pública a devoção de alguém pelo quarteto sueco que se tornou sucesso global de proporções não precedentes. "Fico muito feliz porque isso mostra que a nossa música é ainda notável", diz Frida a respeito do que foi chamado pela imprensa de "a volta do ABBA". "Isso tinha de ser provado, porque ouvimos tantas críticas durante o tempo em que trabalhávamos ativamente. Então isso é um tipo de ditado provando que nós realmente conseguimos. Por outro lado, olho para isso tudo com certa nostalgia porque foi há tanto tempo e a vida que levo hoje é tão diferente da que eu vivia naquela época."

Isso leva a uma pergunta imortal que está na ponta da língua de todo fã do ABBA: o grupo voltará a gravar algum dia? "Eu só posso falar por mim", disse Agnetha na década de 1990. "Eu acho que não. Mas nunca saberemos o que irá acontecer no futuro."

"Eu não sei", diz Benny, quando o repórter pergunta quais são as chances. "Não é zero. Nós nunca pretendemos terminar, no entanto, terminamos. Mas realmente não consigo ver razão para isso. Podemos algum dia aparecer com uma boa razão... poderia ser por diversão. Isso significa que teria de ser divertido para nós quatro. Teria de ser bom também. É por isso que provavelmente não acontecerá. Mas nunca se pode dizer nunca."

A história do ABBA como grupo de sucesso atuante está certamente terminada. Sua imensa popularidade ainda permanece, amplamente devido à qualidade de suas gravações, que nunca envelhecem, feitas durante seus anos de glória. A grande quantidade de material do grupo que vem sendo descoberta é outro fator inegável de que o mercado ainda clama pelo ABBA. "Estamos lisonjeados. A maioria dos grupos que acabaram há dez anos já foi esquecida", diz Björn, sobre o *revival* do ABBA em 1992.

Entre 1996 e 1997 todos os quatro integrantes voltaram individualmente às paradas de sucesso. Agnetha, com a coletânea dupla de suas canções favoritas, “My love, my life”; Frida com seu álbum “Djupa andetag”; Benny e Björn com o sucesso do musical *Kristina från Duvemåla*. No entanto, o maior sucesso da fase pós-ABBA é, sem dúvida, o musical *Mamma mia*!, composto de 22 canções do grupo.

Em 1999, Björn, Benny, Agnetha e Frida subiram ao palco diante de 160 convidados em uma festa íntima de aniversário, no dia 21 de junho daquele ano. Os ex-membros do ABBA cantaram juntos pela primeira vez, em quase vinte anos, o velho clássico sueco *Med en enkel tulipan* (Com uma simples tulipa), em homenagem à sua amiga Görel Hanser, que completava cinquenta anos. Görel significou tudo para o ABBA ao longo dos anos – a alegria, o trabalho duro, os anos de estresse. Ela começara a trabalhar como secretária para Stig, no começo dos anos 1970, e já estava lá quando o ABBA surgiu, cresceu e explodiu. Muito mais que secretária, administradora e porta-voz na Polar Music, Görel tornou-se grande amiga de toda a equipe da Polar e foi imprescindível durante a escalada do ABBA. Os músicos deixaram claro, entretanto, que aquilo não era uma reunião do ABBA, e sim uma festa particular em que os quatro eram convidados, individualmente, por serem todos amigos da aniversariante.

Em 2005 o nome do ABBA esteve novamente em evidência quando Madonna lançou *Hung up*, em outubro daquele ano. A canção estava no primeiro compacto do álbum “Confessions on a dance floor” e também era o carro-chefe do CD. Acontece que *Gimme! Gimme! Gimme!* (*A man after midnight*), do ABBA, formava a base da nova canção de Madonna. Normalmente Benny e Björn não dão permissão a outros artistas para usarem *samples* de suas músicas em outras canções. Até então a exceção tinha sido o grupo Fugees, que sampleou *The name of the game* na faixa *Rumble in the jungle*. Para obter os direitos de usar *samples* de *Gimme! Gimme! Gimme!*, Madonna enviou um emissário a Estocolmo, com uma carta que implorava a Benny e Björn que a deixassem usar sua música, pois ela era uma grande admiradora do grupo. “É claro que tiveram de pensar a respeito. Não disseram ‘sim’ logo de cara”, contou Madonna à BBC de Londres. “Normalmente, quando as pessoas chegam até nós pedindo para usar nossas músicas, dizemos ‘escreva suas próprias canções’”, afirmou Björn. “Em vez de pedir permissão, Madonna gravou a faixa toda e só então pediu autorização a Björn e Benny para lançá-la”, diz o biógrafo do ABBA, Carl Magnus Palm.

Em entrevista ao jornal inglês *The Daily Telegraph*, em outubro de 2005, Benny declarou que *Gimme! Gimme! Gimme!* era a essência de *Hung up.* Também brincou dizendo que aquela era a música de Madonna da qual ele mais gostava. “Recebemos tantos pedidos de pessoas querendo utilizar nossas canções que geralmente dizemos ‘não’. Esta foi a segunda vez, em

toda a nossa vida, que dissemos ‘sim’. Dissemos esse ‘sim’ porque admiramos muito Madonna, desde sempre”, explicou Benny. “Ela tem coragem e está na ativa há 21 anos. Nada mal.”

Hung up ficou em primeiro lugar em mais de 45 países. Em 2007 entrou para o *Guinness book of world records* como a canção que ficou no topo das paradas de maior número de países. Ainda hoje faz de seu compacto um dos mais vendidos de todos os tempos − 9 milhões de cópias ao redor do mundo. Mas os ex-integrantes do ABBA, como de costume, não se deslumbraram. Quem quisesse matar a saudade do grupo deveria se contentar em continuar ouvindo “ABBA gold”.

Pode parecer estranho que o álbum mais associado ao grupo tenha sido lançado dez anos após a banda ter terminado. Mas o fato é que “Gold” fez mais para estabelecer a posição do ABBA como um dos maiores grupos pop de todos os tempos que qualquer outro álbum lançado durante a carreira da banda. Tanto que, em 2008, mais uma vez, “Gold” ficou em primeiro lugar na Inglaterra. Lançada em 1992, a compilação de sucessos já havia liderado as paradas em quatro outras ocasiões, mas o feito de 2008 marcou a primeira vez que um álbum chegou ao topo após um intervalo tão longo.

A coletânea já tinha feito história nas paradas britânicas depois que “ABBA gold” tornou-se o mais antigo a alcançar a primeira posição, segundo informou em 2008 a Official UK Charts Company. Com as vendas mundiais chegando a 26 milhões de unidades, “Gold” tornou-se um dos quarenta discos mais vendidos de todos os tempos.

Uma saudade do grupo musical mais popular dos anos 1970 parece ter varrido todo o planeta e a demanda por novos produtos e lançamentos tornou-se urgente. Com a estreia do musical *Mamma mia!* em 1999, ficou provado que aquela onda não seria apenas um *revival* momentâneo. A música do ABBA havia voltado para ficar, ainda que os quatro ex-membros sejam bem claros e unânimes quanto a uma possível volta: jamais acontecerá.

.. 22 ..

ABBAWorld e Rock and Roll Hall of Fame

O *revival* deu ao ABBA o status de clássico. Não dava mais para medir seu sucesso apenas em termos de vendas de discos. Sua popularidade atingia o mesmo patamar de um Elvis, um Michael Jackson ou dos Beatles e dos Rolling Stones na história do pop e do rock mundial.

Em 22 de janeiro de 2009 Agnetha e Frida se juntaram mais uma vez no palco, em raríssima ocasião, para receber um prêmio pelo conjunto da obra, o Rockbjörnen (Urso do Rock). Trata-se de um troféu da música popular sueca dado pelo jornal *Aftonbladet* aos artistas de renome do país. Ambas distribuíram sorrisos e deleitaram o público com suas presenças. “Estava muito feliz”, conta Agnetha. “Já fazia bom tempo que não nos víamos e pudemos nos divertir bastante. Fomos recebidas de forma tão calorosa por aquelas pessoas jovens que estavam lá. Foi como nos velhos tempos e nos sentimos imensamente gratas e orgulhosas por receber esse prêmio. Foi como um *flashback*, como se estivesse acontecendo trinta ou 35 anos atrás.”

Mas, na ocasião, tanto uma como outra concordaram que estavam distantes do cotidiano dos estúdios de gravação. “Tenho tantas outras coisas a fazer. Sou uma avó e Frida também é”, afirma Agnetha. “Mas o ABBA está sempre ali. Sonho com o ABBA e sei que isso vai me acompanhar para sempre. Mas vivemos um dia de cada vez. Eu me afastei muito do mundo da música. Às vezes ainda componho canções, mas hoje em dia eu as engaveto. Compor permanece parte de mim e ainda tenho ideias para novas letras, mas daí a realmente sair e fazer algo...” Frida concorda: “É um passo gigante, quase impossível”.

Em 27 de janeiro de 2010 houve a abertura, em Londres, de ABBAWorld, uma exposição interativa autorizada pelos ex-membros da banda, que contribuíram com material e entrevistas pessoais. A sede escolhida para a abertura foi Earls Court, grande centro de exposições e convenções situado na parte oeste de Londres, com capacidade para 19 mil pessoas. O ABBAWorld é um museu itinerante do grupo. Futuramente será sediado em Estocolmo.

A escolha de Londres não foi por acaso. Na Inglaterra a febre ABBA teve início com o

Eurovision Song Contest de 1974. Além disso, o ABBA ficou no topo das paradas inglesas mais vezes que em qualquer outro lugar. O musical *Mamma mia!* também estreou em Londres e lá permanece, há mais de uma década, com sucesso inabalado. Sem falar na versão cinematográfica da peça, que se tornou o filme mais lucrativo de todos os tempos naquele país.

A mostra ABBAWorld tem 25 ambientes que contam a história do grupo, possibilitando ao fã uma verdadeira viagem no tempo, com lembranças, objetos pessoais, roupas, cenários, canções, vídeos, fotos e aparatos eletrônicos. Muitos dos tesouros ali expostos nunca haviam sido mostrados anteriormente. A jornada inclui o que há de mais moderno em interatividade, com direito a inúmeros recursos audiovisuais e tecnologia de ponta, incluindo "Perform with ABBA" (Apresente-se com o ABBA), que permite aos fãs subirem ao palco com seus ídolos graças a uma ilusão holográfica em 3D. O "Tretow Mix Challenge" proporciona ao visitante a experiência de recriar o som do ABBA mixando canções.

Na mesma ocasião, Björn lançou com exclusividade seu livro *The little white piano* (O pequeno piano branco), sua primeira incursão no universo da literatura infantojuvenil. Escrito especialmente para o ABBAWorld, o livro conta a história semibiográfica dos dias em que Björn e Benny compunham juntos no pequeno bangalô da ilha de Viggsö, no arquipélago de Estocolmo. Mas do ponto de vista do piano.

O piano, por sua vez, também conta a história de outras peças de mobília da cabana, onde "dois jovens rapazes" iam regularmente para tocar e "esperar a mais bela das canções", até que um dia o instrumento é abandonado quando eles interrompem suas sessões de composição. Mas a história termina com um final feliz, pois o pequeno piano branco é resgatado de seu abandono e ganha um novo lar, onde é "elevado a toda a sua glória", na própria exposição. O dinheiro das vendas é revertido à Nordhoff Robbins, instituição de caridade que trabalha com musicoterapia. "O pequeno piano branco estava lá, jogando e acumulando poeira em nossa cabana, e depois de todos esses anos era justo que ele participasse dessa fantástica jornada. A história implorou para ser escrita.", explicou Björn.

Em 15 de março de 2010, Frida e Benny participaram da cerimônia do 25º Rock and Roll Hall of Fame, no Waldorf Astoria, em Nova York. "Considero isto uma verdadeira honra", disse Benny. "Nós somos e fomos uma espécie de banda genuinamente pop, e há uma diferença entre a música pop e o rock 'n' roll. Sermos incluídos no Rock and Roll Hall of Fame não estava no mapa, realmente, para nós. Por outro lado, há várias atuações pop também incluídas no Rock and Roll Hall of Fame."

O curioso é que o ABBA estava elegível para a introdução no Hall desde 1999, ou seja, 25 anos após o seu primeiro álbum, "Waterloo", ter sido lançado nos Estados Unidos. A dupla

de compositores não se surpreende com o fato de o grupo ter sido negligenciado por uma década, ainda que artistas menos bem-sucedidos comercialmente tenham sido acolhidos. “Os críticos achavam que não tínhamos sido tão sérios como algumas outras bandas dos anos 1970”, disse Björn.

Em seus discursos, tanto Frida como Benny disseram que se sentiam “muito, muito honrados” ao serem empossados. “Acho que é uma coisa espantosa...”, disse Benny. “Creio que nós somos os únicos artistas não anglo-saxões que já entraram para o Hall. Não tenho certeza, vocês têm de verificar isso, mas acho que é verdade.” Frida afirmou que havia falado com Agnetha mais cedo e que ela estava “emocionada e honrada”.

Mas talvez o discurso de Barry e Robin Gibb, dos Bee Gees, naquela noite, tenha resumido bem a importância daquele prêmio: “O ABBA venceu o Eurovision Song Contest, conquistou o coração de milhões de pessoas ao redor do mundo e se tornou um fenômeno. Música boa é para sempre, não apenas um produto do tempo em que foi composta. As melodias e harmonias do ABBA se resumem a uma palavra: eternas. A música deles é capaz de atingir gerações que ainda nem nasceram. O ABBA se tornou agora uma força real a ser reconhecida; sua visão criativa e conjunta como grupo entre 1972 e 1982 serviu de inspiração para vários outros artistas perseguirem o mesmo sonho – produzir discos como os do ABBA, escrever canções que incluam romantismo, crônica social e sensualidade. O interesse do grupo por novas tecnologias e métodos de gravações foi representado por suas aventuras multifacetadas em estúdio, tanto vocal como instrumentalmente. Por volta de 1982, ABBA, o grupo, encerrou sua incrível jornada. A vida individual de seus integrantes tomou seu próprio rumo, mas para os fãs ao redor do mundo o ABBA permanece parte vital de nossas vidas. Sua música viverá para sempre. Está no meio de nós”.

Os caminhos de Agnetha, Frida, Björn e Benny se cruzaram por acaso, mas permanecerão ligados para sempre, apesar de todas as diferenças. Tanto os novos fãs como os antigos agradecem pela música e continuam na expectativa da descoberta de mais algum tesouro escondido do ABBA.

A moda segundo o ABBA

O estilista dos infames figurinos do ABBA era o sueco Owe Sandström. Numa época em que usar purpurina no lugar do *blush* e sapatos plataforma com calças boca de sino eram coisas absolutamente naturais, suas ousadas criações tornaram a imagem do quarteto facilmente reconhecida ao redor do mundo. Chocantes, suas roupas eram verdadeiras obras de arte. “É um horror, beira o cafona e desafia os conceitos primários de elegância.” Assim a jornalista e crítica de moda Lilian Pacce descreveu a moda dos anos 1970 na edição de 28 de fevereiro de 1993 do caderno “Mais!” da *Folha de S.Paulo*. “Hippie, punk, folk e unissex” também foram palavras utilizadas pela jornalista para definir o estilo. “Do sonho fazia parte a vida em comunidade, a contestação punk e a diversão disco.”

Já a edição especial de 12 de janeiro de 1980 da revista *Manchete* trazia uma extensa análise sobre a década de 1970, que acabara de terminar. A série documentava, entre outros temas, a trajetória da moda durante essa década: “A criatividade aposentou o termo chique que, entre muitos outros, foi substituído por *kitsch*, *punk*, “retrô”. Com o desmoronamento das bases tradicionais, a moda viveu os anos mais instáveis de sua história, dando origem, exatamente por isto, ao fenômeno que vestiu de azul a humanidade [...]. Isso acabou resultando na consolidação da própria contestação, tendo como bandeira um pedaço de tecido grosso, azul desbotado: o jeans”.

É impressionante como mesmo após mais de trinta anos desde a última turnê do ABBA, o estilista Owe Sandström ainda é constantemente procurado pela mídia para falar das roupas que criava para o grupo. Nascido em 1944 em Sundsvall, na parte central da Suécia, e apaixonado pela natureza e pelos bichos, ele descreve como aquelas peças eram boladas e feitas. “Havia um time de quatro *designers* que forneceram mais de quinhentos modelitos para o ABBA”, conta. “Constantemente apenas quatro metros quadrados de tecido eram tingidos de uma cor especial e as costuras feitas na Itália, para que as estampas fossem totalmente originais. Muitos modelos eram desenvolvidos mais no corpo que no papel. Todas as roupas eram feitas e pintadas à mão, e algumas eram decoradas com belas joias. Havia um imenso

grupo de fornecedores ao redor do mundo para garantir essas joias e pedras; algumas eram importadas da Índia, e cristais das montanhas suecas também eram utilizados."

Owe criou praticamente todas as roupas de shows e clipes do ABBA com o parceiro Lars Wigenius, na firma Artist Dressing. Em relação a esses modelitos, o quarteto tinha algumas ideias próprias, enquanto seus sempre criativos trajes eram desenhados por "dois rapazes maravilhosos dessa pequena butique em Estocolmo", como explicou Agnetha em 1977. Uma moda bem "globalizada" para a época. "Os sapatos eram desenhados na Suécia, feitos em Londres e alterados em Estocolmo!", conta Owe.

Frida era a integrante do ABBA mais entusiasmada quando se tratava de moda. "Frida tinha um olho bom para a moda, memória impecável, e era a mais interessada nas roupas. Agnetha também sabia do que gostava", comenta Owe. O folheto com o programa da turnê americana e europeia de 1979 do ABBA abria assim a descrição de Frida: "Ela é alta, esbelta e, sem dúvida, uma pessoa que sabe se vestir com esperteza. Adora roupas, mas prefere os livros às compras. Às vezes, quando seu trabalho no ABBA exige que vá até a Itália procurar o material adequado para as brilhantes roupas de show, ela pode até esquecer sua missão e mergulhar em algum livro, de Leon Uris a Heinrich Böll".

A *Damernas Värld*, famosa revista feminina da Suécia, publicou uma longa reportagem com Frida em janeiro de 1979 na qual, entre outros assuntos, a moda foi abordada: "Roupas de show devem ser glamourosas de acordo com Frida. Ela jamais usaria jeans no palco. Tem de haver um clima de festa quando ela se apresenta ao vivo. Ela é uma mulher cuidadosa com sua feminilidade e não se considera um 'símbolo sexual'. Frida adora roupas e gosta de se arrumar. Ela faz parte dos que têm certeza de que as mulheres se vestem para as outras mulheres, não para os homens".

"Sempre me interessei por moda. Todos nos interessávamos.", analisa Frida. "Eu tinha um monte de ideias, os outros gostavam ou não. Algumas eram descartadas, outras eram aceitas. Acho que no início era bem inocente. Diziam que éramos sexy. Não vejo isso quando comparo com os artistas de hoje. Transformaram isso em assunto, não fomos nós."

Em entrevista ao jornal australiano *Sydney Morning Herald*, em junho de 2010, Owe declarou: "Perdoem-me se estou sendo rude, mas acho que as roupas de hoje carecem de personalidade. Tudo se parece com [Lady] Gaga, ou se parece com [Britney] Spears, ou se parece com [Christina] Aguilera, é tudo igual. Algumas delas têm o corpo lindo, mas hoje tudo está muito voltado para o lado erótico da coisa".

Owe conta mais detalhes daquela época: "As roupas japonesas foram inspiradas em trajes tradicionais que eram usados para se apresentar ao imperador. As mangas eram retas quando se

esticavam os braços para a frente, para se encontrar com o imperador, e a parte da manga decorada era vista quando se virava para a esquerda ou para os outros. Isso representa conhecimento adquirido ao encontrar o imperador!".

Os modelitos estampados com gatos foram inspirados no gatinho de estimação de Owe e ele usou cristais para as garras dos gatos. Vários modelos eram duplicados com tonalidades ligeiramente diferentes, especialmente para os diversos programas de TV ao redor do mundo, por isso o grupo sempre aparecia igual. "Stig disse que não queria nenhuma roupa 'típica', mas queria algo que sugerisse a Suécia, as cores azul e amarela da bandeira sueca. As roupas tinham de ser sexy", conta. "Entretanto, Stig não ficava nada contente quando Agnetha era eleita o 'bumbum do ano' sem que se mencionasse a música do ABBA."

Durante seis anos, a partir da vitória do grupo no Eurovision em 1974, as criações de Owe foram recebidas pela mídia com certa dose de ironia, em que o *glamour* nórdico do ABBA era tido como *kitsch* e gerou dinastias de detratores e adoradores. Mais que qualquer outra coisa, no entanto, as roupas do ABBA estavam na vanguarda do fenômeno fashion dos anos 1970, marcado pela ostentação eclética e extravagante que foi banalizada alegremente por artistas disco da época como Boney M., Gloria Gaynor e Ottawan, além de Earth, Wind & Fire, entre outros. "Era divertido e era a época do glam rock. A maioria das pessoas usava, mas nós levamos a culpa [risos]", diz Björn sobre os trajes escandalosos. "Também acredito piamente que tínhamos de parecer o mais escandalosamente possível, visualmente, para que as pessoas se lembrassem de nós. Especialmente durante a competição do Eurovision."

Em 1973, por exemplo, Owe criou uma camisa de seda azul para Benny, da qual fazia parte um longo penacho (Benny usou essa roupa no clipe de *Ring ring*). No documentário *The nation's favourite ABBA song*, feito em dezembro de 2010, o entrevistador questionou Owe: "Por que o penacho?". Owe não pestanejou: "Por quê? Ora, porque a ideia era divertida. Por que tudo tem de ter explicação? Alguns mistérios devem permanecer misteriosos", riu ele.

"As pessoas viram para mim e dizem: 'Mas francamente, Owe, eles ficavam horríveis com aquelas roupas'. 'Sim', eu respondo, mas você tem de voltar a 1972, 1974, 1975: aquilo era a moda", justifica-se o estilista. "Mas não se trata disso. Devo dizer que a coisa mais importante para mim é que vocês ainda se lembram do ABBA, com ou sem suas roupas horríveis. Depois de certo tempo, será apenas uma lembrança na sua memória, e a lembrança será ABBA."

A partir de 1979, o grupo deu adeus de vez aos trajes exóticos que se tornaram sua marca registrada. A época do "uniforme à ABBA" passou de vez para os anais da história do pop. Depois disso, ficaram bastante sofisticados – possivelmente como um reflexo de

amadurecimento tanto musical como pessoal.

.. 24 ..

Money, money, money

O ABBA não era apenas uma atração musical. Transformou-se em uma máquina de fazer dinheiro. A empresa ABBA – que era dos quatro e também dirigida por Stig – esteve envolvida em diversos negócios: *leasing* de computadores a comércio de petróleo, gerência de uma das maiores galerias de arte da Europa e investimentos no mercado imobiliário. Assessorado por empresários, o quarteto tornou-se um império financeiro.

Em 1981, a revista *Time* noticiou os negócios não musicais do grupo, revelando um lucro de 20 milhões de dólares sobre um faturamento total de 125 milhões. Naquele ano, confirmando a ótima performance financeira do ABBA, as ações do grupo foram lançadas na Bolsa de Valores de Estocolmo. Sobre esse outro lado, Björn, Benny, Agnetha e Frida não gostam muito de falar. “Para nós, o que importa mesmo é a música. A parte comercial, esta afeta o Stig, nosso agente”, comentou Frida certa vez. “Uma coisa é certa: sua vida muda”, admitiu Björn. “Eu seria hipócrita se não admitisse isso. O dinheiro lhe dá tremenda liberdade. Acho que esse é o lado mais importante do dinheiro.”

Na verdade, os integrantes do ABBA sempre souberam administrar muito bem o dinheiro. Para eles, ser tachados de comerciais não era nenhuma afronta. “Nunca houve uma banda, um grupo do nosso gênero que tenha sido levado a sério. Você só é levado a sério quando toca heavy metal bem alto, tem uma aparência interessante, escreve letras obscuras ou segue os modismos da música pop religiosamente”, afirmou Benny, em 1981, à revista *Muziek Expres*. “Só assim seu trabalho é levado a sério. A crítica mais ridícula ao nosso trabalho é que nossos motivos seriam apenas comerciais. Mas o que não percebem é que o passo comercial é dado a partir do momento em que você se torna profissional e decide gravar um disco, qualquer que seja o gênero. Então o comercialismo não é uma palavra suja.”

“Vocês sempre nos perguntam sobre como ganhar dinheiro e as nossas preferências políticas”, disse Björn, na década de 1970, a um repórter. “Nós somos populares, por isso estamos ganhando muito dinheiro, assim como também pagamos muitos impostos. Não nos importamos com nada disso. Não quero falar sobre política. O que é o socialismo, o que é

democracia? Não sei. Só quero compor boas canções para tantas pessoas quanto possível."

Benny reagiu de forma parecida. "Eu realmente não entendo toda essa lamentação dos repórteres. Ainda somos os mesmos rapazes, preferimos as coisas simples da vida. É claro que agora temos maior orçamento financeiro, mas eu ainda como meu bife", argumentou. "Ainda gosto dos mesmos filmes. Gosto de passar o tempo em casa, com um copo de cerveja. Essas coisas não mudam porque de repente você se tornou popular."

Björn, Benny, Agnetha e Frida possuíam editora musical, jornal próprio, gráfica, uma galeria de arte, helicóptero, barcos e um avião para transportá-los, além da Monark e dos estúdios da Polar Music, uma firma que produzia outros artistas e muitas outras coisas. A revista sueca *Affärsudrlden*, de economia, apontou-os como uma das mais bem-sucedidas empresas do Norte da Europa. "É claro que os jornalistas achavam interessante", lembra-se Björn. "Nenhum grupo inglês dizia uma só palavra sobre dinheiro. De repente, aparece um grupo com um empresário que conta à imprensa exatamente onde o dinheiro era investido e o que eles iriam fazer. Teríamos preferido que não tivesse havido comentário algum sobre esse lado da coisa. Teria sido o natural, pois não é essa a imagem que você quer dar a uma banda pop que está tentando fazer um bom trabalho, como se tudo se resumisse ao dinheiro. Não foi bom para nós."

Björn estava certo. Nenhum grupo ou cantor, fosse inglês ou norte-americano, jamais discutia suas finanças com jornalistas, nem mesmo os entrevistados mais falastrões como John Lennon ou Pete Townshend. Nesse aspecto o ABBA foi único. O preço que pagaram por sua honestidade foi serem taxados de materialistas ambiciosos quando, na verdade, a atitude do grupo em relação ao dinheiro não era diferente de outros artistas de sucesso.

Em 1978 o assunto já era uma pedra no sapato do grupo. "Temos sentimentos e ficamos chateados quando a mídia avança sobre nós só querendo saber sobre dinheiro", desabafou Agnetha. "Temos orgulho do que representamos e é isso que queremos transmitir ao público e é sobre isso que queremos falar. Não sobre dinheiro." Frida completou: "Somos quatro pessoas normais que têm a sorte de trabalhar com algo que tem dado tão certo e de que gostamos tanto. Nada além disso".

"Com os impostos que pagamos, acredito que o Estado é o que mais se beneficia com o nosso sucesso", afirmou Stig com certo desdém. Mas, quando se tratava do ABBA, "encher os bolsos" era o tipo de
frase bem mais usada que "contribuindo para a balança comercial".

Stig nunca se desculpou por se orgulhar de seu sucesso e de sua jornada, da humilde casinha em Hova para a impressionante vila na sofisticada ilha de Djugården, sua residência

oficial a partir de 1977. Entretanto, sua honestidade e seu jeito direto tiveram um preço: da mesma forma que suas opiniões sobre música provocavam atrito com o Movimento de Música Anticomercial, declarações reais sobre suas fortunas fiscais eram vistas como se ele estivesse apenas se gabando e seu orgulho era tido como arrogância.

Eles viam os altos impostos como problema. Um exemplo ilustra bem a situação. No final dos anos 1960, Björn e Benny fundaram uma empresa chamada Harlekin, para lidar com toda a renda proveniente de suas atividades musicais como compositores e músicos. A partir da segunda metade dos anos 1970, a companhia passou a incluir as porcentagens de Agnetha e Frida, já que elas também eram parte do ABBA. Desde 1975, a Harlekin detinha 50% da Polar Music e era a própria Harlekin que pagava os salários dos quatro membros do ABBA.

Em janeiro de 1979, a Särimner, sociedade limitada de Stig e dos quatro membros do ABBA fora da Polar Music, comprou uma grande fabricante de bicicletas da Suécia, a Monark. O negócio tinha sido planejado havia mais de um ano, como parte de uma estratégia de longa duração para evitar a cobrança muito alta de impostos. A ideia era que a Harlekin – de propriedade do ABBA, que por sua vez possuía metade da Polar Music – fosse depois vendida para a Monark. De acordo com as leis fiscais da Suécia, os membros do ABBA poderiam então adquirir a renda da Harlekin sem precisar pagar os 85% de impostos. Uma vez que o dinheiro havia sido tecnicamente gerado por uma venda, eles teriam de pagar somente o imposto sobre ganhos de capital, o que significava apenas 35%. Apesar de tudo ser perfeitamente legal, Stig e o ABBA não se sentiam muito confortáveis no mundo dos negócios. Nesse caso, não tinham nenhum interesse na empresa Monark. O negócio fora fechado apenas por questões de benefícios fiscais. Uma manobra financeira. Mesmo assim, o grupo adquiriu fortes participações acionárias em muitas empresas ao redor do mundo, sempre sob orientação de Stig. No Brasil, foi importante acionista da Monark.

Em 1997, Björn negou o escandaloso boato de que o ABBA esteve durante certo ano lucrando mais que a Volvo. “Alguém precisava de uma manchete sensacionalista”, disse ele. “E decidiu: ‘Vamos escrever que eles tiveram um lucro maior que o da Volvo’.”

Na segunda metade da década de 1990, a cada dia, 3,3 mil discos do ABBA eram comercializados no mundo. Estima-se que desde o início da primeira metade dos anos 1970 até os dias de hoje, o ABBA tenha vendido cerca de 375 milhões de discos – Beatles e Michael Jackson devem estar na casa dos 230 milhões. Desde o final dos anos 1980, o ABBA pertence à Universal Music (antiga Polygram), que mantém uma bem elaborada relação das estatísticas de vendas. Desde que a empresa assumiu o controle das músicas do ABBA, cerca de 17 milhões de discos do grupo foram vendidos no mundo todo.

Ingmar Bergman, presidente da Swedish Music, que possui os direitos autorais sobre as músicas do ABBA, respondeu no final dos anos 1990 à pergunta de quanto dinheiro a música do ABBA tinha rendido até aquele momento. “Deixe-me explicar desta forma: nós transformamos os membros do ABBA em multimilionários. Outra vez!”, sintetizou, referindo-se ao sucesso da coletânea “ABBA gold”.

Desde que a Polygram assumiu o controle de vendas dos discos do ABBA, só na Dinamarca, por exemplo, foi comercializado 1 milhão de discos do grupo – o país tem cerca de 5 milhões de habitantes. Os discos originais – que foram lançados em versões remasterizadas em 1997 – venderam muito bem. Entretanto, ainda é a coletânea “ABBA gold”, lançada em 1992, a que mais atrai o comprador. Quando saiu, planejou-se cautelosamente a venda de 1,5 milhão de cópias. Atualmente o CD já vendeu no mundo todo mais de 12 milhões de unidades, ultrapassando, em muito, todas as previsões.

Apesar dos estrondosos números, ainda há um longo caminho até Elvis Presley, que teria vendido no mundo todo 1 bilhão de compactos, LPs, CDs e cassetes.

STIG

Os discos gravados pelo ABBA se tornaram o produto comercial sueco de maior êxito mundial, ao lado dos automóveis Volvo e dos móveis da Ikea. Mas nem tudo teria sido tão bem-sucedido não fosse a intervenção astuta e prudente de Stig, que, além de artista, era um empresário nato. Considerado o quinto membro do ABBA, Stig Erik Leopold Anderson − sem nenhum parentesco com Benny, seu sobrenome tem um “s” a menos – era de fato um compositor. Nos anos 1960, escreveu o inacreditável número de 2 mil canções, e em 1969 foi premiado com o Grammy sueco como Compositor do Ano, pela canção *Grona små äpplen*.

Em maio de 1971, sete das suas composições atingiram o Top 10 sueco simultaneamente. Ele ainda colaborou com os compositores membros do ABBA, Benny e Björn, em grandes sucessos do grupo, como *Fernando*, *The name of the game* e *Dancing queen*.

Nascido em 25 de janeiro de 1931, Stig começou a escrever canções ainda adolescente, e rapidamente já as estava enviando para compositores e empresários. “Eles sempre respondiam ‘não tenho tempo para dar uma boa olhada nisso, me desculpe, nós não estamos interessados’”, relembra. “Mas havia um compositor sueco muito famoso que tinha realmente ouvido minhas canções e me pediu para visitá-lo, porque ele também era um artista. Ele olhou cuidadosamente minhas canções e disse: ‘Acho que há algumas muito boas aqui e você deveria ir ao meu empresário, mostrá-las, e dizer que eu gostei muito...’. Aí eu fui, e foi por isso que consegui publicar minha primeira canção, em 1950. Eu tinha só 19 anos.”

Quatro anos depois, o jovem compositor emplacou um sucesso na Europa e, com cem dólares emprestados, deu início à sua própria companhia, Sweden Music (Música da Suécia). “Decidi que realmente não precisava ir a um empresário”, disse ele. “Porque eu já tinha feito tudo. Escrevi a melodia, a letra, ordenei a canção, e a tive gravada por um artista. Não havia razão para pôr nas mãos dos outros.”

Mas antes de se dedicar completamente à composição de canções, Stig se desdobrou em dois para comandar seu novo negócio e dar aulas de matemática e química. “Eu era o rei do meio a meio”, admite. “Meio professor, mas meu coração estava sempre onde estavam as canções. Eu era empresário na minha cozinha, e, quando ficava muito ocupado, dava aos alunos folga na metade do dia e vinha para casa responder a minha correspondência.”

Em 1963, Stig e Bengt Bernhag fundaram sua companhia Polar Music. O primeiro contrato da empresa foi com os então novatos Hootenanny Singers, tendo Björn – na época com apenas 18 anos – entre os membros do grupo. Era a banda mais famosa da Polar Music nos anos 1960. Mais importante ainda, quando Björn trouxe o amigo Benny – do Hep Stars – para a Polar e a Sweden Music, o trio Stig-Björn-Benny estabeleceu uma rica parceria como compositores. Um de seus primeiros trabalhos foi uma canção chamada *Ljuva sextital* (Os bons e velhos anos 1960).

Empresariando o ABBA, Stig foi parceiro de composições de Benny e Björn até 1977, quando teve de parar de compor para cuidar dos negócios do grupo, que cresciam cada vez mais e se expandiam pelo mundo. Em 12 de setembro de 1997 Stig teve um ataque cardíaco e morreu, em Estocolmo, aos 66 anos. Sofria de problemas decorrentes do excesso de bebida, que vinha prejudicando sua saúde havia anos.

As canções do ABBA que Stig ajudou a compor foram: *Ring ring* (1973), *I am just a girl* (1973), *Waterloo* (1974), *Honey honey* (1974), *Hasta mañana* (1974), *I’ve been waiting for you* (1974), *I do, I do, I do, I do, I do* (1975), *Bang-a-boomerang* (1975), *S.O.S.* (1975), *Mamma mia* (1975), *Tropical loveland* (1975), *Fernando* (1976), *Dancing queen* (1976), *My love, my life* (1976), *That’s me* (1976), *Knowing me, knowing you* (1976), *The name of the game* (1977), *Move on* (1977) e *I wonder* (*Departure*) (1977).

Stig soube administrar os bens do ABBA e ensinou aos quatro integrantes da banda como gerenciar suas riquezas pessoais. Os bons efeitos de seu tino comercial sobrevivem até hoje.

DINHEIRAMA

Em 1999, foi feita a oferta de 1 bilhão de dólares para que o ABBA voltasse para uma única turnê. A notícia correu o mundo e causou estardalhaço no *show business*. Quem na Terra

diria um não a tanto dinheiro? “Sei que algumas pessoas nos acharam loucos, mas sentamos os quatro para discutir o assunto e, após longa reflexão, decidimos não fazê-lo”, conta Björn. “Não seria apenas um show, mas todo o pacote, um novo álbum, centenas de concertos, espetáculos na TV, publicidade e assim por diante. Imagine 20 mil fãs toda tarde esperando algo grandioso e voltando para casa decepcionados, pensando: ‘Eles não são tão jovens e enérgicos como costumavam ser’. Não apenas uma só vez, mas uma centena de vezes. Eu não poderia suportar esse pensamento.”

Em 2009, Björn tirou um salário de pouco mais de 1,4 milhão de coroas suecas (aproximadamente 300 mil reais). Além disso, ele estimou sua riqueza privada em 4,7 milhões de euros (aproximadamente 10,3 milhões de reais). Mas a bolsa privada de Björn representa apenas uma fração do seu total de ativos. A maior parte de sua fortuna encontra-se em uma série de empresas.

Os relatórios de ativos da matriz Kopparnäset AB são de um pouco mais de 109 milhões de coroas suecas (aproximadamente 25 milhões de reais). A maior mina de ouro é o musical *Mamma mia!*. Björn detém 25% da empresa Little Star, que é responsável por todas as produções internacionais do musical. Até 2009, o espetáculo já havia rendido mais de 12 bilhões de coroas suecas (aproximadamente 2,76 bilhões de reais).

Mesmo com as quantias homéricas, tanto de dólares como de discos, a essência do grupo pode ser captada nesta frase dita por eles mesmos: “Nada de política em nossas músicas. Só os nossos sentimentos e a nossa experiência de cada dia entram em nossas canções”.

Precursores da MTV

No auge da fama do ABBA, durante os anos 1970, pouquíssimos artistas faziam vídeos promocionais, o nome então dado aos videoclipes. Não que o formato tenha sido inventado pelo ABBA, pois grupos como Beatles ou Rolling Stones já tinham começado a produzir tal material nos anos 1960, e David Bowie e Queen também fizeram vídeos na década de 1970.

Os quatro suecos encaravam os vídeos como parte fundamental de sua carreira, desde o início. Começando com *Waterloo*, o ABBA fez clipes para praticamente todos os compactos que lançou – além de outras faixas que não se transformaram em compactos. Criados em uma época em que não havia MTV, os então chamados vídeos musicais promocionais estão à altura dos modernos videoclipes.

O escolhido para ajudá-los nessa empreitada foi um jovem diretor da época, Lasse Hallström. Os primeiros clipes feitos por Lasse, *Waterloo* e *Ring ring*, ambos filmados em 1974, eram bem simples e traziam performances diretas das duas canções. Um ano depois, Lasse foi contratado para fazer clipes para mais quatro novas canções do ABBA: *Mamma mia*, *S.O.S.*, *Bang-a-boomerang* e *I do, I do, I do, I do, I do*. Dessa vez foi mais ousado, introduzindo várias das características visuais que definiriam a imagem em vídeo do ABBA nos anos seguintes. Por exemplo, ele percebeu que os quatro membros do grupo poderiam ser facilmente reagrupados em diferentes combinações, o que causava um efeito variado e marcante.

Em uma entrevista para a televisão, gravada em março de 1994 em Estocolmo, Björn falou com o diretor internacional da Polydor dos Estados Unidos, Denis McNamara, com orgulho sobre o pioneirismo da banda no trabalho dos videoclipes. Não poupou elogios a outro agora famoso artista sueco. “Nós temos de reconhecer o diretor Lasse Hallström, porque foi ele quem fez os vídeos originais por muitos anos e fez também o filme. Tivemos muita sorte. Por causa do seu trabalho, fazíamos muito sucesso em lugares longínquos aonde não podíamos ir, mas podíamos enviar nossos vídeos”, reconheceu.

“Lasse tinha visão”, diz Björn. “Você tem de entender que o videoclipe como tal não

estava na moda naquela época. Lembro-me de termos dado uma olhada em algo chamado filme promocional de uma companhia de discos da América. Era uma câmera, uma tomada; muito malfeito. Imaginamos que talvez pudéssemos fazer algo naquele gênero, porém muito, muito melhor, para usarmos na televisão e por aí afora. De início, aquela era a ideia geral e Lasse a achou brilhante. Então, ele apareceu com todo o esquema. Tivemos alguma força nisso, mas ele teve muito mais."

"Foram os primeiros a fazê-los [os videoclipes], a contratar alguém para dirigir um vídeo, porque não queriam mais viajar ou fazer shows, então o vídeo era uma maneira de mostrar sua música ao mundo", pontua Lasse. A projeção internacional do diretor veio em 1985, com *Minha vida de cachorro*, pelo qual também recebeu indicação ao Oscar de Melhor Diretor e Melhor Roteiro, além de ter levado o Globo de Ouro de 1987 como Melhor Filme Estrangeiro. Em 1993, dirigiu *Gilbert Grape – Aprendiz de sonhador*, filme que trouxe reconhecimento a Leonardo DiCaprio, indicado ao Oscar de Melhor Ator Coadjuvante pelo filme. Hallström dirigiu as bem-sucedidas adaptações de *Regras da vida* (1999), *Chocolate* (2000) e *Chegadas e partidas* (2001). *Chocolate*, do livro de Joana Harris, levou cinco indicações ao Oscar, incluindo a de Melhor Filme. Para *Regras da vida*, Hallström recebeu sua segunda indicação ao Oscar de Melhor Diretor. Em 2005 dirigiu *Casanova*, um dos últimos filmes do ator australiano Heath Ledger, morto no começo de 2008. Depois disso emplacou *O vigarista do ano* (2006). Em 2009, foi a vez do drama *Sempre ao seu lado* protagonizado por Richard Gere. Recentemente fez *Querido John* (2010), estrelado por Amanda Seyfried, a Sophie de *Mamma mia!*.

Lasse Hallström é conhecido por ser um diretor de atores que trabalha para que todos encontrem a liberdade, a complexidade da verdade dentro de cada personagem. "Meu interesse está no desempenho de cada um", explica Hallström. "Sou da linha de Milos Forman, John Cassavettes, Ken Loach – diretores que vêm na direção um incentivo à improvisação. Tenho tendência a tomar decisões de última hora, na véspera ou no último minuto antes de começarem as filmagens. Assim consigo manter as coisas vivas e frescas e permito que a experiência de dirigir um filme se torne um trabalho diário."

Os vídeos do ABBA eram gravados em vários locais diferentes: sessões de gravação no estúdio, apresentações em shows, imponentes cenários naturais e idílicas propriedades particulares. De fato, Björn se lembra da sequência em que o grupo aparece jogando ludo no clipe de *The name of the game*, que foi filmada na sala de estar de sua casa.

Entretanto, a história se lembrará de que o primeiro longa-metragem de Lasse Hallström foi *ABBA − The movie*, lançado em 1977. "*ABBA – The movie* começou com a minha

contratação para fazer um documentário sobre a turnê e se expandiu daí", recorda-se Lasse. "Tínhamos muito dinheiro e toda a tecnologia que se possa imaginar. Foi como uma escola de cinema para eu poder brincar com todo aquele equipamento. Fizemos esse filme documentário de longa-metragem. Tínhamos um rascunho de história que improvisamos no avião, a caminho da Austrália. Continuamos reescrevendo e ajustando ao longo do caminho."

"Ele foi muito inteligente com o filme porque o ABBA, naquela época, estava ocupado com diferentes projetos, como gravação e turnê", elogia Björn. "Então, a única chance que ele realmente tinha de fazer um filme com a gente, como ele queria mesmo, era gravá-lo durante a turnê. Em outras palavras, ele só precisava escrever algo como uma historinha simples girando em torno da turnê do grupo, coisa que ele fez com muita sabedoria. É bem simples, mas acho divertido."

TÉCNICAS E ESTILO

Montagens, frequentemente editadas em velocidade acelerada, são somente alguns dos inovadores efeitos livremente salpicados nos videoclipes para acentuar a batida, o ritmo ou a letra de uma canção específica. Do primeiro sucesso internacional da banda, *Waterloo*, Björn diz que "a introdução tinha de ser algo que fosse lembrado instantaneamente". Então, a abertura do clipe de *Waterloo* explode com uma diversificada mistura de efeitos visuais para retratar a intensidade.

Discutindo sobre as diferentes sequências-chave do clipe de *Take a chance on me*, Björn diz: "Acho que queríamos fazer vídeos em que os fãs pudessem realmente nos ver. Naquela época, havia muitos vídeos que eram muito obscuros e artísticos, mas você não conseguia sequer ver o grupo ou cantor na tela. Queríamos fazer à moda do ABBA. Eu me lembro disso perfeitamente".

Em especial exibido pela TV britânica em 5 de dezembro de 2010, Björn e Frida relembraram de forma bem-humorada as filmagens do clipe de *Summer night city*:

Björn: "A gravação do clipe foi perfeita naquela discoteca, que por acaso era o local aonde Benny e eu íamos quando...".

Frida: "Queriam uma noitada [risos]".

Björn: "Não, não tínhamos permissão para noitadas [risos]. Aquela era a discoteca a que íamos quando queríamos mostrar a mixagem final de uma música nova para as pessoas, uma música dançante. Era assim que testávamos com o público uma nova faixa".

Frida: "Benny e eu fomos filmados saindo daquela discoteca às quatro horas da manhã ou coisa assim. Por isso conseguimos aquela luz linda do amanhecer, algo que é bem

escandinavo".

Bizarrices também marcaram alguns clipes. Um exemplo disso é o de *Chiquitita*. O hit foi cantado na zona rural da Suíça, com a banda atuando em frente a um imenso boneco de neve que se agigantava atrás deles, quase como se fosse um monstro que eles estavam de alguma forma tentando ninar com a canção. "Não sei por que fizemos aquilo. Estava muito frio", relembra Björn.

Hoje em dia, o único clipe de que Lasse não gosta é o de *Fernando,* feito em 1976. "Eles estão sentados em volta de uma fogueira, tocando violão com uma espécie de céu estrelado ao fundo", lembra ele. "É muito convencional." Porém, o criativo *Money, money, money*, feito depois, naquele mesmo ano, é o favorito do diretor. "É condizente com a letra e a melodia da música", reflete. "Eu adorava editar meus clipes de acordo com a música, para enfatizar o ritmo e a ideia da canção, para servir de apoio musical em vez de apenas contar uma história."

Pouco antes da dissolução do ABBA, Lasse foi deixado de escanteio. Kjell Sundvall e Kjell-Åke Andersson dirigiram *The day before you came* e *Under attack*. A dupla já havia feito vários trabalhos de destaque para a televisão sueca, sempre muito aclamados. A diferença na abordagem do ABBA como grupo, no entanto, era visível. Enquanto os clipes de Lasse se focavam no ABBA como um todo, Kjell e Kjel-Åke contrataram uma pessoa de fora para participar de *The day before you came*, o ator sueco Jonas Bergström. (Antes, a única vez em que uma pessoa de fora havia participado de um clipe do ABBA havia sido em *When I kissed the teacher*, em que o ator sueco Magnus Härenstam fez o papel do professor.)

No clipe de *The day before you came*, Agnetha contracena com Jonas e a narrativa – assim como os vocais – são liderados exclusivamente por ela. Talvez um indício de que os quatro integrantes do ABBA não se sentiam mais um grupo e buscavam, separada e individualmente, outros caminhos. Na época, duas explicações diferentes para a mudança circulavam: a primeira era que as companhias de discos ao redor do mundo achavam o estilo de Lasse datado; e a segunda é que Björn queria que os vídeos contassem uma história, em vez de só mostrarem o grupo dublando as músicas, como havia sido na década anterior. Nenhum dos membros do ABBA teceu nenhum comentário público sobre a mudança na época, mas Lasse disse em uma entrevista: "Não sei por que eles não querem mais que eu faça os clipes. Talvez achem que eu esteja ficando velho demais ou então que não sou moderno o bastante".

É natural e provável que Lasse tenha sentido uma ponta de ciúme, afinal, ele passara os últimos anos criando os clipes oficiais do ABBA. Os únicos não dirigidos por ele foram *Chiquitita* (feito pela BBC), *When I kissed the teacher* (feito pela televisão sueca) e *On and on and on* (feito pelo fotógrafo Anders Hanser). Lasse tinha o dom do improviso e da inovação

que, aliados, produziam resultados muito interessantes. Por exemplo, ele utilizou seu próprio apartamento como cenário nos clipes de *Happy new year* e *One of us*. Se o problema era falta de tempo, ele otimizava ao máximo os recursos disponíveis.

Décadas depois, com o *revival* do ABBA sendo vivido com força total pelo mundo, é comum assistirmos aos clipes originais sendo exibidos na TV. Sem dúvida, eles tiveram um papel importante ao determinar a maneira como o ABBA seria visualmente lembrado, com sua documentação perfeita dos penteados e das roupas escandalosas dos anos 1970.

No Brasil

“Perla e ABBA. No seu período de maior sucesso, no fim dos anos 1970, a cantora paraguaia e o quarteto sueco eram indissociáveis. A cada estouro daquele que foi o maior grupo pop do planeta em sua época, Perla fazia uma versão em português para turbinar as ondas das rádios AM brasileiras. Versões que, de tão ingênuas, chegavam a ser cafonas; e que, de tão cafonas, revelaram-se geniais.” Assim o jornalista Silvio Essinger abria sua reportagem de capa do Caderno B do *Jornal do Brasil* de 14 de maio de 2002, em que publicou a crítica do CD “Perla canta ABBA e outros hits”, lançado naquele ano.

Apesar de o ABBA ter tido seu começo oficialmente em 1974, suas canções só passaram a ser notadas pelo grande público no Brasil dois anos mais tarde, com os ecos do imenso sucesso de *Fernando* e *Dancing queen.* Aos poucos, fãs brasileiros descobriam os hits anteriores, como *Waterloo, Honey honey, S.O.S.* e *Mamma mia*.

Antes de o grupo ser batizado oficialmente de ABBA, entretanto, o compacto de *Ring ring* foi lançado no Brasil. O nome que aparece no disco, de 1973, é “Björn & Benny/Agnetha & Frida”. A cantora Sueli, hoje pouco conhecida, chegou a obter certa fama com a versão em português da faixa título, que se tornou *Férias na praia*.

Mas a verdadeira “cara” do ABBA no Brasil foi Perla. Criada em uma família de músicos, desde pequena atuava com os irmãos e o pai no grupo Las Maravillas del Paraguay. Aos vinte anos deixou o Paraguai e mudou-se para o Rio de Janeiro, tornando-se uma “atração internacional” das casas noturnas. “Em 1972 Perla foi contratada para gravar na Parlophone [selo da Odeon] um LP no qual cantava somente em espanhol, inclusive versões de canções brasileiras”, explica o pesquisador musical e agitador cultural Rodrigo Faour, no encarte do CD “Perla canta ABBA e outros hits”, organizado por ele. O disco reúne 11 versões em português do grupo sueco. “Entretanto, como o mercado nacional ainda não estava tão aberto para a língua espanhola, o disco passou em brancas nuvens. Foi somente quando assinou com a RCA Victor [hoje Sony Music], em 1975, que sua carreira decolou. A razão do sucesso foi um repertório munido de versões em português de canções românticas e do pop dançante

internacional. Acabou se especializando em versões de sucessos de ocasião."

A RCA Victor era também o selo pelo qual os discos do ABBA eram lançados no Brasil. O primeiro LP do grupo comercializado aqui foi o álbum "ABBA", em 1976. A listagem das músicas foi diferente da original, pois a RCA decidiu lançá-lo como uma coletânea, incluindo *Fernando*, sucesso anterior. Com "Arrival", que chegou ao Brasil no ano seguinte, o nome do ABBA se consolidou nas paradas brasileiras, principalmente no eixo Rio-São Paulo. Nessa época, a cantora paraguaia lançava seu terceiro disco, "Palavras de amor", com uma versão em português de *Fernando*. "Os produtores de Perla sentiram que havia ali uma mina de ouro", conta Rodrigo. Ela se tranformou em celebridade no Brasil inteiro e, de quebra, seu disco incluía também outra versão em português do ABBA, *Hasta mañana*. "Todos passaram a conhecer seu vozeirão de contralto entoando com forte sotaque portunhol versos ingênuos", explica o pesquisador. "Segundo Perla, o grupo a conheceu, gostou de seu trabalho e a autorizou a gravar as versões. Acredito que, naquela época, como o ABBA estava começando, não deveria ser muito difícil conseguir isso. Eles ainda não eram um mito e não tinham tanto essa coisa de preservar a imagem."

Contribuiu também para a divulgação do ABBA no Brasil o fato de *Honey honey* ter sido incluída na trilha sonora de uma novela de grande destaque da Rede Globo em 1976, *O casarão*, de Lauro César Muniz. Depois desta, aliás, tornou-se recorrente a utilização de hits do grupo nas trilhas de telenovelas.

Precursora do rock brasileiro, Celly Campello regravou, naquele mesmo ano, uma canção do ABBA: *Cante* (*Enquanto houver canção*), versão de *Dance* (*While the music still goes on*). Celly havia explodido em 1959 com a versão brasileira de *Stupid cupid*, que aqui virou *Estúpido cupido*. Fez uma participação especial na novela da Rede Globo de mesmo nome, em 1976.

Nessa época, músicas do ABBA passaram a integrar diversas coletâneas com sucessos do momento, lançadas pela RCA, pela K-Tel e pela Som Livre. Em 1977 Perla regravou a mesma *Fernando*, desta vez em espanhol. A faixa se tornou uma raridade entre os fãs. Seu álbum daquele ano, intitulado apenas "Perla", trazia novamente uma versão do ABBA: *Recordar é viver* (versão de *Knowing me, knowing you*). "Essa história de Perla cantar versões foi coisa dos produtores dela na RCA. Eles é que escolhiam a maior parte de seu repertório", contextualiza Rodrigo.

Também em 1977 foi a vez de *The name of the game* integrar a trilha internacional de outro sucesso da Rede Globo: *O astro* (de Janete Clair). As influências do ABBA no Brasil continuaram com a dupla Jane e Herondy. Naquele ano, lançaram o LP "Não se vá", que

incluía o hit homônimo pelo qual a dupla é lembrada até hoje. Mas o álbum, também da RCA, continha ainda duas versões do ABBA: *Volte pra mim* (*Dum dum diddle*) e *A melhor noite do mundo* (*Dancing queen*). Já o conjunto The Fevers gravou sua versão em português de *Hasta mañana*, lançada em 1977 no LP do grupo pela EMI-Odeon. No ano seguinte, no LP que trazia novamente apenas o nome de Perla no título, foi a vez de a cantora gravar *Sonho que sou uma águia*, versão em português de *Eagle*, que o ABBA lançara em "The Album".

A primeira coletânea exclusiva do ABBA comercializada pela RCA no Brasil foi parte da série Disco de Ouro, em 1978, que reuniu vários outros artistas brasileiros e estrangeiros. Nas capas, o mote vinha estampado: "Um novo espaço para a música – Linha 3: Qualidade, produto, preço". O mais curioso é a seleção irregular feita pela RCA. Faixas pouquíssimo conhecidas do grupo, como *Watch out*, por exemplo, foram incluídas no LP, que trazia também uma instrumental *Arrival*, entre outras.

Em 1979, portanto, dois anos após seu lançamento estrangeiro, *ABBA – The movie* chegou aos cinemas brasileiros com o nome *ABBA – O grande show*. No mesmo ano Perla atingia o auge de sua popularidade graças ao sucesso *Chiquitita*, rebatizado aqui de *Pequenina*. No ano seguinte, seus produtores fizeram com que ela gravasse outras quatro versões do ABBA: *Hoje eu agradeço* (*Thank you for the music*), *Paz de um grande amor* (*S.O.S.*) e *Diga que me quer* (*Gimme! Gimme! Gimme!*), além de *Eu vou sonhar* (*I have a dream*), registrada apenas em compacto. O grupo infantil A Patotinha, formado por quatro meninas e que fazia bastante sucesso na época, também lançou a versão de *I have a dream*.

A novela *Coração alado* (de Janete Clair) exibiu em sua trilha sonora, em 1980, outro hit do grupo: *The winner takes it all*. A revista musical *Internacional*, muito popular no país no começo dos anos 1980, publicava letras de canções e cifras para violão, além de notas sobre bandas e artistas internacionais. O nome do ABBA aparecia com frequência, como nessa nota de 1980: "No Brasil o ABBA conquista um disco de platina em função das vendagens obtidas pelo seu compacto simples de *The winner takes it all*, que já superou a marca de 250 mil cópias vendidas. Mas não é só no Brasil que esta música está fazendo tanto sucesso. Na França também está sendo executadíssima através da voz de Mireille Mathieu, que gravou uma versão francesa com o título *Bravo tu as gagné* ".

Ao contrário do que passou a ocorrer mais tarde, nessa época não era difícil que artistas obscuros conseguissem autorização para gravar versões do ABBA. "Tanto que a obscura cantora Juanita, da mesma RCA, em 1980 conseguiu gravar uma versão *trash* de *Dancing queen* e *Eu vou sonhar* (*I have a dream*), que Perla também gravou", explica Rodrigo. Juanita chegou a formar uma dupla com o marido, Richard, no começo dos anos 1980. *Eu vou sonhar*,

entretanto, foi seu maior sucesso. Em 1982 Juanita gravou uma versão de *One of us* com o título *Um de nós dois*. O lado B do compacto trazia a versão de *When all is said and done* com o título *Não há a quem culpar*.

Perla continuou pegando carona no sucesso do ABBA e em 1981 imortalizou outro hit do quarteto em português: *Super amor*, versão de *Super trouper*. E não parou por aí. Foi logo regravando mais um clássico, *O jogo já acabou*, versão de *The winner takes it all*. Como se não bastasse, ainda lançou em compacto *Nosso caminho*, versão de *Andante andante*, que foi incluída em seu LP "Grandes sucessos", em 1982.

"Apesar de tachada de brega pela imprensa por ter um repertório baseado em versões, ser bastante passional e ter uma figura de forte apelo popular – de longuíssimos cabelos pretos de índia, sempre risonha e com aquele sotaque portunhol característico –, Perla pouco se importa com rótulos e continua muito querida por seu público", analisa Rodrigo. "Munida de tantas versões, já ganhou dez discos de ouro, dois de platina e um duplo de platina em trinta anos de carreira", completa ele no encarte da coletânea que organizou em 2002.

A revista *Internacional* tentava explicar aos brasileiros o sucesso do ABBA, como nesta nota de edição de 1981: "Essa explosão do quarteto muito se deve a sua participação no Festival Eurovisão, em 1974, em que conseguiu classificar, em primeiro lugar, a composição *Waterloo*. Daí para a frente, temos o que vimos hoje, um dos maiores fenômenos do mercado discográfico internacional, também abocanhando espaço no mercado brasileiro". Ainda na mesma reportagem: "A propósito, o grupo ABBA ainda está nas telas de muitas das principais capitais brasileiras com o filme *ABBA − The movie*, *ABBA − O grande show*, que já foi visto por mais de 5 milhões de pessoas em todo o mundo". Em outra edição de 1981, a revista definia: "Tidos como exemplo de pureza e virtudes domésticas, os integrantes do ABBA misturam música e matrimônio com naturalidade escandinava".

A cantora Waldirene, que havia feito sucesso na época da Jovem Guarda, lançou em 1981 um compacto com duas músicas do ABBA, *O amor existe* (*Me and I*) e *Olhos de serpente* (*On and on and on*). "O ABBA fazia um pop romântico, meio brega, meio ingênuo, mas com melodias imortais que sobrevivem até hoje", avalia Rodrigo.

Com o declínio da popularidade internacional do ABBA, em meados dos anos 1980, as famigeradas versões em português foram diminuindo gradativamente. Curiosamente, ainda em 1981 – último ano em que Perla regravou uma canção do ABBA –, o grupo A Patotinha optou por uma regravação no mínimo surreal: *Two for the price of one*, que na versão em português das alegres meninas virou *Ligue pra mim*. Sendo uma música com vocais liderados por Björn e pouco conhecida do público, a faixa foi uma escolha bastante inusitada para uma versão em

português. Tinha sido lançada pelo ABBA no álbum “The visitors” naquele mesmo ano.

A Rede Globo exibiu, ainda, um especial do ABBA, que era na verdade o show gravado na Wembley Arena de Londres durante a turnê de 1979 e hoje disponível em DVD como *ABBA in concert*. Também em 1981, a Som Livre lançou a coletânea “ABBA 10 anos”, um tanto adiantada, já que o ABBA só completaria dez anos, de fato, no ano seguinte.

Em 1983, duas canções solo das mulheres do ABBA fizeram parte das trilhas sonoras internacionais de duas novelas da Globo: *I know there’s something going on*, do álbum solo de Frida “Something’s going on”, fez parte do LP internacional da novela *Louco amor* (de Gilberto Braga); *Wrap your arms around me*, do álbum homônimo de Agnetha, foi usada na trilha sonora de *Eu prometo* (última novela de Janete Clair). Naquele mesmo ano, a Som Livre lançou “ABBA golden hits”, coletânea que fugia do óbvio por incluir canções pouco conhecidas do público brasileiro, como *So long* e *Bang-a-boomerang*, além de *The visitors*.

Durante o longo período em que o ABBA permaneceu no limbo, durante os anos 1980 até o começo dos 1990, pouca coisa significativa do grupo foi lançada ou descoberta. Mas ainda havia quem investisse em versões, como a cantora Joelma Giro, que em seu LP de 1986, intitulado “Joelma”, incluiu duas delas: *Oito minutos* (versão de *I let the music speak*) e *Algo de alguém* (*Head over heels*). Escolhas no mínimo exóticas. Mais conhecida apenas como Joelma, a cantora se tornou popular nos anos 1960 e 1970 interpretando músicas que faziam sucesso na voz de Ângela Maria e Agnaldo Rayol.

A Som Livre apostou em mais uma coletânea em 1988, “ABBA − Os grandes sucessos”. Com a (ainda tímida) chegada do CD no Brasil no final dos anos 1980, tornou-se o primeiro disco do ABBA lançado na nova mídia por aqui. Por esse fato, hoje é um raríssimo item de colecionador.

Em 1992, *I do, I do, I do, I do, I do* ganhou sua versão em português na voz de Carmem Silva: *O teu sorriso*. Três anos mais tarde, a dupla sertaneja Wilson & Soraya gravou *Deixa estar*, versão de *Dancing queen*. No entanto, essa versão é completamente diferente da gravada por Jane e Herondy em 1977 (*A melhor noite do mundo*).

Em 2010, com a estreia em São Paulo do musical *Mamma mia!*, as canções em português voltaram a ser ouvidas. Não as mesmas de Perla, mas sim letras especialmente escritas para a montagem brasileira do espetáculo. Tal responsabilidade ficou a cargo do ator, cantor, diretor e versionista Claudio Botelho, considerado um mago dos musicais da atualidade. Ele confessa que se divertia com as versões de Perla. “Acho o máximo. A Perla é ótima e aquelas letras eram muito engraçadas”, afirma. “Mas realmente não têm a ver com os originais, e, no caso do musical, as letras precisam contar uma história, de modo que não deu nem pra me inspirar na

Perla.” Antes de *Mamma mia!*, Claudio assinou as versões dos musicais *Os miseráveis*, *O beijo da Mulher-Aranha*, *Victor ou Victoria*, *A Bela e a Fera*, *Chicago*, *O fantasma da ópera*, *My fair lady*, *Miss Saigon*, *Sweet charity*, *West side story*, *A noviça rebelde*, *Avenida Q*, *O rei e eu*, entre outros. Ele conta que achou muito bacana transpor para o português os clássicos do ABBA. “As letras são bem diretas, não são pretensiosas”, comenta. “O desafio era ser simples e transmitir a ideia, já que os originais são muito objetivos e não são elucubrações poéticas.”

Traduzido para 14 idiomas diferentes, incluindo japonês, francês, alemão e russo, *Mamma mia!* teve sua versão em português feita em dois meses, tempo relativamente curto se levarmos em consideração que o espetáculo é formado por 22 músicas do ABBA.

O musical chegou aos palcos brasileiros com supervisão de Robert Mcqueen, que assumiu a direção-geral, David Holcenberg na direção musical, e Janet Rothermel na coreografia. Tudo para garantir a qualidade que Benny e Björn exigem para a exibição. “Para contextualizar a história, é importante que os números musicais sejam traduzidos para a língua do país em que o espetáculo será apresentado”, explica Mcqueen. Ou seja: tudo se assemelha bastante ao original. A diferença é que vem acessível a todos os brasileiros, em português.

“Adorei fazer *Chiquitita* e *Money, money, money*”, revela Claudio. “Como se trata de um musical, em que as letras fazem parte do enredo, é fundamental não inventar muito e manter o sentido original. Os autores fazem questão de que seja mantida a métrica, portanto não há nenhuma sílaba fora da música, não houve acréscimos ou supressões. As rimas também obedecem à mesma estrutura do original.”

“O público tem de ouvir as canções do ABBA de um jeito diferente, porque dançávamos ao som delas, mas talvez não tenham prestado atenção a cada letra”, diz Judy Craymer, produtora da peça e do filme. “Sou da geração que ouviu bastante esse repertório quando era adolescente, mas geralmente ouvia em boates ou em lugares públicos. Nunca parei pra ouvir mais dedicadamente, mas sempre achei divertido”, admite Claudio.

A montagem brasileira entrou em cartaz no Teatro Abril, em São Paulo, em 11 de novembro de 2010. Os papéis principais do musical couberam a Kiara Sasso (Donna) e Saulo Vasconcelos (Sam). O elenco ainda contou com Rachel Ripani, Andrezza Massei, Carlos Arruza, Pati Amoroso e Thiago Machado, entre outros.

Depois do ABBA

AGNETHA

Agnetha estrelou o filme sueco *Raskenstam*, em 1983. Viveu Lisa, o grande amor de Gustav Raskenstan, um homem que já tinha tido uma centena de amantes. Mas atuar não era novidade para ela. Antes, na sua fase pré-ABBA, tinha encarnado no teatro Maria Madalena na montagem sueca do musical *Jesus Cristo superstar*. Ainda em 1983, Agnetha lançou com sucesso na Suécia, o compacto de *It's so nice to be rich*, cujo lado B, *P&B*, é o título do filme em que as canções foram utilizadas.

No mesmo ano, lançou "Wrap your arms around me", seu primeiro álbum solo em inglês. Gravado nos estúdios da Polar Music e produzido por Mike Chapman, o álbum chegou às lojas em abril daquele ano. Ela queria imprimir um estilo diferente do ABBA e comemorou o resultado. "Dizíamos desde o início que esse álbum seria muito positivo, com uma atmosfera bem animada – e acho que conseguimos. Foi maravilhoso trabalhar nesse disco. Mike revelou várias faces que estavam dentro de mim", acredita. Três compactos do álbum foram lançados, com as canções *The heat is on*, *Wrap your arms around me* e *Can't shake loose*. O disco fez muito sucesso na Europa e vendeu mais de 2 milhões de cópias.

Em maio do ano seguinte ela participou de um especial para a televisão sueca, *Jönköpingsyra*, comemorando o 700º aniversário de sua cidade natal, Jönköping. No início de 1985 voltou aos estúdios da Polar Music para gravar o álbum "Eyes of a woman", produzido por Eric Stewart, do grupo britânico 10cc (mais conhecido pelo hit de 1975 *I'm not in love*).

Em novembro de 1986 Agnetha se juntou a Ola Håkansson (ex-membro do grupo sueco Secret Service e agora o cabeça da maior companhia de discos da Suécia, Stockholm Records, subsidiária da Universal Music) para gravarem a canção *The way you are*. A música foi usada para promover a cidade de Falun, candidata sueca a sediar os Jogos Olímpicos de Inverno de 1992. Falun acabou não sendo selecionada, mas a canção fez enorme sucesso na Suécia. O lado B, *Fly like the eagle*, também foi um dueto com Ola Håkansson. Esse compacto foi o

primeiro da própria gravadora de Agnetha, Agnetha Fältskog Productions AB. As duas faixas também fizeram parte do documentário *It's time for Sweden*. *The way you are* foi ainda lançada em versão estendida e no álbum "Aux deux magots" (1987), o último do Secret Service.

No ano seguinte Agnetha gravou com seu filho Christian o álbum "Kom följ med I vår karusell", um disco para crianças. Em 1981 ela havia gravado um álbum sueco de Natal com sua filha Linda, "Nu tändas tusen Juleljus".

O último álbum de Agnetha na década de 1980 foi "I stand alone", de 1987. Essa era a primeira vez que ela gravava um disco fora de seu país, em Los Angeles, com produção de Peter Cetera (ex-vocalista do famoso grupo americano Chicago). Ao ser lançado, foi o álbum mais vendido do ano na Suécia, entrando para o primeiro lugar das paradas e ultrapassando o (então) recente álbum de Madonna, "True blue". "Estou agora fazendo o que sempre quis, escrevendo canções, cantando e gravando, e sendo uma modesta estrela", disse ela na época, em entrevista a um jornal inglês. "Gosto de ser uma estrela modesta, ser uma grande celebridade é carregar muita pressão e eu não gosto de pressão, definitivamente. Não perdi toda a fama do ABBA. Trabalhamos duro por muito tempo. Rodamos o mundo. Em quase todo lugar que visitávamos era só trabalho, trabalho, trabalho e não tínhamos a chance de ver nada. Estive em vários lugares, mas não tenho ideia de como eles eram porque trabalhávamos todo o tempo, sempre naquela correria. Mas estamos todos muito orgulhosos do que alcançamos. Não culpo o ABBA pelo rompimento de meu casamento com Björn."

Entretanto, em 1988 ela já não aguentava mais aquele estilo de vida e se retirou completamente do mundo da música. "Não tenho sentimentos de culpa e isso é válido para todos nós", analisou. "Björn e eu teríamos nos separado de qualquer maneira, apenas ficamos longe um do outro, mas ainda somos bons amigos. Eu não me importaria em me casar de novo. A imprensa na Suécia escreve muitas coisas ruins sobre mim. Alguns jornais andaram escrevendo que eu tinha estado mais ou menos escondida em minha casa o tempo todo, como Greta Garbo, mas não é o caso. Saio todos os dias para caminhar com o meu cachorro, o que acontece é que as pessoas não me reconhecem. Pareço muito normal. A imprensa sueca acha que sou normal demais. Talvez eu queira ser um pouco misteriosa, como Garbo. Não quero ser um livro aberto, para as pessoas ficarem sabendo tudo sobre mim. Quem é que quer isso? Mas também não tenho nada a esconder. No momento estou muito feliz. Tenho vários amigos, novos amigos, homens e mulheres, e eu me sinto bem. Não tem por que me imaginar uma loira solitária, morando na Suécia, isso seria totalmente errado."

O depoimento de sua biógrafa e antiga amiga Brita Åhman, no entanto, contradiz isso.

“Ela quase não tem amigos e detesta sair e ver outras pessoas”, afirmou Brita em 2005.

Sua suposta solidão chegou ao fim em dezembro de 1990, quando ela se casou com Tomas Sonnenfeld, um cirurgião sueco. Tomas e Agnetha viveram tranquilos em uma bela casa fora de Estocolmo. Mas o casamento durou pouco – separaram-se em novembro de 1992. Durante o restante da década de 1990, Agnetha se manteve ocupada com seus investimentos imobiliários. Desde então passou a viver quase em reclusão em Ekerö, pequena e tranquila ilha do arquipélago de Estocolmo, fazendo ocasionais caminhadas solitárias.

Veio então um período de crises para a artista. Sua mãe Birgit morreu após um acidente, em janeiro de 1994. Em dezembro de 1995 seu pai Ingvar também morreu. Os últimos anos de vida do casal tinham sido marcados pela deterioração da saúde de ambos, drama vivido de perto pela filha. “Agnetha ficou obviamente muito abalada”, conta Brita. “Foi demais para ela, como teria sido para qualquer outra pessoa. Um período horrível.”

Quando os últimos símbolos de estabilidade familiar de sua infância se foram para sempre, Agnetha sentiu-se afetada de forma profunda. “Penso nos últimos anos e vejo que eles não foram generosos comigo”, disse ela, sobre seu segundo divórcio e a perda de seus pais. “A solidão pesa demais sobre mim.”

No dia 23 de setembro de 1996 sua autobiografia, *Som jag är* (Como eu sou), escrita com Brita, foi publicada juntamente com o lançamento de “My love, my life”, um CD duplo com a retrospectiva de sua carreira, incluindo trabalhos solo dos períodos pré e pós-ABBA, além de canções do ABBA em que ela lidera os vocais. Uma edição em inglês da autobiografia de Agnetha também foi publicada em seguida e se chamou *As I am*.

Agnetha decidiu contar sua história depois dos boatos de 1995 do livro *The name of the game*, que a magoaram muito. Pegando pesado no sensacionalismo e na ironia, um trio de jornalistas ingleses tinha escrito uma pretensa biografia do ABBA, na qual Agnetha e Frida apareciam como inimigas mortais e uma série de insinuações maldosas foram destiladas sobre os quatro ex-membros do grupo.

Poucos anos depois, Agnetha se viu emaranhada em uma sucessão bizarra de acontecimentos tristes e quase surreais. Na semana anterior a seu 50º aniversário, em 5 de abril de 2000, ela mais uma vez estampou as manchetes dos jornais suecos. Foi revelado que ela procurava assistência policial para lidar com um perseguidor obcecado, o holandês Gert van der Graaf, de 34 anos. Ele foi acusado de ter importunado Agnetha por três anos, mandando centenas de cartas nesse período. “Ele me ligava mais de três vezes por dia e me seguia aonde quer que eu fosse”, contou ela à polícia. “Às vezes me seguia de carro, às vezes ficava esperando nos lugares onde eu fazia minhas caminhadas. Minha vida tem sido muito

restringida por causa disso e não ouso sair mais de casa sem ter um vizinho comigo.”

Ao ser detido, o holandês revelou que havia se apaixonado por Agnetha quando tinha oito anos de idade, após vê-la no Eurovision Song Contest em 1974. Depois de visitar a Suécia várias vezes e conhecer a área onde Agnetha residia, Gert comprou uma casa nas redondezas. Ele foi indiciado com uma ordem de restrição que o proibia totalmente de se comunicar com Agnetha, qualquer que fosse a maneira.

Alguns dias depois de a notícia ter se espalhado pelos jornais, alguns ângulos até então desconhecidos da história vieram à tona. Uma carta que Agnetha havia enviado para Gert em janeiro se tornou pública. “A razão de eu estar escrevendo é que quero ficar sozinha”, escreveu ela. “Permaneço com minha decisão – não há esperança para nós dois juntos.”

Certamente não parecia uma carta que se escreve para um estranho. O texto de Agnetha sugeria certa intimidade com o holandês: evidências anteriores mostraram que os dois eram conhecidos um do outro. Agnetha até admitiu para a polícia que houve um relacionamento entre eles, que ia e vinha desde 1997, quando Gert havia se mudado para a Suécia. O namoro durou dois anos, até que Agnetha rompeu com ele. A biógrafa e amiga Brita pondera: “Dois anos... é muito tempo. É um mistério para todo mundo como ela pôde ter ficado com esse homem”.

As circunstâncias do caso de amor permanecem até hoje nebulosas. Agnetha se recusa a falar no assunto, terminantemente. Teria ela cedido às investidas do rapaz por causa de sua solidão e carência afetiva? Ou teria se enganado com relação a ele e só depois viu que tinha se envolvido com uma pessoa desequilibrada? Gert descreveu o relacionamento deles como “Romeu e Julieta”, mas no depoimento, diante do júri, Agnetha preferiu descrever o romance como “o médico e o monstro”.

Após um longo período de reclusão, Agnetha voltou a gravar em 2004 e lançou o CD “My colouring book”, composto de canções antigas e clássicos da música mundial, como *Sealed with a kiss*, *Fly me to the moon*, *The end of the world* e *What now my love*. “Senti vontade de gravar de novo, porque ainda não me sinto tão velha assim”, explica. “Também pelas cartas carinhosas que recebi, ‘sentimos falta da sua voz ao longo dos anos’, que me tocaram bastante, e também pelo fato de que adoro trabalhar no estúdio.”

O álbum vendeu cerca de 500 mil cópias. No ano de seu lançamento, recebeu o disco de platina no Reino Unido (60 mil cópias) e, na Suécia, vendeu 64 mil cópias já na primeira semana. “Tive a ideia muito tempo atrás, queria gravar esse tipo de canção dos anos 1960 ou 1950 ou um pouco misturado”, conta Agnetha. “Então foi muito bom quando o CD foi finalizado e eu sinto que finalmente estou satisfeita depois de todos esses anos.”

Com a ansiedade e a ambição de uma pesquisadora histórica, Agnetha foi escavando nos arquivos de música popular e buscando as canções que abriram o mundo para ela, ainda garota. “No início procurei na minha própria coleção, mas também fui a uma loja de discos em Hässelby, especializada em música dos anos 1960. Quase tive febre. Isso começou a vibrar em mim quando estava vasculhando os discos de Petula Clark, Rita Pavone, Cilla Black, Dusty Springfield e, claro, Connie Francis. Além de alguns rapazes como Paul Anka e Neil Sedaka, entre outros. Comprei muitos discos lá”, revela.

É claro, durante o processo, a velha tensão estava presente. “Eu me senti nervosa em começar tudo de novo”, admite. “Tinha criado algum tipo de medo do microfone e ele demorou de três a quatro semanas para ceder. Estava muito estressada quando cheguei à frente do microfone. Houve alguma luta com a minha voz antes de começar. É como um cano enferrujado, mas que de repente é desobstruído. Uma vez acontecendo, foi divertido e senti que isso deveria ser trabalhado.”

Agnetha nunca se sentiu à vontade dando entrevistas em inglês, e ganhou reputação de reclusa. “As pessoas raramente a veem, é por isso que pensam que ela é uma Garbo, mas ela não faz conscientemente, apenas aconteceu assim”, define Björn. Agnetha, no entanto, vê de outra forma. “Não, eu não me escondo”, garante. “É a imprensa que quer me ver assim, eu acho. Eles veem dessa maneira, mas não é assim que eu vivo. Por que criaram isso? Não sei. Provavelmente é uma espécie de castigo pelo fato de eu não me expor o suficiente.”

“Por dez anos não toquei, cantei nem ouvi música”, revelou ela em 1999. “Nem me dei ao trabalho de comprar um aparelho de som decente. O silêncio foi necessário. Trabalhamos tanto com o ABBA que não queríamos ouvir música. Por isso, as caminhadas foram tão importantes. Talvez elas tenham me ajudado a digerir tudo em uma espécie de recuperação. Agora sinto que posso apreciar novamente o ABBA, algumas canções minhas e de outros artistas. De repente, sinto desejo de ouvir de novo.” Nos últimos anos, Agnetha aparece de forma mais suave e tranquila diante da mídia, sempre com muita discrição. Mas ela parece lidar de forma menos traumática com toda a pressão e o burburinho que a cercam.

Em 2001 sua filha Linda lhe deu a primeira neta, Tilda, uma de suas maiores felicidades. Em 2007 veio a segunda neta, Esther, e em 2010 Signe, a terceira. Todas do casamento de Linda com Jens Ekengren.

Por muitos anos houve especulação: quando é que o mundo veria os quatro lado a lado novamente em público? Deveria ter acontecido na estreia teatral de *Mamma mia!*, mas Agnetha cancelou na última hora. Depois de vários quase reencontros, sempre com a ausência de Agnetha, os fãs e a mídia começaram a duvidar que todos os ex-membros do ABBA fossem

ser vistos lado a lado novamente, mas tinham a esperança de que Agnetha aparecesse no lançamento do filme *Mamma mia!* em Estocolmo.

E assim aconteceu, em 4 de julho de 2008, no Rival Hotel, do qual Benny é sócio. Agnetha decidiu não se preocupar com a imprensa apenas por uma noite e deu ao público o que ele tanto esperou por anos: um breve reencontro. Meses depois, em 2009, durante a cerimônia de entrega do Rockbjörnen Lifetime Achievement, ela declarou: "Falando por mim mesma, muitas vezes sofri enormes crises de consciência e saudade dos meus filhos. É como Frida disse, havia muitos sentimentos misturados e muitos contrastes durante os anos com o ABBA, como as turnês, nas quais vivíamos uma vida de *glamour*, mas depois voltávamos para casa para cuidar das tarefas domésticas, como lavar e cozinhar".

Em dezembro de 2010 os fãs do ABBA se alvoroçaram com a longa entrevista de Agnetha publicada na revista feminina sueca *M-Magasin*. Na entrevista, concedida a Amelia Adamo, Agnetha falou de vários assuntos como moda, carreira, vida cotidiana e música. Mas sempre deixando claro que uma volta do ABBA estava fora de cogitação, ainda que uma reunião dos ex-integrantes para algum possível projeto não fosse impossível. Amelia perguntou: "Então este não é o começo de uma nova vida mais direcionada para a mídia?".

"Nem um pouco", rebateu ela. "Não estou interessada em aparecer em revistas, televisão e jornais, de forma alguma. Muitas pessoas pensam que é apenas uma atitude, que eu quero criar esse ar de insegurança. Mas eu realmente não quero isso. Tive uma overdose. Porém não me retirei completamente, gravei três álbuns solo desde a época do ABBA". Apesar de mais tranquila, Agnetha lembrou mais uma vez: "Nunca me sinto confortável falando sobre minha vida privada. Quero manter isso para mim mesma, protegê-la".

"Você acha que tem sido descrita de forma incorreta?", prosseguiu Amelia.

"Não relaciono minha imagem à de um ser humano com medo, vítima de *paparazzi* ou algo parecido", disse Agnetha. "É claro que é desagradável ser observada em todos os lugares onde você está. Mas não é por isso que quero ficar anônima sempre. Foi uma escolha que fiz, nada que tenha sido forçada a fazer. Eu me acho muito pé no chão e me vejo como uma pessoa muito normal. Só quero ficar em paz. É claro que existem limitações que me fizeram parar. Sofro de medo de voar, mas fiz terapia e isso se tornou um problema menor". (Quando Agnetha comemorou seu 60º aniversário, ela e toda a sua família foram para Mallorca, a três horas de voo. Mas ela não foi além. Não ainda.)

Em outro trecho, Agnetha fala sobre seus pequenos prazeres do dia a dia: "Leio muito, acabei de ler *O casamento*, de Danielle Steel, que achei excelente. Também me interesso por medicina e medicina alternativa. Se eu não tivesse prosseguido na música, talvez tivesse feito

algo no campo da ciência. Talvez fosse médica".

Amelia pergunta: "Existe algo que você não fez e que gostaria de fazer?".

"Sim, na verdade existe", responde Agnetha. "Eu adoraria cantar a música tema de um grande filme, acho que *Titanic!* "

Amelia: "Por último, o que você gostaria de dizer em uma entrevista?".

"O melhor da vida é que você pode recomeçar."

FRIDA

Em 1982, ainda no ABBA, Frida lançou "Something's going on", seu primeiro álbum solo em inglês. Foi produzido por Phil Collins, que na época tinha acabado de deixar o grupo Genesis (do qual era o vocalista principal). Frida havia se identificado muito com o primeiro álbum solo de Phil, "Face value", lançado um ano antes, o qual tinha passado oito meses ouvindo sem parar. Ela até regravou uma de suas faixas, *You know what I mean*, que, segundo ela própria, tinha muito a ver com o que estava sentindo na época, após o seu divórcio. "Acho que significou muito o fato de ele [Phil Collins] ter passado pelo mesmo que passei um ano atrás. Senti que tínhamos muito em comum, tanto musicalmente como em experiência de vida", diz. Como o próprio Phil afirmou em uma entrevista de TV da época: "Frida e eu tivemos algo em comum com relação a nossos respectivos divórcios. Ambos fomos as partes que saíram machucadas".

O álbum incluía colaboração em letras de canções de diversos cantores e compositores de peso como Bryan Ferry, Stephen Bishop, Pete Belotte e Giorgio Moroder. *I know there's something going on*, a principal faixa do álbum, fez grande sucesso ao redor do mundo e particularmente nos Estados Unidos. "Estive trabalhando por dez anos com o ABBA, de um jeito que senti que ficaria limitada a um estilo", afirmou ela em entrevista na época do lançamento do disco. "Como minha vida mudou tão radicalmente em outros aspectos, senti essa necessidade de mudar até mesmo o aspecto musical da minha vida, porque me sinto muito forte para isso. [...] Não foi como fazer um álbum do ABBA. Neles, Björn e Benny gravam as fitas e depois Agnetha e eu inserimos as vozes. Desta vez fiquei no estúdio com a banda dia e noite, por seis semanas, ouvindo cada canção junto com o pessoal, antes que fosse feita qualquer gravação. Muitas vezes foi mais fácil que trabalhar com o material do ABBA. Este foi o meu projeto e eu sabia o que queria – não houve necessidade de nenhum compromisso. Posso dizer honestamente que não tenho dúvidas quanto aos resultados."

"Eu me lembro que estava muito nervosa na primeira semana, porque era a primeira coisa que fazia fora do ABBA, após vários anos, e todas as pessoas eram novas para mim", diz

Frida. “Eu havia encontrado Phil duas vezes, mas os outros eu ainda não conhecia, então estava muito, muito tensa e nervosa. Rapidamente percebi que eles eram um grupo de pessoas legais, e aí, depois de uma semana, realmente nos entrosamos. Foi uma situação muito tranquila e um clima muito bom. Gostei, de verdade, de ter trabalhado com os músicos do Phil. Foram muito amáveis e legais comigo – todos eles.”

Naquele mesmo ano Frida mudou-se para Londres. Em 1983 participou, na França, do musical *ABBAcadabra*, escrito e produzido para a TV por Alain e Daniel Boublil. Após cantarem juntos a faixa *Belle* (versão de *Arrival*), Frida e Daniel tornaram-se amigos e ele escreveu para ela *The face*, canção incluída no álbum seguinte de Frida, “Shine”. Daniel morreu em um acidente de helicóptero em 1986. Além do álbum do musical, foram lançados os compactos *Belle* e sua versão inglesa, *Time*, cantada por Frida e B. A. Robertson.

“Shine” é o título do álbum de Frida de 1984 gravado em Paris, nos Studios de la Grand Armée. Foi produzido por Steve Lillywhite, na época com apenas 29 anos. Apesar da pouca idade, Steve já era conhecido por ter trabalhado com U2, Peter Gabriel, Rolling Stones e Simple Minds, entre outros. O LP incluía a faixa *Slowly* escrita por Björn e Benny, e apresentada também em um álbum da dupla Gemini. Além do compacto de *Shine*, outros compactos europeus desse álbum foram *Come to me* e *Twist in the dark*. Entretanto, o disco não teve uma vendagem muito boa. Steve Lillywhite tinha dado a Frida uma sonoridade ainda mais moderna e complexa que Phil Collins no álbum anterior. No documentário *Frida − The DVD* (2005), ela afirma que “talvez esse álbum tenha sido um pouco moderno demais para sua época”.

O disco traz a estreia de Frida como compositora, com as faixas *Don’t do it* e *That’s tough* (esta última escrita em parceria com seu filho Hans Fredriksson e a cantora inglesa Kirsty MacColl). Após “Shine”, ela decidiu dar um tempo na carreira.

Em 1986 participou do coral de gravação de *Klinga mina klockor* (Toquem, meus sinos), do álbum solo homônimo de Benny lançado no ano seguinte. Nesse mesmo ano mudou-se novamente, desta vez para a Suíça. Em 1987 gravou (em sueco e em inglês) com o grupo sueco Ratata a canção *Så länge vi har varann*/*As long as I have you*, de grande sucesso na Suécia.

Frida tornou-se avó em 1988, quando sua filha Lise-Lotte deu à luz Jonathan. Do fim dos anos 1980 até a metade da década de 1990 comandou um grupo ambientalista na Suécia, Artister för Miljö (Artistas pelo meio ambiente), que é parte da organização Det Naturliga Steget. Em agosto de 1992 organizou um concerto beneficente durante o Water Festival, do qual participaram vários artistas suecos. Com eles, acabou lançando o compacto *Änglamark*,

em prol do meio ambiente. O disco também apresentou, no lado B, Frida cantando *Saltwater*, faixa composta por Julian Lennon (primogênito de John Lennon).

Em 26 de agosto de 1992, Frida casou-se com o príncipe alemão Heinrich Ruzzo Reuss von Plauen. Eles namoravam desde 1986 e já moravam juntos em Fribourg, na Suíça. Tornou-se, então, princesa Anni-Frid Synni Reuss, condessa de Plauen. Em novembro de 1993 Frida comandou uma performance de *Dancing queen* com o Real Group, em honra ao 50º aniversário da rainha Silvia da Suécia, sua amiga íntima – seu marido havia sido colega de escola do rei sueco Carl Gustaf.

Sem que ninguém soubesse, Frida gravou em 1996 alguns demos, tendo Anders Glenmark como produtor. Desse material nasceu seu CD mais recente "Djupa andetag", acompanhado de CD-ROM interativo com vídeo, fotos e uma sessão de perguntas e respostas com Frida. O álbum alcançou o topo das paradas suecas e foi o nono disco mais vendido no país em 1996. As canções foram escritas por Anders, mas traz também uma composição de Frida, *Kvinnor som springer* (Mulheres que correm) e é bem distinto de seus álbuns anteriores.

Desde "Frida ensam", de 1975, Frida não gravava em sueco. "Esse foi um assunto que discuti com minha equipe de trabalho, sobre até onde deveríamos ir", explica. "Uma carreira internacional foi algo que vivenciei por muitos anos, por tempo demais até, e não quero ressuscitar uma fase que se repetiria se eu gravasse um CD em inglês. Quero algo em uma escala menor. Mas, acima de tudo, queria cantar na minha língua-mãe de novo. Foi maravilhoso. Você se sente, claro, mais à vontade na sua própria língua do que em uma estrangeira."

Na entrevista contida no CD-ROM, Frida falou de diversos assuntos pessoais. "Bem, vamos colocar dessa maneira: não como carne. Nos últimos 17 ou 18 anos, não comi carne", contou. "Fui vegetariana por muitos anos, agora é que passei a comer peixe também. Por isso não dá para dizer que eu seja 100% vegetariana, já que como alguns tipos de produtos de carne, sendo peixe o principal. Mas é só uma maneira de viver. Gosto da dieta que sigo, acho que ela me dá o que preciso. Sou uma pessoa muito ativa na natureza, pratico vários esportes. Tenho muitos interesses nos assuntos relacionados à natureza. Adoro caminhar nas montanhas, é uma das minhas grandes paixões. Então acho que dá para dizer que me mantenho em forma de uma maneira que me convém como pessoa."

O fim dos anos 1990 reservou a Frida momentos trágicos. Em janeiro de 1998, o maior baque da sua vida: sua filha Lise-Lotte morreu em um acidente de carro em Michigan, região oeste de Detroit, nos Estados Unidos, onde ela vivia desde que se casara com o americano Charles Casper. Em outubro do ano seguinte era a vez de seu marido morrer, após breve luta

contra um câncer. Desde a viuvez, Frida mora em Zermatt, nos Alpes.

Como convidada de artistas europeus, Frida continuou aparecendo esporadicamente em CDs. Em 2002 gravou *La barcarolle*, um dueto com a cantora de ópera italiana Filippa Giordano para seu novo álbum, "Il rosso amore deluxe". Em 2004 voltou ao estúdio para a gravação de *The sun will shine again*, composta especialmente para ela pelo ex-membro do Deep Purple, Jon Lord. A faixa foi lançada em compacto, em edição promocional limitada, mas aparece também no álbum "Beyond the notes", de Jon. Ambos participaram de vários programas de TV na Alemanha, divulgando a música.

Assim como os outros três ex-companheiros do ABBA, Frida esteve na estreia do filme *Mamma mia!* na capital sueca, em 4 de julho de 2008. Os quatro tiveram a oportunidade de conversar, abraçar, dançar e ser fotografados com Meryl Streep, Pierce Brosnan, Colin Firth, Amanda Seyfried e outros membros do elenco e da produção do filme, em uma breve reunião histórica do *show business*. Lendas vivas do mundo da música e do cinema trocaram elogios mútuos, brincaram, riram e se divertiram por algumas horas, causando *frisson* na mídia europeia e nos fãs do ABBA ao redor do mundo.

Em janeiro de 2009 Frida perdeu seu pai, Alfred. A convivência dos dois, limitada pelas circunstâncias da vida e pela distância que o encontro tardio criou, havia sido muito boa, ainda que esporádica.

No ano seguinte, Frida foi uma das artistas convidadas no novo álbum "Reconnection", do sueco Georg Wadenius, que além de músico é também compositor, produtor e cantor. Thomas Johansson, que trabalhou de perto com o ABBA em suas turnês mundiais, teve a ideia de um álbum solo de Georg apresentando artistas escandinavos. Frida abre o disco com a canção *Morning has broken*, um hino cristão bem conhecido publicado pela primeira vez em 1931 e que se tornou extremamente popular com Cat Stevens em 1972. "Quando me casei com meu marido Ruzzo, que faleceu há dez anos, queríamos *Morning has broken* como a nossa música na igreja. Por isso esta é mais uma lembrança agradável para mim que apenas uma canção de Cat Stevens", explica Frida.

Quando é perguntada sobre outros músicos e compositores com quem gostaria de trabalhar, Frida responde prontamente: "Não sonho mais dessa forma, mas tenho muitos amigos na música internacional e é claro que alguém sempre fala que seria divertido fazer algo juntos. Mick Hucknall [vocalista da banda britânica Simply Red] é um amigo próximo e às vezes nós brincamos sobre fazer algo parecido com o jazz juntos".

Sobre outra cantora cuja qualidade da voz ela admira, imediatamente escolhe Agnetha, sua colega do ABBA: "É assim para todos os cantores quando se escutam uns aos outros, há

um quê na pessoa que achamos fantástico. Eu só poderia escolher a voz da Agnetha. Porque eu sou meio-soprano, nunca poderia cantar daquele jeito. Eu canto muito abaixo e foi por causa disso que nos equilibramos uma com a outra tão bem. Nossa combinação de vozes foi muito bem-sucedida, é muito difícil encontrar algo assim".

Em um aspecto os quatro ex-membros do ABBA permanecem unânimes: não cantarão juntos novamente, mesmo que os repórteres repitam essa pergunta em praticamente todas as entrevistas. "Agnetha e eu falamos e rimos disso algumas vezes, mas a vida mudou, envelhecemos, e depois existem outras coisas mais importantes que ocupam nosso tempo", acredita. "Mas é claro que seria muito divertido fazer algo com Agnetha. Embora seja difícil, se fizéssemos, teria de ser muito grande e haveria muitas exigências de toda a imprensa e da publicidade, mesmo porque acho que isso nunca acontecerá."

Ela acompanha com alegria a febre ABBA dos últimos anos. "Quando todas as coisas estão no seu lugar – como aconteceu na nossa música, que realmente não percebíamos até então –, existe um poder e uma energia que não acabam, mas que vivem de muitas maneiras diferentes", comenta. "É uma qualidade difícil de ser copiada. Às vezes a música fica em repouso por algum tempo, mas depois acontece algo, um projeto como o musical *Mamma mia!* e o filme que eu amo, e em seguida a música desperta para a vida novamente e chega às novas gerações, se torna uma herança. Tenho um forte pressentimento de que será sempre assim com a música do ABBA."

BJÖRN E BENNY

Tim Rice foi o compositor com quem Björn e Benny escreveram o musical *Chess*, em 1983. A parceria já vinha sendo costurada desde um ano antes. Algumas canções não lançadas do ABBA foram retrabalhadas e usadas em *Chess*, incluindo *Anthem*. Um disco com as canções foi lançado em 1984, mas somente em maio de 1986 o musical estreou no West End de Londres, onde permaneceu em cartaz por três anos.

Em abril de 1988 *Chess* estreou também na Broadway, em uma temporada de apenas dois meses. Houve três álbuns diferentes do espetáculo. Vários compactos foram lançados da versão original do álbum de 1984, incluindo as canções *Nobody's side*, de Elaine Paige, *The arbiter*, de Björn Skifs, *I know him so well*, dueto de Barbara Dickson e Elaine Paige, que foi durante muito tempo hit número 1 na Inglaterra, e *One night in Bangkok*, de Murray Head (com Anders Glenmark cantando no coro), hit número 3 nos Estados Unidos.

"O que aconteceu foi que nos encontramos com Tim Rice em Nova York por meio do nosso agente, a quem dissemos, Benny e eu, que gostaríamos de escrever um musical", conta

Björn sobre o nascimento de *Chess*. “Ele não estava mais trabalhando com Andrew Lloyd Webber na época. Então nos juntamos, ele veio para Estocolmo em 1981 mesmo e nós conversamos... Ele tinha algumas ideias, uma delas era *Chess*, e achamos a ideia maravilhosa, não por causa do jogo de xadrez, bem, eu não jogo xadrez e Benny, acho que muito pouco [risos], mas por causa da Cortina de Ferro, da Guerra Fria. *Chess* é sobre a Guerra Fria... Sua montagem também, e para nós estava muito próximo e muito real naquela época. Aí achamos que era uma grande ideia e decidimos fazer algo a respeito.”

Em 1985, Björn e Benny produziram e compuseram um álbum com Anders Glenmark, gravado por ele e sua irmã Karin, a dupla Gemini. O álbum apresentou uma canção chamada *Just like that* escrita por Björn e Benny, que havia tido um trecho gravado pelo ABBA. Essa canção acabou se tornando o compacto de maior sucesso da dupla.

O projeto solo de Benny, em 1987, foi seu álbum “Klinga mina klockor”. A faixa título foi coescrita com Björn e Frida fez parte do coral feminino. O álbum tem influência da música clássica e do folk sueco, com Benny tocando seu acordeom. “November ’89”, o segundo álbum solo de Benny, lançado em 1989, tem uma influência clássica ainda maior. Uma das canções mais bonitas do álbum, *The conducator*, é cantada por Tommy Körberg.

Em 1990 Benny coproduziu um CD chamado “Fågelsång i Sverige”, que contém exemplos de cada canção de pássaro. Inclui um livro ricamente ilustrado com fotos e histórias sobre os diferentes tipos de aves. Benny produziu esse álbum por ter interesse especial por ornitologia, principalmente pelas espécies nativas da Suécia. No ano seguinte escreveu duas canções com Marie Nilsson para o grupo pop folk Ainsbusk Singers. *Lassie* e *Älska mej* foram lançadas em compactos e *Lassie* atingiu o número 1 das paradas suecas. Em 1992 Benny compôs uma canção para o campeonato europeu de futebol sediado na Suécia.

No mesmo ano, Björn e Benny trabalharam com Kalle Moreaus, membro do grupo sueco Orsa Spelmän, para compor a canção *Beatrice*, cantada com Kalle e lançada em compacto. Benny e Björn compuseram todas as canções para o CD “Shapes”, álbum pop inglês de Josefin Nilsson produzido por Benny. “Shapes” foi lançado na Suécia em abril de 1993 e rapidamente em vários outros países europeus. Somente em 1997 chegou aos Estados Unidos.

Por mais de cinco anos Björn e Benny estiveram ocupados compondo o musical *Kristina från Duvemåla*. Ele é baseado no clássico épico sueco escrito por Vilhelm Moberg, *Utvandrarna* (Os emigrantes), um livro sobre suecos que vão para a América do Norte na década de 1850. Quando Benny e Björn começaram a se dedicar à composição de *Kristina*, já sabiam o que funcionava nos musicais de teatro e o que não funcionava, pela experiência em *Chess*. *Kristina från Duvemåla* estreou em 7 de outubro de 1995, em Malmö, e tornou-se o

musical mais bem recebido da história do teatro sueco. Ficou em cartaz por três anos e meio em vários teatros de Malmö, Gotemburgo e Estocolmo. Em abril de 2010, a montagem em inglês de *Kristina* estreou no Royal Albert Hall, em Londres, com a presença do tenor inglês Russell Watson no papel principal.

Após ter exagerado muito na bebida, Benny permanece abstêmio desde 2001. “Foi a melhor coisa que poderia ter feito a mim mesmo”, relata. “Se você percebe que não se sente mais você mesmo se não estiver com álcool em seu corpo, então é hora de parar. Uns podem beber, outros não. Se eu não tivesse parado, provavelmente não estaria aqui hoje [2009]. O álcool é como uma espécie de filtro que se interpõe na frente da realidade. Mas agora me livrei disso, agora está ótimo.”

Em setembro de 2003 Benny inaugurou um grande hotel em Estocolmo, o Rival Hotel, situado no centro da capital, em Mariatorget, um dos pontos mais encantadores da cidade. A área é cercada por galerias de arte, lojas de *design*, butiques, bares e prédios históricos. “Nosso objetivo foi criar um hotel de personalidade única, o tipo de lugar onde gostaríamos de ficar”, explica Benny, que já ficou em milhares de hotéis, mas só se lembra de alguns poucos. O empreendimento é propriedade da Rival AB, formada por três sócios: Benny, Christer Sandahl e Christer Hägglund, grandes capitalistas suecos. Não se trata apenas de um hotel – o Rival também oferece restaurantes, bares, um bistrô, café, padaria e cinema com capacidade para setecentas pessoas.

Benny é categórico ao afirmar que quer seguir em frente em busca de novos desafios. “Trabalho todos os dias”, frisa. “Faço isso para administrar o que consegui na vida. Ser genuíno. Não me sinto nem um pouco como ABBA ou como Hep Stars. Não sou eu. Quero seguir adiante com a música. Não faço nenhum grande projeto musical há 15 anos, desde *Kristina from Duvemåla*. Tenho minha orquestra e isso é maravilhoso. Tenho enorme prazer com a banda toda e com a atmosfera que criamos. Quando estamos viajando em turnê, saímos com nossas esposas e filhos. Vivemos bem, comemos bem, passeamos e tocamos. Mas quero mergulhar de cabeça em algo que seja realmente difícil, desafiador.”

Em 2005 Björn passou por um susto: o Conselho Fiscal da Suécia o acusou de ter deixado de pagar 90 milhões de coroas suecas (o equivalente a 12,8 milhões de dólares) em impostos nos últimos oito anos. O Conselho alegou que o músico havia lavado sua renda proveniente de *royalties* musicais em instituições de diversos países estrangeiros. Como medida preventiva, Björn pagou os impostos durante os dois anos e meio em que a disputa durou. Em outubro de 2008 a corte administrativa decidiu o caso em favor do artista.

A manchete “ABBA protesta contra uso de sua música em campanha política” saiu nos

jornais em setembro de 2009, quando Björn e Benny criticaram um partido político da Dinamarca por usar, sem permissão, uma das músicas do quarteto em sua propaganda. O partido dinamarquês adotou a melodia de *Mamma mia*, com a letra alterada, para enaltecer um líder político. “Em primeiro lugar, não se pode mudar a letra de uma música assim, ao bel-prazer, e, em segundo lugar, eles precisam entender que nós não temos nenhum interesse em apoiar o partido”, declarou Benny. De acordo com a Universal Music, os ex-membros do ABBA concordaram em não processar o partido dinamarquês contanto que ele cumprisse o acordo de não usar mais a canção em suas campanhas.

Benny se apresenta regularmente na Suécia com sua banda, formada por 16 músicos, a BAO (Benny Anderssons Orkester). A orquestra conta com os talentos musicais de artistas suecos que trabalham com Benny há muitos anos, como os cantores Tommy Körberg e Helen Sjöholm. Em 2009 lançaram o CD “Story of a heart”, que incluiu faixas cantadas e também instrumentais de músicas folk suecas.

Em uma entrevista de 2010, Björn falou sobre a atual mania da TV em promover programas e concursos dedicados à descoberta de novos astros e estrelas da música. “Esse jeito de escolher as pessoas por teste é muito diferente de como o ABBA começou na indústria da música”, comparou. “Crescemos organicamente. O que aconteceu é que nos conhecemos e descobrimos que tínhamos um interesse em comum: tocar e cantar. Não fomos recrutados e isso faz uma grande diferença.” E continua com seu raciocínio: “Nenhum dos novos talentos de hoje põe o pé na estrada e aprende sua arte como as bandas dos anos 1960 e 1970 faziam. Veja os Beatles, por exemplo, como batalharam e trabalharam para se tornar uma banda tão boa. É por isso que eles têm tanta longevidade e são admirados ainda hoje”.

Björn deixa para os mais jovens algo a pensar: “Todos devem correr atrás do que seja original dentro de si. Esse é o caminho para uma vida longa no mundo da música. Quem são os artistas que ainda estão presentes na música desde seu começo? São aqueles que, por serem originais, se destacam até hoje”.

Sobre as cansativas insistências para uma reunião do ABBA, ele tenta se fazer entender uma vez mais, pacientemente: “Deixe que as pessoas se lembrem de nós como um grupo audacioso, jovem e cheio de energia. Uma bela lembrança”.

Apêndice

Como nasceram as canções de *Mamma mia!*

Nos últimos discos do ABBA, nota-se um aprimoramento e um amadurecimento em suas composições. Benny e Björn costumavam preparar tudo com muito cuidado e passavam grande parte do tempo nos estúdios da Polar Music. “Björn e eu costumávamos ir para a nossa ilha de veraneio, no arquipélago de Estocolmo. Pegávamos as melodias que surgiam durante os improvisos e as vestíamos com sílabas sem sentido. Íamos cantarolando até completar a composição”, conta Benny. “Depois, púnhamos as letras. Como curtimos o mesmo tipo de música – The Eagles, Elton John, Paul McCartney –, acabávamos sempre chegando às mesmas ideias, daí pintava a inspiração, e, às vezes, alguma invenção boa. Em outros momentos, precisávamos de algum estímulo mais forte, e então viajávamos para férias nas Bahamas ou na Flórida. Não apenas para sair de nossa friorenta Suécia, mas também para ouvir música, conhecer outras coisas.”

Benny diz que é difícil descrever o processo de composição das músicas: “Sempre fomos muito metódicos, sentando e trabalhando naquilo durante horas e horas. Às vezes nada acontece, às vezes acontece”, detalha. “Quando escuto o que estou tentando alcançar em certo momento, eu me pergunto por que não descobri aquilo na hora, em vez de ficar três meses esperando... É um processo muito longo e você tem de estar disponível para quando a inspiração chegar. Nunca aconteceu de eu estar andando pela rua e de repente vir um ritmo na minha cabeça. É sempre sentado em frente ao piano.”

Stig também falou, na época do ABBA, sobre como coescrevia as canções com Benny e Björn. “Nosso trabalho é muito próximo e ligado, mas não hoje em dia [1981], infelizmente, porque tenho muitas outras coisas a fazer – agora sou um homem de negócios. Geralmente eles compõem a melodia e eu escuto e digo: ‘gostei daquela parte’, ‘gostei da melodia toda’, ou ‘não gostei de nada’. Aí venho com as letras e eles dizem: ‘não, não gostamos desta’. Aí eu tenho de voltar e escrever algo mais.”

As melodias das canções eram escritas sempre antes das letras. “Quando concordamos que a melodia é aquela mesmo, começamos a pensar nas letras”, relata Stig. “Você procura

encontrar um título do qual as pessoas se lembrem. Quando se ouve uma canção, a melodia envolve muito, mesmo sem a letra. É por isso que pode levar muito tempo para se obter a letra certa, o título certo. Com *Fernando*, acho que levei uns três meses para conseguir a letra que queria. Quando se é um compositor, primeiro você tem de achar onde está o nome da canção. Está no primeiro verso, na última linha, ou mais ou menos no meio? É preciso ter uma noção porque a canção pode provavelmente ter o título em muitos países diferentes. Depende da melodia. Em *Fernando*, por exemplo, o título poderia estar na primeira linha, mas não é um título suficientemente extenso para aquele começo. Você tem de se perguntar: 'Esta música é alegre?'. Então tem de ter a letra alegre. Ou então: 'Esta música é triste?'. É difícil descrever – é puro tato. Acredito que seja importante que o nome de uma canção seja internacionalmente envolvente, para que as pessoas possam se lembrar em Hong Kong, na Suíça, no Brasil... É preciso lembrar que no Brasil as pessoas não falam inglês."

CANÇÕES NA ORDEM EM QUE APARECEM NO MUSICAL

VERSÃO ORIGINAL DO TEATRO

I have a dream
Honey honey
Money, money, money
Thank you for the music
Mamma mia
Chiquitita
Dancing queen
Lay all your love on me
Super trouper
Gimme! Gimme! Gimme! (A man after midnight)
The name of the game
Voulez-vous
Under attack
One of us
S.O.S.
Does your mother know
Knowing me, knowing you
Our last summer
Slipping through my fingers
The winner takes it all
Take a chance on me

I do, I do, I do, I do, I do

VERSÃO DO CINEMA

I have a dream
Honey honey
Money, money, money
Mamma mia
Chiquitita
Dancing queen
Lay all your love on me
Super trouper
Gimme! Gimme! Gimme! (A man after midnight)
Voulez-vous
Under attack
S.O.S.
Does your mother know
Our last summer
Slipping through my fingers
The winner takes it all
Take a chance on me
I do, I do, I do, I do, I do
When all is said and done

I HAVE A DREAM

Em março de 1979 a faixa começou a ser trabalhada em estúdio. No início foi intitulada *Take me in your armpit* e, em outro estágio, de *I know a song*, antes de se tornar definitivamente *I have a dream*. “Lembro que eu estava em casa trabalhando na letra de *I have a dream* e, quando terminei, liguei para o Benny”, conta Björn. “Ele e Frida estavam dando uma festa e me disseram para ir até lá. Quando cheguei, tocamos a música no piano, na frente dos convidados, e depois de um tempo estavam todos cantando juntos, pois era muito fácil de aprender.”

Quando a faixa foi gravada no estúdio, um coral de crianças da International School of Stockholm entoou o refrão final. *I have a dream* é a única gravação do ABBA que inclui vocalistas de fora.

O grupo pop irlandês Westlife, uma das sensações durante a febre das *boy bands*, no fim dos anos 1990, gravou um cover de *I have a dream* em dezembro de 1999, exatamente vinte

anos depois do lançamento original do ABBA. A versão ficou em primeiro lugar nas paradas britânicas.

HONEY HONEY

Composta na ilha de Viggsö, a gravação começou ainda em outubro de 1973, para ser incluída no álbum que sairia no ano seguinte, “Waterloo”. A canção, lançada em compacto em diversos países europeus, Austrália e Estados Unidos, não foi divulgada na Inglaterra. “Eu me lembro que Agnetha e eu tentamos soar sexy quando gravamos os vocais”, recorda Frida. “Não sei se conseguimos!”

MONEY, MONEY, MONEY

Com seus ares de cabaré, a faixa foi gravada em maio de 1976, inicialmente com o título *Gypsy girl*. Lançada como compacto em novembro daquele ano, a canção contava com um vocal dramático de Frida. “Eu realmente penso que o som da letra de uma canção é tão importante quanto a mensagem que ela transmite”, explica Björn. “De fato, na música pop o significado está subordinado ao som; o principal é que o som da vogal certa esteja no lugar certo, e assim por diante. É claro que prefiro quando posso combinar um tema que realmente signifique algo para mim com uma letra que soe bem quando cantada, embora nem sempre isso seja possível.”

“*Money, money, money* foi na verdade o primeiro título para essa canção, mas achei que já havia músicas demais sobre dinheiro”, prossegue Björn. “Então optei por uma frase terminando com a palavra *gypsy* [cigana] no refrão, em vez de *money* [dinheiro]. Mas por algum motivo a palavra não soou bem na música. No final, voltei com o título *Money, money, money* – que simplesmente soava melhor.”

THANK YOU FOR THE MUSIC

Gravada em 21 de julho de 1977 no Glen Studio, após uma versão alternativa ter sido gravada um mês antes no Marcus Music Studio, intitulada *Thank you for the music* (*Doris Day version*). A versão *Doris Day* foi lançada na caixa “Thank you for the music”, em 1994.

Sem dúvida, é umas das canções mais conhecidas do ABBA. Original do minimusical *The girl with the golden hair*, de 1977, a canção encerrava a apresentação e teve um lançamento limitado a alguns países.

Em *Mamma mia!*, a música é cantada pelos personagens Sophie e Harry, com o primeiro

verso omitido. No contexto da peça, Harry se lembra de seus dias de despreocupação e juventude. Ao mesmo tempo, Sophie permite que seus pais em potencial a conheçam melhor. A personagem expressa o quanto adora cantar e dançar. Essa canção ficou fora da versão cinematográfica.

Uma versão ao vivo foi cantada na TV americana pelos Carpenters, em junho de 1978, no *Tonight Show*, apresentado por John Davidson. *Thank you for the music* era forte candidata a ser lançada como compacto pela dupla de irmãos naquele ano. Em vez disso, os Carpenters acabaram lançando *I believe you*.

MAMMA MIA

Muito antes de se tornar peça ou filme, *Mamma mia* foi a última faixa a ser gravada para o álbum "ABBA", em março de 1975. Hoje, os compositores quase não se lembram dos detalhes de sua composição. Björn recorda que Benny a compôs na biblioteca da casa em que vivia com a então esposa Agnetha, em Lidingö, nos arredores de Estocolmo. Embora Björn fosse o principal compositor do ABBA naquela época, Stig ainda contribuía com títulos carismáticos e "internacionais" para as canções – *Mamma mia* foi somente mais um nessa lista. "Acabou se tornando mais um indefectível e memorável título de canção, que talvez um compositor de língua inglesa achasse europeu demais e pouco descolado", reflete Björn. "A expressão 'mamma mia' é muito usada na Suécia e é tão conhecida como se fosse da língua inglesa."

CHIQUITITA

O nascimento de *Chiquitita* não foi dos mais fáceis. Em 4 de dezembro de 1978, Björn, Benny e os músicos habituais do time do ABBA reuniram-se no estúdio para a gravação de uma nova canção. Na época, referiam-se a ela como *Kålsupare* (que pode ser mais ou menos traduzido por "pássaros da mesma espécie"), que não tinha nada a ver com a música em si. Após finalizar a melodia, Björn criou uma temática para a letra em que a protagonista se dirigia a um antigo amante que agora prefere outra mulher. O título da nova canção ficou sendo *In the arms of Rosalita*. Agnetha e Frida gravaram os vocais, alternando os versos, de modo que cada uma pudesse interpretar a mulher abandonada da letra. Embora a gravação fosse boa o bastante, o grupo sentiu que ainda faltava algo. Nem tudo estava como idealizaram.

Björn e Benny pediram que os músicos voltassem novamente ao estúdio para uma regravação da trilha de fundo de *In the arms of Rosalita*. Essa segunda tentativa foi intitulada

Kålsupare II, novamente sendo mudada, desta vez para *Three wise guys*. Mesmo trabalhando com novos arranjos, muito da primeira versão permaneceu na música. Mas Benny e Björn, como compositores, queriam enfatizar o clima latino-americano da canção. Haviam até usado como inspiração *El condor pasa* (popularizada pela dupla Simon & Garfunkel), que serviu de referência para a aura que eles buscavam para a nova faixa.

Para os novos vocais gravados por Frida e Agnetha, Björn escreveu uma nova letra que foi inicialmente chamada de *Chiquitita Angelina* e, mais tarde, apenas *Chiquitita*. Com Agnetha cantando o primeiro verso sozinha, acompanhada por Frida no restante da música, a letra agora havia sido transformada em uma mensagem de conforto e esperança, com *Chiquitita* significando "garotinha" em espanhol, de forma carinhosa. Assim, *Chiquitita* foi apresentada ao mundo pela primeira vez em 9 de janeiro de 1979, ao vivo, direto de Nova York, no evento promovido pela Unicef, para a qual seus direitos foram integralmente doados.

DANCING QUEEN

Primeira a ser finalizada para o álbum "Arrival", a canção mais famosa do ABBA e uma das mais famosas da música pop mundial também foi composta na pequena cabana da ilha de Viggsö, refúgio favorito do grupo. A faixa começou a ser trabalhada em estúdio em 4 de agosto de 1975, e recebeu inicialmente o título provisório *Boogaloo*. As gravações foram até dezembro daquele ano, com Frida e Agnetha dividindo os vocais principais.

Björn e Benny pensaram em várias maneiras de conseguir o melhor sentido de dança para a faixa. Como inspiração, ouviram *Rock your baby*, sucesso de George McCrae de 1974, uma gravação pioneira no gênero disco. Somado a isso, a influência rítmica da bateria do álbum "Gumbo", de Dr. John, de 1972, um dos favoritos do baterista do ABBA Roger Palm e de Michael B. Tretow. Uma boa e sólida trilha de fundo foi montada para a canção, composta de bateria, baixo, guitarra e teclados. Tão básica como era, apenas esta primeira etapa de gravação foi suficiente para provocar uma forte reação emocional em Frida. "Achei a música tão maravilhosa que comecei a chorar", relembra ela.

Naquela altura, Björn ficou igualmente empolgado ao se dar conta do que havia conseguido. Como já era muito tarde e Agnetha estava dormindo, Björn correu para a casa da irmã. "Mostrei a música a ela e a toquei várias vezes. Mal acreditávamos em como soava bem", recorda. Ao acordar, ainda sonolenta, Agnetha também se emocionou com a música. "É difícil saber se a canção será um hit enquanto a gravamos", conta ela. "Nem sempre percebemos. *Dancing queen* foi uma exceção, sabíamos desde o começo que seria sucesso estrondoso."

Foi Stig quem veio com o título *Dancing queen*, escrevendo a letra em colaboração com Björn, e em setembro Agnetha e Frida adicionaram suas vozes à faixa. Mas no final de dezembro de 1975 Björn e Benny ainda estavam afinando a gravação, adicionando mais *overdubs* (técnica de gravação que consiste em adicionar novos sons a uma gravação já anteriormente realizada). Enquanto ainda trabalhavam a letra, o trecho que começa com "You're a teaser, you turn them on" era precedido por outro:

> Baby, baby, you're out of sight
> Hey, you're looking alright tonight
> When you come to the party
> Listen to the guys
> They've got the look in their eyes

O único registro do fragmento aparece em um vídeo com Agnetha e Frida nas sessões de gravação.

Responsável pela versão em português das canções na montagem brasileira de *Mamma mia!*, Claudio Botelho admite que *Dancing queen* foi a que deu mais trabalho. "Acho que *Dancing queen* levou bastante tempo, pois eu não queria usar a expressão traduzida. Não usei. Fala-se em 'rainha' mas não foi usada a expressão 'rainha do baile' ou 'rainha da noite'", comenta.

LAY ALL YOUR LOVE ON ME

Com gravações iniciadas em setembro de 1980, a música recebeu o título provisório *Yarrafat*. Embora a introspecção tenha colorido a música do ABBA nos anos 1980, *Lay all your love on me* provou que o grupo ainda era capaz de produzir sucessos para a pista de dança. A faixa forneceu um projeto para os ritmos eletrônicos dos anos 1980. Mas quando Benny e Björn terminaram de compô--la, acharam que soava um pouco como hino religioso. "Tivemos alguns problemas para encontrar uma maneira apropriada de fazer os arranjos da canção", conta Björn. "Porque sentimos que talvez fosse soar como um hino. Mesmo assim, foi uma boa ideia fazê-la em ritmo disco."

Em outubro, Agnetha gravou os três versos da música e posteriormente todo o quarteto gravou os refrões. Nos dias seguintes a essa sessão de gravação, Benny, Björn e Michael B. Tretow mixaram a faixa, agregando alguns arranjos à trilha de fundo e retocando as vozes dos quatro.

Lay all your love on me só foi lançada como compacto em alguns países em julho de 1981. Por aquele tempo, o casamento do príncipe de Gales era o assunto do momento e o jornal *Melody Maker* tratou de incluí-lo em sua crítica: “Em meio a um cenário euro-disco, os dois casais perfeitos tecem sua mágica emblemática. Um ótimo disco para o príncipe Charles colocar na vitrola real antes de consumar o maior casamento de todos os tempos. Lady Di vai adorar”.

SUPER TROUPER

Em janeiro de 1980, Benny e Björn foram para a ilha de Barbados, no Caribe, em busca de inspiração para as canções do novo álbum do grupo. O retiro foi mais que frutífero e gerou o LP “Super trouper”.

No fim de setembro, o novo álbum do ABBA estava praticamente pronto para ser lançado. Mas Björn e Benny acharam que precisavam de mais uma canção de impacto e mergulharam na tarefa de conseguir a melodia certa. Já havia sido decidido que o título do disco seria “Super trouper”, mas agora achavam que esse nome ficaria melhor no refrão da nova música. Até então, a canção título não havia sido composta. Björn conseguiu fazer uma letra em torno de um tema um tanto quanto incomum: um holofote gigantesco. “Um *super trouper* é um holofote gigante, como os que se usam no exército”, explica Benny. “Utilizamos um desses grandes em um ensaio fotográfico e os resultados foram fantásticos! Fora isso, é uma palavra com sonoridade agradável que se encaixa à imagem do grupo.”

A letra de *Super trouper* fala do sentimento de solidão que o artista muitas vezes sente ao viajar incessantemente, passar muito tempo longe de casa e viver uma rotina automática de comer-dormir-cantar (“all I do is eat and sleep and sing”). Essa insatisfação com turnês só era amenizada quando o artista caía nos braços de sua amada, como é expresso na letra da canção. “Essa música é sobre uma vez, não em Glasgow, mas em outra cidade do Norte, onde fizemos um show. Eu estava esperando minha então nova namorada [Lena]. Ela ainda não havia chegado lá, mas encontrava-se a caminho. Fiquei pensando nisso enquanto estava no palco”, conta Björn.

GIMME! GIMME! GIMME! (A MAN AFTER MIDNIGHT)

Em agosto de 1979, o ABBA estava no estúdio gravando essa faixa. Embora tivesse encerrado recentemente o longo trabalho de gravação do álbum “Voulez-vous”, o grupo queria lançar um novo compacto para a turnê na América do Norte e na Europa, que teria início no

mês seguinte. Tentava então encontrar a canção certa, até que Björn e Benny surgiram com *Gimme! Gimme! Gimme!* (*A man after midnight*).

Mesmo tendo sido um dos grandes êxitos do ABBA, Björn tem ressalvas com relação à faixa. “A gravação de alguma forma não faz justiça à canção – não é, de maneira nenhuma, o que poderia ter sido”, critica. Antes de definir o nome da música, o artista chegou a escrever algumas outras versões da letra. Inicialmente, o título era *Been and gone and done it*. “É uma expressão antiga que significa que você já se casou. A ideia era boa, mas no fim das contas achei que aquele título era antiquado demais”, explica.

Dominada pelo balanço disco, a canção foi lançada em compacto em outubro de 1979, com Agnetha liderando os vocais. A letra pinta a imagem de uma moça jovem e solitária, entediada e em busca de um relacionamento amoroso. Em contraste com os finais felizes do cinema, ela compara sua situação e se vê quase desesperada para encontrar um companheiro.

THE NAME OF THE GAME

Primeira faixa a ser gravada para o quinto disco do ABBA, “The Album”. As sessões de gravação tiveram início em 31 de maio de 1977 no Marcus Music Studio. O título provisório da faixa foi *A bit of myself*. A nova composição, mais complexa, evoluía a partir do baixo de abertura e do refrão do sintetizador e marcou uma nova fase para o ABBA. A letra, uma das últimas feitas com a colaboração de Stig, fala de uma mulher que se apaixona por seu psicólogo.

Na entrevista de 2005, que aparece na edição especial do DVD *ABBA − The movie*, o diretor Lasse Hallström conta que pediu a Benny e Björn que compusessem uma letra especificamente para a cena do sonho, em que um psiquiatra e uma paciente apareciam. Assim surgiu *The name of the game*.

O *Melody Maker*, famoso jornal inglês de música, foi um tanto relutante em elogiar a canção em sua crítica: “Não chega a ser um clássico, mas já está bom demais”. Por outro lado, o *Sounds*, outro jornal musical, foi mais efusivo: “Uma satisfatória e emocionante sequência de acordes e as sempre esplêndidas harmonias vocais e produção impecável”.

Um dos mais aclamados artistas da nova geração musical, o cantor Rufus Wainwright, afirmou em um artigo que o ABBA é um de seus “guilty pleasures” (prazeres com culpa): “O ABBA é meio que um prazer com culpa, eu acho”, disse Wainwright. “Eu canto *The name of the game* quando olho para o espelho todas as manhãs. Grande canção!”

VOULEZ-VOUS

Mais uma das músicas do ABBA com título cativante e em uma língua que não é o inglês. Desta vez, o nome veio do francês e significa “Você quer?”. A canção começou a ser trabalhada em estúdio, em fevereiro de 1979, e foi inicialmente chamada de *Song X* e, depois, *Amerika*. Quando o sexto álbum do ABBA foi gravado, o mundo da música popular vivia o ápice da moda das discotecas. Isso certamente deixou sua marca em *Voulez-vous*, que foi caracterizada por batidas de dança e inflexões rítmicas. Realçando essa tendência, a faixa *Voulez-vous*, que dá nome ao álbum, foi gravada no Criteria Studios em Miami, na Flórida, Estados Unidos, onde os Bee Gees fizeram seus sucessos da era disco. Músicos do grupo Foxy participaram da gravação da trilha de fundo de *Voulez-vous*. A faixa permanece como a única música do ABBA gravada fora da Suécia (exceto por gravações ao vivo).

Em 6 de julho daquele ano, a canção foi lançada em compacto e resumia bem o espírito da época. “O que eu tinha em mente antes mesmo de ter um título para a canção era uma espécie de cena noturna de discoteca, com certa carga de tensão sexual e olhos que se olham mutuamente”, explica Björn. “Posso visualizar perfeitamente ainda hoje o tipo de ambiente de boate. Tudo que tive de fazer foi descrever esse ambiente e o que poderia estar acontecendo ali. Depois, o toque final, *Voulez-vous?*”

UNDER ATTACK

As gravações de *Under attack* tiveram início entre 2 e 4 de agosto de 1982 no Polar Music Studios. A canção foi o destaque do último compacto do ABBA, lançado em dezembro daquele ano na maior parte do mundo. No entanto, não foi um grande sucesso comparado aos *megahits* anteriores do grupo.

Björn afirmou que *Under attack* é uma boa canção que, se tivesse sido lançada um ano antes, teria sido um hit. Benny, por outro lado, disse que, apesar de a produção ser boa, o resultado final da faixa não estava entre as melhores gravações do ABBA. Mesmo não obtendo sucesso comercial, a revista *Rolling Stone* descreveu a música como “a melhor coisa que já fizeram em três anos”.

Entre todos os sucessos do ABBA incluídos no musical *Mamma mia!*, sem dúvida, *Under attack* é a menos famosa.

ONE OF US

Em março de 1981 o ABBA começou a gravar seu oitavo álbum, “The visitors”. No entanto, foi somente em fins de outubro que eles compuseram e gravaram *One of us*, canção

que acreditavam ser a melhor para lançar em compacto.

A faixa recebeu os títulos provisórios *Number 1* e depois *Mio amore*. É mais uma na lista das canções do ABBA que exploram o lado mais taciturno das composições de Björn e Benny. Seus respectivos divórcios começavam a influenciar de maneira mais marcante a produção da dupla. A letra lida com a tentativa de uma mulher de reviver uma relação já acabada, tentando entendê-la.

As partes em que se ouve o bandolim (notadamente no início e no fim da canção) foram executadas por The Three Boys, como consta nos créditos do próprio LP. Os "três rapazes" eram, na verdade, Björn, Lasse Wellander (guitarrista do ABBA) e Rutger Gunnarsson (baixista e percussionista do ABBA).

A canção entrou para a parada britânica na 11a posição em 12 de dezembro de 1981, e chegou ao número 3 na semana seguinte, onde permaneceu por três semanas. Em 13 de fevereiro de 1982 saiu das paradas. O próprio Björn comentou, no livro *The complete recording sessions,* o fato de *One of us* ter ficado brevemente em primeiro lugar na parada britânica, no Natal de 1981: "Foi falta de sorte porque *One of us* só atingiu a terceira posição, exceto pela semana do Natal, em que foi número 1, mas foi quando não houve a contagem oficial da parada devido a atrasos no cálculo das posições. Então, oficialmente, tivemos nove compactos número 1 nas paradas inglesas, mas poderiam ter sido dez!".

No musical *Mamma mia!*, a faixa é cantada pela personagem Donna, explicando como ela se sentiu sozinha quando Sam foi embora da ilha, vinte anos antes. *One of us* foi uma das canções que ficaram fora da adaptação para o cinema.

S.O.S.

Em 22 e 23 de agosto de 1974, o ABBA gravou as trilhas de fundo para três novas canções, entre elas *S.O.S.* Nessa primeira sessão, a canção tinha o título provisório *Turn me on*. O nome definitivo foi dado, mais uma vez, por Stig e seu infalível *feeling* para batizar hits.

A canção teve de esperar até junho de 1975 para ser lançada em compacto. "A lembrança mais forte que tenho de *S.O.S.* é que esta foi a canção que nos trouxe de volta à Inglaterra", relembra Björn. Quando *S.O.S.* começou a ser notada pelo público inglês, pulou direto para as rádios, com sua produção mais do que caprichada, um exemplo perfeito da influência do *wall of sound* (muralha sonora) de Phil Spector e Brian Wilson (ex-Beach Boys) nas produções e composições de Benny e Björn. O *wall of sound* é um tipo de produção criado no início dos anos 1960, que utiliza verdadeira *overdose* de orquestração e reverberação sonora. O lendário grupo americano The Beach Boys foi quem lançou a moda.

“Comprei um livro sobre Phil Spector”, conta Michael Tretow, engenheiro de som do ABBA. “Li, para minha surpresa, que ele usava dois bateristas, três baixistas, cinco guitarristas. Eu disse: ‘Não é à toa que soa tão grandioso, o som é grandioso’. Benny começava a acrescentar coisas, sintetizador e mais sintetizador. De repente, a fita estava cheia.” O livro ao qual Michael Tretow se referiu é *Out of his head: the sound of Phil Spector*, de Richard Williams, subeditor da revista inglesa *Melody Maker*.

Com o sucesso de *S.O.S.*, a faixa foi também lançada em sueco no álbum solo de Agnetha em 1975, “Elva kvinnor i ett hus”. Mas a canção não foi apenas um triunfo do ABBA em uma época de incertezas. Seu status de clássico da música pop mundial é confirmado por Pete Townshend (The Who), um dos mais aclamados compositores de rock de todos os tempos. Certa vez, ao encontrar Björn, Townshend declarou que “*S.O.S.* é a melhor música pop já escrita!”, o que deixou seu autor mais que lisonjeado.

DOES YOUR MOTHER KNOW

Inicialmente chamada de *I can do it*, a canção foi gravada em fevereiro de 1979 e lançada em compacto em abril daquele ano. A faixa bebe na fonte do estilo de rock dos anos 1950 e 1960, com a letra falando de um homem que tenta resistir às investidas de uma garota mais jovem, que está flertando com ele.

Como era comum acontecer durante o processo de composição ou criação, algumas canções eram mudadas, outras postas de lado e guardadas, e outras sobreviviam intactas. *Does your mother know*, por exemplo, contém a linha melódica originada em *Dream world*, canção que apresentava as mulheres liderando o vocal em vez de Björn. Mas só chegou a ser lançada em 1994, na caixa “Thank you for the music”, bem depois da separação do grupo. “*Dream world* é um dos exemplos em que pegamos do estúdio, trabalhamos nela e descobrimos que não funcionava. Ou pensamos que não funcionava, naquela época”, explica Björn. “Geralmente não chegamos a tanto – nós só costumamos gravar os fragmentos, não a canção toda. A música foi totalmente gravada e nós achamos que ela não tinha o que queríamos, então a pusemos de lado. Mas sempre tendo em mente as partes e as batidas que eram boas, até se a canção fosse rejeitada. Foi exatamente isso o que aconteceu com um trecho tirado de *Dream world*. De repente, nós tínhamos essa outra canção [*Does your mother know*] e, ah, aquele outro trecho caiu como uma luva.”

E por que Björn lidera os vocais de *Does your mother know*? “Achamos que ficaria um bom balanço se eu liderasse o vocal em uma ou duas canções de cada álbum”, responde Björn. “Só para variar. Então, enquanto as garotas tinham cada uma quatro canções, começamos a

pensar em algo para mim.”

Apesar do sucesso da faixa, hoje Björn não se conforma. “Eu sabia que a canção tinha potencial para se tornar um hit, por isso estava relutante em ser o vocalista principal. Mas acabei cantando assim mesmo e acho que foi um tremendo erro”, admite. “A gravação poderia ter se beneficiado mais se tivesse se concentrado nas vozes das mulheres.”

KNOWING ME, KNOWING YOU

A canção começou a ser trabalhada em estúdio em 23 de março de 1976. O título provisório era *Ring it in*, mais tarde alterado para *Number one, number one*, antes de Stig, com seu toque de Midas, batizá-la de *Knowing me, knowing you*.

Se no início a composição era um trabalho conjunto de Benny, Björn e Stig, a partir dessa época, Stig passou a colaborar apenas com os títulos. Nesse caso, Björn ficou incumbido de criar uma história a partir do nome predefinido. Munido apenas do título e da gravação da melodia, ainda em fase experimental, ele a ouvia várias vezes para captar o que a música estava “dizendo”, nesse estágio ainda rudimentar. No caso de *Knowing me, knowing you*, o título sugeria o tema de um casal aceitando a separação inevitável.

Embora *Knowing me, knowing you* faça parte de uma extensa lista que inclui canções que lidam com situações de divórcio entre os dois casais do ABBA, vale ressaltar que ela foi escrita e gravada anos antes das separações. “É possível que eu tenha sentido uma espécie de premonição”, comenta Björn, que ressalta que a letra foi mais uma tentativa pessoal dele de amadurecer como compositor. “É simples assim, para mim, ser capaz de imaginar uma casa vazia, com caixas espalhadas e os móveis sendo levados embora, só um objeto ou outro deixado no local já vazio, e o eco dos passos de um homem andando pelos aposentos e se lembrando do passado.”

Desde que se tornou hit mundial, *Knowing me, knowing you* é uma das canções mais admiradas e adoradas do ABBA, geralmente indicada como um dos primeiros sinais de maturidade do grupo. “É uma grande gravação, eu realmente gosto dela e os versos estão entre os meus favoritos”, opina Benny.

OUR LAST SUMMER

Uma das grandes favoritas de Agnetha, a canção trazia novamente uma letra pessoal e emotiva. “Lembro que trabalhamos muito com as garotas para conseguirmos que elas segurassem as notas na palavra ‘summer’ do refrão, no estilo dos cantores americanos do final

dos anos 1950, como Neil Sedaka ou Fabian teriam cantado", explica Björn. "A letra foi inspirada por uma garota que conheci em Paris, quando ainda era adolescente. Foi o tipo de lembrança melancólica do 'último verão da inocência'."

A canção permanece um tesouro pouco conhecido do ABBA e não chegou a ser lançada em compacto, tornando-se familiar nos últimos anos por fazer parte do musical *Mamma mia!*.

Catherine Johnson, autora da história da peça, tirou o nome de um dos personagens (Harry, um dos possíveis pais de Sophie) da letra da música. No contexto da peça, Harry e Donna cantam *Our last summer* enquanto se lembram de seus anos de inocência e juventude na era *hippie*.

Já na adaptação cinematográfica, a música não tem participação de Donna e é cantada em sua maior parte pelos personagens Harry (Colin Firth) e Sophie (Amanda Seyfried), com algumas partes de Sam (Pierce Brosnan) e Bill (Stellan Skarsgård).

SLIPPING THROUGH MY FINGERS

Em fevereiro de 1981 teve início a gravação dessa faixa, talvez a que permitia uma visão mais óbvia da vida particular dos membros do grupo. A letra trata dos sentimentos conflitantes que o casal Agnetha e Björn sentia ao ver o crescimento de sua filha Linda. "Eu me lembro exatamente do momento em que me bateu o fato que forma a base dessa canção", diz Björn. "Eu estava observando Linda sair para a escola, se virar e dar adeus, e pensei: 'Agora que já chegou nessa fase, ela está partindo – o que foi que perdi nesses anos todos?', que é o sentimento que acho que todos os pais têm."

A canção só foi lançada em compacto no Japão (1981), em vinil vermelho, como promoção para a Coca-Cola Company. No lado B não havia outra canção, apenas uma foto impressa do ABBA.

Com o musical *Mamma mia!*, a partir do ano 2000, a faixa – antes só conhecida pelos fãs mais obcecados – ganhou visibilidade e se tornou mais popular, sendo uma das cenas mais emocionantes tanto da peça como do filme.

THE WINNER TAKES IT ALL

Apresentando o que poderia ser considerado o melhor desempenho vocal da carreira de Agnetha, *The winner takes it all* é a canção em que Björn admite que a triste experiência de seu divórcio no ano anterior havia deixado sua marca na letra. Embora tenha havido no repertório do ABBA canções de sofrimento por amor e separações dolorosas antes, a ideia de

ruína e melancolia foi mais explícita e pessoal que antes.

Quando Benny e Björn levaram para os estúdios da Polar sua mais recente composição, em 2 de junho de 1980, sabiam que tinham em mãos uma vitória. Mesmo quando a estavam compondo – apenas os dois com piano, violão e palavras sem sentido cantaroladas ao acaso –, ambos curtiram muito a nova criação. Era, em alguns aspectos, uma composição bem simples, com apenas duas linhas melódicas repetidas. Mas foi justamente essa aparente simplicidade que trouxe força a ela. Até aquele ponto, a dupla de compositores ainda não havia decidido qual seria a melhor forma de gravá-la e a letra ainda não tinha sido escrita. “Sentimos que era, de fato, uma canção importante, e queríamos ter certeza de que não a ‘perderíamos’”, recorda Björn. O título provisório era *The story of my life*.

Quando os novos arranjos foram adicionados, o clima de *chanson* francesa deu a Björn as primeiras inspirações para a letra. Ele chegou até mesmo a gravar um teste em fita, cantando ele mesmo em uma espécie de “francês inventado”. Björn sempre liderava os vocais de uma das canções em cada álbum do ABBA e houve até sugestões de que ele deveria ser o vocalista da versão final daquela nova canção. “Que bom que não fui eu”, confessou ele muitos anos depois. Aquela era uma faixa que pedia claramente vocais das mulheres.

Em uma daquelas noites de junho, Björn foi para casa com uma fita gravada contendo a melodia de *The story of my life* para compor a letra. “Queria criar uma espécie de ambiente para a canção”, lembra ele. “Porque aí eu teria uma noção melhor do que a melodia estava dizendo.” Então ele abriu uma garrafa de uísque e bebeu livremente durante o processo de composição da letra. O álcool subiu-lhe à cabeça e acelerou sua criatividade: foi a letra mais rápida que escreveu na vida. “Eu estava bêbado”, rememora. “A letra toda veio à minha cabeça em uma onda de emoção em uma hora. Isso nunca funciona. Você acha maravilhoso na hora, mas no dia seguinte, quando acorda, acha terrível. Mas aquela especificamente deu certo.” Ela se tornou *The winner takes it all*. “Não me pergunte por que nem como”, recorda ele. “Não tive de mudar nem uma palavra, o que é fantástico.”

Quando perguntada sobre qual seria sua canção favorita da banda, Agnetha responde: “É sempre difícil escolher, porque acho que fizemos muitas canções boas, mas, pessoalmente, minha favorita é *The winner takes it all* ”. A mesma música aparece na seleção de Benny: “Acho que a canção mais simples e ainda assim sofisticada é *The winner takes it all*. São dois pequenos tópicos, sem um verso ou refrão. É só um ritmo e uma pequena entrada. Ela vai e volta sem se tornar chata. Uma ótima performance de Agnetha também”.

The winner takes it all provou ser um desafio até mesmo para Meryl Streep, uma das mais respeitadas atrizes do mundo. “As pessoas esperam demais, mas não me prendi a isso. Só

consegui pensar em Pierce [Brosnan], ele foi fantástico comigo nessa canção", comenta ela. "Ele me deu tanto sem precisar dizer uma palavra sequer. Era a comunicação entre um homem e uma mulher. Era um diálogo, mesmo que ele não tivesse falas."

TAKE A CHANCE ON ME

Quando começou a ser trabalhada em estúdio, em 3 de agosto de 1977, a música recebeu o título provisório *Billy boy*. A primeira tentativa, com uma pegada mais rock, não foi muito longe – um fragmento dessa gravação pode ser ouvido no *medley ABBA undeleted*, nas caixas "Thank you for the music" e "The complete studio recordings".

"Ideias para as letras surgiam de diferentes formas", explica Björn. "Geralmente é um pequeno cenário que surge em minha mente, mas às vezes começo pelo título. Foi o caso de *Take a chance on me.*" Björn, que era ávido praticante de *cooper* na época, descobriu esse título especificamente enquanto corria, nos arredores de Lidingö. Enquanto seus pés se moviam para a frente durante o percurso da corrida, o som "t-k-ch" (semelhante a "take a chance") tornou-se insistente em seu cérebro. Foi com essa sonoridade que ele chegou a "take a chance", e mais tarde acrescentou "on me" para fazer o título completo.

Ao ser lançada como compacto em janeiro de 1978, a música tornou-se hit imediatamente, ficando em primeiro lugar nas paradas na Inglaterra, Irlanda, México, Áustria e Bélgica. Nos Estados Unidos, a canção é a segunda mais popular do ABBA (a primeira é *Dancing queen*, claro!) e alcançou a terceira posição na lista da *Billboard*.

I DO, I DO, I DO, I DO, I DO

Uma das últimas gravações para o álbum "ABBA", essa canção romântica, muito influenciada pela música *schlager* europeia dos anos 1950, é um tributo ao som do saxofone do maestro Billy Vaughn. Concluída em fevereiro de 1975, foi lançada em compacto em abril. Björn tem uma visão crítica sobre a composição, longe de ser uma das melhores do ABBA. "Decidimos lançá-la porque era bastante comercial e achamos que tinha mais chances de entrar para a parada britânica", resume. O *Melody Maker* não deixou barato: "Essa canção é tão ruim que chega a doer".

WHEN ALL IS SAID AND DONE

Uma das "canções de divórcio" pouco conhecidas do ABBA, *When all is said and done* foi composta logo após o anúncio da separação de Benny e Frida, em fevereiro de 1981.

“Lembro que fui bem cauteloso com a letra”, explica Björn. “Frida e Benny tinham acabado de se divorciar e esse é mais ou menos o tema da canção. Mas Frida não foi contra.”

Hoje, Benny se lembra da canção como “uma história triste – e uma letra muito boa”. “Algo como um divórcio pode ser, para compositores: uma nova experiência e algo a ser usado nas letras”, define.

Apesar de originalmente não fazer parte do musical *Mamma mia!*, em 2008 *When all is said and done* foi incluída na versão cinematográfica da peça. A música foi cantada pelo personagem Sam Carmichael (Pierce Brosnan), com um dos versos – “slightly worn but dignified, and not too old for sex” – entoado junto com a personagem Donna (Meryl Streep). A versão do filme é bem diferente da original, não apenas por ter sido retrabalhada e convertida em balada, mas também porque uma segunda estrofe foi composta por Björn especificamente para a telona:

> It’s been there in my dreams,
> the scene I see unfold
> Two at last, flesh and blood, to cherish and to hold
> Careless fools will suffer, yes, I know and I confess:
> Once I lost my way when something good had just begun
> Lesson learned − it’s history − when all is said and done

No contexto do filme, a letra assume um sentido inteiramente diferente do original. Em vez de um casal seguindo caminhos opostos, a canção mostra um reencontro que reacende a paixão.

“ABBACADABRA, CONTO MUSICAL”

Quase vinte anos antes de *Mamma mia!*, as canções do ABBA já haviam servido de inspiração para um musical. Um infantil. Pouco conhecido hoje, o projeto foi originalmente produzido para a TV francesa em 1983, por Alain e Daniel Boublil. Produtor, compositor e fã do ABBA, Alain empolgou-se com a ideia de fazer um espetáculo para crianças com as canções do grupo.

A produção da TV francesa era composta de 12 canções do ABBA, com letras em francês de Alain e Daniel Boublil, e a história era baseada em contos de fada clássicos. A trama era a seguinte: quatro crianças portam-se mal e são postas de castigo. Quando adormecem, entram em um mundo de sonho e se cruzam com seus personagens favoritos, como Branca de Neve,

Pinóquio, Alice, Aladim e Cinderela. Um a um são aprisionados pela Rainha Má, ajudada pelos Irmãos Metralha e o maléfico computador PBX.

Frida foi convidada a fazer o papel da Bela Adormecida e gravou a canção *Belle* (versão de *Arrival*, do ABBA, de 1976, originalmente instrumental), em dueto com Daniel Balavoine. Além dela, participaram da peça a cantora canadense Fabienne Thibeault, Maurice Barrier (o Jean Valjean da versão original de *Os miseráveis*) e o cantor pop francês Daniel Balavoine.

ABBAcadabra foi originalmente exibido nas TVs francesas pelo canal TF1, no Natal de 1983. A trilha sonora, intitulada "ABBAcadabra, conto musical", trazia as canções e narrativas da peça.

O produtor teatral britânico Cameron Mackintosh decidiu produzir uma versão em inglês do espetáculo, com letras de David Wood, Mike Batt e Don Black. Benny e Björn contribuíram com uma nova canção, *I am the seeker*. Frida gravou *Time*, versão em inglês de *Belle/Arrival*, em dueto com o músico escocês B. A. Robertson. O musical estreou em Londres em 8 de dezembro de 1983, no Lyric Hammersmith Theatre, com a crítica dividida e a casa cheia por oito semanas. No elenco estavam Elaine Paige, Michael Praed, Finola Hughes, B. A. Robertson e Jenna Russell, entre outros. Elaine Paige gravou em compacto *Like an image passing by*, uma versão de *My love, my life* do ABBA.

Uma versão holandesa do musical também foi gravada no fim de 1984, indo ao ar em 1985. Mas o que pouca gente sabe é que uma versão em português também foi feita para a TV de Portugal. Ou seja, bem antes de *Mamma mia!*, versões em português de canções do ABBA foram ouvidas (ainda que com o marcante sotaque de Portugal). O LP português, "ABBAcadabra, conto musical", lançado em 1984, trazia as seguintes faixas:

1. *Que mal fizemos nós (When I kissed the teacher)*
2. *O sonho de João (The visitors)*
3. *ABBAcadabra (Take a chance on me)*
4. *O nariz de Pinóquio (Money, money, money)*
5. *Aladino fanfarrão (Super trouper)*
6. *Branca de Neve e o espelho (I wonder (Departure))*
7. *Rainha Má superstar (Dancing queen)*
8. *Cinderela e o soldadinho (I let the music speak)*
9. *Os amigos (Fernando)*
10. *Larguem a cassette (I'm a marionette)*
11. *Branca de Neve e o principezinho (Arrival)*
12. *Não basta ralhar (Thank you for the music)*

Discografia selecionada

O ABBA gravou originalmente nove álbuns em estúdio, sendo que o último deles, “The singles – The first ten years”, foi uma coletânea, trazendo apenas duas canções novas na época. Em 1986 foi lançado “ABBA live”, uma seleção de canções gravadas ao vivo no período de atividade do grupo.

“Ring ring” (1973)
“Waterloo” (1974)
“ABBA” (1975)
“Arrival” (1976)
“The Album” (1977)
“Voulez-vous” (1979)
“Gracias por la musica” (1980) – álbum em espanhol do grupo
“Super trouper” (1980)
“The visitors” (1981)
“The singles − The first ten years” (1982)
“Live” (1986)

COLETÂNEAS CONSIDERADAS OFICIAIS

“The best of ABBA” (1975)
“Greatest hits” (1976)
“Greatest hits vol. 2” (1979)
“ABBA gold” (1992)
“More ABBA gold” (1993)
“Thank you for the music” (1994) – caixa com quatro CDs
“The definitive collection” (2001)
“ABBA Oro” (2002) – inclui todas as faixas gravadas em espanhol pelo ABBA (“Oro” e “Más Oro”)
“The complete studio recordings” (2005)
“Number ones” (2006)
“The albums” (2008)

“RING RING” (1973)

Canções: *Ring ring/ Another town, another train/ Disillusion/ People need love/ I saw it in the mirror/ Nina, pretty ballerina/ Love isn't easy (But it sure is hard enough)/ He is your brother/ Me and Bobby and Bobby's brother/ She's my kind of girl/ I am just a girl/ Rock 'n' roll band.*

Esse primeiro disco do ABBA traz a canção título como carro-chefe, embora seu primeiro êxito como grupo tenha sido com *People need love*, de 1972, também presente nesse álbum. Aliás, várias canções do disco são de antes da formação definitiva do conjunto. *Ring ring*, apesar de não ter vencido o Eurovision Song Contest de 1973, fez enorme sucesso em vários países. O compacto de *Ring ring* atingiu o número 2 nas paradas suecas, e a versão sueca alcançou o número 1. A versão em inglês da letra de *Ring ring* contou com a colaboração dos veteranos Phil Cody e Neil Sedaka (Neil fez sucesso no final dos anos 1950 e começo dos anos 1960 com canções como *Oh Carol* e *Breaking up is hard to do*). "Eles nunca tinham, de fato, gravado uma faixa em inglês", explica Neil. "Fiquei muito honrado de ter sido o primeiro a escrever a letra em inglês do primeiro compacto que eles lançaram na Inglaterra, a canção *Ring ring*".

"Ring ring" é um álbum que apresenta constante controvérsia entre os fãs do grupo. Isso porque, quando originalmente lançado, foi creditado a Björn e Benny, Agnetha e Anni-Frid. A maioria das canções foi gravada pelas quatro pessoas que se tornariam em breve ABBA, mas tecnicamente o ABBA ainda não existia como grupo. A foto que se encontra atrás do CD "Ring ring" representa a capa verdadeira do álbum (sueco). A foto da frente mostra a versão lançada depois que o grupo se tornou de fato ABBA (versão em inglês). Para tornar as coisas ainda mais confusas, há uma terceira capa, que representa a versão alemã do álbum "Ring ring". Há entre esses álbuns pequenas diferenças. Isso sem falar nas versões australianas, que apresentam três capas diferentes. No "Ring ring" sueco, em que o nome do grupo está creditado a Björn e Benny, Agnetha e Anni-Frid, a faixa título é a versão sueca original (*Bara du slog en signal*) e a faixa *She's my kind of girl* foi substituída pela versão em inglês de *Ring ring*. No "Ring ring" inglês, o nome já está creditado ao ABBA e a faixa título é a versão em inglês.

Com canções alegres e joviais, "Ring ring" é o disco menos homogêneo do grupo, talvez por apresentar uma série de canções que foram gravadas separadamente, em diferentes ocasiões, e não haviam sido exatamente planejadas para um álbum. Tanto é assim que Björn e Benny lideram os vocais em várias canções, atuação que cessou gradativamente à medida que o grupo evoluiu. Muitas dessas canções já haviam sido lançadas em compactos e creditadas apenas a Björn e Benny, como *Rock 'n' roll band*.

Faixas como *Love isn't easy* e *He is your brother* (uma das preferidas de Frida desse

período) obtiveram considerável sucesso. Outras como *I am just a girl* e *I saw it in the mirror* permanecem quase obscuras e desconhecidas do grande público. Um achado desse álbum é *Disillusion*, canção geralmente esquecida, que foi escrita por Björn e teve a melodia composta por Agnetha. Originalmente, Agnetha compusera a canção para seu próximo álbum, mas por acaso Björn e Benny a ouviram e gostaram, incluindo-a no disco. "Acho que fiquei muito orgulhosa de quererem minha canção no álbum, mas me lembro de ter ficado meio em dúvida se a música era boa o bastante", comenta ela.

"Ring ring" não chegou ao Brasil. O ABBA só se tornaria popular em solos brasileiros três anos após o lançamento desse disco.

"WATERLOO" (1974)

Canções: *Waterloo/ Sitting in the palmtree/ King Kong song/ Hasta mañana/ My mama said/ Dance (While the music still goes on)/ Honey honey/ Watch out/ What about Livingstone/ Gonna sing you my lovesong/ Suzy-hang-around.*

Outro álbum que não chegou ao Brasil, na época. O CD, entretanto, foi lançado aqui em 2002.

Com esse segundo disco, gravado entre outubro de 1973 e janeiro de 1974, o ABBA se tornou enormemente conhecido na Europa. Tal façanha se deu devido ao grande sucesso da canção título, *Waterloo*, a vencedora do Eurovision Song Contest de 1974. Este foi o primeiro álbum a ser creditado ao ABBA, e, depois de sua vitoriosa apresentação no festival, *Waterloo* se tornou o primeiro hit número 1 do quarteto em diversos países, alcançando também o Top 10 nos Estados Unidos.

Várias canções apresentam o vocal liderado por Björn, o que era muito comum nessa fase. O quarteto parecia ainda buscar um estilo, e nesse aspecto esse álbum é bem eclético. *Honey honey* fez um considerável sucesso, entretanto não chegou a ser lançada em compacto na Inglaterra. *Hasta mañana* foi a quase candidata ao Eurovision, sendo substituída depois pela faixa título do álbum. O rock fica por conta de *Watch out* (lado B do compacto de *Waterloo*) e *King Kong song* (uma das quais Benny e Björn não se orgulham), com direito a muitos gritos. Outra faixa que merece comentário é *Sitting in the palmtree*, precursora do euro-reggae (se é que tal gênero existe!). Ainda vale destacar a última faixa do disco, *Suzy-hang-around*: é a única canção do ABBA em que Benny lidera o vocal e também uma das últimas músicas do grupo cuja letra foi escrita por ele. "No início, nem Björn nem eu éramos muito entusiasmados com a composição das letras", diz Benny. "Entretanto, Björn tinha mais facilidade que eu."

Como este álbum nunca foi lançado no Brasil, algumas faixas permaneceram raríssimas por aqui. *Watch out*, por exemplo, só existe em três LPs. Dois deles são da RCA: “Discoteca tropicana” (1977), coletânea com músicas de discoteca da época, e “ABBA – Disco de ouro” (1978). O terceiro, da Som Livre, foi “Rock esperto” (1983), coletânea com canções de rock dos anos 1970.

A foto original da capa foi tirada no castelo Gripsholm, em Mariefred, na Suécia. O homem vestido de Napoleão que aparece é Mike Watson, baixista do ABBA. Eles precisavam de uma pessoa de baixa estatura.

“ABBA” (1975)

Canções: *Mamma mia/ Hey hey Helen/ Tropical loveland/ S.O.S./ Man in the middle/ Bang-a-boomerang/ I do, I do, I do, I do, I do/ Rock me/ Intermezzo n. 1/ I’ve been waiting for you/ So long.*

Esse é o único LP original do grupo cujo título não é nem uma canção nem outro nome particular, apenas *ABBA*. Com esse álbum, gravado em 1975, o quarteto deu a volta por cima após um pequeno período de aparente esquecimento, retornando às paradas com força total. Alguns dos maiores sucessos do ABBA se encontram nesse disco, como *Mamma mia* (que recolocou o grupo no número 1 das paradas em vários países e foi o primeiro hit da banda a permanecer no topo da parada inglesa por quase dois anos).

Mas, na época, os críticos não reconheceram o sucesso. “As canções do ABBA são implacavelmente triviais”, escreveu um deles. Outro foi mais radical: “Fiquem só nos compactos, ABBA. Vocês não passam de medíocres gravadores de discos”.

Na Suécia, o disco foi campeão de encomendas adiantadas, ultrapassando 150 mil pedidos. No final do ano, as vendas do LP já estavam chegando a meio milhão de cópias, ou seja: 5% da população total do país.

Um dos maiores hits do álbum, *S.O.S.*, foi o maior sucesso mundial do ABBA desde *Waterloo*. Na Alemanha, foi votada como a melhor música pop do ano. Já nos Estados Unidos, o disco ganhou o prêmio BMI (Broadcast Music Incorporated). Ainda se destacam no LP *I do, I do, I do, I do, I do*, *Bang-a-boomerang* e *Rock me*. O disco marca o domínio de Agnetha e Frida no som do ABBA, embora Björn ainda lidere alguns vocais.

Quando a RCA lançou o LP “ABBA” no Brasil, em 1976, o álbum apresentou a listagem das músicas diferente do original, já sendo lançado como uma coletânea. Mas como os dois álbuns anteriores não tinham chegado aqui, o LP foi editado como um original. As canções *Hey hey Helen*, *Tropical loveland*, *Man in the middle*, *Rock me*, *Intermezzo n. 1* e *I’ve been*

waiting for you ficaram fora, dando lugar a *Fernando*, *Waterloo*, *Ring ring*, *Hasta mañana*, *Nina, pretty ballerina*, *Dance* (*While the music still goes on*), *People need love*, *Honey honey* e *Another town, another train*.

"ARRIVAL" (1976)

Canções: *When I kissed the teacher/ Dancing queen/ My love, my Life/ Dum dum diddle/ Knowing me, knowing you/ Money, money, money/ That's me/ Why did it have to be me/ Tiger/ Arrival.*

Gravado em 1976 e lançado no fim do ano, foi o álbum divisor de águas do ABBA, dando o empurrão que faltava ao grupo para se tornar definitivamente conhecido ao redor do planeta. O motivo é simples: nesse disco está o maior sucesso do quarteto, o mega-hit *Dancing queen*, que se tornou número 1 em praticamente todos os países em que foi lançado – inclusive nos Estados Unidos. Nesse álbum, o estilo pop se evidenciou mais, com outro grande sucesso: *Knowing me, knowing you*, que se tornou a canção do sexto compacto consecutivo do grupo a alcançar o número 1 na Alemanha. "Arrival" deixou muitos ansiosos, fazendo com que fossem encomendadas 300 mil cópias adiantadas, um recorde. O álbum foi lançado simultaneamente em 34 países.

Frida provou que podia ser tão boa liderando os vocais quanto a parceira Agnetha, e foi o que ela fez esplendidamente na já citada *Knowing me, knowing you* e em *Money, money, money* (também no quinto compacto consecutivo do ABBA a atingir o número 1 na Austrália). *When I kissed the teacher* e *That's me* (lado B do compacto de *Dancing queen*) também fizeram sucesso, e outra faixa desse LP teve o vocal liderado por Björn, *Why did it have to be me*, espécie de rhythm & blues. Originalmente gravada como *Happy Hawaii*, o grupo decidiu mudar a letra e os arranjos, transformando-a finalmente em *Why did it have to be me*. Enquanto isso, *Happy Hawaii* foi usada como tema de uma série de desenhos animados da Austrália que ilustrava as músicas do ABBA. Como a canção tornara-se conhecida, o grupo decidiu lançá-la no lado B do compacto de *Knowing me, knowing you*, já que ela ficaria fora do álbum "Arrival".

Dum dum diddle, faixa de pouco destaque no álbum, foi composta no apartamento de Benny e Frida em Estocolmo. Essa canção não é uma das favoritas de Björn, definitivamente. Mas nem por isso deixa de merecer atenção.

A faixa título é instrumental. No entanto, a letra de *Arrival*, que aparece no álbum de Sarah Brightman de 2008, "A Winter symphony", foi dada a ela pessoalmente por Björn Ulvaeus. Aparentemente, a letra não foi utilizada na época em que a canção foi composta

(1975) e *Arrival* acabou se tornando uma faixa instrumental ao ser lançada em 1976. “Foi uma honra receber a letra de *Arrival* de Björn”, disse Sarah. “Essa música instrumental é uma das minhas favoritas e, claro, eu amo o ABBA.” A edição australiana de “Arrival” traz uma faixa extra, *Fernando*.

“THE ALBUM” (1977)

Canções: *Eagle/ Take a chance on me/ One man, one woman/ The name of the game/ Move on/ Hole in your soul/ Three scenes from a mini-musical: a) Thank you for the music, b) I wonder (Departure), c) I’m a marionette.*

Gravado durante 1977 e editado no início de 1978, o álbum completou a trilogia ao lado de *ABBA – The movie* e *ABBA – The book*, lançados simultaneamente. Típico resultado da fase pós-“Arrival”, “The album” trouxe canções bem mais amadurecidas, como *The name of the game*, primeira faixa a ser gravada para o disco. A hipnótica *Eagle*, originalmente intitulada *High, high*, teve a letra inspirada no romance *Fernão Capelo Gaivota* (*Jonathan Livingston Seagull*), de Richard Bach, com seu “senso de liberdade e euforia”, segundo Björn. A melodia foi inspirada no som do conjunto The Eagles, na época vivendo seu apogeu após o lançamento do álbum “Hotel California”.

“The album” é um belo disco. Não se pode negar que as cinco últimas canções (o lado B) foram realmente inovações do ABBA, bem distintas de seus trabalhos anteriores. Apesar das várias críticas negativas, esse álbum provou ser um imenso sucesso ao redor do mundo, ficando em primeiro lugar nas paradas por várias semanas.

“Acho mais fácil ter certa preferência pelas músicas que gravamos desse período em diante. As letras começaram a ficar melhores e as melodias são fortes”, afirma Benny. “*One man, one woman* é provavelmente minha faixa preferida do ‘The album’, tirando *Thank you for the music*, é claro. Há alguns arranjos de vozes bem bons no segundo verso, incluindo meu próprio falsete – talvez seja por isso que eu goste tanto dela!”

Ainda de enorme destaque no LP estão os sucessos *Take a chance on me* (Top 3 nos Estados Unidos, a mais popular desse álbum) e *Thank you for the music*, além da bela (e pouco conhecida) faixa *Move on*.

“VOULEZ-VOUS” (1979)

Canções: *As good as new/ Voulez-vous/ I have a dream/ Angeleyes/ The king has lost his crown/ Does your mother know/ If it wasn’t for the nights/ Chiquitita/ Lovers (Live a little longer)/ Kisses of fire.*

Lançado em maio de 1979, talvez seja o disco mais popular do ABBA, por apresentar duas canções de peso na carreira do grupo: *Chiquitita* (quinto sucesso do grupo a alcançar o primeiro lugar na Irlanda) e *I have a dream* (número 1 na Holanda e na Irlanda), ambas muitíssimo populares. Isso sem citar a faixa título *Does you mother know* (vocal liderado por Björn). Uma viagem para as Bahamas serviu de inspiração para a construção da melodia da canção título, e a proximidade de Miami tornou conveniente a gravação dessa faixa no Criteria Studios (o mesmo dos Bee Gees), com membros do grupo Foxy, que na época liderava as pistas das discotecas com seu sucesso *Get off*.

I have a dream celebrou as raízes do ABBA nas *schlagers* europeias, melodiosas e tradicionais. Um contraste e tanto com o som de discoteca que impera em *Voulez-vous*.

Como já era de esperar, esse álbum teve um enorme número de encomendas adiantadas e rapidamente pulou para o primeiro lugar nas paradas, assim como seus dois últimos antecessores. O disco marca o fim da parceria de Stig com Benny e Björn na composição das canções. Stig, que nessa época já era um atarefado empresário, teve de se desligar das composições para cuidar dos negócios do ABBA.

O álbum "Voulez-vous" é quase uma despedida da década que consagrou o quarteto sueco e também das relações amorosas entre seus membros (Agnetha e Björn haviam se separado). Não foi um álbum cuja criação fluiu calmamente. As primeiras sessões, iniciadas em 1978, tomaram muito tempo e renderam pouco. Somente no final de janeiro de 1979 Benny e Björn tomaram a atitude radical de se isolar nas Bahamas em busca de inspiração. Dessa forma, teriam acesso às rádios americanas e se sentiriam inseridos na música internacional e nas tendências da época.

Um dos pontos altos do disco é *The king has lost his crown*, canção cuja preferência do quarteto é unânime, principalmente de Frida, que lidera os vocais. Outro destaque é *If it wasn't for the nights*, originalmente pretendida para ser apresentada no show da Unicef. Como *Chiquitita* já estava concluída e gravada, esse plano foi posto de lado. No Brasil, *Chiquitita* ganhou uma versão em português intitulada *Pequenina* e fez grande sucesso na voz da cantora paraguaia Perla, que a essa altura já tinha se tornado uma assídua regravadora das canções do ABBA.

"Voulez-vous" é, sem sombra de dúvida, o álbum mais disco do ABBA, já que foi gravado em uma época em que as discotecas eram febre mundial, entre 1978 e 1979. Björn e Benny reconhecem que foram muito inspirados pelos Bee Gees e pelo sucesso das canções do filme *Os embalos de sábado à noite*.

Um indício forte da mudança nas letras das canções do ABBA foi *Kisses of fire*, bastante avançada para os padrões do grupo. “Acho que ficamos um pouco mais ousados”, respondeu Björn quando um repórter perguntou se o ABBA poderia ter lançado músicas como aquela alguns anos antes. “Três anos antes eu mesmo teria provavelmente achado *Kisses of fire* muito sensual. Eu simplesmente não teria escrito aquela letra três anos antes. Mas com o passar do tempo você se sente mais liberado, adquire mais confiança – ousa ser você mesmo.”

“SUPER TROUPER” (1980)

Canções: *Super trouper/ The winner takes it all/ On and on and on/ Andante, andante/ Me and I/ Happy New Year/ Our last summer/ The piper/ Lay all your love on me/ The way old friends do.*

Se podemos dizer que “Voulez-vous” é o álbum mais popular do ABBA, com certeza podemos dizer que “Super trouper” é o mais famoso. Mas será que há diferença? Talvez. “Super trouper” é mais maduro nas letras das canções e, por isso mesmo, é o mais respeitado do ABBA. Björn punha em prática suas ambições como compositor, escrevendo canções que lidavam com diferentes temas como divórcio, fascismo, dupla personalidade, só para citar alguns exemplos.

Talvez tenha sido o disco mais direto e menos complicado do grupo. Havia um sentido de clareza que permeou toda a concepção do LP. Em janeiro de 1980, Björn e Benny mais uma vez apelaram para uma viagem em busca de inspiração, desta vez para Barbados. Novamente o isolamento foi frutífero, pois a dupla retornou com cinco canções prontas, ou seja, metade do álbum. No começo de fevereiro as sessões de gravação tiveram início no Polar Music Studios, e por volta da metade de outubro o trabalho já estava concluído.

Apesar dos desencontros amorosos entre os componentes do grupo, o ABBA começou a década com o pé direito – profissionalmente falando – com esse álbum, lançado no final de 1980. Além do imenso sucesso da canção título (curiosamente a última faixa a ser gravada para o disco; tornou-se o último número 1 do quarteto na Inglaterra), a banda trazia ainda na bagagem um de seus maiores hits, a famigerada *The winner takes it all* (topo das paradas na Inglaterra e Top 10 nos Estados Unidos), lembrada vivamente até hoje quando o assunto é ABBA. Em 1992, durante uma entrevista com Alex Duval-Smith no *The Guardian*, Björn confirmou: “É realmente verdade que nossas vidas se refletiam nas letras das canções – não se pode evitar isso –, entretanto não significa que uma canção como *The winner takes it all* seja autobiográfica; nem Agnetha nem eu fomos vencedores em nosso divórcio”.

A última faixa do disco, *The way old friends do*, tinha sido gravada ao vivo na Wembley

Arena de Londres, em novembro do ano anterior, durante a turnê do quarteto.

Michael B. Tretow, engenheiro de som do ABBA, disse: “Meu álbum favorito, aquele de que mais gosto, é o ‘Super trouper’, porque nele nós juntamos tudo o que tínhamos. Antes nós pulávamos de estúdio para estúdio, para gravar partes e trechos em todos os lugares, e aí inauguramos o [novo] Polar Studios, em 1978. Senti que tinha controle do estúdio quando fizemos o ‘Super trouper’”.

“Sem dúvida, para nós quatro este é um dos melhores que fizemos até agora”, disse Benny na época. “Com todos os álbuns anteriores, sempre pensei que havia uma ou duas músicas que nos deixavam em dúvida. Não temos esse sentimento agora.”

Os *backing vocals* de *On and on and on*, em falsete, foram cantados por Benny e totalmente inspirados pelos Beach Boys. A faixa apresenta forte influência dos arranjos vocais de hits do grupo como *Do it again* e *Heroes and villains*. Mas o que nem Benny e nem os outros integrantes do ABBA podiam imaginar é que a homenagem seria homenageada. Como? Quando os Beach Boys estiveram na Suécia, em 1980, visitaram o estúdio do ABBA. O vocalista líder, Mike Love – um dos heróis de Benny, em termos de produção musical – ficou impressionado com *On and on and on* a ponto de gravar uma versão da canção no ano seguinte. “Achei muito legal ter fechado esse ciclo”, empolga-se Benny. “Você grava uma música tão incrivelmente influenciada pelos Beach Boys, em que os *backing vocals* são um verdadeiro tributo ao estilo deles, e aí ele chega aqui, ouve e resolve gravá-la”. A versão foi lançada no álbum solo de Mike, “Looking back with love”, em 1981.

Uma curiosidade: a letra de *The piper* foi inspirada em um dos personagens principais de *A dança da morte*, romance de Stephen King lançado dois anos antes. O personagem era um líder carismático nos moldes de Adolf Hitler. “A letra trata do medo de que chegue um tempo em que as pessoas queiram tal tipo de líder de novo”, explicou Björn. A canção ainda apresenta uma parte em latim: “sub luna saltamus” (dançamos sob a lua).

A foto da capa de “Super trouper” foi tirada no Europa Film Studios, em Estocolmo, com toda a equipe da Polar Music, além de amigos pessoais do ABBA e artistas circenses, todos devidamente fantasiados. Estava planejada para ser em Piccadilly Circus, em Londres, mas uma antiga lei proibia pessoas fantasiadas e animais no distrito.

“THE VISITORS” (1981)

Canções: *The visitors (Crackin’ up)/ Head over heels/ When all is said and done/ Soldiers/ I let the music speak/ One of us/ Two for the price of one/ Slipping through my fingers/ Like an angel passin through my room.*

Diferente de todos os trabalhos anteriores do ABBA, esse oitavo e último álbum original do grupo trouxe consigo uma batelada de efeitos eletrônicos, provenientes da onda *high-tech* que assolou os anos 1980. Nota-se nesse disco um aprofundamento de estilo, inclusive adicionando temas mais complexos, abordando o fantástico e a ficção científica. A letra da canção título, por exemplo, fala sobre a perigosa situação dos dissidentes da União Soviética. *Soldiers* é outra canção de letra obscura – mas que soa maravilhosamente, com uma impressionante harmonia vocal.

Ainda se podia distinguir o traço característico do grupo em canções como *One of us*, que lida com o difícil período de separação dos quatro. A terceira faixa, *When all is said and done*, trata indiretamente do divórcio de Benny e Frida. “Toda a minha tristeza foi captada nessa canção”, diz Frida. *I let the music speak* é uma tentativa ambiciosa de inovação musical no som do ABBA, soando sofisticada e até teatral.

Os quatro integrantes do ABBA concordam que o álbum ficou um pouco pesado e lento. “Desde os nossos divórcios, nós nos tornamos mais maduros e nosso estilo tem progredido mais rápido que nunca. ‘The visitors’ reflete essa evolução, essa maturidade”, explicou Frida.

A revista *Billboard* elogiou o disco: “A inevitável culminância de introspecção, maturidade e fantasia em um casamento de música e letra que é a primeira obra-prima de verdade do ABBA – canção após canção... É o ABBA e a música pop em sua melhor forma”. Por outro lado, a *Rolling Stone* foi bem menos generosa e, em sua crítica, sentiu falta das outrora alegres canções do grupo: “Os rapazes e as garotas do ABBA estão em baixa. Excesso de sintetizadores e baladas melodramáticas parecem ter suplantado quase inteiramente o animado pop”.

A foto da capa do álbum “The visitors” foi tirada na galeria em que estavam as obras do pintor sueco Julius Kronberg (1850-1921), no museu de Skansen, Estocolmo. Várias pinturas de Kronberg adornam a capa e a contracapa do LP.

“THE SINGLES – THE FIRST TEN YEARS” (1982)

Canções: *Ring ring/ Waterloo/ So long/ I do, I do, I do, I do, I do/ S.O.S./ Mamma mia/ Fernando/ Dancing queen/ Money, money, money/ Knowing me, knowing you/ The name of the game/ Take a chance on me/ Summer night city/ Chiquitita/ Does your mother know/ Voulez-vous/ Gimme! Gimme! Gimme! (A man after midnight)/ I have a dream/ The winner takes it all/ Super trouper/ One of us/ The day before you came/ Under attack.*

Uma espécie de *flashback* da carreira do ABBA, com 23 canções que fizeram sucesso em

compactos, entre 1973 e 1982. Esse disco duplo traz ainda as duas últimas gravações do grupo, feitas naquele ano: *The day before you came* e *Under attack*. Richard Cook, crítico do *New Musical Express*, escreveu: "Este álbum não é a história completa do pop nos últimos dez anos, mas é o documentário do grupo que mais alterou o curso da música pop – mais do que qualquer outro – é perfeito".

"The singles" dispensa comentários, já que só contém grandes sucessos.

"ABBA LIVE" (1986)

Canções: *Dancing queen/ Take a chance on me/ I have a dream/ Does your mother know/ Chiquitita/ Thank you for the music/ Two for the price of one/ Fernando/ Gimme! Gimme! Gimme! (A man after midnight)/ Super trouper/ Waterloo/ Money, money, money/ The name of the game/ Eagle/ On and on and on.*

Trata-se de uma compilação de 15 canções do ABBA gravadas ao vivo durante a turnê pela Austrália em 1977, o show na Wembley Arena (Londres) em novembro de 1979 e o especial de TV *Dick Cavett meets ABBA*, de 28 de abril de 1981. As canções foram costuradas pelas palmas e gritos da plateia, de modo que todas parecessem ter sido tiradas de um só show.

"Eu particularmente detesto álbuns ao vivo", disse Björn. "É chato escutar 'reproduções' de músicas que soam muito melhores no estúdio... Mas as fitas soavam OK, aí apenas dissemos: 'Vão em frente e lancem, então'. Não havia nada do que se envergonhar." Nenhum dos membros do ABBA se entusiasmou com o projeto. A falta de interesse do mercado foi recíproca.

O álbum foi lançado simultaneamente em CD e LP, mas a versão em vinil não traz as três últimas faixas, por pura questão de marketing – naquela época a indústria de discos iniciara sua campanha para promover o CD, e era muito comum CDs oferecerem faixas bônus não incluídas nos LPs.

Apesar de ter suprido a carência de material ao vivo da banda, Michael Tretow não gosta do "ABBA Live", pois as canções receberam muito tratamento em estúdio para ter mais qualidade, e isso deu um ar frio às músicas, que perderam o sentimento de proximidade presente nos shows.

Algumas versões ao vivo de destaque: *Take a chance on me* (Wembley Arena, 1979), *I have a dream* (Wembley Arena, 1979), *Gimme! Gimme! Gimme!* (*A man after midnight*) (*Dick Cavett meets ABBA*, 1881), *Fernando* (Austrália, 1977) e *Chiquitita* (Wembley Arena, 1979).

COLETÂNEAS OFICIAIS

“THE BEST OF ABBA” (1975)

Canções: *Waterloo/ Ring ring/ Honey honey/ Mamma mia/ People need love/ Nina, pretty ballerina/ I do, I do, I do, I do, I do/ S.O.S./ Dance (While the music still goes on)/ Bang-a-boomerang/ Hasta mañana/ So long.*

Lançada exclusivamente na Austrália, a coletânea traz 12 sucessos do grupo tirados de seus três primeiros álbuns e vendeu como água. Destaques: *Waterloo*, *People need love*, *Nina, pretty ballerina*, *Mamma mia* etc.

Não levou muito tempo para que o disco atingisse o primeiro lugar das paradas, permanecendo ainda setenta semanas no Top 40, graças ao lançamento do compacto *Fernando*, que nem estava incluída no LP. No geral, o álbum vendeu 1,3 milhão de cópias, façanha que fez com que se tornasse o disco mais vendido da história na Austrália, posição que ocupa até hoje (Está listado no suplemento australiano *Guinness book of records*).

“ABBA − GREATEST HITS” (1976)

Canções: *S.O.S./ He is your brother/ Ring ring/ Another town, another train/ Honey honey/ So long/ Mamma mia/ I do, I do, I do, I do, I do/ Waterloo/ People need love/ Nina, pretty ballerina/ Bang-a-boomerang/ Dance (While the music still goes on)/ Fernando.*

Primeira coletânea de destaque lançada mundialmente pelo grupo, foi o primeiro disco do quarteto a conseguir liderar as paradas britânicas. Esse “Greatest hits” foi uma coletânea diferente, já que nela estavam incluídas várias canções do ABBA pouco conhecidas. Por exemplo, *Fernando*, canção lançada em compacto dias antes e, ainda assim não era um hit mundial.

Sobre a música, aliás, Björn comentou na época: “As pessoas perguntam exatamente isso, sobre o que é essa canção ou quando ela se passa, em qual período histórico etc. Nós não revelamos isso porque queremos criar uma atmosfera para deixar as pessoas usarem a própria imaginação. É melhor assim. Se você mostra isso na tela, perde o clima e estraga tudo”. A letra mostra a visão nostálgica de dois veteranos de guerra, já velhos, que se recordam de uma batalha perdida da qual participaram na juventude. Presume-se que o contexto se refira à Revolução Mexicana de 1910, embora essa informação nunca tenha sido confirmada.

“ABBA − GREATEST HITS VOL. 2” (1979)

Canções: *Gimme! Gimme! Gimme! (A man after midnight)/ Knowing me, knowing you/ Take a chance on*

me/ Money, money, money/ Rock me/ Eagle/ Angeleyes/ Dancing queen/ Does your mother know/ Chiquitita/ Summer night city/ I wonder (Departure)/ The name of the game/ Thank you for the music.

Essa segunda coletânea lançada pelo grupo trouxe seus últimos sucessos daquele momento, como *Gimme! Gimme! Gimme!* (*A man after midnight*), *Chiquitita* e *Summer night city*, além dos hits *Dancing queen*, *Knowing me, Knowing you* e *The name of the game*. Das 14 faixas, 12 já tinham aparecido em álbuns anteriores.

Curiosamente, ao ser lançado aqui no Brasil em 1980, "Greatest hits vol. 2" trouxe duas faixas a menos – as canções *I wonder* (*Departure*), *Rock me* e *Angeleyes* foram excluídas, dando lugar a *I have a dream*.

"GRACIAS POR LA MUSICA" (1980)

Canções: *Gracias por la musica (Thank you for the music)/ Reina danzante (Dancing queen)/ Al andar (Move On)/ Dame! Dame! Dame! (Gimme! Gimme! Gimme!)/ Fernando/ Estoy soñando (I have a dream)/ Mamma mia/ Hasta mañana/ Conociendome, conociendote (Knowing me, knowing you)/ Chiquitita.*

No início de 1980, enquanto Benny e Björn trabalhavam na composição de novas canções, Agnetha e Frida gravaram os vocais em espanhol de alguns sucessos do ABBA para "Gracias por la musica", que também é conhecido como "The Spanish album". Pegando carona no imenso sucesso que fora *Chiquitita* em espanhol, o grupo decidiu lançar outros hits nessa língua. Para isso, contaram com a ajuda de Buddy McCluskey, que trabalhava para a RCA Records e como representante argentino da Polar Music. Para que o ABBA pudesse cantar *Chiquitita* em espanhol, Buddy McCluskey trabalhou em parceria com a mulher, Mary, e reescreveu a canção, levando-a para o topo de todas as paradas da América Latina. Depois disso vieram as outras nove do álbum.

Em 1992, com o renascimento do ABBA e a coletânea "ABBA gold", foi lançado o álbum "ABBA oro – Grandes êxitos", que contém, de fato, as mesmas canções de "Gracias por la musica", porém em outra ordem. Mais um detalhe: em "ABBA oro", *Reina danzante* (*Dancing queen*) teve seu nome modificado para *La reina del baile*.

No ano seguinte, outra coletânea em espanhol foi lançada, "Más ABBA oro", dessa vez trazendo cinco músicas em espanhol que o grupo ainda não lançara em um álbum: *Ring ring*, *Andante, andante*, *Felicidad* (*Happy new year*), *Se esta me escapando* (*Slipping through my fingers*) e *No hay a quien culpar* (*When all is said and done*).

“ABBA GOLD − GREATEST HITS” (1992)

Canções: *Dancing queen/ Knowing me, knowing you/ Take a chance on me/ Mamma mia/ Lay all your love on me/ Super trouper/ I have a dream/ The winner takes it all/ S.O.S./ Money, money, money/ Chiquitita/ Fernando/ Voulez-vous/ Gimme! Gimme! Gimme! (A man after midnight)/ Does your mother know/ One of us/ The name of the game/ Thank you for the music/ Waterloo.*

Essa tão festejada coletânea deu ao quarteto o gosto de primeiro lugar dez anos após sua separação, e vendeu 10 milhões de cópias (!) ao redor do mundo. No disco encontram-se os sucessos dos nove compactos número 1 do quarteto e mais três hits Top 3, entre suas 19 faixas. Bem elaborado e com acabamento de primeira, “Gold” traz 19 sucessos absolutos do ABBA, e foi digitalmente remasterizado por Michael Tretow, o engenheiro de som dos discos originais do quarteto. Somente para dar uma ideia, “ABBA gold” ficou em primeiro lugar em 14 países diferentes (Austrália, Áustria, Dinamarca, Suécia, Suíça, Alemanha, Irlanda, Israel, Itália, México, Portugal, Singapura, Espanha e Inglaterra).

“MORE ABBA GOLD − MORE ABBA HITS” (1993)

Canções: *Summer night city/ Angeleyes/ The day before you came/ Eagle/ I do, I do, I do, I do, I do/ So long/ Honey honey/ The visitors/ Our last summer/ On and on and on/ Ring ring/ I wonder (Departure) Lovelight/ Head over heels/ When I kissed the teacher/ I am the city/ Cassandra/ Under attack/ When all is said and done/ The way old friends do.*

Uma espécie de continuação do “ABBA gold”, esta coletânea de vinte canções é bem mais eclética que a anterior, misturando músicas famosas com outras menos conhecidas do grupo. Por exemplo, *Summer night city*, *I do, I do, I do, I do, I do* e *Honey honey* são bem populares, enquanto *Cassandra*, *I wonder* (*Departure*) e *Lovelight* (todas elas lados B de compactos) são desconhecidas do grande público.

Uma novidade: esse álbum traz uma canção inédita, *I am the city*, que o ABBA gravara em 1982 e que só foi finalizada em 1993, quando foi lançada a coletânea.

“THANK YOU FOR THE MUSIC” (1994)

Canções: CD 1 – *People need love/ Another town, another train/ He is your brother/ Love isn’t easy* (*But it sure is hard enough*)*/ Ring ring/ Waterloo/ Hasta mañana/ Honey honey/ Dance* (*While the music still goes on*)*/ So long/ I’ve been waiting for you/ I do, I do, I do, I do, I do/ S.O.S./ Mamma mia/ Fernando/ Dancing queen/ That’s me/ When I kissed the teacher/ Money, money, money/ Crazy world/ My love, my life.* **CD 2** –

Knowing me, knowing you/ Happy Hawaii/ The name of the game/ I wonder (*Departure*)*/ Eagle/ Take a chance on me/ Thank you for the music/ Summer night city/ Chiquitita/ Lovelight/ Does your mother know/ Voulez-vous/ Angeleyes/ Gimme! Gimme! Gimme!* (*A man after midnightt*)*/ I have a dream.* **CD 3** *– The winner takes it all/ Elaine/ Super trouper/ Lay all your love on me/ On and on and on/ Our last summer/ The way old friends do/ The visitors/ One of us/ Should I laugh or cry/ Head over heels/ When all is said and done/ Like an angel passing through my room/ The day before you came/ Cassandra/ Under attack.* **CD 4** *– Put on your white sombrero/ Dream world/ Thank you for the music/ Hej gamle man/ Merry-go-round/ Santa Rosa/ She's my kind of girl/ Medley: Pick a bale of cotton − On top of old smokey − Midnight special/ You owe me one/ Slipping through my fingers/ Me and I/ ABBA undeleted/ Waterloo* (francês/ sueco)*/ Ring ring* (sueco/ espanhol/ alemão)*/ Honey honey* (sueco).

Essa caixa contendo quatro CDs foi um presente para os fanáticos pelo ABBA. São 66 faixas e um livreto com a história do grupo, muitas curiosidades, fotos e detalhes de cada canção. Os três primeiros discos trazem as canções já conhecidas e lançadas nos dez álbuns de carreira do ABBA, nas coletâneas e nos compactos. Já o quarto inclui, além de várias versões diferentes de músicas conhecidas, algumas inéditas. São canções gravadas total ou parcialmente que foram deixadas de lado até o lançamento dessa caixa, como *Dream world* (precursora de *Does your mother know*) e *Put on your white sombrero*, pretendida para estar no "Super trouper" e que acabou ficando de fora. Ainda incluídas nesse quarto CD estão algumas faixas pouco conhecidas, como *You owe me one*, *Medley* e *Merry-go-round* (lado B do compacto de *People need love*; foi originalmente gravada em sueco por Benny e Björn com o título *En karusell*). Versões em outras línguas de algumas canções também estão nessa grande coletânea.

"THE DEFINITIVE COLLECTION" (2001)

Canções: CD 1 *– People need love/ He is your brother/ Ring ring/ Love isn't easy* (*But it sure is hard enough*)*/ Waterloo/ Honey honey/ So long/ I do, I do, I do, I do, I do/ S.O.S./ Mamma mia/ Fernando/ Dancing queen/ Money, money, money/ Knowing me, knowing you/ The name of the game/ Take a chance on me/ Eagle/ Summer night city/ Chiquitita/ Does your mother know.* **CD 2** *– Voulez-vous/ Angeleyes/ Gimme! Gimme! Gimme!* (*A man after midnight*)*/ I have a dream/ The winner takes it all/ Super trouper/ On and on and on/ Lay all your love on me/ One of us/ When all is said and done/ Head over heels/ The visitors* (*Crackin' up*)*/ The day before you came/ Under attack/ Thank you for the music − Bonus tracks: Ring ring* (*1974 Remix, single version*)*/ Voulez-vous* (*Extended remix, 1979 US promo*).

Os nomes de coletâneas sempre falam em superlativos: "Greatest", "Best", "Very best". Mas é um tanto quanto difícil justificar o lançamento de mais essa coletânea depois do sucesso

esmagador de “ABBA gold” e “More ABBA gold”. O CD “The definitive collection”, duplo, traz 37 faixas “pela primeira vez reunidas em uma coletânea exclusiva” – todos os compactos gravados e lançados pelo ABBA entre 1972 e 1982, como escreve Carl Magnus Palm no encarte. As novidades ficam por conta das versões de *Ring ring* e *Voulez-vous*. O próprio Carl Magnus Palm explica mais uma vez: depois que o ABBA alcançou projeção internacional com *Waterloo,* a maior parte dos países decidiu lançar *Honey honey* em seguida. Na Inglaterra, a Epic Records quis fazer diferente e sugeriu uma versão renovada de *Ring ring*. Foram adicionados saxofone e guitarra elétrica, e toda a gravação tornou-se levemente mais lenta e foi lançada como compacto em junho de 1974. Esta versão de *Ring ring* já tinha sido incluída na versão americana do álbum “Waterloo”.

Quanto a *Voulez-vous* (*Extended remix*), a Atlantic Records, gravadora que representava o ABBA nos Estados Unidos, solicitou uma versão dance mais longa da canção, lançada em 1979. O objetivo era emplacar também nas pistas de dança. Assim, a gravação original foi prolongada por cerca de um minuto e a percussão e os sons graves ganharam mais ênfase. Essa versão remix foi lançada apenas promocionalmente para DJs americanos e, até o lançamento de “The definitive collection”, nunca havia sido comercializada.

“THE COMPLETE STUDIO RECORDINGS” (2005)

Disco 1: “Ring ring” with additional bonus tracks
Disco 2: “Waterloo” with additional bonus tracks
Disco 3: “ABBA” with additional bonus tracks
Disco 4: “Arrival” with additional bonus tracks
Disco 5: “ABBA − The album” with additional bonus tracks
Disco 6: “Voulez-vous” with additional bonus tracks
Disco 7: “Super trouper” with additional bonus tracks
Disco 8: “The visitors” with additional bonus tracks
Disco 9: “Rarities”

Essa suntuosa caixa é composta de nove CDs, dois DVDs, livreto com fotos e linha do tempo, e outro encarte com todas as letras das canções do ABBA. Os CDs de 1 a 8 apresentam todos os álbuns originais de estúdio do grupo, além de canções que não faziam parte de nenhum álbum regular nem de lados B de compactos, versões em espanhol, alemão, francês e sueco. O CD 9 traz uma seleção de raridades, a maior parte lançada após o apogeu do grupo. Os dois DVDs da caixa trazem todos os clipes do ABBA, além do documentário *The history* e de uma seleção com trechos de uma apresentação nunca divulgada oficialmente, parte do

especial de TV *Dick Cavett meets ABBA.* A caixa foi lançada em edição limitadíssima e ficou disponível apenas por um período curto de tempo no mercado.

“ABBA NUMBER ONES” (2006)

Canções: *Gimme! Gimme! Gimme!* (*A man after midnight*)*/ Mamma mia/ Dancing queen/ Super trouper/ S.O.S./ Summer night city/ Money, money, money/ The winner takes it all/ Chiquitita/ One of us/ Knowing me, knowing you/ Voulez-vous/ Fernando/ Waterloo/ The name of the game/ I do, I do, I do, I do, I do/ Take a chance on me/ I have a dream.*

Enquanto “ABBA gold” juntou 19 das canções mais famosas e populares do ABBA, “Number ones” foi apenas uma variação do mesmo conceito, reunindo 18 sucessos do grupo que atingiram o primeiro lugar ao redor do mundo. Isso significa que hits número 1 como *Knowing me, knowing you*, *The name of the game*, *Mamma mia*, *Take a chance on me* e *Dancing queen* estão incluídos no CD, mas também houve espaço para *Summer night city* e *I do, I do, I do, I do, I do*, ambas populares na época de seu lançamento, embora sejam consideradas sucessos um pouco menores.

“THE ALBUMS” (2008)

O grupo tem sua história passada a limpo nessa caixa que é uma versão simplificada de “The complete studio recordings”. Embarcando no sucesso da versão cinematográfica de *Mamma mia!*, a caixa foi estrategicamente lançada no final de 2008 e traz os oito álbuns oficiais do ABBA em CD, com as capas e contracapas dos LPs devidamente reproduzidas. Um nono CD traz raridades e lados B de compactos. Para os interessados em um profundo conhecimento sobre o ABBA, essa caixa é o começo ideal.

COLETÂNEAS BRASILEIRAS

A título de curiosidade, durante as décadas de 1970 e 1980 diversas canções do ABBA apareceram em coletâneas de artistas variados, mas cinco coletâneas exclusivas do grupo foram lançadas no Brasil:

“Disco de ouro” (RCA, 1978)

“ABBA 10 anos” (Som Livre, 1981)

“Golden hits” (Som Livre, 1983)

“Super três” (RCA, 1983)

“Os grandes sucessos de ABBA” (Som Livre, 1988)

COMPACTOS (*SINGLES*)

Nos destacados em negrito, as canções que ficaram em primeiro lugar nas paradas.

People need love/ Merry-go-round (junho de 1972)
He is your brother/ Santa Rosa (novembro de 1972)
Ring ring/ Rock 'n' roll band (outubro de 1973)
Ring ring (versão alemã)*/ Wer im Wartesaal der Liebe steht* (1973)
Ring ring (versão sueca)*/ Åh, vilka tider* (fevereiro de 1973)
Ring ring (com letra em inglês)/ *She's my kind of girl* (fevereiro de 1973)
Waterloo/ Watch out (abril de 1974)
Waterloo/ Honey honey (versões suecas) (1974)
Waterloo/ Honey honey (versões em inglês) (1974)
Ring ring/ Watch out (junho de 1974)
So long/ I've been waiting for you (novembro de 1974)
I do, I do, I do, I do, I do/ Rock me (abril de 1975)
S.O.S./ Man in the middle (setembro de 1975)
Mamma mia/ Tropical loveland (1975)
Mamma mia/ Intermezzo n. 1 (novembro de 1975)
Fernando/ Hey hey Helen (março de 1976)
Dancing queen/ That's me (agosto de 1976)
Money, money, money/ Crazy world (novembro de 1976)
Knowing me, knowing you/ Happy Hawaii (fevereiro de 1977)
***The name of the game/ I wonder* (*Departure*)** (outubro de 1977)
Take a chance on me/ I'm a marionette (janeiro de 1978)
Summer night city/ Medley: Pick a bale of cotton − On top of old smokey − Midnight special (setembro de 1978)
Chiquitita/ Lovelight (janeiro de 1979)
Does your mother know/ Kisses of fire (abril de 1979)
Angeleyes/ Voulez-vous (julho de 1979)
Gimme! Gimme! Gimme! (*A man after midnight*)*/ The king has lost his crown* (outubro de 1979)
I have a dream/ Take a chance on me (ao vivo) (dezembro de 1979)
The winner takes it all/ Elaine (julho de 1980)
Super trouper/ The piper (novembro de 1980)
Lay all your love on me/ On and on and on (julho de 1981)
Super trouper/ On and on and on (1981)
One of us/ Should I laugh or cry (dezembro de 1981)
Head over heels/ The visitors (*Crackin' up*) (fevereiro de 1982)
Super trouper/ The winner takes it all/ One of us/ Lay all your love

on me (agosto de 1982)
The day before you came/ Cassandra (outubro de 1982)
Under attack/ You owe me one (dezembro de 1982)
Thank you for the music/ Our last summer (novembro de 1983)

ÁLBUNS E COMPACTOS SOLO

AGNETHA FÄLTSKOG

ÁLBUNS

"Agnetha Fältskog" (1968)
"Agnetha Fältskog vol. 2" (1969)
"Som jag är" (1970)
"När en vacker tanke blir en sång" (1971)
"Agnetha Fältskogs bästa" (1973) – coletânea
"Agnetha" (1974)
"Elva kvinnor i ett hus" (1975)
"Tio år med Agnetha" (1979) – coletânea
"Nu tändas tusen Juleljus" (1981) – Agnetha com sua filha Linda
"Wrap your arms around me" (1983)
"Eyes of a woman" (1985)
"Sjung denna sång" (1986) – coletânea
"Kom folj med i vår karusell" (1987) – Agnetha com seu filho Christian
"I stand alone" (1987)
"Geh' mitt gott" (1992) – coletânea das canções alemãs de Agnetha
"My love, my life" (1996) – coletânea dupla
"That's me – The greatest hits" (1998) – coletânea
"My colouring book" (2004)
"De forsta åren 1967-1979" (2004) – caixa que inclui seis CDs
com todas as gravações oficiais de Agnetha

COMPACTOS

Följ med mig/ Jag var så kär (1967)
Slutet gott, allting gott/ Utan dej mitt liv går vidare (1968)
En sommar med dej/ Försonade (1968)
Den jag väntat på/ Allting har förändrat sig (1968)
Sjung denna sång/ Någonting händer med mej (dueto com Jörgen
Edman) (1969)
Snövit och de Sju Dvärgarna/ Min farbor Jonathan (1969)

Fram för svenska sommaren/ En gång fanns bara vi två (1969)
Tag min hand låt oss bli vänner/ Hjärtat kronprins (1969)
Zigenarvän/ Som en vind kom du till mej (1969)
Skål kära vän/ Det handlar om kärlek (1969)
Om tårar vore guld/ Litet solskensbarn (1970)
Som ett eko/ Ta det bara med ro (1970)
En sång och en saga/ Jag skall göra allt (1970)
Kungens vaktparad/ Jag vill att du skall bli lycklig (1971)
Många gånger än/ Han lämnar mig för att komma till dig (1971)
Nya ord/ Dröm är dröm och saga saga (1971)
Vart ska min kärlek/ Nu skall du bli stilla (1972)
Tio mil kvar till Korpilombolo/ Så glad som dina ögon (1972)
Vi har hunnit fram till refrängen/ En sång om sorg och glädje (1973)
Golliwog/ Here for your love (1974)
Dom har glöm/ Gulleplutt (1975)
S.O.S./ Visa i åttonde manaden (1975)
När du mig i din famn/ Jag var så kär (1979)
Never again/ Just for the fun (com Tomas Ledin) (1982)
The heat is on/ Man (1983)
Wrap your arms around me/ Take good care of your children (1983)
Can't shake loose/ To love (1983)
It's so nice to be rich/ P&B (1983)
I won't let you go/ You're there (1985)
One way love/ Turn the world around (1985)
The way you are/ Fly like the eagle (dueto com Ola Håkansson) (1986)
Karusellvisan/ Liten & Trött (com o filho Christian) (1987)
På söndag/ Min namn äv blom (com o filho Christian) (1987)
The last time/ Are you gonna throw it all away (1988)
Let it shine/ Maybe it was magic (1988)
Queen of hearts/ Eyes of a woman (1998)
Queen of hearts/ One way love/ I won't let you go/ Eyes of a woman (1998)
If I ever thought you'd change your mind (2004)
When you walk in the room (2004)

ANNI-FRID LYNGSTAD

ÁLBUNS

“Frida” (1971)
“Min egen stad” (1972)
“Frida ensam” (1976)
“Something’s going on” (1982)
“Shine” (1984)
“På egen hand” (só em CD) (1991)
“Djupa andetag” (1996)
“Frida 1967-1972” (1997) – coletânea
“The mixes” (1998)
“Svenska popfavoriter” (1998 e 2000)
“Frida 4CD box set” – box com quatro CDs (2005)

COMPACTOS

En ledig dag/ Peter kom tillbaka (1967)
Din/ Du är så underbart rar (1967)
Simsalabin/ Vi mots igen (1968)
Mycket kär/ När du blir min (1968)
Härlig är jord/ Räkna de lyckliga stunderna blott (1969)
Så sund du måsta gå/ Försök och på saken (1969)
Peter Pan/ Du betonar kärlek lite fel (1969)
Där du går lämnar kärleken spår/ Du var främling här igår (1970)
En liten sång om kärlek/ Tre kvart från nu (1971)
En kväll en Sommaren/ Vi vet allt men inget (dueto com Lars Berghagen) (1971)
Min egen stad/ En gång är ingen gång (1971)
Kom och sjung en sång/ Vi är alla bara i början (1972)
Vad gör jag med min kärlek/ Allting ska bli bra (1972)
Man vill ju leva lite dessemellan/ Ska man skratta eller gråta (1972)
Fernando/ Ett liv i solen (1975)
I know there’s something going on/ Threnody (1982)
To turn the stone/ I got something (1983)
Here we’ll stay/ Strangers (1983)
Belle/ C’est fini (dueto com Daniel Balavoine; somente na França) (1983)
Time/ I am the seeker (dueto com B. A. Robertson; somente na Inglaterra) (1983)
Shine/ That’s tough (1984)
Come to me/ Slowly (1984)

Så länge vi har varann/ Du finns hos mig (com Ratata) (1987)
Om du var här/ As long as I have you (com Ratata) (1987)
Änglamark/ Saltwater (Artister för miljö) (1992)
Även en blomma/ Även en blomma (dance version) (1996)
Ögonen/ Ögonen (Lemon mix)/ Ögonen (version) (1996)
Alla mina bästa år (Singel remix)/ Alla... (Mix adagio)/ Alla...
(Spaceclub mix)/ Alla... (Adagio instrumental) (1997)
Alla mina bästa år (Hasbrouck heights single mix)/ Alla...
(Hasbrouck heights glacier mix)/ Alla... (Quiet mix)/ Alla... (Vox)/ Alla...
(Jazzed out barracuda dub) (1997)
Dancing queen (with the real group) − original version/ Vee's
Anniversary radio mix (1999)
Lieber gott (Frida & Dan Daniell)/ I have a dream (Frida & Dan
Daniell)/ Wenn ich dann gehen muss (Dan Daniell) (2003)

BJÖRN & BENNY

ÁLBUNS

"Lycka" (1970)
"Chess" (com Tim Rice) (1984)
"Chess original Broadway cast recording" (1988)
"Kristina från Duvemåla" (1996)

COMPACTOS

She's my kind of girl/ Inga theme (1970)
Lycka/ Hej gamle man (1970)
Det kan ingen doktor hjälpa/ På bröllop (1971)
Tänk om Jorden vore ung/ Träskofolket (1971)
En karusell/ Att finnas till (1972)

BJÖRN ULVAEUS

COMPACTOS

Raring/ Vill du há en vän (1968)
Fröken Fredriksson/ Vår egen sång (1968)
Saknar du något min kära/ Gömt är inte glömt (1969)
Partaj-aj-aj-aj/ Kvinnan i mitt liv (1969)

BENNY ANDERSSON

ÁLBUNS

“Klinga mina klockor” (1987)
“November ’89” (1989)
“Fågelsång i Sverige” (1990)

BENNY ANDERSSONS ORKESTER (BAO)

“Benny Anderssons Orkester” (2001)
“BAO!” (2004)
“BAO! På turné” (2006)
“BAO 3” (2007)
“Story of a heart” (2009)

COMPACTO

Klinga mina klockor/ Långsammazurkan (1987)

COLETÂNEAS SOLO

“Agnetha & Frida: The voice of ABBA” (1994) – canções solo de Agnetha e Frida do período pós-ABBA.
“Björn & Benny: Finn Kalvik” (1998) – canções de Benny e Björn e outras músicas relacionadas a eles.

Referências bibliográficas

ÅHMAN, Brita; FÄLTSKOG, Agnetha. *As I am − ABBA before & beyond*. Londres: Virgin, 1997.

BORG, Christer. *ABBA by ABBA*. Knutsford: Stafford Pemberton Publishing, 1977.

CORICH, Robert M. *Music in review – ABBA*. Londres: Edgehill Publishing Ltd., 2005.

Enciclopédia universo – Suécia. São Paulo: Delta Três, 1973.

HADENIUS, Stig; LINDGREN, Ann. *Sobre a Suécia*. São Paulo: Instituto Sueco; Estocolmo: Schmidts Boktryckeri AB, 1992.

HANSER, Anders; PALM, Carl Magnus. *ABBA: From* Waterloo *to* Mamma mia!. Londres: Virgin, 2000.

OLDHAM, Andrew; CALDER, Tony; IRWIN, Colin. *The name of the game*. Londres: Music Book Services Corporation, 1996.

PALM, Carl Magnus. *ABBA – The complete recording sessions*. Iver Heath: Century 22, 1994.

_____. *Bright lights, dark shadows – The real story of ABBA*. Londres: Omnibus, 2004.

POTIEZ, Jean-Marie. *ABBA − The scrabook*. Londres: Plexus, 2009.

Povos e Países – Escandinávia. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

RASMUSSEN, Nina. *ABBA interview disc & Fully illustrated book*. Londres: Carlton Books, 1996.

SCOTT, Robert. *ABBA Thank you for the music – The stories behind every song*. Londres: Carlton Books, 2009.

STRÖMBERG, Mikael. *Cultura sueca.* São Paulo: Instituto Sueco, 1998.

TOBLER, John. *ABBA Gold – The complete story*. Iver Heath: Century 22, 1993.

VILLARI, Jack; VILLARI Kathleen Sims. *Guia oficial discoteca*. Rio de Janeiro: Record, 1978.

YORK, Rosemary. *ABBA in their own words*. Londres: Omnibus, 1981.

REVISTAS

ABBA Gold Official souvenir special – The rise and rise of the ABBA phenomenon, Audio News, Bizz, Caras, Entertainment Weekly, Internacional, International Magazine, Mojo Magazine, Newsweek, Pôster Music, Reader's Digest, Scanorama Scandinavian Airlines, ShowBizz, SomTrês, Speak Up, Viagem e Turismo e Videotrês.

FANZINES, REVISTAS DE FÃ-CLUBES E OUTRAS PUBLICAÇÕES DE FÃS

Abba Report, AgnethaFältskog Worldwide Fan Club Magazine e Official International Fan Club Magazine.

FILMES, ESPECIAIS DE TV, DOCUMENTÁRIOS E PROGRAMAS DE ENTREVISTAS

A for Agnetha (1985)
A história do rock 'n' roll vol. 8 (1994)
ABBA − Super troupers (2004)
ABBA − Thank you for the music (2002)
ABBA − The definitive collection (2001)
ABBA – The history (2003)
ABBA −The movie (1977)
ABBA behind the blonde (2005)
ABBA gold (1992)
ABBA in concert '79 (2004)
ABBA in Swtizerland (1979)
ABBA-DABBA-DOO (1976)
Dick Cavett meets ABBA (1981)
DVD Arrival Deluxe Edition (2006)
DVD Thank you for the music (2009)
DVD Voulez-vous deluxe edition (2009)
GästhosHagge – com Agnetha (1985)
GästhosHagge – com Frida (1983)
More ABBA gold (1993)
Nöjesmaskinen(1982)
Olivia (1978)
Thank you ABBA (1994)

The best of ABBA (1976)
The last video ever (2004)
The late late breakfast show (1982)
The music for Unicefconcert (1979)
The nation’s favorite ABBA song (2010)
The story of ABBA (1986)
The winner takes it all – The story of ABBA (1999)

SITES

http://abbainter.net
http://abbathebook.online.fr
http://abbathescrapbook.online.fr/index2.html
http://home.zipworld.com.au/~callisto/abba.html
http://lacerdabba.blogspot.com
http://members.fortunecity.com/thenandnow2/index.html
http://theabbascrapbook.blogspot.com
www.abba4therecord.com
www.abbaannual.com
www.abbaarticles.blogspot.com
www.abbafanatic.com
www.abbafanclub.nl
www.abba-intermezzo.de
www.abbamail.com
www.abbamikory.blogs.com
www.abba-official.com
www.abbaomnibus.net
www.abbaontv.com
www.abbaplaza.com
www.abbasite.com
www.abbaworld.com/page/exhibition
www.agnetha.net
www.allmusic.com
www.carlmagnuspalm.com
www.freewebs.com/morsayo/Home.htm

www.imdb.com
www.raffem.com
www.sverigeturism.se/smorgasbord
www.twistinthedark.net

FÃ-CLUBES

International ABBA Fan Club
P.O. Box 3079/ 4700 GB Roosendaal/ The Netherlands
www.abbafanclub.nl/ info@abbafanclub.nl

ABBA – Intermezzo
Regina Grafunder/ Pastorenweg 18/ 49324 Melle/ Germany
www.abba-intermezzo.de/ regina@abba-intermezzo.de

CRÉDITO DAS FOTOS

Páginas 1 e 8 do caderno de fotos: Latinstock

Páginas 2, 3, 6 e 7 do caderno de fotos: Carlos Nezu

Páginas 4 e 5 do caderno de fotos: Bonnie Rietveld (Holanda), Edit Tóth (Hungria), Frank Seidenspinner (Alemanha), Minna Mikkola (Finlândia), Regina Grafunder (Alemanha) e Ron Steens (Aruba).

1975

1976

1977

1978

1977

1979

1979

1980

1981

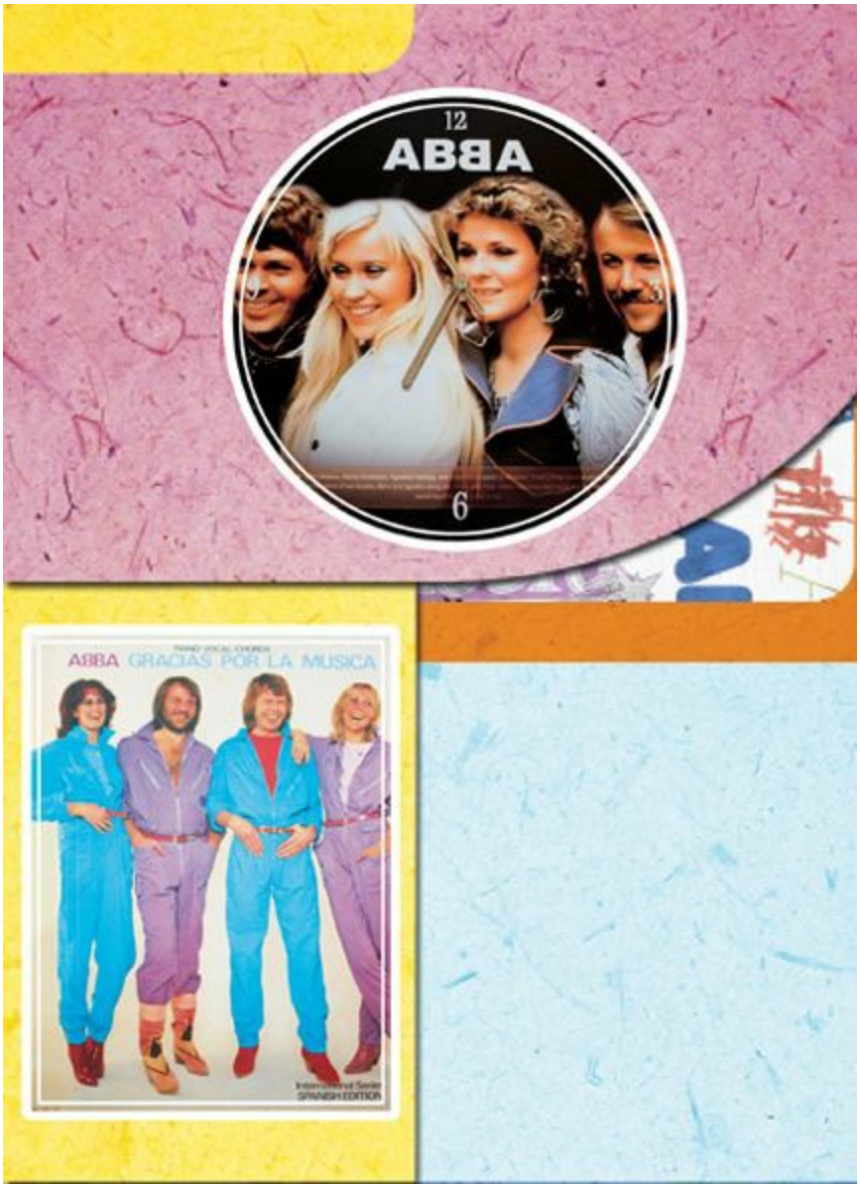
1982

1983

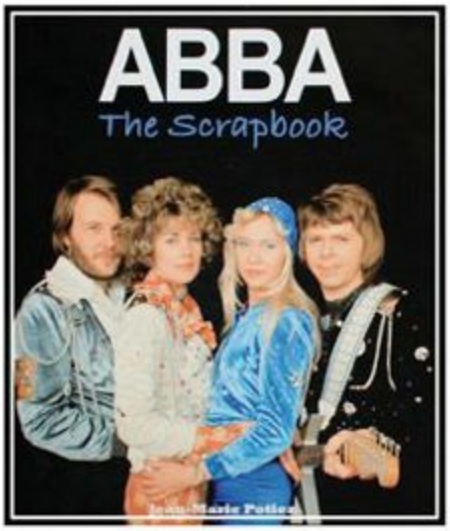
1992

ABBA
ABBA
kolmos
kanava
ABBA
ABBA
ABBA

suosikki
LÄHDE HOLLYWOODIIN
EXTRA!
ABBA FILM-S
ABBA
THE MOVIE
"EMME LOPETA VIELÄ!"
suosikki
PUNK-
SOTA HELSINGISSÄ
HITKRANT
ABBA
BUBBLE GUM
ABBA
New Album Voulez-Vous


12
ABBA
6

ABBA GRACIAS POR LA MUSICA
SPANISH EDITION


ABBA
The Scrapbook

WELCOME ABBA

ABBA
hot

O autor

Daniel Couri nasceu em Muriaé (MG), em 2 de setembro de 1979. Desde 2000 mora em Brasília (DF), onde se formou em jornalismo. Já deu aulas de inglês, trabalhou em assessoria de imprensa, escreveu para um site da capital, mas sempre foi apaixonado por pesquisa. Fã de cinema, televisão, música e livros, ainda na adolescência descobriu o ABBA por acaso, ao assistir a um comercial de TV. Nunca mais parou de pesquisar o grupo. Em 2008 lançou um livro sobre o ABBA, o primeiro em português a respeito da banda.

© 2011 Daniel Couri

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Estagiária
Leika Regina Inoue

Projeto gráfico
Alex Yamaki

Ilustração de capa
Eduardo Schaal

Diagramação
Olivia Pezzin – Estúdio Mondo
Bruno Melnic – Estúdio Mondo

Diagramação para ebook
Xeriph

Colaboração
Edison Veiga

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Revisão
Telma Baeza Gonçalves Dias
Juliana de Araujo Rodrigues

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Couri, Daniel
Mamma Mia!/ Daniel Couri. – 1.ed. – São Paulo: Panda Books, 2011. 288 pp.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-7888-151-1

1. ABBA (Conjunto musical). 2. Músicos de rock – Suécia – Biografia. I. Título.

11-4015

CDD: 927.824166
CDU: 929:78.067.26

2011
Todos os direitos reservados à Editora Panda Books
Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br
twitter.com/pandabooks
blog.pandabooks.com.br
Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.